



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO**

ARISNALDO ADRIANO DA CUNHA

**AUTORIA E COOPERAÇÃO NA FORMAÇÃO DE SUJEITOS
NAS REDES SOCIAIS: o caso do ENEM no Facebook**

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

**Florianópolis
2016**

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO

Arisnaldo Adriano da Cunha

**AUTORIA E COOPERAÇÃO NA FORMAÇÃO DE SUJEITOS
NAS REDES SOCIAIS: o caso do ENEM no Facebook**

Dissertação submetida ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Santa Catarina para obtenção de Grau de Mestre em Educação.

Orientadora: Profa. Dra. Andrea Brandão Lapa.

Área de Concentração: Educação.

Linha de Pesquisa: Educação e Comunicação.

Florianópolis
2016

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,
através do Programa de Geração Automática da Biblioteca Universitária da UFSC.

Cunha, Arisnaldo Adriano da

Autoria e cooperação na formação de sujeitos nas redes sociais : o caso do ENEM no Facebook / Arisnaldo Adriano da Cunha ; orientadora, Andrea Brandão Lapa - Florianópolis, SC, 2016.
231 p.

Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Santa Catarina, . Programa de Pós-Graduação em Educação.

Inclui referências

1. Educação. 2. Educação. 3. Formação crítica. 4. Facebook.
5. ENEM. I. Lapa, Andrea Brandão. II. Universidade Federal de Santa Catarina. Programa de Pós-Graduação em Educação.
- III. Título.



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
CURSO DE MESTRADO EM EDUCAÇÃO

“AUTORIA E COOPERAÇÃO NA FORMAÇÃO DOS SUJEITOS NAS REDES SOCIAIS: O CASO DO ENEM NO FACEBOOK”

Dissertação submetida ao Colegiado do Curso de Pós-Graduação em Educação do Centro de Ciências da Educação em cumprimento parcial para a obtenção do título de Mestre em Educação.

APROVADO PELA COMISSÃO EXAMINADORA em 31/08/2016

Dra. ANDREA BRANDÃO LAPA (PPGE/CED/UFSC-Orientadora)

Dra. ELISA MARIA QUARTIERO (UDESC-Examinadora)

Dra. MONICA FANTIN (PPGE/CED/UFSC-Examinadora)

Dra. ROSELI ZEN CERNY (PPGE/CED/UFSC-Examinadora)

Dra. MARINA BAZZO DE ESPÍNDOLA (LANTEC/CED/UFSC-Suplente)

ARISNALDO ADRIANO DA CUNHA

FLORIANÓPOLIS/SANTA CATARINA/AGOSTO/2016

Elison Antonio Paim

Coordenador do Programa de Pós-Graduação em Educação

Dedico esta dissertação a toda a comunidade escolar da qual faço parte, à EEB Bertino Silva, do município de Leoberto Leal-SC e, em nome dela, a todos os professores que buscam no chão da sala de aula promover uma formação crítica e uma educação de mais qualidade para este país.

AGRADECIMENTOS

À Professora Dra. Andrea Brandão Lapa, minha orientadora, pela sua paciência, dedicação, amizade e profissionalismo no propósito de realizarmos uma formação crítica a partir da autoria e cooperação através da pesquisa-ação.

Ao governo do Estado de Santa Catarina, através da Secretaria de Estado de Educação (SED), que proporcionou o meu afastamento remunerado da sala de aula para cursar pós-graduação em nível de Mestrado.

À CAPES, que através do Programa OBEDUC (Observatório da Educação) me concedeu bolsa para execução de projeto do grupo de pesquisa.

A Tamara Egler (IPPUR/UFRJ) pelo acolhimento da pesquisa no projeto RPPE (Rede de Políticas Públicas para a Educação) e ao grupo de pesquisa COMUNIC, especialmente o Núcleo UFSC/RPPE, pela parceria, trabalho coletivo, pela oportunidade de aprender a pesquisar e contribuir com o grupo.

À coordenação e funcionários da secretaria do PPGE/UFSC, pela disponibilidade, atenção e carinho no atendimento aos estudantes, principalmente na resolução de aspectos burocráticos.

Aos professores do PPGE/UFSC: Araci Hack Catapan, Daniela Karine Ramos, Dulce Márcia Cruz, Gilka Elvira Ponzi Girardello, Leandro Belinaso Guimarães, Monica Fantin, Roseli Zen Cerny e Andrea Brandão Lapa que proporcionaram momentos de leitura, debate, reflexão e produção através de suas disciplinas, de fundamental importância para a minha formação enquanto professor e pesquisador.

Aos colegas de curso, em especial: Ana Cristina Nunes Gomes Müller, Ana Lucia da Silva Bezerra, Bárbara Malcut Felipe, Bruna Santana Anastácio, Fernanda Pereira Labiak, Geovanna dos Passos, Ivânia Fabíola de Souza, Marcelo Vatam Barreto, Thais Ehrhardt de Souza e Sheila Hempkemeyer, com os quais tive o privilégio de partilhar alegrias pelo ingresso ao mestrado do PPGE/UFSC, ano de 2014, e construir aprendizagens e laços de carinho e amizade.

À minha Banca examinadora, composta pelos professores Monica Fantin, Roseli Zen Cerny, Elisa Maria Quartiero e Marina Bazzo de Espíndola, por ter aceitado e contribuído de forma construtiva e comprometida para a elaboração deste trabalho de pesquisa.

Aos estudantes da EEB Bertino Silva, do município de Leoberto Leal/SC, e da EEB Prefeito Frederico Probst, do município de

Petrolândia/SC, que aceitaram participar do projeto de estudar para o ENEM no Facebook.

À equipe diretiva, professores e funcionários da EEB Bertino Silva, pela acolhida, por abrirem as portas ao projeto de pesquisa. Agradecimento especial para os professores que abraçaram a proposta e fizeram acontecer: Elivande Hoffmann, Fabícia Cristiane Guckert, João Bet, Mariana Alves, Djanie Kreusch e Daniela Vermöhlen. Sem vocês e os estudantes, obviamente este trabalho não aconteceria.

À minha família: esposa Cláudia Becker da Cunha, filhos Amanda Cristina da Cunha e Diogo Camillo da Cunha, meu pai José Camillo da Cunha e minha mãe Alvanir Estevão da Cunha pela paciência, companheirismo, incentivo e carinho durante todo o processo de estudos e pesquisas.

RESUMO

Esta dissertação se fundamenta na perspectiva crítica que defende a não neutralidade das tecnologias na abordagem cibercriticista defendida por Rüdiger. E experimenta uma prática pedagógica amparada na mídia-educação para promover uma apropriação crítica e criativa das TIC na educação, como conteúdo e como ferramenta pedagógica. A formação crítica pode estar pautada em atitudes como autoria e cooperação fomentadas pelas redes sociais e projetos criativos mediados pelo professor, como proposta para superação da pedagogia da transmissão. A pesquisa buscou identificar fatores e circunstâncias (o que pode promover) para o desenvolvimento de autoria e cooperação em atividade pedagógica no Facebook. Trata-se de um estudo de caso com observação participante de uma experiência de apropriação do Facebook (grupo de estudos) na preparação de alunos formandos do ensino médio para os exames do ENEM no ano de 2015, realizada em uma escola de educação básica da rede pública estadual de Santa Catarina, situada no município de Leoberto Leal. A partir de coleta de dados (questionários e conteúdos publicados), foi utilizado um instrumento de investigação cuja finalidade foi selecionar e definir indicadores para os conceitos de autoria e cooperação a partir do referencial teórico, e desenvolve métricas (evidências) para a análise de conteúdo das trocas comunicativas entre alunos e professores. Os resultados apontam que utilizar redes sociais conservando a lógica conteudista e reprodutivista do livro didático, reduzindo o aluno a olhar, ouvir, copiar e prestar contas, não dará conta de formar sujeitos críticos imersos da cultura digital. Houve reflexão crítica sobre os conteúdos postados, porém a maioria dos estudantes ainda não atingiu o grau de plena autoria ao produzirem e compartilharem algo novo ou a criação inovadora de conteúdos. A pesquisa demonstrou ser possível estas atitudes quando a escola elabora projetos pedagógicos nesta perspectiva, superando as diferenças individuais visando um projeto comum.

Palavras chaves: Formação crítica. Facebook. ENEM. Autoria. Cooperação.

ABSTRACT

This dissertation is based on the critical perspective that defends the non-neutrality of technologies in the cybercritical approach supported by Rudiger and it tries a supported pedagogical practice in media education to promote a critical and creative appropriation of TIC in education, such as content and as a pedagogical tool. Critical training can be guided by attitudes such as authorship and cooperation promoted by social networks and creative projects mediated by the teacher, based on the Media-Education, as a proposal for overcoming of the pedagogy of transmission. The research intends to identify factors and circumstances (which can promote) to the development of authorship and cooperation in educational activity on Facebook. This is a case study with participant observation of a Facebook appropriation experience (study group) in the preparation of high school graduate students for ENEM exams in 2015, held in a basic education public state school of Santa Catarina, located in the town of Leoberto Leal. From data collection (questionnaires and published contents), a research instrument was used whose purpose was to select and define indicators for the concepts of authorship and cooperation from the theoretical framework, and develops metrics (evidences) for content analysis the communicative exchanges between students and teachers. The results show that use social networks, conserving the logical contents and repeating textbook models, reducing the student participation just I looking, listening, coping and doing, will no form critical citizens immersed in digital culture. There were critical reflection about the posted contents, but most students have not reached the level of full authorship to produce and share something new or an innovative content creation. The research shows that is possible to create attitudes as the school prepares educational projects in this perspective, overcoming individual differences toward a common project.

Key words: Critical Training. Facebook. ENEM. Authorship. Cooperation.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - Pontos de Rede	35
Figura 2- Diagramas das Redes.....	37
Figura 3 - Elementos da Autorialia	61
Figura 4 - Sala de aula Interativa.....	65
Figura 5 - Componentes da Cooperação	70
Figura 6 - A Evolução do Ideb	78
Figura 7 - Metodologia de trabalho.....	101
Figura 8 - Atividade Ciências Naturais	104
Figura 9 - Atividade Ciências Humanas.....	105
Figura 10 - O Desafio.....	119
Figura 11 - A Formação da Autorialia	122
Figura 12 - Print Vídeo nº 9: Aluno resolvendo questão de Matemática	126
Figura 13 - A Formação da Cooperação	133
Imagem 2 -Vista parcial do centro de Leoberto Leal	91
Imagem 3 - Vista parcial da EEB Bertino Silva.....	92
Imagem 4 - Apresentação do Projeto aos Professores da Escola	99
Imagem 5 - Nuvem palavras citadas pelos Alunos	116
Imagem 6 - Nuvem de palavras citadas pelos Professores.....	117

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 - Características dos Alunos.....	94
Gráfico 2 - A Identificação da Autoria.....	113
Gráfico 3 - A Identificação da Cooperação.....	114
Gráfico 4 - Avaliação dos Alunos.....	115

LISTA DE TABELAS

Tabela 1- Abordagens da Cibercultura.....	40
Tabela 2 - Contribuições dos Professores e Alunos no Facebook.....	102
Tabela 3 - Cronograma de Atividades no Facebook	103
Tabela 4 - Categoria Analítica: Autoria	108
Tabela 5 - Categoria Analítica: Cooperação	109
Tabela 6 - Participações no grupo do Facebook.....	112
Tabela 7 -Fatores e Circunstâncias de Autoria.....	156
Tabela 8 - Fatores e Circunstâncias de Cooperação.....	158

LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

CAPES	– Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
EEB	– Escola de Educação Básica
ENEM	– Exame Nacional de Ensino Médio
IDEB	– Índice de Desenvolvimento de Educação Básica
IBOPE	– Instituto de Opinião Pública e Estatística
IPPUR	– Instituto de Pesquisa e Planejamento Urbano
LDB	– Lei de Diretrizes e Bases
OBEDUC	– Observatório da Educação
PCNEM	– Parâmetros Curriculares Nacionais Ensino Médio
PNE	– Plano Nacional de Educação
PNEM	– Plano Nacional pelo Fortalecimento do Ensino Médio
PPGE	– Programa de Pós-Graduação em Educação
PROINFO	– Programa Nacional de Informática na Educação
PUCRS	– Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul
RPPE	– Rede de Políticas Públicas para a Educação
SED	– Secretaria de Estado da Educação
TIC	– Tecnologia de Informação e Comunicação na Informação
UCA	– Um computador por aluno
UFRJ	– Universidade Federal do Rio de Janeiro
UFSC	– Universidade Federal de Santa Catarina
UNESCO	– Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura
UNICEF	– Fundo das Nações Unidas para a Infância

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	23
CAPÍTULO I - A CULTURA DIGITAL	29
1.1 A SOCIEDADE MUDOU.....	29
1.2 O USO DA INTERNET NO BRASIL	32
1.3 A <i>WEB</i> 2.0 E AS REDES SOCIAIS	34
1.4 AS TIC NA PERSPECTIVA DA TEORIA CRÍTICA	38
CAPÍTULO II - EDUCAÇÃO NA CULTURA DIGITAL ...	43
2.1 OS DESAFIOS DA EDUCAÇÃO NA CULTURA DIGITAL .	43
2.2 A INTEGRAÇÃO DAS TIC NA ABORDAGEM DA MÍDIA- EDUCAÇÃO	46
2.3 APRENDIZAGEM EM REDE	50
2.4 POR QUE O FACEBOOK?	52
CAPÍTULO III - A FORMAÇÃO DE SUJEITOS NA CULTURA DIGITAL	55
3.1 A FORMAÇÃO CRÍTICA DOS SUJEITOS NAS REDES SOCIAIS	56
3.2 A FORMAÇÃO PARA A AUTORIA	60
3.2.1 Aprender como Autor	60
3.2.2 Autoria na Cibercultura	63
3.2.3 Redes Sociais e a Autoria Cooperativa	67
3.3 A FORMAÇÃO PARA A COOPERAÇÃO	68
3.3.1 Cooperação ou Colaboração?	69
3.3.2 Aprendizagem Cooperativa	72
3.3.3 O Facebook como Ambiente de Cooperação	74
CAPÍTULO IV - E A ESCOLA?	77
4.1 OS DESAFIOS DO ENSINO MÉDIO NA CULTURA DIGITAL	77
4.2 AS CONTRIBUIÇÕES DO ENEM PARA A EDUCAÇÃO ...	83
CAPÍTULO V - A METODOLOGIA DA PESQUISA	89
5.1 O ESTUDO DE CASO	89
5.2 O CONTEXTO INVESTIGADO.....	91
5.2.1 O Município de Leoberto Leal	91
5.2.2 A Escola de Educação Básica Bertino Silva	92
5.2.3 Diagnóstico dos Alunos	93
5.2.4 Diagnóstico dos Professores	95
5.3 A APRESENTAÇÃO DO CASO	97
5.3.1 Intervenção Pedagógica: “O ENEM no Facebook”	97
5.3.2 Apresentando o Projeto à Comunidade Escolar	99

5.3.3	A Metodologia do Projeto.....	100
5.3.4	Atividades no grupo do Facebook.....	103
5.3.5	O Envolvimento do Pesquisador com os Sujeitos da Pesquisa.....	105
5.4	INSTRUMENTO DE ANÁLISE DE AUTORIA E COOPERAÇÃO.....	107
5.4.1	Categoria Analítica da Autoria.....	108
5.4.2	Categoria Analítica da Cooperação.....	109
	CAPÍTULO VI - OS RESULTADOS DA PESQUISA.....	111
6.1	PESQUISA PRÉVIA À INTERVENÇÃO PEDAGÓGICA	111
6.1.1	Publicações no Grupo do Facebook.....	112
6.1.2	A Avaliação dos Alunos.....	115
6.1.3	A Avaliação dos Professores.....	117
6.2	PESQUISA DA INTERVENÇÃO PEDAGÓGICA.....	118
6.2.1	A Participação no Facebook.....	118
6.2.2	Análise da Autoria nas Trocas Discursivas.....	122
6.2.3	Análise de Vídeos.....	126
6.2.4	Análise da Cooperação nas Trocas Discursivas.....	133
6.3	FATORES E CIRCUNSTÂNCIAS DE COOPERAÇÃO E AUTORIA.....	141
6.3.1	Elementos que Condicionam a Autoria.....	141
6.3.2	Elementos que Condicionam a Cooperação.....	145
6.3.3	Apropriações do Facebook para a Prática Pedagógica.....	149
	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	155
	REFERÊNCIAS.....	161
	APÊNDICE I: Questionário para Diagnóstico de Alunos.....	175
	APÊNDICE II – Questionário para Professores: Investigação sobre o uso de Tecnologias de Informação e Comunicação (TICs).....	178
	APÊNDICE III: Questionário de Avaliação do Projeto para Professores.....	181
	APÊNDICE IV: Questionário de Avaliação do Projeto para Estudantes.....	187
	APÊNDICE V: Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.....	193
	ANEXO I: Vídeos publicados no Facebook.....	197
	ANEXO II: Links publicados no Facebook.....	206
	ANEXO III – Atividades, Textos e Diálogos no Facebook...219	

INTRODUÇÃO

Na condição de professor de filosofia do ensino médio de escola pública estadual, nos deparamos com alunos que leem pouco, que são desmotivados para as atividades em sala de aula e possuem dificuldade de trabalhar em grupo. No entanto, observamos o mesmo grupo de alunos interagindo com seus colegas nas redes sociais e desfrutando dos recursos da Internet de forma criativa e imersiva. Da mesma forma, os professores, no seu cotidiano, fazem uso de tecnologias, pesquisam assuntos para preparar suas aulas, acessam as redes sociais e conteúdos de mídias digitais. Mas na sala de aula, o uso das TIC – Tecnologia de Informação e Comunicação na Informação dos estudantes não acontece a contento. Parece que o único espaço que ainda resiste à cultura digital é a sala de aula.

Estamos, portanto, diante de um problema apresentado por Martin Barbero (2004) como descompassos na educação, entre a cultura dos alunos, cujas formas de ser, saber e de aprender são outras com a transformação na forma de ler, enquanto um modelo mecânico unidirecional no sistema de ensino ainda persiste. Ou seja, surge a importância de a escola mudar o seu modelo de comunicação centrado na linguagem linear do livro didático por um mais dinâmico e plural, proporcionado pelo uso criativo e crítico das tecnologias de comunicação.

Participar, colaborar e compartilhar passa a sintetizar a vida na cultura digital. E, neste contexto, defendemos a perspectiva crítica da apropriação de tecnologias. Por uma via cibercriticista, na perspectiva de Rüdiger (2011), que defende um caminho alternativo que não resista às tecnologias (via tecnófoba) nem as compreenda como o antídoto de problemas históricos da nossa sociedade (via tecnófila). Uma educação de qualidade com tecnologias está ancorada em uma apropriação crítica e criativa, como defende a Mídia-Educação, Belloni (2001), como objeto de estudo e instrumento pedagógico. Ela implica a ação de sujeitos que estejam conscientes dos condicionamentos embarcados nas tecnologias, mas que busquem alternativas a eles. Além do que, conforme Fantin (2012), a cultura digital pode estar presente no espaço escolar não só em tecnologias, mas em forma de ensino e aprendizagem. E, para Lapa (et al 2015), pode estar nos diversos espaços educativos, *on-line* e *off-line*, formal e não formal, promovendo uma educação emancipadora.

Muitos desafios que se impõem à escola não são novos: uma formação crítica, para a cidadania, autonomia, emancipação e empoderamento dos sujeitos. Paulo Freire já defendia esta qualidade da

educação antes da era digital. Uma educação como prática da liberdade e não na transferência ou a transmissão do saber nem da cultura. (FREIRE,1985). E, no contexto da comunicação digital, utilizar outro modo de ver e de ler, de pensar e aprender pode criar possibilidades de formar pessoas livres em uma sociedade que homogeneiza e massifica de diferentes maneiras (MARTIN BARBERO, 2004).

Partimos do pressuposto de que a *Web 2.0* e a cultura digital criam potencialidades para empoderamento dos sujeitos, como contracultura, através da autoria e cooperação com foco na emancipação humana. Mas, ao mesmo tempo, podemos estar submetidos inconscientemente, ludibriados e alienados pela força do mercado capitalista, sendo autores e produtores criativos atendendo a esta lógica, pois estamos imersos e fazemos parte desta superestrutura. Neste contexto, olhamos para a escola não como uma reprodutora de modelos hegemônicos, mas como um espaço outro de formação crítica. Uma formação que tem início no processo de conscientização e problematização da realidade e chega à cidadania ativa de transformação. Nesta direção, acreditamos que as TIC, principalmente as redes sociais, têm sido utilizadas, fora do espaço escolar, como forma de mobilização social na perspectiva de emancipação e transformação, provocando mudanças nas formas de fazer política, de comunicar e de pensar. E que os cidadãos da era digital, mesmo fora da escola, continuam em processo de formação por meio de aprendizagem informal, acesso a informações, contribuindo para sua formação crítica.

Nunca foi tão urgente e determinante a presença da escola como no momento em que estamos. Pois as informações, conteúdos e conhecimentos armazenados nos livros didáticos, agora estão na internet, podendo ser acessados facilmente pelos mais modernos dispositivos em qualquer hora e lugar. Assim, a função de repassador de conteúdos do professor e a de ouvinte e receptor dos estudantes deixam de fazer sentido, demonstrado nos conflitos e debates de conselho de classe sobre a proibição ou não do celular em sala, a falta de atenção e interesse dos alunos diante da desmotivação e insegurança do docente. Tentativas de “inovar” o ensino aconteceram quando as escolas, nos últimos anos, receberam laboratório de informática com acesso à internet, *tablets* e projetores multimídia, na expectativa de motivar e qualificar a aprendizagem para uma educação de maior qualidade, porém não foi suficiente para mudanças significativas.

A escola não deve ser apenas repassadora de conteúdos mas deve descobrir brechas de possibilidades para subverter o molde de reprodução. E defendemos que uma destas brechas pode estar na

integração das redes sociais na educação. Chegamos, então, na autoria, que segundo Demo (2015) é fomentada pela *Web 2.0*, por possibilitar seus usuários a criar e cocriar conteúdos, superando a condição de passivo consumidor de informações. Alunos e professores tornam-se autores em cooperação quando produzem conhecimento a partir do que já foi histórico e culturalmente produzido, utilizando as redes sociais como um dos recursos.

Há um descompasso da escola com a cultura real do aluno, que é a sua imersão na cultura digital. Por outro lado, a vida cotidiana do aluno é cheia de práticas de autoria e cooperação através das redes sociais, atributos que deveriam estar na escola para haver uma educação emancipadora. Então, o problema que surge é como integrar as redes sociais em práticas educativas formais para promover, na escola, a formação crítica do sujeito?

A presente dissertação insere-se no escopo da pesquisa Rede de Políticas Públicas para a Educação (RPPE) coordenado pela prof. Tamara Tania Cohen Egler (IPPUR/UFRJ), que no seu desdobramento no Núcleo UFSC investiga o potencial dos espaços sociais virtuais para a formação do sujeito e a produção coletiva de conhecimento. A equipe sediada no grupo de pesquisa Comunic se distribui em variadas dimensões de investigação: (1) a prática, com projetos de intervenção no ensino; (2) a teórica-metodológica, com investigação sobre aportes teóricos contemporâneos e novas metodologias de análise de espaços não formais de ensino e; (3) de desenvolvimento, com propostas de criação e articulação de ambientes educativos inovadores.

A nossa investigação está na primeira dimensão, a prática, que é realizada por professores em seus próprios contextos de ensino, na pesquisa-ação de suas intervenções pedagógicas. Estas acontecem em ciclos que partem de uma intervenção livre de critérios (integração livre) e que nos ciclos subsequentes vai agregando resultados oriundos da própria investigação assim como outros critérios advindos das pesquisas no restante do grupo, os fatores e circunstâncias encontrados, que servem de referência para a integração crítica e criativa de TIC na educação.

Especificamente, nossa intervenção refere-se à experimentação de apropriação da rede social *on-line* Facebook na escola através de atividades planejadas sem critérios e intencionalidades, com a finalidade de identificar fatores e circunstâncias que podem promover a formação crítica nestes espaços. Como objeto empírico, foi criado um grupo de estudos no perfil do Facebook de um professor, na pretensão de estudar para as provas do ENEM. Docentes e alunos formandos do ensino médio são cadastrados para interagir, pesquisar e compartilhar conhecimento,

criando vídeos, textos, analisando charges, gráficos, notícias, utilizando diferentes gêneros discursivos e contextos educacionais, de forma a proporcionar a crítica e o debate.

Nesta intervenção, o **objetivo geral** da pesquisa é identificar fatores e circunstâncias que podem ter contribuído para o desenvolvimento de autoria e cooperação em atividade pedagógica no Facebook, escolhidos como elementos fundamentais para que haja uma formação crítica. A intervenção não é conduzida e estruturada para o desenvolvimento destes elementos, mas sim busca identificar na prática livre de critérios onde e se ocorreram (autoria e cooperação) para buscar analisar quais fatores e circunstâncias foram capazes de promovê-los na prática pedagógica do caso estudado. A pesquisa, portanto, não propõe demonstrar como promover, mas a partir de um estudo de caso, através de uma análise qualitativa com base em indicadores e métricas, apresenta critérios e elementos para a sua ocorrência ou condicionamento.

Os **objetivos específicos** são: a) Identificar a ocorrência da autoria e cooperação em prática pedagógica com o uso do Facebook no ENEM; b) Analisar as trocas discursivas no grupo de estudos da rede social; c) Identificar e conhecer que elementos promoveram ou condicionaram a ocorrência de autoria e cooperação.

Nosso estudo apresenta, então, a seguinte **pergunta de pesquisa**: quais os fatores e circunstâncias relevantes para o desenvolvimento da autoria e cooperação na atividade pedagógica no Facebook?

Dividida em seis capítulos, esta dissertação tem a pretensão de contribuir, auxiliando professores a planejarem formas criativas e críticas de integração das TIC (Mídia-Educação), colaborando na formação e em mudanças significativas no fazer pedagógico.

Nos três primeiros capítulos, apresentamos a fundamentação teórica sobre a cultura digital e seus impactos ou efeitos na sociedade, na educação e na escola. E finalizamos apresentando uma proposta pedagógica na perspectiva da mídia-educação.

O primeiro capítulo traz a Cultura Digital, dividido em quatro seções, dialogando com autores como Lemos (2002), Rüdiger (2011), Feenberg (2003), Castells (2003), Jenkins, Green & Ford (2014), Recuero (2009) entre outros. Apresenta o cenário de mudanças em que se encontra a nossa sociedade, conceitos de cultura, cultura digital, *web 2.0* e redes sociais, a sua influência na formação de nossas identidades, fundamentadas em pesquisas e estatísticas atualizadas sobre a conexão da juventude na internet e analisadas pelas lentes da Teoria Crítica da Escola de Frankfurt.

No segundo capítulo veremos que, a partir de desafios e do problema do descompasso entre propostas educacionais e a cultura digital, há uma demanda por uma formação crítica dos sujeitos, especialmente professores e alunos, através do incentivo à autoria e cooperação, na integração de diferentes espaços educativos. As abordagens da mídia-educação nos alertam quanto ao uso puramente instrumental das TIC, propondo mudanças de paradigmas e de concepções pedagógicas. Nesta perspectiva, é apresentada a aprendizagem em rede, através da interatividade de forma colaborativa e cooperativa, fundamentada em teorias construtivistas, transformando a partir de uma proposta pedagógica mediada pelo Facebook, superando a lógica centralizada da sala de aula e substituindo-a por uma grande rede social, chamada por Silva (2006) de sala de aula interativa.

O terceiro capítulo provoca uma reflexão sobre o processo de formação de sujeitos na cultura digital. Problematisa como novas identidades juvenis estão sendo formadas na sociedade de informação, pautada por um contexto contraditório de empoderamento e distração concentrada. Apresenta a autoria e cooperação como habilidades a serem desenvolvidas de modo a contribuir para a formação crítica, potencializadas pelas redes sociais.

O quarto capítulo, em seu título “E a Escola?” nos provoca a analisar e refletir o lugar do pesquisador e do público-alvo desta pesquisa, através de um diagnóstico do Ensino Médio, apontando os seus desafios e possibilidades, através de suas legislações e políticas públicas, definindo diretrizes para melhorar o cenário de altas taxas de abandono e reprovação, propondo a formação geral, integral e a utilização de recursos tecnológicos como inerentes ao processo de formação humana, contemplando uma educação para a cidadania e para o trabalho, através de um ensino mais contextualizado e interdisciplinar. Apresenta, ainda, um debate sobre o ENEM (Exame Nacional do Ensino Médio), com o papel fundamental na implementação da reforma do ensino médio e melhoria da qualidade na educação.

O quinto capítulo descreve a metodologia da pesquisa, o seu passo a passo, os seus instrumentos e como foram utilizados para a coleta e análise de dados. Procura descrever em detalhes a empiria realizada na escola através de intervenção pedagógica. Apresenta o contexto investigado com o propósito de conhecer o público-alvo, através do perfil da escola, professores e alunos, a proposta pedagógica mediada pelo Facebook, especificando num cronograma as atividades desenvolvidas com seus objetivos e metodologias.

O sexto e último capítulo da dissertação apresenta os resultados da pesquisa através da coleta e análise de dados, a partir do método Estudo de Caso, com o objetivo de não apenas diagnosticar e apontar sugestões, mas, a partir da reflexão e análise da própria prática, provocar mudanças significativas no fazer pedagógico. A coleta e análise de dados são realizadas a partir de instrumentos de análise através de categorias, indicadores e métricas identificados na fundamentação teórica e na definição dos conceitos de autoria e cooperação. O instrumento visa mensurar e demonstrar, de forma quantitativa e qualitativa, como estes elementos (fatores e circunstâncias) se fizeram presentes durante a intervenção, na realização das atividades propostas no ambiente do grupo de estudos do Facebook, contribuindo na formação de sujeitos críticos na relação de diferentes contextos educadores.

É provável que já em algum momento nos sintamos perdidos como um navio sem direção em alto mar, quando na condição de professores de escola pública tentamos nos adequar às mudanças que se impõem. Ficamos como orquestra sem maestro, tentando tocar nosso instrumento da melhor forma possível, guiados por nossos instintos e habilidades adquiridas. Metáforas a parte, percebemos que nossos alunos de hoje não são mais como nós quando éramos alunos. A função do professor para a qual fomos formados para ensinar e o aluno aprender, professor falar e aluno escutar, parece estar sendo posta à prova por uma geração jovens falantes, ativos, criativos, “indisciplinados”, com atenção desfocada e descentralizada.

CAPÍTULO I

A CULTURA DIGITAL

Somos obesos de informação e famintos de sentido. (GIANNETI apud GIARDELLI, 2012, p. 16).

Na perspectiva de professores de escola pública, estamos em mares nunca antes navegados, à procura de um porto seguro. Vivemos numa sociedade de conectados, onde os mundos *on-line* e *off-line*, virtual e físico se entrelaçam, confundem nossas mentes, e noções de tempo, espaço, subjetividades, ser e aprender passam por possíveis modificações. Será que vivemos como “zumbis da era digital, como se estivéssemos no piloto automático, como viajantes robotizados programados para não questionar, não falar, não ouvir, apenas sintonizar-se e conectar-se?” (GIARDELLI, 2012, p. 16).

O capítulo faz uma análise das mudanças pelas quais passa a sociedade na cultura digital e suas influências na formação de identidades. Apresenta conceitos de cibercultura, cultura digital, sociedade em rede, pesquisas e estatísticas sobre o uso da internet, as redes sociais e um debate sobre diferentes abordagens da tecnologia na sociedade na perspectiva da Teoria Crítica, na função de orientar estes “marujos” em “águas desconhecidas”.

1.1 A SOCIEDADE MUDOU

Muitos vocábulos ou expressões são utilizados na tentativa de definir ou caracterizar o cenário atual de inovação e desenvolvimento das tecnologias de comunicação e informação, dentre os quais estão: sociedade do conhecimento, da informação e sociedade em rede, cultura digital, da mobilidade, da propagabilidade e compartilhamento. Pois é inegável que nossa sociedade passa por mudanças em várias áreas e setores, como na forma de se comunicar, se relacionar, fazer negócios, política, entretenimento, de ensinar, de aprender, enfim, mudanças em nossas socializações, identidades, subjetividades e cultura, colocando em crise instituições tradicionais como escola e família, por exemplo. Para entendermos quais mudanças estão acontecendo, é relevante conhecermos o contexto histórico, definições de cultura, cultura digital e

as suas influências na formação dos sujeitos, desafiando a escola a repensar o seu espaço de formação de identidades.

Houve inovações tecnológicas, como computadores e a internet, mas alguns autores, como Lemos (2002), defendem que a cibercultura teve seu início marcado quando Jobs e Woznick converteram o computador para uso doméstico. Outro avanço emblemático foi a ligação destes computadores em rede, a *world wide web* (www), a base tecnológica necessária para o surgimento de redes sociais.

Na análise de Castells (2005, p. 20), a internet define a sociedade em rede como aquela “baseada em redes digitais de computadores que geram, processam e distribuem informação a partir de conhecimento acumulado nos nós dessas redes”. A internet transforma o modo como nos comunicamos e, por outro lado, ao usá-la de diversas maneiras, nós a transformamos com impactos sobre diversas esferas da vida humana, reconstruindo o padrão da interação social (CASTELLS, 2003). Marcada pela interatividade, esta sociedade em rede é caracterizada por três esferas: Tecnológica (a possibilidade de modificar conteúdo a partir de vídeo games, vídeos, controle remoto); Mercadológica (marketing interativo, mudanças nos perfis do empresário e consumidor); e Social (a lógica de estar junto, a proliferação de segmentos sociais com seus interesses e estilos diversificado se a organização social em rede) (SILVA, 2006).

Neste contexto, com a mudança dos meios dominantes de comunicação, de radiodifusão para o digital, houve uma redução no domínio do controle corporativo sobre muitos tipos de conteúdo, resultando na circulação ativa de maior diversidade de perspectivas, rompendo com a passividade dos espectadores dos meios de comunicação (JENKINS; GREEN; FORD, 2014). O público passa de consumidor de mídia a produtor de conteúdos, caracterizando uma cultura da conexão, da participação e da propagabilidade, com “um profundo impacto na cultura popular através dos mecanismos de participação, (JENKINS, 2009, p. 30)”. Com o advento da *Web 2.0* e das redes sociais, vivemos agora uma nova fase da computação ubíqua, móvel, (laptops, celulares), com internet sem fio (“*Wi-Fi*” e “*Wi-Max*”), da revolução digital, isto é, a passagem do *mass media* (TV, rádio, imprensa, cinema) para formas individualizadas de produção, difusão e estoque de informação (LEMONS, 2005).

Há uma mudança na lógica da comunicação de massa (condição de espectadores) à comunicação interativa (onde podemos ser produtores de mensagens). A partir da digitalização, interatividade técnica e possibilidades virtuais de interação social, as TIC deixam de ser mera

circulação de informações, e passam a ser produtoras de significações, modificando ou criando uma nova cultura (BÉVORT; BELLONI, 2009). Na tentativa de entendermos estas mudanças, trazemos a leitura de alguns autores sobre o conceito de cultura e cultura digital.

Para além de manifestações artísticas e acúmulo de conhecimentos, o conceito de cultura é desconstruído por Williams (1958), afirmando que todos têm cultura, como modo de vida típico. Enquanto que para Hall (1997, p. 8) “a formação de nossas identidades se dá culturalmente, ou seja, passa por uma escolha pessoal, passando pelas normas, nas instituições, ações e estruturas sociais, contextualizadas em determinado tempo e lugar”.

Na opinião de Castells (2003, p. 34), “cultura é uma construção coletiva e influencia as práticas das pessoas, e está conectada também à tecnologia de comunicação”. A imprensa de Gutemberg, por exemplo, trouxe mudanças culturais significativas para o contexto moderno renascentista. E agora com a internet há o deslocamento da centralidade da comunicação para os meios digitais, formando a cultura digital, caracterizada por uma capacidade de comunicação que mescla diferentes produtos, através de diversos meios, tais como texto, vídeo, som etc., a partir de uma linguagem comum digital, global e local em tempo real, modificando o processo de interação tradicional (CASTELLS, 2008).

Esta cultura é marcada principalmente pela portabilidade, intermedialidade e mobilidade. A perda da centralidade da TV, por exemplo, é substituída pela centralidade dos sujeitos, que se tornam protagonistas de um cenário social e cultural caracterizado por uma multiplicação de telas disponíveis. Neste conjunto de transformações, há um significado cultural pelos comportamentos sociais que são promovidos, compreendendo a educação e a formação como elementos fundamentais neste processo (FANTIN; RIVOLTELLA, 2010).

Cultura Digital é, portanto, um processo histórico decorrente das intensas transformações sociais e tecnológicas das últimas décadas. É a cultura da contemporaneidade, presente no nosso dia a dia e também no cotidiano das escolas. Sabemos que a garantia do acesso é condição essencial para a inclusão digital, mas não suficiente, pois a inclusão dos sujeitos como indivíduos autônomos se dará pela apropriação consciente e crítica dessa cultura e de seus recursos (CERNY; RAMOS; BÚRIGO, 2014).

Inferimos que os sujeitos formam as suas identidades com o seu meio cultural: família, escola comunidade, religião e com as tecnologias de comunicação e informação, porque ensinam e aprendem maneiras de ser, de pensar, de ver e agir em sociedade. Se tecnologias e sociedade se

transformam mutuamente, então o mesmo ocorre com a cultura e o ser humano, que é transformador da cultura. Portanto, é indiscutível a revolução que as TIC provocam no contexto escolar, mudanças na função da escola, no papel do professor e das aprendizagens formais e informais.

Faz-se necessário, portanto, na condição de professores, entender qual é a relação de nossos alunos com o mundo virtual e qual é o impacto da utilização das ferramentas tecnológicas em suas vidas, indicando até que ponto tal utilização interfere no jeito de ser e de pensar de cada pessoa. É nesse contexto que Fantin e Rivoltella (2010) nos convidam a dar maior atenção à educação e à formação. A educação enquanto formadora de identidades e de sujeitos.

O desafio que se coloca na era digital, segundo Figueiredo (2016), não está em integrar o digital na relação ensino e aprendizagem e nem desenvolver nos jovens competências instrumentais para o uso das tecnologias. Pois eles dominam com destreza estes artefatos, porém não estão preparados para deixar a condição de meros consumidores para o de utilizadores esclarecidos. Devemos então prepará-los para uma pertença cultural plena, madura, ativa e autônoma à nova era (FIGUEIREDO, 2016).

Pesquisas recentes têm apresentado um perfil dos jovens em relação à cultura digital, revelando a sua opinião sobre a utilização das Tecnologias de Informação e Comunicação.

1.2 O USO DA INTERNET NO BRASIL

Esta seção apresenta três pesquisas relacionadas à utilização da internet pelo jovem brasileiro. A Pesquisa Brasileira de Mídia, realizada pela Secretaria de Comunicação Social da Presidência da República, que apresenta os hábitos de consumo de mídia pela população brasileira; A Pesquisa Juventude Conectada, realizada pela Fundação Telefônica Vivo, tem como objetivo entender oportunidades, transformações e tendências do comportamento do jovem na era digital; e a Pesquisa sobre o Perfil do Jovem Brasileiro, realizado pelo Núcleo de Tendências e Pesquisa do Espaço Experiência da Faculdade de Comunicação Social da PUCRS, Porto Alegre.

Segundo Pesquisa Brasileira de Mídia¹, (BRASIL,2015), apesar da sua crescente importância, é alto o percentual de entrevistados que ainda

¹ Pesquisa Brasileira de Mídia - 2015 realizada pelo Instituto de Opinião Pública e Estatística (Ibope) Inteligência, entre os dias 5 e 22 de novembro de 2014 e que coletou os

não utilizam a internet, 51%, devido a fatores apontados na pesquisa como: falta de interesse, a habilidade com o computador – que afeta as pessoas mais velhas e menos escolarizadas, a falta de necessidade e os custos que envolvem o uso das novas mídias – que impactam os mais pobres. Os dados mostram que 65% dos jovens com até 25 anos acessam internet todos os dias, e entre os que têm acima de 65 anos, esse percentual cai para 4%. Entre os internautas, 92% estão conectados por meio de redes sociais, sendo as mais utilizadas o *Facebook* (83%), o *Whatsapp* (58%) e o *Youtube* (17%). Em relação aos suportes de acesso à internet, 71% dos entrevistados o fazem pelo computador, seguido pelo celular com 66% e 7% pelo *tablet*.

Com objetivo de entender o comportamento do jovem na era digital e as transformações e oportunidades geradas a partir da conexão, a Fundação Telefônica realizou uma pesquisa denominada “Juventude Conectada”²². Na opinião de 44% dos jovens entrevistados, a internet contribui com o aumento da visão crítica, para 53% melhora o relacionamento entre alunos e professores, para 49% a rede mudou o seu modo de fazer pesquisas, e na opinião de 47% um bom professor é aquele que sabe utilizar a internet e os recursos tecnológicos para ajudar no aprendizado. As principais atividades desempenhadas pelo jovem internauta brasileiro são: 1º - 37,3% Atividades de comunicação; 2º - 29,6% Atividades de lazer; 3º - 28,7% Leitura de jornais e revistas, busca por informações; 4º - 28,1% Educação e aprendizado (J.CONECTADA, 2014).

De acordo com a pesquisa juventude conectada, o Brasil está em segundo lugar no ranking mundial de utilização diária do Facebook, a maior rede social global, sendo superado apenas pelos EUA. Em número de usuários, o País fica na terceira posição, atrás da Índia e, novamente, dos EUA. Conforme análise dos resultados, essa expansão ilimitada da rede social demanda a mediação do professor fundamentada em um tripé.

Enquanto, por um lado, os alunos passam a ter acesso expandido, praticamente ilimitado e extremamente diversificado às informações sobre os fenômenos do mundo, por outro, esses mesmos jovens não podem prescindir do apoio e da mediação dos professores para a construção crítica do pensamento, da ética, da cidadania e do discernimento capaz de lhe conferir autonomia e

dados de 18.312 entrevistas, distribuídas em todo o território nacional sobre hábitos de consumo de mídia pela população brasileira. (<http://www.secom.gov.br/>).

protagonismo enquanto sujeito (J.CONECTADA, 2014, p. 206).

Este tripé mencionado na análise da pesquisa é constituído pela construção crítica do pensamento, da ética e da cidadania, que são fundamentais para a formação de sujeitos imersos na cultura digital, através da importante mediação do professor. Percebemos que o acesso à internet e à mobilidade tecnológica vem crescendo, principalmente entre crianças e jovens, ao mesmo tempo em que a escola é vista essencialmente como um lugar de aquisição de conteúdo útil para provas acadêmicas. Os entrevistados percebem que a internet melhora o relacionamento entre alunos e professores, muda o modo de fazer pesquisas, conclui que bom professor é aquele que sabe utilizar a internet e os recursos tecnológicos para ajudar no aprendizado.²

Finalizamos com outra pesquisa denominada “Projeto 18/34”, que traça um perfil do jovem brasileiro sobre conceitos de família, investigando hábitos de mídia e lazer, a pluralidade dos formatos de família presentes na realidade do jovem. Para a geração entre 18 a 34 anos, entre os mais importantes desejos e aspirações estão o de expandir fronteiras, conhecer outras culturas e estudar em uma boa faculdade; ter estabilidade financeira e emocional antes de constituir sua própria família, o que foge ao padrão tradicional; e a grande utilização da internet, levando-se em conta que o compartilhamento das experiências é um fenômeno constante. Os jovens enfatizam a liberdade de escolha, como a sexualidade, a religião e expressar as suas diferenças (TEITELBAUM; PUHL, 2013).

Destacamos a importância de conhecermos e analisarmos estas pesquisas e estatísticas em relação a esta geração, por constituir o público alvo de nossa investigação. Políticas públicas e projetos pedagógicos deveriam ser pautados a partir de análises de diagnósticos da juventude brasileira, conectados na *Web 2.0*, principalmente nas redes sociais.

1.3 A *WEB 2.0* E AS REDES SOCIAIS

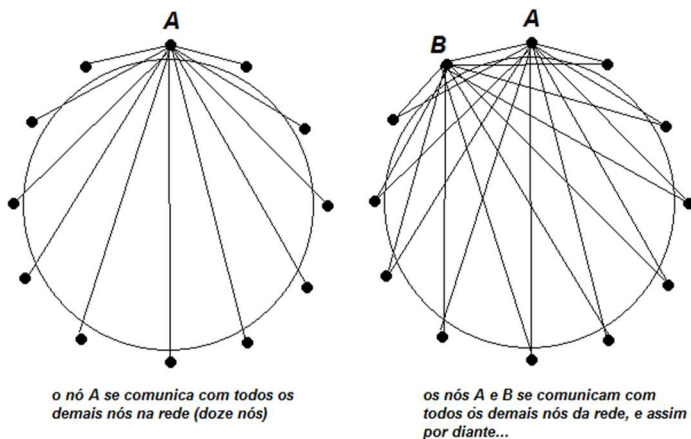
A expressão “*Web 2.0*” caracteriza a situação em que tanto os softwares quanto o backup de arquivos abandonam os computadores e

² Idealizada e coordenada pela Fundação Telefônica Vivo e realizada em parceria com o IBOPE Inteligência, Instituto Paulo Montenegro e Escola do Futuro – USP. A pesquisa aconteceu durante as manifestações que ocorreram em todo o Brasil em 2013 e foi publicada no ano de 2014. Foram entrevistadas 1.440 jovens brasileiros de 16 a 24 anos, de 5 regiões do País. (<http://fundacaotelefonica.org.br/conteudos/publicacoes/>).

passam a ser processados online (Google Docs e Redes Sociais). Já as redes sociais seriam caracterizadas pelas conexões entre pessoas em ambientes virtuais, softwares, uma tecnologia da *Web.2.0* (MATTAR, 2013). Para Recuero (2009, p. 24), “uma rede social é definida como um conjunto de atores (pessoas, instituições ou grupos; os nós da rede) e suas conexões (interações ou laços sociais).” A expressão Redes é uma metáfora para observar os padrões de conexão de um grupo social, a partir das conexões estabelecidas entre os diversos atores. O Facebook, por exemplo, pode representar um ou vários atores num espaço de interação, de fala, construído pelos autores de forma a expressar elementos de sua personalidade ou individualidade; são construções plurais de um sujeito, representando múltiplas facetas de sua identidade (RECUERO 2009).

No exemplo a seguir, imagina-se uma rede constituída de doze nós, portanto doze atores. Cada um dos atores poderá se relacionar com os demais atores pela rede, configurando-se assim uma possibilidade de relacionamentos.

Figura 1- Pontos de Rede



Fonte: Recuero (2009)

Quando se pensa em rede de relacionamentos entre indivíduos, deve-se imaginar que todos os pontos da rede, (nós), podem se comunicar. Para se configurar uma rede social virtual ou presencial, portanto, todos os nós estão ligados entre si, possibilitando representar todas as relações possíveis que se estabelecem entre todos os nós da rede (MUSACCHIO, 2015). E as conexões estabelecidas em rede são constituídas por laços sociais, que são formados pela interação entre os atores e analisados pela

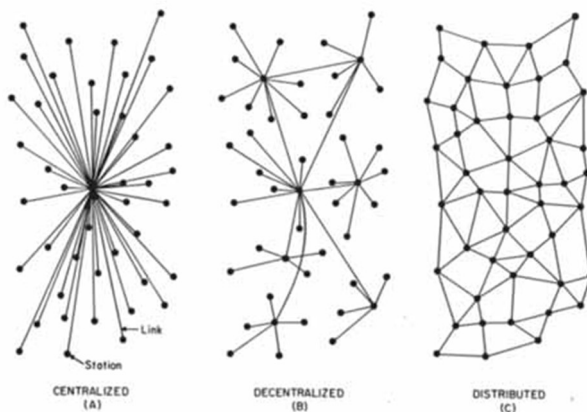
intensidade de sua força através da combinação de: quantidade de tempo, intensidade emocional, intimidade (confiança mútua e serviços recíprocos, que caracterizam um laço) (MATTAR, 2013).

Laços fortes são aqueles que se caracterizam pela intimidade, pela proximidade e pela intencionalidade em criar e manter uma conexão entre duas pessoas. Os laços fracos, por outro lado, caracterizam-se por relações esparsas, que não traduzem proximidade e intimidade. (RECUERO, 2009, p. 41).

Na opinião de Mattar (2013, p. 27), “os laços fracos são indispensáveis às oportunidades de um indivíduo e à interação em uma comunidade, desempenhando um papel de coesão social,” pois aqueles com quem temos laços fracos tendem a frequentar grupos diferentes dos que frequentamos, e, por isso, têm acesso a informações diferentes das compartilhadas por aqueles com quem mantemos laços fortes (MATTAR, 2013). O Facebook, por exemplo, pode contribuir para tornar laços latentes em laços fracos, através da informação que disponibiliza e a facilidade de interação que pode motivar o contato que de outro modo não existiria, que permite promover ou manter o “capital social” (AMANTE, 2013, p. 33 apud PORTO; SANTOS, 2014).

O capital social não está nos indivíduos, está baseado na reciprocidade e confiança, nas relações entre as pessoas, provocando nos indivíduos o engajamento e senso cívico, cooperação e emergência dos valores sociais e desenvolvimento das comunidades e sociedade (RECUERO, 2009). Ao estudar o ambiente Facebook, em seu contexto de representações, o que se observa é que os atores podem construir laços afetivos, aprendizagens, emoções, sentimentos, trocas e produção de subjetividades. Na livre opção de “curtir” e “compartilhar”, os atores formam uma complexa rede de relações mediadas por equipamentos eletrônicos diversos, que podem formar várias topologias. Essa rede será ora centralizada, ora descentralizada e até mesmo distribuída, conforme as relações sociais que são suportadas pelas redes digitais.

Figura 2- Diagramas das Redes



Fonte: Recuero (2009, p. 56)

A rede centralizada é, portanto, aquela onde um nó centraliza a maior parte das conexões. Já a rede descentralizada não é mantida conectada por um único nó, mas por um grupo pequeno de nós, conecta vários outros grupos. E a rede distribuída é aquela onde todos os nós possuem mais ou menos a mesma quantidade de conexões (RECUERO, 2009).

As redes sociais na *web*, na opinião de Mattar (2013, p.29), podem ser classificadas de diversas maneiras: “destinadas a fins educativos, profissionais, inovação, entretenimento, cidadania e socialização virtual”. Para Giardelli (2012), quando começamos a compartilhar coisas boas e com conteúdo verdadeiramente engrandecedor, formamos a “*Social Good*”, que ocorre quando a mobilização virtual se reflete no mundo real, mudando governos, defendendo causas e conscientizando pessoas.

A infraestrutura da *web 2.0* permite a formação de redes, a conexão das pessoas de forma não hierárquica, onde todos podem ser receptores e emissores. Mas nem todos assumem este duplo papel, e não significa que configuram uma comunidade, um coletivo que tem interesses comuns, projetos e ações compartilhados. Podemos entender que pode ser um espaço de possibilidade para a formação destas comunidades. Parece que estão próximas por determinados interesses momentâneos, amanhã já se juntam com outros, sem compromisso e consistência durável.

Os cientistas sociais usam o termo redes sociais significando processos sociais que independem da *web 2.0*. Nestas, o que aproxima as pessoas são laços afetivos, de solidariedade e identidade compartilhados, mas nem sempre é assim. Isto é, a simples conexão das pessoas não significa automaticamente que há laços fortes e um compartilhamento de interesses, projetos, identidades. As redes sociais são as relações que as pessoas criam com outras pessoas. São sujeitos que se relacionam. As redes digitais na internet potencializam esse encontro, em uma estrutura comunicacional que foge da centralidade e difusão um-muitos dos meios de comunicação anteriores (TV, rádio...).

Na análise de redes de que a Recuero (2009) fala, os nós (pessoas) se conectam quando curtem, comentam ou compartilham os *posts*. Esta relação é visualizada como uma aresta que liga e aproxima os dois pontos (sujeitos), o que diz da intensidade desta relação, mas não do seu significado. A autora se refere a tipificar as redes pela sua forma de interação entre os nós. Mattar (2013) vem falar dos tipos de redes pela sua função social, para que elas foram formadas. É outra tipificação.

Em nossa pesquisa, vamos identificar onde há qualidade de relação, educação crítica, autoria e cooperação. Queremos saber o que as promoveu (quais fatores e circunstâncias) para poder incluir no planejamento docente novas iniciativas, acreditando que se o professor cria a ambiência favorável para a existência desses fatores, ele vai fazer com que processos sociais aconteçam. O Facebook não cria o processo social, porque este depende das pessoas. Assim com as TIC não criam as redes sociais, só as suportam. Temos que ter claros esses limites, porque isso empodera as pessoas, por que elas, sim, é que são as protagonistas.

Nesta mudança da centralidade da TV para o cenário da convergência multimidiática, apresentamos a perspectiva crítica das abordagens da tecnologia e sociedade de Feenberg (2003) e da cibercultura de Rüdiger (2011).

1.4 AS TIC NA PERSPECTIVA DA TEORIA CRÍTICA

Resgatamos a Teoria Crítica defendida desde a Escola de Frankfurt por pensadores como Theodor Adorno e Max Horkheimer, cuja principal tarefa nas primeiras décadas do século XX, no começo da era da televisão, era criticar o processo de subordinação do capitalismo com caráter homogeneizador e ideológico, através da difusão de uma indústria cultural que convertia a cultura em mercadoria (RÜDIGER, 2001). Seu papel relevante permanece atual no sentido de denunciar a possibilidade de alienação a que todos estavam sujeitos, e ainda estão, ao participarem

dessa nova ordem (SETTON, 2011). Para Rüdiger (2011, p. 47), “o estágio avançado da massificação presente nas mídias tradicionais está adentrando na era da multimídia interativa”. O fato dos usuários terem deixado de ser espectadores passivos da era da *mass media* e terem se tornado mais participativos e ativos na rede, proporcionados pelas mídias digitais, não significa que os riscos de alienação aos interesses capitalistas não estarão presentes. Rüdiger (2011) nos alerta que, mesmo na condição de sermos autores e coautores, poderemos estar influenciados pelos objetivos mercadológicos.

Trazemos para o debate a definição de cibercultura e as diferentes perspectivas sobre a utilização das novas tecnologias de comunicação. A cibercultura é definida por Lévy (1999) como um conjunto de técnicas e modos de pensar e de se relacionar que se desenvolvem junto com o crescimento do ciberespaço. Para Lemos (2002), a cibercultura se dá através da relação entre a sociedade, a cultura e as tecnologias digitais, é a experimentação das novas formas de sociabilidades que acontecem via espaço virtual, ou ciberespaço. E no entendimento de Rüdiger (2011, p. 37), “a cibercultura pertence tanto quanto a atividade tecnológica quanto a ação política e da criação cultural. A tecnologia é considerada como um processo social no qual a técnica em si mesma é apenas um fator parcial”.

Comparando os conceitos, percebemos que, na perspectiva de Lévy (1999) e Lemos (2002), os novos modos de pensar e de se relacionar acontecem com ênfase na técnica e no espaço virtual, enquanto Rüdiger (2011) vai além, apresentando o ciberespaço como uma dimensão da nossa vida cotidiana, superando a dicotomia entre o virtual e o real, nos convidando a refletir e ter um olhar mais crítico sobre as tecnologias na sociedade em rede.

As diferentes abordagens sobre cibercultura têm relação com três grupos ou perspectivas, organizados por Rüdiger (2011): os tecnófilos, os tecnófobos e os cibercriticistas. Apresentamos no quadro abaixo um recorte com algumas características dos grupos.

Tabela 1- Abordagens da Cibercultura

ABORDAGENS DA CIBERCULTURA SEGUNDO RÜDIGER (2011)		
Tecnocráticos Tecnófilos	Conservadores Tecnófobos	Os Cibercriticistas
Defendem os negócios da informática e da comunicação.	Promotores de acusação, percebem a tecnologia com pessimismo, como uma armadilha progressista.	Refletem sobre as conexões entre cibercultura e poder.
Observam as vantagens trazidas pela tecnologia, com visão instrumentalista liberal e otimista, como um fator de progresso e um mundo melhor através dos artefatos.	Defendem a mídia tradicional contra o culto do amador. A multidão se tornou autoridade sobre o que é verdade e o que não é. A web 2.0 estimula um circuito narcisista.	Defendem a apropriação das tecnologias através da reflexão filosófica e a ação política, se estiverem a serviço de novas formas de sociabilidade.

Fonte: Adaptado de Rüdiger (2011)

O autor supera a discussão polarizada entre otimistas e pessimistas em relação às tecnologias e apresenta uma terceira via, a dos cibercriticistas. Ser cibercriticista, para Rüdiger (2011), é a possibilidade de uma apropriação crítica e criativa das TIC desde que elas sejam submetidas a outros objetivos humanos e sociais, diferentes dos fins para os quais elas foram inventadas, produzidas, que se tenha consciência de que elas não são uma maravilha que vão resolver todos os problemas, como os tecnófilos defendem. Seria uma abordagem que reconhece que as TIC têm determinações impressas nela desde a sua concepção, mas que os homens podem impregnar nelas valores próprios, isto é, podem se apropriar segundo interesses e objetivos que são outros, subvertendo a ordem programada da técnica (MACHADO, 2004).

De forma semelhante, Feenberg (2003) nos apresenta algumas concepções de tecnologias a partir de seu resgate histórico: a tecnologia pode ser considerada determinista e instrumental, quando molda a sociedade às exigências do progresso, deixando aos homens a tarefa de se adaptar à tecnologia e de utilizá-la como mero instrumento para satisfazer suas necessidades. As tecnologias trazem determinações porque não são neutras e, sim, carregadas de valores, representando interesses capitalistas de mercado que podem formar um modo de vida. A proposta defendida pelo filósofo culmina na teoria crítica, onde as tecnologias não são vistas como ferramentas, mas como estruturas para estilos de vida e espaços para a democracia, como um projeto democrático de desenvolvimento.

O estado da arte apresentado por Feenberg (2003) e Rüdiger (2011) nos orienta a olhar com criticidade os discursos e teorias sobre a cultura digital. Ajuda a não nos tornarmos ingênuos e românticos, entendendo que as tecnologias resolverão e revolucionarão o mundo, e também evitam que nos tornemos apocalípticos, concluindo que as máquinas dominarão os humanos, pondo fim aos professores, às escolas, aos empregos, entre outras coisas. Entendemos, portanto, que as tecnologias não têm que mudar as pessoas, mas as pessoas podem mudar o mundo com elas. Castells (2005, p. 17) compartilha com esta abordagem quando afirma que “a sociedade é que dá forma à tecnologia de acordo com as necessidades, valores e interesses das pessoas que utilizam as tecnologias”.

Diante destas diferentes perspectivas apresentadas, vamos compreender qual é a relação entre educação e a cultura digital.

CAPÍTULO II

EDUCAÇÃO NA CULTURA DIGITAL

A criança não é uma garrafa a ser enchida,
mas um fogo que é preciso acender.
(MONTAIGNE apud SIBILIA, 2012).

Conforme vimos no capítulo anterior, a sociedade mudou, os jovens estão conectados utilizando a internet com seus dispositivos, porém há uma resistência no contexto educacional, gerando uma crise na escola, um descompasso entre educação e cultura digital.

Como propor uma educação de qualidade na web e redes sociais na perspectiva cibercriticista, com a finalidade de formar o sujeito para a cultura digital? Propomos a abordagem da mídia-educação, que defende uma apropriação crítica e criativa que venha integrar as TIC em propostas de ensino que sejam formadoras do sujeito, usando as redes sociais como espaços de interação.

2.1 OS DESAFIOS DA EDUCAÇÃO NA CULTURA DIGITAL

Almejamos mudanças urgentes, contudo longe de receitas mágicas para soluções rápidas. Estamos ao lado de autores como Silva, (2006), Martin-Barbero (2004, 2014), Sibilia, (2012) e Pretto, (2008), que, entre outros, têm apresentado alguns desafios da educação na cultura digital. A começar pela mudança na função da escola, de transmissora do saber para a criadora de conhecimentos, o que implica a ressignificação das informações, por um novo modo de ser e de saber. As desigualdades de acesso às tecnologias, que não podem ser desconsideradas, vêm aliadas à descoberta de novas formas de interação que ocorrem na relação professor-aluno-conhecimento, mediadas pelas TIC para além da instrumentalização. Trata-se também de mudar a lógica de “distribuição em massa” da sala de aula com a modificação da comunicação, o que rompe com os esquemas cristalizados de formação e propõe um novo currículo que supere a pedagogia das disciplinas e conteúdos segmentados por uma interconexão dos saberes. Essa problematização alerta para desafios a serem enfrentados em uma educação que vise a uma apropriação crítica das tecnologias, uma que promova a criação de significados e que possibilite a formação de cidadãos críticos com potencial para a transformação.

Nesta tentativa de entender a relação entre educação e cultura digital, Pretto (2008, p.82) afirma que:

A articulação entre a cultura digital e a educação se concretiza a partir das possibilidades de organização em rede, com apropriação criativa dos meios tecnológicos de produção de informação, acompanhado de um forte repensar dos valores, práticas e modos de ser, pensar e agir da sociedade, o que implica a efetiva possibilidade de transformação social.

Neste repensar de valores, práticas e modos de ser, pensar e agir da sociedade está implícita a educação. Mais do que treinar alunos para utilizar computadores, a escola pode se tornar um espaço de produção, ampliação e multiplicação de culturas e conhecimentos. Isto significa uma apropriação das tecnologias, formando o que Pretto (2008) chama de ecossistema pedagógico, que vai além da sala de aula, do livro didático e da récita do professor, e cria ambientes onde os estudantes e professores se tornam pesquisadores e conhecedores de sua própria realidade através do diálogo. Nesta perspectiva, Silva (2006, p. 23) sugere mudanças na sala de aula “em que o professor interrompe a tradição do falar/ditar, e convoca os alunos a saírem da passividade de receptores,” porque na cultura digital os alunos de hoje não são os mesmos de outrora.

Segundo Serres (2013), os novos alunos não têm mais a mesma cabeça, não habitam mais o mesmo espaço, não se comunicam mais da mesma maneira, não falam a mesma língua. Porque “com internet em casa os alunos têm a tendência, como usuários dessa tecnologia, de desenvolver um forte senso de autonomia e autoridade, e é exatamente isso que lhes é negado na escola” (BUCKINGHAM, 2010, p. 44). Diante deste contexto, nos deparamos com alunos indisciplinados, sem interesse de aprender, apáticos, sem conseguir ver sentido nos conteúdos que são repassados. Consequentemente, acabam utilizando os artefatos digitais como uma forma de distração e/ou uma espécie de fuga do confinamento proporcionado pela escola, que entra em “crise” por tornar-se incompatível com a constituição das subjetividades contemporâneas. Pois a escola foi concebida para transformar seus habitantes em corpos “dóceis e úteis” na fase industrial, mas que na cultura digital não estaria conseguindo acompanhar as rápidas mudanças e transformações (cada vez mais intensas) ocorridas no mundo (SIBILIA, 2012).

E esta “crise”, ou descompasso da escola, é aprofundada por um distanciamento entre a cultura dos alunos e o que é ensinado por seus professores, pois o modelo de comunicação escolar é ultrapassado, espacial e temporalmente, um modelo mecânico unidirecional que responde à leitura passiva que a escola fomenta. Torna-se necessário, portanto, que a escola assuma os desafios das novas linguagens e novos saberes, e que a partir das novas tecnologias digitais como dimensão estratégica da cultura, a escola possa inserir-se nos processos de mudança que atravessam nossa sociedade (MARTIN-BARBERO, 2004, 2014).

Mas por que o modelo de comunicação é algo tão importante? Paulo Freire já havia afirmado que “a educação é comunicação, é diálogo, na medida em que não é transferência de saber, mas um encontro de sujeitos interlocutores que buscam a significação do significado” (FREIRE, 1985, p.46). Trazendo esta contribuição para o contexto digital, as mudanças não decorrem do fato de termos tecnologia na escola, mas do que decidimos fazer com ela, criando condições novas para a educação.

Para Borges (2007, p. 76):

Não são as tecnologias por si mesmas que irão garantir a superação do paradigma tradicional, mas a forma de uso dos instrumentos tecnológicos pelo professor, que vai revelar qual é a sua concepção de educação e de paradigma que ele se insere.

Isto implica perceber que o professor não é mais o centro do saber, nem o aluno, mas o foco passa a ser a aprendizagem, que pode ser construída, compartilhada de forma colaborativa e significativa. Neste novo contexto que se apresenta, criam-se novos desafios e demandas na formação e capacitação dos professores, que passa por uma formação crítica do professor. O trabalho dos professores deve ser apoiado e continuado por três movimentos: a) uma organização mais aberta e diversificada dos espaços e dos tempos escolares; b) um currículo centrado nos alunos e em suas aprendizagens, e não em listas intermináveis de conhecimentos ou competências; c) uma pedagogia com dimensão fortemente colaborativa, que utilize a relação (as redes) como dispositivo de comunicação e aprendizagem (NÓVOA, 2014).

Os professores devem ter clareza dos objetivos pedagógicos, trabalhar com a experiência dos alunos, a experiência do fazer. Não se trata de eliminar o conhecimento sistematizado, mas abrir espaço para que a escola realize um currículo mais amplo, numa relação dos contextos

formal e informal de aprendizagem. Almeida; Silva (2011) apresentam a importância da formação de professores em articulação com o trabalho pedagógico e com o currículo, em que ela é essencial para a leitura e posição crítica frente às tecnologias. Nesta direção, há a necessidade de pesquisas a partir de intervenções propositivas no chão da escola, onde a formação do professor se faz fazendo, experimentando, utilizando as tecnologias na prática.

Independente da apropriação das TIC, defendemos uma educação de qualidade a partir de pressupostos apresentados por autores antes da cultura digital, não como uma nova educação, mas que ela seja adequada ao contexto contemporâneo. Paulo Freire (2007), por exemplo, afirma que ensinar não é transferir conhecimento, mas exige que se inclua a escuta atenciosa, a curiosidade, a disponibilidade para o diálogo, o comprometimento, a competência profissional e a generosidade.

Está claro que o profissional da área de educação deverá ser um sujeito criativo, crítico e pensante, preparado para agir e se adaptar rapidamente às mudanças dessa nova sociedade (MORIN, 2004). Pois precisa preparar os estudantes para responder aos desafios do conhecimento humano e enfrentar as incertezas, promovendo a inteligência estratégica e a aposta em um mundo melhor, isto é, ensinar o estudante a como se tornar cidadão. É o que trata Giroux (1997, p.161) quando diz que os professores devem ser vistos como intelectuais transformadores, profissionais reflexivos, com uma dedicação especial aos valores do intelecto e ao fomento da capacidade crítica dos jovens. O que não muda no contexto específico da cultura digital, pois também Martin-Barbero (2004) destaca o ofício de educador, que de mero retransmissor de saberes deverá converter-se em formulador de problemas, provocador de interrogações, coordenador de equipes de trabalho, sistematizador de experiências.

O problema do descompasso entre educação e cultura digital está em compreender primeiramente que a forma de aprender já é diferente, faz parte da cultura, e ver a tecnologia não mais somente como objeto de estudo, ou ferramenta pedagógica, mas como o novo contexto contemporâneo, onde professores e alunos vivem suas vidas cotidianas.

2.2 A INTEGRAÇÃO DAS TIC NA ABORDAGEM DA MÍDIA-EDUCAÇÃO

Nossas escolas públicas têm recebido nos últimos anos laboratórios de informática com sinal de internet, projetores, lousas digitais, *tablets*. Além da infraestrutura, há programas do governo federal

como o PROINFO (Programa Nacional de Informática na Educação) que têm tratado da formação continuada de professores, com o objetivo de aproximar a cultura escolar dos principais avanços tecnológicos da sociedade contemporânea. Segundo Quartiero (2007), a inovação tecnológica está sendo introduzida sem que haja mudanças na organização curricular da escola, com a falta de clareza no entendimento do porquê informatizar a escola. Com o digital passando a permear todas as atuais tecnologias, deixou de fazer sentido colocar a ênfase no computador e no caráter instrumental da utilização das tecnologias como recursos pedagógicos, frustrando algumas expectativas mais otimistas. Muitos pesquisadores já afirmam que o modelo da escola atual precisa ser reformulado.

Em suma, a política pública tem tido um foco instrumental, porque a maior preocupação ainda é dotar as escolas de equipamento (TV Escola, Proinfo, UCA, *Tablets*). Quando se avança na direção de valorizar a formação do professor, elas são pouco integradas com o currículo e com a prática, o que resulta em privilegiar abordagens como a tecnófila (usar sem crítica) ou a tecnófoba (resistência - guardar os equipamentos e não usar). O desafio posto não é pequeno, e está na busca de caminhos para promover uma abordagem cibercriticista nas escolas, já que a política não ajuda.

No entendimento de Silveira (2014, p.32), “a arquitetura da rede da internet, multidirecional e elevada interatividade, amplia o potencial dos cidadãos de articular a resistência ao poder a partir de novos espaços públicos,” propiciados pelas redes sociais, por exemplo. Longe de sermos tecnófilos, com uma visão otimista e ingênua das tecnologias, acreditamos que podem se abrir brechas para uma emancipação, o pensamento crítico, e uma nova sensibilidade. Segue válido o alerta da Escola de Frankfurt, desde a era da expansão da televisão, que denunciava a força da indústria cultural na formação do indivíduo ludibriado e passivo, que necessitava da “redenção” da formação de audiências críticas.

Na cultura digital, conforme já vimos na seção anterior, há “novos modos de ser e estar no mundo que emergem e se desenvolvem respondendo às exigências da contemporaneidade” (SIBILIA, 2012, p. 47). Isto que dizer que a internet parece ter um efeito positivo sobre a interação social, e tende a aumentar a exposição dos indivíduos a outras fontes de informações, se tornando também um espaço educativo formador de sujeitos (CASTELLS, 2003). Contudo, permanece o desafio de discernir o quanto as tecnologias de comunicação e informação, que

mantêm o poder de alienação na sociedade contemporânea, podem portar simultaneamente uma possibilidade de libertação.

Tal constatação nos traz de volta para a educação como lugar estratégico para pensar e propor formas de integração das TIC que sejam promotoras desta educação libertadora. Encontramos a reflexão sobre as formas emancipadoras de uso das tecnologias na Mídia-Educação. A expressão “Educação para as Mídias” ou “Mídia-Educação” aparece em organismos internacionais, particularmente na UNESCO, nos anos de 1960, mas somente em 1982 começa a noção da mídia-educação como formação para a apropriação e uso das mídias como ferramenta pedagógica para o professor, e participação política para todos os cidadãos (BÉVORT; BELLONI, 2009).

A implicação da mídia-educação, da compreensão da dupla dimensão da integração das tecnologias como ferramenta pedagógica e também como objeto de estudo, está relacionada à necessidade de haver uma transformação nas metodologias de ensino e nas próprias finalidades da educação (BELLONI, 2001). Reformular radicalmente currículos para aquisição de habilidades e competências necessárias para: compreender a informação; ter o distanciamento necessário à análise crítica; saber buscar, selecionar, utilizar e tornar-se produtores de todo tipo de informações e de mensagens (BÉVORT; BELLONI, 2009). Por isso assumimos, como as autoras, que Mídia-Educação é:

Um método para realizar a integração das TIC aos processos de ensino e de aprendizagem, de modo crítico e criativo e não meramente instrumental, à escola em todos seus níveis. Não se trata apenas de instrumentalizar o professor para usar TIC, mas de prepará-lo para formar cidadãos capazes de ser usuários competentes, críticos, criativos e participativos, a começar pelo próprio professor (BELLONI, 2011b, p. 8).

Percebemos que a visão instrumentalista sobre a formação do professor e a integração das tecnologias no ensino e aprendizagem é superada por uma perspectiva mais crítica e criativa. Fantin (2012) contribui afirmando que é muito importante a presença da mídia-educação na formação de professores além da perspectiva instrumental, mas que esteja em jogo uma inclusão digital que seja também social, política e cultural. Um passo a mais na formação seria a integração crítica e criativa das tecnologias digitais ao currículo, promovendo também o

fortalecimento da coletividade no contexto escolar ao oportunizar que diferentes áreas e disciplinas do currículo pensem projeto em comum a partir da cultura digital (FANTIN, 2012). Isto quer dizer que não basta ver a tecnologia somente como instrumento para transmitir conteúdos, a escola continuando a ser uma formadora de bons empregados. Devemos perceber que o contexto e a cultura são outros, demandando outras formas de ensinar e aprender, de pensar, de se comunicar.

Para Fantin (2012, p.439), “há quem fale em uma *New Media Education*, pensada a partir de novos aparatos conceituais e de novas estratégias diante da ‘nova cultura’ do mundo digital”. Pois hoje, com a internet e os celulares, a questão que se coloca é a de educar não só para o consumo responsável, mas para uma produção responsável.

Assim, em vez de buscarmos proteger as crianças do ambiente das mídias, precisamos encontrar modos de prepará-las a refletir sobre suas relações com a cultura de consumo e para entender os princípios econômicos com os quais esta opera (BUCKINGHAM, 2007), orientando a formação para crítica e para a participação positiva na cultura digital, pautada na ética e no respeito humano.

Mudar o aluno da condição de ouvinte para sujeito, uma formação que não está no currículo, mas pode estar presente. Os alunos vêm para a escola com celular para acessar a internet. Como a perspectiva cibercriticista e da mídia e educação poderia mudar a pedagogia tradicional? Pensar uma educação de qualidade na *web 2.0* que permita a integração e o protagonismo, para além de desenvolver a capacidade de ler e escrever, repetindo e reproduzindo conteúdos. Para além disso, desenvolver competências e saberes para contextualizar, problematizar, a partir de situações problema, no propósito de resolver desafios, incentivar alunos e professores a tornarem-se autores e coautores, integrar os espaços da *web* e da escola como ambientes de aprendizagem.

É por esta razão que entendemos a relevância de uma abordagem crítica à inserção das tecnologias na escola, que reconheça suas determinações, mas também busque seu potencial, de modo que um professor que acolha esta perspectiva cibercriticista de uso das tecnologias na escola proponha uma intervenção que tenha as mídias da cultura digital como espaço de formação crítica de seus alunos. Isto é, mais do que usar a *web 2.0*, que em si pode não constituir inovação nenhuma, posto que o uso comum tem sido fazer a mesma e velha exposição de conteúdos da educação tradicional de maneira mais performática, mas sim de reconhecer as interações sociais propiciadas pela *web* como um espaço rico e potencial de formação crítica. Contudo, não há receita pronta e a escola hoje encontra-se em momento de

experimentar novas formas de apropriação segundo esta perspectiva, como alternativa (cibercriticista) de um uso outro das TIC na escola, segundo outros objetivos humanos e sociais e, no caso, pedagógicos.

2.3 APRENDIZAGEM EM REDE

Vimos que a cultura digital também está no chão da escola, mesmo havendo resistências. Na perspectiva tradicional, professor é aquele que “ensina”, transfere, transmite saber ao aluno, que “aprende”, que recebe o conhecimento, entendido como um “pacote” pronto e acabado. Nesta perspectiva, a aprendizagem se dá na memorização e repetição dos conteúdos e atividades, organizados em livros didáticos, distribuídos em diferentes disciplinas, através da interpretação e explicação do professor. Porém, este modelo tradicional já está colocado em questão, tendo em vista que a sala de aula, o livro e o professor deixam de ser as únicas fontes de informações. Por exemplo, os alunos da sala de aula, com o celular na mão, podem acessar um vídeo, uma imagem ou uma síntese do conceito, no mesmo momento que o professor expõe o assunto de forma linear e desinteressante. Portanto, novas formas de ensinar e aprender surgem por professores que querem mudar a educação tradicional, e elas são viabilizadas e potencializadas por determinados usos das mídias.

Para além de estabelecer conexões com tecnologias digitais recentes e sofisticadas, aprender em rede é, antes de tudo, estabelecer conexões entre pessoas que tecem juntas um “produto” que é fruto da interação, da contribuição e do entendimento que cada um pode desenvolver de forma não estabelecida *a priori* (RAMOS et al., 2013).

Nesta perspectiva, entendemos que a aprendizagem não pode mais ser concebida como um processo linear, mas uma nova pedagogia que foque no processo de aprendizagem distribuída (MATTAR, 2013). Onde professores e alunos aprendem trabalhando em conjunto, colaborando uns com os outros através da interação e interatividade, o que é potencializado principalmente pelas redes sociais. Conforme Silva (2006, p. 186), “o professor faz a sala de aula perder o tradicional formato de auditório, dotando-a de condições estruturais e funcionais para uma prática educativa baseada na bidirecionalidade, na participação e expressão livre e plural das subjetividades”.

A aprendizagem se dá na exploração realizada pelos alunos e não a partir da récita do falar-ditar do professor. Para Pretto (2013, p. 20), “mais do que estar e participar da rede *on-line* é trazer este diálogo, esta troca descentralizada de contatos, para o *off-line*”. A aprendizagem em rede, se tomada pelos professores, vai acontecer dentro e fora da escola. Dentro da escola, na sala presencial, através de dinâmicas do professor, e fora da escola, por dinâmicas nas redes sociais. A rede social não é oposta à sala de aula, porque a aprendizagem em rede acontecerá neste espaço híbrido, que integra *on-line* e *off-line*.

A aprendizagem em rede se dá, portanto, através da experiência, da ação criativa e prática do aprender fazendo, a partir do que o aluno já sabe do seu contexto, para então ampliar seus horizontes através das várias interações e socializações. Temos na aprendizagem colaborativa uma vantagem quando consegue incorporar a ideia de aprendizagem reflexiva; quando o grupo consegue refletir sobre as suas práticas. Esse aprender a prática através de estratégias práticas tem a característica de aprender fazendo (SCHÖN, 2000), que percebemos estar presente nas formas com que crianças e jovens hoje fazem o uso das tecnologias.

As teorias construtivistas são as que mais teriam influenciado a aprendizagem mediada pela tecnologia, apresentando como características comuns: o novo conhecimento sendo construído sobre o fundamento do aprendizado anterior; o contexto moldando o desenvolvimento do conhecimento dos alunos; a aprendizagem como processo ativo, e não passivo; a linguagem e outras ferramentas sociais na construção do conhecimento; o ambiente de aprendizagem centrado no aluno e com ênfase a importância de múltiplas perspectivas (MATTAR, 2013).

É de fundamental importância para Silva (2006, p.74) que o “professor vá modificando seu modo de comunicar em sala de aula, tornando-se um formulador de problemas, provocador de situações, agenciador da construção do conhecimento”. E, na visão de Musacchio (2015, p.32), “o professor deve ter um papel de aprendente, pois quando entra em um nó da rede passa a ter a mesma prerrogativa de todos os demais: perguntar, questionar, e, portanto, aprender com seus alunos”. A ação do professor é a de selecionar, e intensificar provocações de pensamento e atividades elaboradas, para que provoquem mudanças em suas estruturas mentais proporcionando, portanto, mudanças no sujeito.

Reconhecemos que os espaços colaborativos da *web 2.0* não foram planejados para fins educativos. Mas observamos seu potencial como espaço público educador (LAPA; COELHO; SWERTEL, 2015), a partir do qual apresentaremos uma proposta de intervenção pedagógica que se

apropriada do Facebook. Essa proposta (detalhada no capítulo 5) tem como objetivo romper a lógica centralizada da sala de aula, incentivar professores e alunos, a partir da estrutura descentralizada de comunicação e interatividade das redes sociais virtuais, a formarem um ecossistema pedagógico, uma comunidade de aprendizagem coletiva, que promovesse nos alunos a autoria, o compartilhamento, a colaboração e a cooperação. Apesar de não ser tarefa fácil integrar as redes sociais nas instituições de ensino, acreditamos ser possível utilizar o ambiente virtual para o ensino formal presencial dentro de uma proposta de apropriação crítica e criativa e resolvemos investir nesta experiência, assim como na investigação desta prática docente.

2.4 POR QUE O FACEBOOK?

Para Lapa (2013), além de promover a integração de tecnologias dentro dos espaços formais de ensino da escola, talvez fosse possível pensar outros espaços de possibilidade para a apropriação crítica e criativa de tecnologias na integração que crianças e jovens já fazem das TIC em suas vidas cotidianas. Isto é, há uma vitalidade política na apropriação das redes sociais que pode indicar o potencial do uso destes espaços na formação crítica dos sujeitos para a transformação social. O que pode estar presente, também, nas práticas pedagógicas que integrem as tecnologias dentro da escola.

As redes sociais no ciberespaço se tornaram o fenômeno da internet, mudando a forma de se comunicar, de trabalhar, de se relacionar e de agir. Têm unido multidões nas ruas reivindicando direitos, depondo políticos, mudando legislações, a forma de fazer política, influenciando identidades e subjetividades, quebrando monopólios de poderosas redes de telecomunicações, tornando-se espaço de irradiações de culturas e subculturas. Tais ações no ciberespaço têm trazido para o debate temas como: espaços públicos de debate democrático, individualismo, colaboração, narcisismo, consumismo, discursos de ódio, preconceito, ética, cidadania, aprendizagem, educação e comunicação. Crianças e jovens estão na rede se relacionando, produzindo e consumindo informações.

No Facebook, por exemplo, são vistas possibilidades de benefícios para a educação escolar, como: o compartilhamento de informações de temas estudados em sala de aula, um canal de comunicação entre alunos, professores e comunidade, no debate e na apresentação de opiniões, entre outros. Por outro lado, pode ser considerado como elemento de distração e colocar como desafio o tipo de linguagem que os estudantes tendem a

utilizar. Assim, para que se possa usufruir desta ferramenta para otimizar o ensino, é preciso que as redes sociais *on-line* sejam melhor exploradas através do planejamento de uso com critérios, ética e responsabilidade, sempre de forma participativa (LORENZO, 2013).

Isto porque a utilizar redes sociais no ensino somente como repositório de conteúdos ou atividades para os alunos responderem não tem motivado os estudantes a participar no ambiente ou estudar. Santaella (1996) explica que o modelo de transmissão da informação e o paradigma de leitura atual devem mudar. Isso porque cada tecnologia tem seu próprio modelo de linguagem. Por isso, não adianta desenvolver programas educacionais para o computador tomando-se por modelo o livro ou a apostila, que são tecnologias que exigem uma leitura linear. Isto quer dizer que não podemos continuar utilizando o sistema do *mass media* de comunicação do falar - ditar - repetir num ambiente digital de alta interatividade e informalidade.

Diante da educação indireta das redes sociais, o pesquisador francês Serge Tisseron enfatiza a importância de um trabalho na perspectiva da mídia-educação. O autor desconstrói o mito que considera os adolescentes extraordinariamente criativos na internet. Argumenta que em geral as atitudes nas redes são mais passivas que participativas, demonstrando que a web interativa não é o mesmo que a web participativa (FANTIN, 2016).

Longe de sermos deterministas e tecnófilos em concluir que é o Facebook que promove a construção do conhecimento, acreditamos que ele é um ambiente que influencia informalmente os sujeitos em idade escolar, e tem um papel relevante a desempenhar na educação, pois poderá potencialmente ser um espaço de contribuição para a aprendizagem formal. Com este raciocínio, concordamos com Mattar (2013), que a comunidade escolar necessita planejar estratégias que irão potencializar suas práticas com estas interfaces e contribuir para uma aprendizagem colaborativa e reflexiva. Além do que, desenvolver competências essenciais no mundo globalizado e tecnológico, comunicação e a linguagem, promover autoria e cooperação através da criação de novas ideias, a partilha do conhecimento e estimular a motivação e o interesse.

Na opinião de Pretto (2013, p. 60), “não adianta termos *notebooks*, computadores, câmeras e *tablets* se o que se espera da escola, em última instância, é que tudo se resuma a um professor dando aulas”. Tecnologias, não podem ser vistas somente como meras auxiliares dos mesmos processos educacionais.

Então, qual seria a função da escola? Talvez uma formação integral dos sujeitos com potencial para transformação possa torná-los protagonistas de seu processo de ensino e aprendizagem e fazer com que integrem diversos espaços educadores, através da autoria e cooperação.

CAPÍTULO III

A FORMAÇÃO DE SUJEITOS NA CULTURA DIGITAL

Conhecer é tarefa de sujeitos, não é de objetos. E é como sujeito, e somente enquanto sujeito, que o homem pode realmente conhecer.
(Paulo Freire, 1980, p. 21).

Acreditamos que, independentemente da utilização das TIC, defendemos uma educação de qualidade, que passa pelo aprimoramento do educando como pessoa humana, incluindo a formação ética e o desenvolvimento da autonomia intelectual e do pensamento crítico de cidadãos atuantes na transformação social, conforme a LDB (1996). Vimos que para resolver o problema do descompasso entre a educação e a cultura digital não é suficiente aparelhar as escolas com computadores e *tablets*, com formação instrumental aos professores. Há desafios, mas também, devido à possibilidade da comunicação muitos-muitos, das redes sociais, as mudanças da comunicação na cultura digital apresentam a possibilidade de uma maior participação dos alunos, o que reconfigura a formação de sujeitos na cultura digital.

Novas identidades juvenis estão sendo formadas na sociedade da informação. O aluno já não é mais receptáculo a deixar-se recheiar de conteúdos. “Sem o saber que lhe permite aceder à informação e ter um pensamento independente e crítico, ele pode ser manipulado e infoexcluído” (ALARCÃO, 2005, p. 19). Neste contexto, a formação crítica está em oportunizar aprendizagens que façam apelo a atitudes mais autônomas, dialogantes e colaborativas, de descoberta e de construção de saberes alicerçada em projetos de reflexão e pesquisa, que venham ao encontro da interseção dos saberes, da ação e da vida (ALARCÃO, 2005). Nesta perspectiva, a iniciativa de projetos que incentivam autoria e cooperação de alunos e professores potencializa o *empowerment* pessoal, que está na cidadania participativa com a facilidade em aceder à informação.

Sem a pretensão de oferecer receitas prontas ou fórmulas mágicas para os desafios que se apresentam, pretendemos provocar a reflexão sobre os sujeitos (professor e aluno) em formação na cultura digital. Dividido em três seções: a formação crítica dos sujeitos nas redes sociais,

a formação para a autoria e a formação para a cooperação, o capítulo pretende intrigar o leitor sobre as principais dificuldades que se apresentam no contexto escolar.

3.1 A FORMAÇÃO CRÍTICA DOS SUJEITOS NAS REDES SOCIAIS

Quem nunca ouviu queixas de que os alunos simplesmente copiam trabalhos, pesquisas, resumos e textos prontos do *Google* e entregam para o professor como se fossem seus? Será que a internet com seu “poder ludibriante”, principalmente para os jovens, chegou para embrutecer os aprendentes? Se há a possibilidade de uma apropriação crítica dos meios, a pergunta seria como a *web 2.0* com seus elementos emancipatórios pode fomentar a autoria e a cooperação quando é senso comum o copiar/colar e a distração concentrada? Neste contexto um tanto contraditório, buscamos entender este sujeito.

Segundo Morin (2004, p. 127), “é preciso reconhecer que, potencialmente, todo sujeito é não apenas ator, mas autor, capaz de cognição, escolha e decisão”. O autor afirma que o sujeito é formado pela interação entre suas 3 dimensões: a social, a individual e a biológica. O sujeito é, portanto, produto e produtor da sociedade em que vive, e traz em si mesmo a alteridade através da qual ele pode comunicar-se com outro. Lapa (2013, p. 30) define o sujeito como “aquele indivíduo que é consciente das condições postas pelo mundo em que vive e é capaz de agir no mundo para transformá-lo”. Se é ponto de partida que o sujeito transcende sua individualidade para incluir também seus aspectos sociais, avançamos um pouco mais com Mendes Junior (2010, p. 95) por sua ênfase em uma de suas características principais: a autoria. Para ele, o sujeito autor seria:

Não como telespectador da *Mass Media*, mas que cria e produz a partir da troca de experiências e do diálogo, do dissenso que instiga o debate democrático, superando os discursos marxistas da reprodução do capitalismo.

A facilidade de acesso às informações disponibilizadas pela internet e redes sociais, juntamente com a portabilidade e interatividade disponibilizados pelos artefatos digitais, favorecem o protagonismo dos sujeitos, na recepção crítica de mídias tradicionais, na produção de conteúdos, ampliando o potencial dos cidadãos de articular a resistência ao poder a partir do espaço público (FANTIN; RIVORTELLA, 2010).

Porém, se por um lado mostrar-se nas redes sociais pode ser forma de emancipação com a possibilidade de desenvolvimento de reflexão política, por outro pode ser também de homologação e alienação, semiformação e distração concentrada.

A formação tem como condições a autonomia, liberdade e a emancipação dos indivíduos. E a seminformação se refere a uma falsa formação porque produz a acomodação destes sujeitos à situação de dominação a que estão submetidos. No contexto escolar, por exemplo, acontece quando o aluno ao encontrar as informações sobre certo assunto na internet copia-as e imprime-as na forma de um trabalho escrito que será entregue ao professor, sem que se sinta estimulado a pensar e a opinar sobre a bricolagem que fez, agravada pela distração concentrada (ZUIN, 2013).

Os constantes estímulos da sociedade da audiovisuabilidade provocam dificuldades de concentração, prejudicando assimilação de dados, pois não há o tempo e nem o esforço necessários para que o indivíduo possa estabelecer relações entre os conceitos de modo a criar novos significados. Nestas circunstâncias a presença do professor torna-se cada vez mais decisiva, como uma espécie de “freio de emergência”, no sentido de contribuir e incentivar de tal modo que estudantes tenham tempo e esforço necessários para pensar criticamente sobre aquilo que aprenderam. O problema da falta de concentração e indisciplina em sala de aula, em épocas remotas, era resolvido pela violência física e psicológica. No contexto da cultura digital, as relações de poder entre professores e estudantes poderiam ser mais humanas, juntamente com mudanças no conceito de autoridade do professor. É visto como necessidade, portanto, estimular o “parar para pensar”, fazendo com que erros e acertos de ambos possam ser discutidos coletivamente (ZUIN; ZUIN, 2011).

Defendemos então uma formação que esteja pautada na autoria e cooperação, fundamentada na mídia-educação, que implica a ação de sujeitos que estejam conscientes dos condicionamentos embarcados nas tecnologias, mas que busquem alternativas a eles. E seguiriam pela via cibercriticista proposta por Rüdiger (2011), com a possibilidade de uma apropriação crítica e criativa das TIC, pela perspectiva da teoria crítica. Esta abordagem permanece atual no sentido de denunciar a possibilidade de alienação a que todos estão sujeitos ao participarem dessa nova ordem. Nesta perspectiva, formar para uma leitura crítica não é mais suficiente. É preciso formar para uma autoria responsável, ou seja, refletir colaborativamente sobre o que foi produzido.

A busca por uma formação que seja crítica não é propósito apenas em tempos de cibercultura. É um ideal buscado por muitos educadores, como Paulo Freire em contextos anteriores ao cenário digital. Está na educação “humanizadora” e “libertadora” que utiliza a metodologia “problematizadora” e “conscientizadora” através do diálogo. Não é o ato de depositar informes ou fatos nos educandos, não é perpetuação dos valores de uma cultura dada, não é o esforço de adaptação do educando a seu meio, mas uma formação que possibilite o exercício crítico da leitura e da releitura do mundo (FREIRE, 1985). Está em incentivar os alunos a construir suas próprias ideias e reformularem-nas a partir das ideias dos outros. Isto é, falarem uns com os outros e ouvirem o que os colegas dizem, buscarem razões para justificar suas próprias crenças e manifestarem o que pensam, e incentivar o professor a não monopolizar o diálogo falando excessivamente (DALRI; JUNCKES, 2003).

Com esta perspectiva, Martin Barbero (2004, p. 352) também defende “uma educação capaz de ensinar a ler de forma cidadã o mundo, capaz de criar nos jovens uma mentalidade crítica, questionadora, desajustadora da inércia em que as pessoas vivem, do acomodamento na riqueza ou na resignação da pobreza”. Para o autor, a tecnicidade midiática pode ser uma estratégia de mudanças para a escola. Em uma sociedade que homogeneiza e massifica de diferentes maneiras, utilizar outro modo de ver e de ler, de pensar e de aprender, pode criar possibilidades de formar pessoas livres. E “ser livre é ser capaz de saber ler a publicidade e saber para o que ela serve” (MARTIN-BARBERO 2004, p. 352).

A metodologia do diálogo está presente na construção de uma escola reflexiva, oferecendo uma comunidade de aprendizagem, onde o desenvolvimento do espírito crítico faz-se no confronto de ideias, na capacidade de ouvir o outro, mas também de ouvir a si próprio e de se autocriticar (ALARCÃO, 2005). Uma formação que vai além de acumular o saber, uma aptidão geral para colocar e tratar os problemas, princípios organizadores que permitem ligar os saberes e lhes dar sentido (MORIN, 2004). A iniciativa de criar dissonância cognitiva e intrigar os estudantes para a pesquisa, problematizando conteúdos disciplinares, dialogando e elaborando na tentativa de se desfazer do cenário autocrático da aula instrucionista (DEMO, 2015).

O espaço virtual das populares redes sociais, por exemplo, pode ser alienante, por não possuir em geral o caráter informativo de jornais ou sites, ao receber opiniões formadas e impossibilitar uma crítica mais consistente sobre o acontecimento visto. Porém, por outro lado, potencializam mudanças nas formas de comunicação e metodologias de

aprendizagem na sala de aula, através da mediação do professor e do incentivo ao questionamento, reflexão e pesquisa.

Neste contexto, Castells (2013) complementa que a virtualidade faz parte essencial de nossas vidas. Não podemos pensar em nossas vidas fora da rede. Isto quer dizer que atuamos em espaços híbridos onde *on-line* e *off-line* se complementam e as redes sociais podem ser tomadas como espaços sociais de ação política democrática, que contribuem para a formação crítica de sujeitos, podendo também estar presentes em uma educação que vise ser emancipadora, ajudando professores a experimentar uma apropriação crítica e criativa das redes sociais da internet em suas práticas na educação formal (LAPA et al., 2015).

Faz-se necessária, portanto, a mediação crítica do professor, que na opinião de Moran (2007), ajudará a questionar, a procurar novos ângulos, a relativizar dados, a tirar conclusões, habilidades diante do acesso diversificado às informações sobre os fenômenos do mundo.

O grande desafio seria, agora, fazer uso das tecnologias dentro de uma mentalidade questionadora e crítica. Uma pedagogia nesta direção seria uma possibilidade prática para que os alunos se transformem em criadores de sentidos, entendendo como diferentes tipos de texto e de tecnologias operam, sendo analistas críticos na recepção e na produção e transformadores, usando o que foi aprendido de novos modos (ROJO; MOURA, 2012).

Entendemos, portanto, que para a superação da semiformação apresentada por Zuin (2013) é necessário que estudantes e professores tenham uma formação crítica dialógica e problematizadora, que vai além da memorização de fórmulas, datas e nomes que muito rapidamente serão esquecidos. Com este objetivo, a autoria e a cooperação são fatores importantes para uma educação crítica e de qualidade.

Sujeitos não devem reproduzir conteúdos, conhecimento, mas aprender a pensar para formar seu entendimento (WONSOVICZ, 2005). E isso na prática significa: questionar, problematizar, contextualizar e relacionar informações, despertando interesses pelos fatos vivenciados pelos alunos. Construir suas próprias ideias com argumentação e reformular a partir das ideias dos outros, no aprender fazendo com os outros, dividindo tarefas com objetivos comuns.

Qual dever ser o papel do professor? Basta não ser “transmissor”? A seguir, vamos analisar qual a relação e a importância da autoria para a aprendizagem e para a formação crítica. Partimos do entendimento de que a *Web 2.0* pode fomentar autoria, mas também homologar uma pedagogia da transmissão e instrução. Neste cenário se manifesta a necessidade da mediação crítica do professor que passa pela formação para a elaboração

e produção de conteúdo próprio, ancorada numa proposta de currículo numa perspectiva crítica.

3.2 A FORMAÇÃO PARA A AUTORIA

Paulo Freire (1980) já falava implicitamente de autoria quando defendia uma educação para a prática da liberdade, que passa pelo aprendizado como um modo de tomar consciência do real para a decisão com o objetivo de libertar-se das amarras da ingenuidade e da alienação, tornando-se um revolucionário, protagonista de sua própria história. Nesta perspectiva, é preciso “saber que ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua própria produção ou a sua construção”. Tendo como base a curiosidade e o pensar certo para evitar os “simplismos, as facilidades, e as incoerências grosseiras” (FREIRE, 2007, p.47). Por isso a formação para a autoria corresponde a uma formação crítica que passa pelo ensinar e aprender como um ato criador e crítico e não mecânico.

3.2.1 Aprender como Autor

Aprendizagem é um processo de construção do aluno-autor de sua aprendizagem, mas nesse processo o professor também tem sua autoria. Cabe ao professor promover o desenvolvimento de atividades que provoquem o envolvimento e a livre participação do aluno, assim como a interação que gera a co-autoria e a articulação entre informações e conhecimentos, com vistas a construir novos conhecimentos que levem à compreensão do mundo e à atuação crítica no contexto (ALMEIDA, 2005, p. 75).

Seguindo esta linha de raciocínio, apresentamos as contribuições de Demo (2015) quando defende que ainda permanece na escola e universidade o instrucionismo avassalador, mas que é possível uma educação para a autoria que está principalmente na montagem própria do projeto emancipatório: conscientização e leitura da realidade.

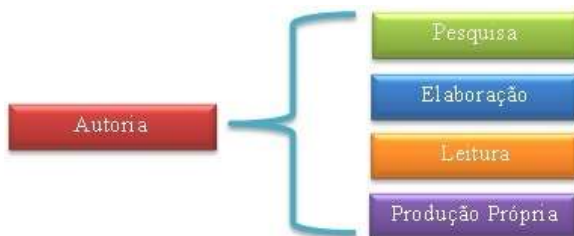
O instrucionismo é caracterizado por três atitudes comuns no contexto escolar e acadêmico, realizadas por vezes inconscientemente: “escutar o que o docente repassa, copiar o conteúdo repassado e reproduzir na prova”. Isto acontece na rotina de sala de aula onde não nos damos conta que a autonomia e a curiosidade de estudantes são sufocadas

pela nossa “obsessão por repasse de conteúdo, que procede na esfera apenas quantitativa do conteúdo repassando, sem mínima aprendizagem” (DEMO, 2015, p. 157).

Métodos de ensino que ainda se fundamentam na repetição e na descrição, nos estudos conteudistas e na explicação, operam sob a lógica do embrutecimento, quando uma inteligência é subordinada a outra inteligência, dividindo o mundo em capazes e incapazes, inteligentes e bobos. O princípio da explicação está “[...] ao mestre transmitir seus conhecimentos, adaptando-os às capacidades intelectuais do aluno, e verificar se o aluno entendeu o que acabou de aprender” (RANCIÈRE, 2002, p.20). Criticando a cultura da explicação, o autor defende a educação emancipatória que está em estimular o aluno a usar sua própria inteligência. Com a preocupação de “fazer compreender”, o mestre explicador subestima a capacidade intelectual do estudante de aprender sozinho ou com seus pares, formando futuros explicadores e reprodutores (RANCIÈRE, 2002).

O grande desafio que se apresenta é como promover aprendizagem com autoria para a formação de sujeitos críticos no espaço resistente da escola onde, na maioria das vezes, o professor “expõe, explica e interroga”, e os estudantes “devem escutar, compreender e responder”? Poderia estar na estratégia pedagógica de formar melhor, produzindo conhecimento com autoria.

Figura 3 - Elementos da Autoria



Fonte: Adaptado de Demo (2015).

O objetivo da Figura 3 é representar o conceito de autoria, entendida como a “habilidade de pesquisar e elaborar conhecimento próprio, no duplo sentido de estratégia epistemológica de produção de conhecimento e pedagógica de condição formativa” (DEMO, 2015, p.8). Ou seja, a autoria está na atitude de ser pesquisador, no sentido de questionar, reconstruir e construir conhecimento próprio utilizando o método científico formalmente correto.

A proposta não está em absoluto em abandonar conteúdos curriculares, mas possibilitar que crianças desde a mais tenra idade possam utilizar a sua curiosidade latente para questionar, problematizar e elaborar, utilizando método científico correto, tornando-se coautor de conhecimento produzido pela humanidade. O propósito apresentado por Demo (2015) é construir na escola uma educação onde professores e alunos são protagonistas de sua aprendizagem, que vai além de copiar conhecimentos mortos e embalsamados, sepultados em apostilas, livros e internet. O autor apresenta o que chama de pedagogia da problematização, que consiste em transformar conteúdos curriculares em desafios. Isto é, intrigar o estudante a pesquisar, elaborando a partir de seus resultados, texto e conteúdo próprios através de uma metodologia formal.

Elaborar significa escrever, reconstruir, “[...] tomar o que está dado e transformar em texto próprio. Uma reconstrução de dentro para fora permite transformar uma ideia que vem de fora em ideia própria” (DEMO, 2015, p.51). Ou seja, a formação para a autoria é como um “parto” para a maiêutica do método socrático, que buscava através do diálogo e questionamento a opinião própria. O autor compara este processo com a digestão, sem a qual não é elaborada a energia. A reflexão está para a produção própria como a digestão está para energia. Neste contexto, a escrita é prova concreta da compreensão e reconstrução e as iniciativas que incentivam o hábito da leitura são fundamentais na formação para a autoria.

O desafio de possibilitar uma ambiência favorável à autoria passa necessariamente pelo professor autor. “[...] No entanto, não detendo formação mínima em pesquisa, não sabe produzir conhecimento próprio, restando-lhe “dar aula” sem texto próprio, sem saber discutir, reconstruir, analisar textos, sem autoria condizente [...]” (DEMO, 2015, p.49). Entendemos com esta provocação que muitos professores apresentam dificuldades metodológicas e até disciplinares para elaborarem projetos próprios de pesquisa e criarem e escreverem textos próprios. E isto consequentemente torna-se um entrave para desenvolver nos estudantes esta prática que pudesse se tornar presente na rotina escolar. Iniciativas simples como elaborar textos em forma de histórias, artigos científicos, resenhas, contos, poesias, desenhos, charges, que estejam publicados em um livro, *blog* ou página do Facebook, são sempre bem-vindas, pois desenvolvem a criatividade e autonomia dos aprendentes. Porém, por vezes não representam uma regra na escola, mas um produto final para a exposição de feiras de conhecimento ou atividades de uma determinada disciplina. Outra dificuldade é como identificar que trabalhos apresentados como supostas autorias não são resultado do copiar/colar da

internet. Casos como textos plagiados serem avaliados com nota 10 e textos originais com notas inferiores ilustram a dificuldade de como avaliar, bem como a formação e prática necessárias dos professores para a produção própria.

É preciso, então, desfazer o cenário autocrático da aula instrucionista, centrado na autoridade intocável do docente flexibilizando tempo de pesquisa, leitura, conversa e escrita. E as ferramentas autorais que se apresentam são: pesquisa e elaboração, argumentação e contra-argumentação, método científico, literacia digital autoral e produção (DEMO, 2015).

Isto não significa abrir mão da autoridade e o papel mediador do professor que é o de ensinar. A fala do mestre não deve ser excluída, mas tão somente não produz aprendizagem de qualidade. O desafio é fazer isso com sentido, válido também para as práticas nas redes sociais.

3.2.2 Autoria na Cibercultura

No contexto da cibercultura, há visões como a do grupo de Veloso, em que a autoria está condicionada pela infraestrutura tecnológica e pelos usos, trocas e processos de criação de conhecimentos (VELOSO et al, 2016). Está certo que no mundo da *web 2.0*, devido à comunicação bidirecional, pode haver “o nascimento do leitor como sujeito engajado, com mais possibilidades de leituras, debates e produções que podem promover o seu protagonismo” (Rojo, 2013, p.84). Mas é sabido que a tecnologia em si não cria processos sociais. O que compreendemos é que há novas condições, desta vez favoráveis, para as trocas comunicativas. Elas são a base para uma nova postura, mais participativa dos sujeitos, que reflete um potencial de assumirem um protagonismo maior como autores nesses processos sociais suportados pela *web 2.0*.

O conceito de autoria é também outro desafio, como a ideia do leitor como coautor, dada a escrita colaborativa, a remixagem e a circulação em rede de diferentes textos, onde a noção de autor como criador originário é deslocada. Segundo Demo (2015), a mensagem da *Web 2.0* é geração de conteúdo próprio. As tecnologias não são para dar aula, reproduzir, expor, mas exercitar a autoria do estudante e professor, através de elaborações virtuais, ultrapassando o instrucionismo tradicional. As novidades trazidas pela internet são: a) a autoria individual e coletiva, onde a “esfera pública” pode promover novas faces da cidadania que sabe pensar; b) a motivação virtual das crianças, a partir da qual transformar a internet é referência de pesquisa e não de plágio; c) novas alfabetizações e textos multimodais, inserindo práticas de boa

argumentação; d) a aprendizagem informal, que se manifesta na habilidade de aprender sempre; e) o aprender bem, que está em pesquisar e elaborar, produção de textos próprios e coletivos sob orientação e avaliação docente (DEMO, 2009).

A autoria estaria na ação positiva e consciente deste público, que não é mais visto como mero consumidor de mensagens preconcebidas e, sim, como agente criador de valor e significado, pois ele escolhe, compartilha, reconfigura e remixa conteúdos de mídia (JENKINS; GREEN; FORD, 2014). A autoria está na interatividade, isto é, na qualidade e quantidade de interações, na expressão e confrontação, na coautoria, cocriação, na possibilidade de agir - interferir no programa e/ou conteúdo. Nesta perspectiva, a autoria é construída na cooperação, no coletivo, na troca, no diálogo, na participação conjunta, porque a aprendizagem é um processo de construção do discente que elabora os saberes através das interações com os outros. Nesta interação, o aluno não está mais reduzido a olhar, ouvir, copiar e prestar contas, mas cria, modifica, constrói, aumenta, torna-se coautor (SILVA, 2006). Com este cenário apresentado, não faz mais sentido exigir do aluno a memorização de conteúdos transmitidos via monólogo do professor ou a resposta a atividades copiadas da internet e postadas no *blog* ou grupo do Facebook.

Esta proposta está na sala de aula interativa, que propõe mudar a lógica da comunicação pautada na distribuição em massa da sala de aula, para a interatividade presente nos espaços digitais das novas tecnologias de comunicação. Mudar o modelo de comunicação no espaço escolar não significa substituir um modo de ler por outro mais estetizado, mas mudar a pedagogia da transmissão. Isto é, seja no laboratório de informática, no ambiente de educação *on-line*, ou na sala de aula com o livro didático, o professor percebe que o conhecimento não está mais centrado na emissão, na transmissão, mas está alocado na forma de abordar os alunos e os conteúdos disciplinares, introduzindo pedagogias que privilegiam o diálogo, a interação e a participação (SILVA, 2006).

Infelizmente, o modelo de comunicação de massa, pautado no paradigma da unidirecionalidade (emissor – receptor), ainda está presente de forma predominante no espaço escolar, condicionando professores e alunos a subutilizarem o computador e a internet, reduzindo sua apropriação das TIC a como utilizariam a televisão (assistir a vídeos ou ler textos) ou como utilizariam uma máquina de escrever (digitando trabalhos para entregar). “[...] Neste modelo, o professor não é estimulado à autonomia criativa em sala de aula, convertido um mero executor de decisões que técnicos planejam” (SILVA, 2006, p. 76).

A sala de aula interativa apresentada na Figura 4, é representada pela disposição de carteiras em círculo, supondo favorecer a interação e cooperação entre os alunos, potencializada pelo paradigma da bidirecionalidade das tecnologias digitais. Ou seja, o receptor também pode passar à condição de produtor e emissor. Isto quer dizer que a comunicação e o conhecimento se constroem entre alunos e professor como cocriação (SILVA, 2006).

Figura 4 - Sala de aula interativa



Fonte: Adaptado de Silva (2006).

Dessa forma, aproximam-se autoria e cooperação. Isto é, a aprendizagem seria um exercício de autoria e cooperação, onde professores e alunos aprendem trabalhando em conjunto, colaborando e cooperando uns com os outros através da interação, o que é potencializado principalmente pelas redes sociais. Nesta perspectiva, a autoria é construída na cooperação, no coletivo, na troca, no diálogo, na participação conjunta, porque a aprendizagem é um processo de construção do discente que elabora os saberes através das interações com os outros.

Atividades nesta direção, conforme Silva (2006), devem ser planejadas com o propósito de provocar iniciativas de inquietação criadora, como criar situações-problema para a realização de debates, emissão de opiniões e confronto de ideais, que oportunizem a participação individual e coletiva através de trabalhos em grupos colaborativos e com cooperação na autoria compartilhada. Nessa compreensão, participar vai além de responder sim ou não, mas inclui também interferir e modificar a mensagem, utilizando diferentes suportes e linguagens midiáticas (texto, som, vídeo, computador, internet). As mensagens são criadas em

mixagens e em multimídia, presenciais e *on-line*, de forma interativa, considerando os conteúdos como ponto de partida e não como ponto de chegada ao processo de construção do conhecimento (SANTOS; SILVA, 2014).

A partir de estudos sobre manifestações autorais na *Web* no cotidiano da formação de professores, Santos e Amaral (2016) concluem que autoria pressupõe recriar, lançar um novo olhar sobre o objeto do conhecimento, atualizando-o, fundamentada na interatividade, participação colaborativa, dialógica e conexão em teias abertas. As autoras refletem sobre a emergência da educação *on-line* na cibercultura que subverte um processo de ensino e aprendizagem que privilegia a aquisição de conteúdos e concede um espaço reduzido para discussões, reflexões e críticas acerca de fatos inerentes à sociedade contemporânea. E esta ambiência é estimulada por “práticas pedagógicas inovadoras, mediante projetos que incorporam o uso de *blogs*, *wikis* e redes sociais, favorecendo a interatividade e a integração de funcionalidades e conteúdos” (SANTOS; AMARAL, 2016, p.118).

Mais do que condições estruturais, trata-se de uma postura de compartilhamento, que questiona a privatização do conhecimento socialmente produzido, em defesa do acesso livre a conteúdos e formas, que é chamada de ética hacker. Autores como Silveira e Pretto (2008) defendem o movimento *software* livre e a cultura *hacker*, que implica construir uma nova cultura, socialmente mais justa, mais solidária, que oportunize articular redes de produção e socialização que permitam a todos usufruir dos bens imateriais produzidos pela humanidade. A autoria torna-se, portanto, um ponto chave nesta disputa de compreensão entre público e privado, entre benefícios individuais ou coletivos. Além deste aspecto, o próprio conceito de autoria ganharia outra dimensão, e o sujeito autor estaria mais próximo de transformar as informações recebidas e, ao remixá-las, produzir mais conhecimentos que são imediatamente socializados, instituindo-se um círculo virtuoso de produção de culturas e conhecimentos (VELOSO; BONILLA; PRETTO, 2016).

A defesa da liberdade de acesso às informações e também de uma internet livre, sem códigos, provocou obviamente preocupações nos detentores de privilégios individuais. Em reação à iniciativa de compartilhamento livre, veio a proteção dos donos de conteúdo, limitando, a partir da Lei do Direito Autoral, a reprodução de obras sem permissão do autor. Uma alternativa encontrada para aqueles que desejam aderir à ética hacker está no *Creative Commons*, por exemplo, que é uma iniciativa de licença criativa e pública. Cria a opção de um meio legal entre “todos os direitos reservados dos contratos de direitos autorais

tradicionais e o domínio comum, onde artistas e autores podem escolher como e quanto desejam autorizar o uso, a cópia e a recriação de suas obras” (LIMA; SANTINI, 2008, p. 55).

Da mesma forma, surge o termo *Copyleft*, utilizado por empresas e indivíduos que querem compartilhar suas obras e permitir que sejam utilizadas por outras pessoas. É a cópia que garante o reconhecimento do autor, permite que qualquer pessoa possa intervir, alterando, reproduzindo, redistribuindo e, por fim, revendendo esse produto, se desejar (VELOSO; BONILLA; PRETTO, 2016).

No que se refere à autoria na escola, ela deve estar além de consumo de informações, na criação de bens culturais como fotografias, músicas, programas de rádio, filmes e vídeos. Assim concebida, a autoria amplia o universo da sala de aula, estimula alunos e professores a produzirem esses bens culturais, articula-os com seu contexto social e cultural, disponibiliza-os de forma livre e aberta na rede internet, visando a sua apropriação coletiva (PRETTO, 2013). Para isso é necessária uma conexão de internet de qualidade com sinal de *wifi* aberto e livre em todos os âmbitos do espaço escolar. Pois é na liberdade de acesso e na habilidade de usufruir dos bens imateriais produzidos pela humanidade que está, para Veloso et al (2016), a oportunidade de formação crítica de cidadãos que saibam pensar e intervir, fazer escolhas e tomar decisões.

3.2.3 Redes Sociais e a Autoria Cooperativa

Do ponto de vista pedagógico, existem diversas ferramentas de acesso público que favorecem o exercício da autoria em espaços virtuais: a *wikipédia* e videogames que incentivam a produção de conteúdo próprio. A *wikipédia* permite a produção colaborativa de uma enciclopédia que se mantém aberta à edição e é gratuita. Os videogames instigam nos jogadores a autonomia, quando buscam soluções para complexos desafios através de discussões *on-line*, ou quando criam softwares para avançar no jogo (DEMO, 2015). A pluralidade das interfaces de redes sociais em conexão com a *web* como, por exemplo, *Facebook*, *YouTube*, *Twitter*, *Instagram*, dentre outros, permite que os usuários compartilhem suas coautorias, que podem representar um grande potencial comunicacional e pedagógico, quando são articuladas a uma mediação docente intensa e provocadora (SANTOS et al, 2015).

Esta mediação docente, deve ser realizada segundo uma postura da ética dos *hackers*, favorecendo a participação, a colaboração, a liberdade e o compartilhamento. Assim, o computador deveria ser introduzido nas escolas, não como mera ferramenta, ou como máquinas aprisionadas em

um laboratório, mas de um modo que permitisse a colaboração, num processo de resgate do papel de ativista do professor (PRETTO, 2010).

A partir da perspectiva *hacker*, que quer tomar as máquinas para melhorar o mundo, como afirma Pretto (2010), inferimos que toda autoria é um pouco coletiva, um pouco compartilhada. Para Demo (2010), a internet como esfera pública não pode ser ocupada apenas pelo especialista que sabe técnicas sofisticadas da argumentação, mas pela coletividade (todos podem editar). São possíveis, portanto, autorias cooperativas, pois “[...] o que se posta na internet é sempre um texto aberto e discutível, o que se comenta ou agrega a este texto também é aberto e discutível” (DEMO, 2010, p.15). Esta autoria compartilhada e inacabada pode ser dividida em: quem compartilha um post entre seus amigos; quem constrói o *post*, misturando certa imagem e certo texto; e a quem o conteúdo do *post* é atribuído, no caso de atribuição a terceiros, sendo geralmente o texto atribuído a este autor e a imagem ilustrativa relacionada ao autor (BRISOLARA, 2013).

Aluno e professor, por exemplo, como membros da equipe de trabalho e do grupo de estudos no Facebook, contribuem com a sua participação individual na execução da tarefa proposta, na atitude de escolher, visualizar, curtir e comentar um *post* e não outro. A interpretação é rapidamente discutida na rede, onde há o registro memorial de todas as participações, onde, também, algumas estratégias de atividades podem incentivar os alunos a construir suas próprias ideias e as reformularem a partir das ideias dos outros. Isto significa que aprender com autoria significa colaborar e cooperar com os pares através da interação.

Esta concepção nos conduz a outro conceito relevante da aprendizagem na cultura digital. A saber, a colaboração e a cooperação são formas de interação fundamentais para a aprendizagem, principalmente em atividades em grupos em sala e/ou em ambiente virtual através de *chats* e fóruns de discussão, de modo que merecem destaque e estudo, assim como a autoria.

3.3 A FORMAÇÃO PARA A COOPERAÇÃO

Entendemos que a colaboração e a cooperação constituem a base do processo de aprendizagem, tendo como hipótese teórica as teorias construtivista e sócio-construtivista decorrentes dos trabalhos de Piaget e Vygostsky. Para o construtivismo, o conhecimento é (re)construído pelo indivíduo nas interações com o ambiente externo. O aluno é o sujeito ativo no processo de aprendizagem, por meio da experimentação, da

pesquisa em grupo, do estímulo à dúvida e ao desenvolvimento do raciocínio (CAMPOS et al, 2003).

Autores como Torres e Irala (2014) lembram que há teorias de aprendizagem que valorizam a colaboração e a cooperação. Nelas, compreende-se que o conhecimento é construído socialmente, na interação entre pessoas e não pela transferência do professor para o aluno, de modo que rejeitam fortemente a metodologia de reprodução do conhecimento, que coloca o aluno como sujeito passivo no processo de ensino-aprendizagem. Assim entendidas, a autoria, a colaboração e a cooperação são habilidades fundamentais a serem desenvolvidas no espaço escolar, com o intuito de formar sujeitos críticos e autônomos.

Sem a pretensão de apresentar um confronto de opiniões ou juízo de valor sobre a validade ou veracidade de conceitos, propomos identificar algumas diferenças entre termos com o propósito de justificar e fundamentar a nossa escolha por cooperação.

3.3.1 Cooperação ou Colaboração?

Os termos cooperação e colaboração muitas vezes são usados indiscriminadamente. Vamos aqui propor uma distinção que será seguida nesta dissertação. Nos amparamos em Belloni e Gomes (2008), para as quais a cooperação vai além da colaboração, por exigir, além do trabalho coletivo, o compromisso dos participantes com um projeto comum. Passa a haver cooperação quando existe um trabalho em comum relacionado com o sucesso de um projeto compartilhado entre os participantes. As autoras compactuam com Barros (1994, p.38) quando este faz a distinção entre os termos: “[...] colaboração está relacionada com contribuição enquanto que cooperação, além de abranger o significado de colaboração, envolve o trabalho comum visando alcançar um objetivo comum”.

Então, para as autoras, o conceito de cooperação é mais complexo na medida em que a colaboração está incluída nele, mas o contrário não se aplica. Ou seja, pressupõe a interação e a colaboração, além de relações de respeito mútuo em vínculos não hierárquicos, uma postura de tolerância e convivência com as diferenças e um processo de negociação constante. Percebemos que a diferença fundamental entre ambos os conceitos reside no fato de que para haver colaboração um indivíduo deve interagir com o outro, existindo ajuda - mútua ou unilateral. Para existir cooperação deve haver interação, colaboração, mas também objetivos comuns, atividades e ações conjuntas e coordenadas (MAÇADA; TIJIBOY, 1998).

Etimologicamente, colaborar (co-labore) significa trabalhar junto, tem um sentido de “fazer junto”, de trabalhar em conjunto com interação, não havendo uma figura hierarquizada no grupo. Podemos analisar a palavra colaboração como co-laborar, ou seja, co-trabalhar. Cooperar seria um trabalho em comum, auxiliar no processo de um objetivo comum juntamente com outras ações conjuntas, tendo um propósito comum. (KNIHS, 2007).

Cooperar é operar em comum, está fundamentado na igualdade e a reciprocidade dos parceiros. E colaborar resume-se à reunião das ações que são realizadas isoladamente pelos parceiros, mesmo quando o fazem na direção de um objetivo (PIAGET, 1973).

A diferença da cooperação ocorre quando há uma divisão de funções e tarefas entre os integrantes do grupo ou equipe de trabalho, na busca de um objetivo comum, e para isso é necessário a colaboração entre os integrantes e com o professor, através do consenso e ajuda mútua com as contribuições individuais a fim de se alcançar os objetivos comuns estabelecidos pelo grupo. Na cooperação é fundamental que haja interação, colaboração, mas, além disso, é preciso compartilhar objetivos e realizar ações em comum. Assim, não existe cooperação sem colaboração, mas pode existir colaboração sem cooperação. Desta forma, para cooperar é necessário colaborar para se estabelecer a organização.

Figura 5 - Componentes da Cooperação



Fonte: Adaptado de Barros (1994)

O objetivo da Figura 5 é representar os processos que envolvem a cooperação: comunicação, negociação, coordenação, correalização,

compartilhamento, reciprocidade, colaboração e objetivo comum. Neste desenho se insere a afirmação: “Uma ação cooperativa significa o compartilhamento de um objetivo, de ideias, de conhecimento e de decisões que possibilitam a realização de ações conjuntas visando alcançar a meta comum” (BARROS, 1994, p. 57).

A autora nos apresenta instrumentos para um trabalho cooperativo apoiado por computador e internet, de forma que seja compartilhado pelos participantes de grupo de trabalho, que podem ser alvo de ações conjuntas. Atividades como: autoria de textos, criação de material didático, geração de cursos, projetos participativos em engenharia, reuniões, desenvolvimento de software, legislação, vídeo, programas e base de dados (BARROS, 1994).

Para que haja cooperação é necessário comunicar, compartilhar e coordenar. Comunicar para estabelecer um vínculo entre os indivíduos através do compartilhamento dos "objetos" gerados na comunicação, na ação, presentes também na reciprocidade e nas interações. Compartilhar significa ter acesso comum e dividido a arquivos ou a ferramentas de *software*. E, para que do turbilhão das ações e emoções não surja o caos, é necessário a coordenação harmônica dos "movimentos" dos participantes. “Cor-realização é o trabalho cooperativo em essência - é o fazer junto, em conjunto. É o co-projetar, co-desenvolver, co-realizar e co-avaliar” (BARROS, 1994, p. 28). Segundo a autora, em uma atividade em conjunto deve haver planejamento, coordenação, negociação e concordância para a realização do objetivo comum. A coordenação é importante para interações indesejáveis ou desentendimentos. A concordância é realizada com a negociação para que sejam evitados conflitos. Negociar envolve argumentar e decidir a respeito de uma opinião ou proposta, com o propósito que ela seja aceita por outras pessoas (BARROS, 1994).

O processo de interação em atividades de pequenos grupos, por exemplo, ajuda no desenvolvimento de habilidades de pensamento elaboradas e aumenta as habilidades individuais para o uso do conhecimento. A reflexão do aluno sobre suas próprias crenças e processos mentais é estimulada, e surgem sujeitos em grupos a construir conhecimento e solucionar problemas em comum (TORRES et al, 2004).

Pode haver cooperação em grupos de estudos e desenvolvimento de projetos, onde se pretende a construção de um determinado conhecimento. É possível afirmar que equipes de trabalho com interesse comum constituem ambientes de aprendizagem cooperativa. Mas o fato

de apenas pessoas trabalharem juntas não resulta em cooperação, pelo contrário, pode provocar competição entre os integrantes das equipes.

Observa-se, portanto, na cooperação uma importante habilidade para uma educação de qualidade, no aprender fazendo com os outros, dividindo tarefas com objetivos comuns, não somente no chão da escola, mas para uma sociedade mais ética e humanitária. A questão que se coloca é como as diferenças conceituais entre cooperação e colaboração são identificadas no processo de aprendizagem?

3.3.2 Aprendizagem Cooperativa

A aprendizagem colaborativa é apresentada por Torres e Irala (2014) como uma situação de aprendizagem na qual duas ou mais pessoas aprendem ou tentam aprender algo juntas. Em um contexto escolar, seria duas ou mais pessoas trabalhando em grupos com objetivos compartilhados, auxiliando-se mutuamente na construção de conhecimento.

Na perspectiva da aprendizagem cooperativa, o trabalho em grupo potencializa aprendizados individuais através da comunicação e da busca para alcançar um objetivo comum. A construção de um conhecimento coletivo acontece a partir dos conhecimentos e das aprendizagens individuais. Envolve processos cognitivos e processos sociais que são fruto da interação com o objeto de estudo e da interação entre os participantes. Neste contexto, a linguagem através da discussão e da conversação tem importância como coparticipante na estruturação do pensamento e do conhecimento (BARROS, 1994).

Na colaboração, o processo é mais aberto e os participantes do grupo interagem para atingir um objetivo compartilhado. Já na cooperação o processo é mais centrado no professor e orquestrado diretamente por ele. Trata-se de um conjunto de técnicas e processos que os alunos utilizam com uma maior organização dentro do grupo de estudo para a concretização de um objetivo final ou a realização de uma tarefa específica. É um processo mais direcionado do que o processo de colaboração, e mais controlado pelo professor (TORRES; IRALA, 2014).

A aprendizagem cooperativa ocorre quando a aquisição de competências e de conhecimentos é resultado da integração (ou interiorização) de um ponto de vista de outrem, em um grupo de pares, no qual cada participante pode desenvolver competências individuais que não tinha no início. Projetos coletivos de trabalho ou de aprendizagem, realizados em ambientes computacionais, são meios adequados para

desenvolver atividades cooperativas ou colaborativas mediadas pelas tecnologias (BELLONI; GOMES, 2008).

Não basta agrupar alunos em equipes para haver um trabalho e aprendizagem cooperativa. Segundo Campos et al (2003), são necessários alguns métodos:

- a) Interdependência positiva: garantir que os outros membros do grupo também aprendam;
- b) Interações face a face: maximização das oportunidades de interação, ajuda e apoio;
- c) Responsabilidade individual: difusão de responsabilidades, relatórios e avaliações individuais. O sucesso do grupo depende do sucesso individual e vice-versa;
- d) Habilidades sociais: comunicação apropriada, resolução construtiva de conflitos, participação, aceitação dos outros, leitura compartilhada, a empatia e a perspectiva afetiva, compromisso com a equipe;
- e) Autorreflexão de grupo: tempo para refletir conjuntamente sobre o processo de trabalho.

Em reuniões de professores, ouvimos algumas queixas sobre as dificuldades de organizar e executar atividades pedagógicas em grupos em sala de aula. Problemas com indisciplina, falta de participação, perda de tempo e dispersão. Os autores Menereo e Gisbert (2005) apresentam algumas interrogações clássicas sobre a aprendizagem cooperativa. Entre elas estão a capacidade de promover um estudo cooperativo em um mundo competitivo; sobre os motivos que provocam indisciplina em sala de aula com os trabalhos em equipe; quanto ao entendimento de que o trabalho coletivo permite que se perca a individualidade; e a implicação de que alguns alunos podem se aproveitar de outros colegas.

A cooperação é defendida também em ambientes competitivos, porque ser competitivo também significa ser capaz de trabalhar em equipe. As equipes mais competitivas no mundo profissional, científico ou esportivo o são graças à cooperação entre os indivíduos. Contudo, nesse contexto, é importante que se tenha normas bem claras e responsabilidades bem definidas, para que os problemas clássicos de disciplina desapareçam, pois o controle do cumprimento de normas é transferido para as equipes e o sucesso individual depende da equipe e vice-versa. A contribuição individual de cada membro do grupo é imprescindível, mas dentro de um contexto social (MENEREO; GISBERT, 2005).

Pela aprendizagem cooperativa, a ênfase não está na transmissão de conteúdos, porque o fato de termos comunicado rapidamente o

conteúdo aos alunos não significa que ensinamos. Ocorre, sim, que tornamos possível o aprendizado de todos os alunos, e quando há uma grande interação entre eles, o aproveitamento do tempo é maior que na sala de aula tradicional (MENEREO; GISBERT, 2005). “Esta abordagem de aprendizagem incentiva a autonomia dos alunos, o respeito ao pensamento dos outros, visando ao enriquecimento de aprendizagem individual pelas experiências de cada membro do grupo” (CAMPOS et al, 2003, p. 46). A aprendizagem cooperativa (cooperar na ação) é realizada/sustenta-se nas metodologias ativas e dentro delas pedagogia de projetos e resolução.

3.3.3 O Facebook como Ambiente de Cooperação

Tendo em vista a ênfase na interação social capaz de promover a cooperação e a autoria, destacamos o Facebook e *Twitter* como espaços favoráveis que têm se tornado os novos ambientes onde as relações sociais de nossos alunos têm acontecido.

É possível reconhecer uma comunidade virtual nas redes sociais quando há a predominância de interações cooperativas no sentido de gerar e manter sua estrutura de comunidade. Quanto mais interações cooperativas com interesse comum, mais forte se torna o laço social desta estrutura, formando-se o capital social, podendo gerar um grupo coeso organizado e engajado (RECUERO, 2005a).

Para a autora, as práticas cooperativas e colaborativas são ativadas pelo capital social construído nas conexões. Está na reciprocidade e confiança construídas nas relações entre as pessoas, provocando nos indivíduos o engajamento e senso cívico, a cooperação e a emergência de valores sociais. Pois as pessoas a que nós estamos conectados influenciam nosso modo de ver e compreender o mundo, tornam-se parte integrante de nossa formação enquanto sujeitos (RECUERO, 2009b).

Essas conexões são construídas através das conversações em rede, que necessitam ser compreendidas como fenômeno da contemporaneidade. Para a análise de conversações nas redes sociais, apresentamos alguns aspectos de Recuero (2014c) a serem mapeados:

- a) Conteúdo e sequenciamento das interações: é preciso compreender como elas se relacionam entre si. O que se diz para que se compreenda também como se diz.
- b) Identificação e estrutura dos pares conversacionais: identificar qual mensagem é resposta a qual ator.

- c) Reciprocidade e persistência: a reciprocidade de sentimentos envolvidos em cada interação e o tamanho da conversação e sua extensão no tempo (RECUERO, 2014c).

As conversações veiculadas pelos diversos sites de redes sociais, especificamente do Facebook, segundo Recuero (2014c), impactam os sujeitos, construindo capital social, valores sociais que influenciam o modo de ver e concordar ou discordar em eventos cotidianos, como por exemplo, eleições. Mesmo pautado por discursos de ódio, há uma potencialidade para construir uma ambiência onde haja atitudes de cidadania com cooperação, que está na ação dos sujeitos na construção de sentidos, a partir do entendimento comum. O diálogo e/ou a conversação em rede constituem elementos fundamentais para criar laços, fomentar discussões, auxiliando as pessoas a se organizarem através das ferramentas digitais.

Assim como na sala de aula, espaços *on-line* como o das redes sociais podem contribuir para a cooperação e aprendizagem cooperativa. “[...] A classe se torna uma verdadeira comunidade de indivíduos que participam da elaboração de regras para alcançar o melhor desenvolvimento em seus projetos e atividades” (ELIAS, 2002, p.66).

A popularização das redes sociais está forjando um espaço para que a aprendizagem cooperativa ocorra fora dos limites das salas de aula, ao fornecer suporte cada vez mais estável, seguro e amigável para a criação de ambientes de aprendizagem cooperativa, em que alunos e professores cooperam entre si, sem as limitações de barreiras geográficas e de tempo. E exigindo uma postura pedagógica inovadora (CAMPOS et al, 2003).

Alunos e professores podem produzir conteúdos de materiais advindos de pesquisas, trabalhos em equipes, estudos individuais que se traduzem por postagens em seus perfis. Porém, a formação crítica não se dará apenas por este “consumo” de informações e conhecimentos previamente (e socialmente) construídos. Por exemplo, assistir a um vídeo no ambiente virtual ou resolver uma lista de atividades no Facebook são apenas o pontapé inicial para a aprendizagem que ocorrerá nas interações e questionamentos. Não podemos correr o risco, segundo Pretto (2013), de continuarmos telespectadores e reprodutores de conteúdos da *mass media* na era digital. As mesmas práticas com novas ferramentas permitem, antes da inovação, a continuidade do modelo de professores reprodutores.

Apesar desta tendência redutora, há iniciativas criativas de professores e alunos que, ao utilizarem redes sociais na escola, criam ambiências para uma aprendizagem com autoria, colaboração e

cooperação. Alguns exemplos estão na realização de: grupo de estudos, campanhas solidárias, desafios do conhecimento, campanhas de conscientização, mutirões de cidadania, fóruns de debates, *fan pages* para *web rádio*, *TV web* e jornais digitais. São iniciativas onde alunos e professores transcendem o modelo de transmissão de conteúdos e tornam-se pesquisadores, repórteres, sujeitos produtores da história de sua escola, bairro e município, isto é, são receptores e também produtores de conteúdo. Cidadãos participantes que questionam e denunciam possíveis irregularidades e também divulgam exitosas experiências. Estas experiências não significam um abandono dos conteúdos curriculares, pois estes podem se tornar um ponto de partida e de fundamentação para a realização de atividades.

A potencialidade da integração das redes sociais em experiências similares está no favorecimento que as TIC criam para que os alunos: a) publiquem, comentem e acrescentem conhecimento ao trabalho dos colegas; b) tenham acesso e reflitam sobre o tema abordado segundo diferentes ângulos; c) interajam com alunos de outra escola, compartilhando notícias, vídeos, comentários, anseios e dúvidas. A base para a colaboração está criada, mas ela só acontece quando estudantes e professores se dispõem a interagir neste espaço virtual, quando ajudam e contribuem com o grupo através do compartilhamento de informações e da promoção do diálogo. A cooperação vai um pouco mais além da colaboração, como explicitamos anteriormente, e acontece quando o objetivo compartilhado demanda uma ação conjunta para a sua conquista. De modo que se faz necessário um entendimento a cerca dele, uma negociação das compreensões individuais em prol de uma que seja comum, compartilhada no grupo.

A sala de aula precisa transformar-se em uma comunidade de aprendizagem investigativa, onde os alunos, juntamente com os professores, questionam e participam de um processo dialógico, em que os conceitos e conteúdos serão construídos e discutidos coletivamente.

Não são poucos os desafios para a formação de sujeitos na cultura digital. O que defendemos é que as mudanças da comunicação na cultura digital apresentam a potencialidade de uma maior participação dos alunos, o que reconfigura a possibilidade de uma formação de sujeitos na cultura digital.

CAPÍTULO IV

E A ESCOLA?

Ser Professor não é dar aula, mas cuidar
que o aluno aprenda, bem como ser aluno
não é escutar, mas reconstruir
conhecimento, formar-se, tornar-se
cidadão. (DEMO, 2009, p.17).

A situação de altos números de evasão e repetência escolar, baixos índices nos resultados de avaliações externas como indicadores de qualidade, somados ao problema do descompasso da educação e cultura escolar, resume o quadro crítico do ensino médio de escola pública a nível nacional e estadual. Este capítulo buscará problematizar estas questões a partir da reflexão sobre as metas e diretrizes das legislações da educação em sua relação com as mudanças de paradigmas na educação, com novas formas de aprender, de ensinar, ser e se relacionar na cultura digital, conforme já apresentado no segundo capítulo.

4.1 OS DESAFIOS DO ENSINO MÉDIO NA CULTURA DIGITAL

Segundo o Censo Escolar/INEP 2014³, a internet está presente em 61% das escolas brasileiras, e com Banda Larga em apenas 51% das escolas. Mas ainda assim, não está claro se este acesso é feito pelos alunos (ou só pela administração e professores), nem como é feito. Seja pelas escolas não possuírem infraestrutura adequada, ou pela proibição do acesso à internet dentro de seus muros, o que isto significa é que muitos alunos que são nativos na cultura digital não encontram na escola o espaço de acesso. A democratização do acesso, não apenas à escola, mas à cultura digital, é um dos grandes desafios para o Brasil, ainda mais tratando-se da universalização do ensino médio, etapa que se tornou obrigatória para adolescentes na faixa etária de 15 a 17 anos.

Com base no Pnad⁴, 59,5 % de jovens de 15 a 17 anos são matriculados no Ensino Médio, dos quais apenas 54,3% concluem esta etapa de ensino até os 19 anos. Este índice varia com a condição

³Matrículas e infraestrutura - Tecnologias.<<http://www.qedu.org.br/brasil/censo-escolar>>.

⁴ Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio (Pnad) 2013. Realizada pelo IBGE. Disponível em:<<http://www.todospelaeducacao.org.br/>>.

socioeconômica, isto é, quando se é pobre este índice cai para 22,4%. Além disso, 31,1% dos alunos que cursam o ensino médio (cerca de 2,6 milhões) encontram-se em situação de atraso escolar, de acordo com o Censo Escolar de 2012. No Brasil, cerca de 2,9 milhões de crianças e jovens de 4 a 17 anos estão fora da escola. Desses, aproximadamente 1,6 milhão são jovens de 15 a 17 anos que deveriam estar cursando o Ensino Médio.

O IDEB, Índice de Desenvolvimento do Ensino Básico, em sua tarefa de apresentar um diagnóstico do ensino médio, contribui por mobilizar a sociedade e ser condutor de política pública em prol da qualidade da educação. Calculado com base no aprendizado dos alunos em português e matemática (Prova Brasil), e fluxo, utiliza uma escala que vai de 0 a 10, sendo que a meta para o Brasil é alcançar a média 6.0 até 2021⁵. A figura abaixo mostra a evolução do IDEB do ensino médio de Santa Catarina dos anos de 2005 a 2015.

Figura 6 - A Evolução do Ideb



Fonte: *Print screen* (<http://www.qedu.org.br/estado/124-santa-catarina/ideb?dependence=2&grade=3&edition=2015>)

O IDEB de 2015 no ensino médio de Santa Catarina não atingiu a meta 4,4 para o ano, e teve queda de 4,0 em 2011 para 3,4 em 2015, enquanto a nível de Brasil, o índice é de 3,5. Comparado ao ensino fundamental, nos anos iniciais 5,9 e nos anos finais com 4,7, o ensino

⁵ O que é o Ideb? (<http://www.qedu.org.br/ideb#o-que-e>).

médio precisa melhorar a sua situação para garantir mais alunos aprendendo dentro de um fluxo escolar adequado.

Podemos perceber que os índices de aprendizagem e de fluxo sofrem uma queda considerável na trajetória escolar, das séries iniciais até o ensino médio, o que nos leva a questionar quais as possíveis causas destes problemas e como seria possível avançar,

O UNICEF realizou um estudo em que ouviu 250 adolescentes em várias cidades brasileiras entre os anos de 2012 e 2013, com 51 entrevistas em profundidade. Como resultado interessante, apontaram 10 (dez) principais desafios para o ensino médio brasileiro (UNICEF, 2014), que destacamos a seguir:

- a) Lidar com os adolescentes que estão retidos no ensino fundamental, (35,2%). A falta de infraestrutura das escolas e a falta de uma cultura que valorize os estudos são as principais causas.
- b) Trazer para a sala de aula os excluídos do ensino médio. O trabalho tem sido apontado como o vilão da reprovação e evasão escolar.
- c) Investir na relação educador-educando. Exigem-se cada vez mais dos docentes habilidades que eles não possuem e com as quais não têm sido contempladas em sua formação.
- d) Valorizar o professor. Os dados do Censo Escolar 2012 mostram que, nas cidades, 51% dos professores do ensino médio têm curso superior com Licenciatura, e na zona rural, o percentual é de 49,5%.
- e) Levar em conta a diversidade do público e dos contextos. É preciso levar em conta o contexto em que estão inseridos e as dificuldades que enfrentam para ter acesso e permanecer na escola.
- f) Enfrentar a discriminação, a violência e o *bullying*. Muitos programas de redução de violência nas escolas incluem atividades de esporte, cultura e lazer como forma de socializar os alunos e diminuir a violência.
- g) Repensar a organização escolar. Desenvolver uma capacidade de reflexão e de crítica ao mundo no qual se vive e promover uma Gestão Democrática.
- h) Definir uma identidade para o ensino médio. Ter um programa pedagógico afinado com as necessidades e os projetos de vida dos adolescentes.
- i) Investir mais em educação. Melhorar a gestão dos recursos e garantir que as políticas do setor sejam efetivas.

- j) Garantir um fluxo escolar adequado e o acesso ao ensino médio para todos os adolescentes. Há necessidade de profundas mudanças em infraestrutura, currículo, organização escolar, formação de professores, entre outros.

Uma maneira de lidar com estes desafios pode ser encontrada no Projeto de Lei nº 8.035, de 2010, de autoria do Poder Executivo, que institui o Plano Nacional de Educação (PNE – 2011-2020), que apresenta em sua meta nº3 “Universalizar, até 2016, o atendimento escolar para toda a população de 15 (quinze) a 17 (dezesete) anos e elevar, até 2020, a taxa líquida de matrículas no ensino médio para 85%” (BRASIL/PNE, 2011, p. 26). Uma meta com um desafio monumental a ser alcançado em tão pouco tempo, mas ao mesmo tempo urgente, possui a seguinte estratégia:

Institucionalizar programa nacional de renovação do ensino médio, a fim de incentivar práticas pedagógicas com abordagens interdisciplinares estruturadas pela relação entre teoria e prática, por meio de currículos escolares que organizem, de maneira flexível e diversificada, conteúdos obrigatórios e eletivos articulados em dimensões como ciência, trabalho, linguagens, tecnologia, cultura e esporte, garantindo-se a aquisição de equipamentos e laboratórios, a produção de material didático específico, a formação continuada de professores e a articulação com instituições acadêmicas, esportivas e culturais (BRASIL/PNE, 2011, p. 26).

Para tentar manter os jovens estudando, o novo PNE aposta na diversificação curricular, no investimento na formação de professores, em equipamentos e laboratórios e na criação de programas de correção de fluxo. Aumentar as matrículas do ensino médio integrado ao profissionalizante e colocar o Enem como seleção de vagas para o ensino superior também são estratégias propostas. A recente melhora das taxas de fluxo escolar no Ensino Fundamental faz aumentar o número de matrículas do Ensino Médio, mas o País ainda está longe de alcançar patamares ideais. Altas taxas de evasão persistem no ensino médio. O modelo curricular ultrapassado, baseado em um número excessivo de disciplinas, torna a etapa desinteressante para o jovem do século XXI. Coloca-se em debate qual tipo de formação daria conta dos inúmeros desafios já elencados para o ensino médio. Se seu foco, como já

apontamos anteriormente, estaria na formação para a cidadania, para o mercado profissional, ou tentaria uma síntese das dessas duas opções.

Atualmente, o país trabalha com três linhas de estratégias educacionais: a primeira busca integrar o ensino médio “tradicional” (também chamado de propedêutico) com o ensino profissionalizante; a segunda propõe uma grade curricular inovadora e flexível, que combine áreas do conhecimento com linguagens criativas e de diálogo com a comunidade; a terceira seria a educação integral (UNICEF, 2014). Uma questão relevante que foi apontada neste estudo é a definição de uma identidade para o ensino médio, através de um programa pedagógico afinado com as necessidades e os projetos de vida dos adolescentes, isto é, conforme o contexto em que estão inseridos.

Um novo conceito de ensino médio poderia ser fundamentado na “estética da sensibilidade (dando lugar à criatividade, ao espírito inventivo, à curiosidade pelo inusitado e à afetividade), na política de igualdade e na ética da identidade” (FRANCO; BONAMINO, 1999, p.27). Com essa leitura, a formação básica a ser buscada no Ensino Médio “realizar-se-á mais pela constituição de competências, habilidades e disposições de condutas do que pela quantidade de informação” (BRASIL/PCNEM, 2000, p.74). Segundo o Pacto Nacional pelo Fortalecimento do Ensino Médio, a educação deve ser estruturada em quatro alicerces: aprender a conhecer, aprender a fazer, aprender a viver e aprender a ser. Esta base deveria contemplar a interdisciplinaridade, o ensino contextualizado, a iniciação científica, o incremento das tecnologias no ensino; a formação do aluno crítico, reflexivo e autônomo, o professor como mediador e não como repassador de conteúdos (BRASIL/PNEM, 2014). E essa preocupação com a educação é compartilhada pela Nova Proposta Curricular de SC (2014), que defende a formação integral na Educação Básica através de quatro principais metas:

- a) Preservar a identidade das disciplinas escolares, mas pensá-las agrupadas em “áreas” do conhecimento (Linguagens, Ciências Humanas, Ciências Naturais e Matemática).
- b) Criar métodos didático-pedagógicos utilizando-se recursos tecnológicos de informação e comunicação e constituição de rede de aprendizagem.
- c) Valorizar os saberes que os sujeitos trazem dos diferentes espaços sociais (filmes, fotografias, televisão, quadrinhos, literatura e internet).
- d) Usar redes sociais, jogos em rede, *blogs*, *microblogs* e afins, inerentes ao processo de constituição da subjetividade. Negar

isso no processo de formação humana que acontece na escola seria uma postura infrutífera (P.CURRICULAR SC, 2014).

Podemos perceber que na proposta de uma educação integral está a valorização dos diversos saberes, linguagens, mídias, espaços sociais e a utilização de recursos tecnológicos como inerentes ao processo de formação humana. Pois a cultura digital não pode continuar a ser vista como acessória dos processos educacionais. “Ela precisa estar presente nos currículos de forma efetiva, envolvendo e amalgamando os conteúdos e atividades cotidianas nas escolas” (PRETO, 2013, p. 66). Assim, “a formação do aluno deve ter como alvo principal a aquisição de conhecimentos básicos, a preparação científica e a capacidade de utilizar as diferentes tecnologias relativas às áreas de atuação” (BRASIL/PCNEM, 2000, p.5).

Ainda no estudo do amparo legal, temos que desde a LDB (Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996) existe a preocupação com a formação do sujeito. No seu artigo 35º, a LDB apresenta que o Ensino Médio tem como finalidades:

A preparação básica para o trabalho e a cidadania do educando, para continuar aprendendo, de modo a ser capaz de se adaptar com flexibilidade a novas condições de ocupação ou aperfeiçoamento posteriores; o aprimoramento do educando como pessoa humana, incluindo a formação ética e o desenvolvimento da autonomia intelectual e do pensamento crítico; a compreensão dos fundamentos científico-tecnológicos dos processos produtivos, relacionando a teoria com a prática, no ensino de cada disciplina (BRASIL/LDB, 1996).

Posteriormente, segundo os Parâmetros Curriculares Nacionais do Ensino Médio, busca-se a formação geral dos sujeitos em oposição à formação específica, que se traduz no:

Desenvolvimento de capacidades de pesquisar, buscar informações, analisá-las e selecioná-las; a capacidade de aprender, criar, formular, ao invés do simples exercício de memorização. O trabalho e a cidadania são previstos como os principais contextos nos quais a capacidade de continuar

aprendendo deve se aplicar, a fim de que o educando possa adaptar-se às condições em mudança na sociedade, especificamente no mundo das ocupações (BRASIL/PCNEM,2000).

Diante desse mundo globalizado, que apresenta múltiplos desafios para o homem, “a educação surge como uma utopia necessária indispensável à humanidade na sua construção da paz, da liberdade e da justiça social” (BRASIL/PCNEM, 2000, p. 13). Nesse contexto, a escola, conforme Martin-Barbero (2004, p.352), “[...] tem como função formar recursos humanos, formar cidadãos e desenvolver sujeitos autônomos”. A partir desta concepção se estabeleceu uma reforma curricular do Ensino Médio, com a divisão do conhecimento escolar em três áreas:

Linguagens, Códigos e suas Tecnologias, Ciências da Natureza, Matemática e suas Tecnologias e Ciências Humanas e suas Tecnologias – tem como base a reunião daqueles conhecimentos que compartilham objetos de estudo e, portanto, mais facilmente se comunicam, criando condições para que a prática escolar se desenvolva numa perspectiva de interdisciplinaridade (BRASIL/PCNEM, 2000, p.18).

A recente preocupação em ampliar o espectro da formação do ensino médio pode ser constatada na mudança na forma de avaliação da aprendizagem dada pelo Exame de Ensino Médio organizado com este propósito. Além de ser considerado, junto com o IDEB, como um indicador de qualidade na educação, o ENEM tem, ainda, papel fundamental na implementação da reforma do ensino médio, principalmente no currículo, na organização das disciplinas em três áreas de conhecimento, de modo que grupos de disciplinas afins possam ser trabalhadas de forma interdisciplinar efetivamente. Na próxima seção, apresentaremos um breve debate sobre os exames, destacando as suas contribuições para a educação no contexto da cultura digital, a partir da formação crítica dos sujeitos.

4.2 AS CONTRIBUIÇÕES DO ENEM PARA A EDUCAÇÃO

Além de possibilitar aos alunos o acesso a um curso superior, o exame prioriza uma forma de ensino que favorece o aluno a aprender a aprender e não acumular informações. Ao alterar a forma de avaliação da

aprendizagem no ensino médio, fortemente orientada até então pelos vestibulares das universidades públicas e privadas do país, o ENEM reorganiza as escolas de ensino médio, direcionando suas práticas para evitar a memorização e, ao invés disso, conduzir o aluno à reflexão e à autonomia, habilidades exigidas pelas transformações do mundo globalizado e tecnológico contemporâneo.

O Exame Nacional do Ensino Médio (Enem), criado pelo Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais (Inep), em 1998, para ser aplicado anualmente aos alunos concluintes e aos egressos deste nível de ensino, com o objetivo fundamental de avaliar o desempenho do aluno ao término da escolaridade básica, para aferir o desenvolvimento de competências fundamentais ao exercício pleno da cidadania (BRASIL/ENEM, 2002, p.5).

Porém, é a partir de 2009, quando é denominado de novo ENEM, que as questões de múltipla escolha passaram a ser estruturadas em quatro matrizes, uma para cada área de conhecimento, sendo que cada uma das áreas se compõe de quarenta e cinco questões. Assim, o exame passou a ser dividido em dois cadernos, aplicado em dois dias e contendo, ainda, a proposta de produção de texto, como nos moldes atuais (MALUSÁ et al, 2014).

Entre os principais objetivos do exame estão: fornecer uma imagem realista e sempre atualizada da educação no Brasil; servir como referência de autoavaliação a milhares de jovens; permitir ao poder público dimensionar e localizar as lacunas que debilitam o processo de formação dos jovens; implementar a reforma do ensino médio, ao apresentar, nos itens da prova, os conceitos de situação-problema, interdisciplinaridade e contextualização, que são, ainda, mal compreendidos e pouco habituais na comunidade escolar (BRASIL/ENEM, 2002).

Dos objetivos indicados nas políticas públicas, há, por outro lado, um profícuo debate sobre o tema, apresentando desafios e possibilidades para a educação. Como críticas, os exames são questionados se realmente mostram a qualidade de um aluno, pois a prática educativa é cada vez mais guiada por indicadores de performance, com o objetivo de atender orientações de formação de indivíduos para o mercado de trabalho e a geração de lucro em nome do conceito de qualidade total. Como é predominantemente instrumental e mercadológico, os exames, além de

favorecer a meritocracia escolar, desenvolvem ainda o sentimento de culpa pelo insucesso da escola. Não é uma garantia de representar um indicador de qualidade escolar, porque impõe ao ensino médio uma padronização exagerada em cursinhos preparatórios, centrado numa lógica de ranqueamentos de instituições, professores e estudantes. Nesta lógica, a função do Estado é apenas a de avaliar, e não a de implementar políticas educacionais que visam a melhorar a situação das escolas mal ranqueadas (BERGAMIN; MONTERO, 2014; PRETTO, 2013; SILVA, 2013; OLIVEIRA, 2013).

Por outro lado, também traz contribuições, pois: facilita o acesso dos estudantes ao ensino superior; é um exame mais focado em competências gerais do que na quantidade de conteúdos; mobiliza a sociedade e os responsáveis pelo aprimoramento da qualidade escolar; impacta tanto no projeto pedagógico como na prática pedagógica nas escolas; é um aliado do docente no seu processo de ensino-aprendizagem; produz mudanças no currículo, na formação de professores e na gestão em educação (PRETTO, 2013; OLIVEIRA, 2013; MALUSÁ et al, 2014).

Defendemos a ideia que conhecer é poder relacionar os conceitos científicos a partir da realidade do aluno, dialogando com duas ou mais disciplinas. Portanto, a interdisciplinaridade e a contextualização implícitas nas questões e podem contribuir para formação de sujeitos críticos, buscando colocar o aluno diante de situações-problema para mensurar não apenas se ele conhece os conceitos, mas se sabe aplicá-los, incentiva os alunos a aprenderem de maneira ativa, tornando-se autores de forma cooperativa e colaborativa.

Grande parte dos participantes muito provavelmente se depara, na prova, com textos de caráter multimodal, que necessitam de multiletramentos, capacidades e práticas de compreensão e produção das multimodalidades, textos compostos de muitas linguagens (linguística, visual, gestual e áudio) e a multiplicidade de significações e contextos/culturas (ROJO; MOURA, 2012, p. 29). Atualmente, com a inserção das novas tecnologias, as atividades de leitura e escrita têm sofrido modificações. Para Buckingham (2010, p. 112), “a crescente convergência da mídia atual significa que precisamos abordar as habilidades e competências, os múltiplos letramentos, demandados pelos conjuntos de formas contemporâneas de comunicação”. Segundo Lemke (2010), se levarmos em conta a gama diversa de textos disponíveis, a escola ainda se restringe ao texto impresso e não prepara o aluno para a leitura de textos em diferentes mídias. Neste sentido, para (ROJO, 2009), a escola precisa garantir que o ensino desenvolva as diferentes formas de uso das linguagens (verbal, corporal, musical, etc.) e das línguas (falar em

diversas variedades e línguas, ouvir, ler, escrever). E para isso é preciso que o aluno desenvolva certas competências básicas para o trato com as línguas, as linguagens, as mídias e as múltiplas práticas letradas, de maneira crítica, ética, democrática e protagonista. Silva (2006, p. 73) fala da emergência de um novo leitor. “Não pode significar a substituição de um modo de ler por outro, mas de uma complexa articulação de um e de outro, da leitura de textos com a de hipertextos de dupla inserção uns em outros”.

Como espaço de multimodalidade e interatividade própria de ambientes virtuais, o Facebook, como promotor de uma aprendizagem em rede, poderia contribuir para a formação crítica de sujeitos se assumido como uma proposta de intervenção educativa que promovesse a educação de qualidade defendida anteriormente. Esta abordagem requer o desenvolvimento de autoria e cooperação em práticas educativas emancipadoras no ensino médio, que pode propiciar a crítica, porque as pessoas têm outra postura na rede social. Articulam mídias que convergem em múltiplas linguagens (vídeo, texto, imagem). A leitura crítica requer uma mediação, uma postura reflexiva.

Consideramos as críticas aos exames do ensino médio por contribuir para uma reprodução capitalista neoliberal e meritocrático, porém defendemos a sua importância como uma porta para o acesso a um ensino público, gratuito e de qualidade, entendendo o mercado de trabalho também como um espaço de cidadania. Visualizamos a formação não apenas de um cidadão que aprende a ser um “bom empregado”, mas um sujeito ativo com competências e habilidades para ser ator e autor de sua história. Mais do que preparar alunos a acertarem respostas para o ranqueamento de escolas, propomos contribuir com a formação de professores, mudanças no currículo e, por conseguinte, uma aprendizagem significativa principalmente no ensino médio.

Retomando o nosso itinerário, iniciamos esta dissertação apresentando um debate sobre as mudanças na sociedade e as influências da cultura digital na formação de nossas identidades, através da utilização das TIC. Analisamos o impacto nas escolas, causando um problema de ensino como o descompasso entre a educação e cultura digital. Entre discussões polarizadas de otimistas e apocalípticos, optamos por um olhar crítico e contextualizado para as mídias a partir do cibercriticismo e da mídia-educação. Nesta perspectiva, passamos a olhar para o Facebook como um espaço de possibilidades para potencializar atitudes críticas, criativas e autônomas em cenários formais, informais e não formais de ensino. A proposta seria ocupar as redes sociais para a aprendizagem em

rede, a partir de atitudes de autoria e cooperação na integração de diferentes contextos educacionais, linguagens e saberes.

Apresentamos também o “chão da Escola”, isto é, a realidade do ensino médio, como o nível básico de ensino que mais necessita de atenção e de políticas públicas. O ENEM, em suas diretrizes, se apresenta como uma forma de potencializar ou incentivar mudanças no currículo, contribuindo para alternativas na lógica conteudista e reprodutivista da escola. Portanto, este modelo ainda persiste, ao focalizar apenas a preparação ao ensino superior de forma similar aos tradicionais vestibulares.

Temos, portanto, uma pressão do mercado que nos obriga a consumir, alunos utilizando artefatos digitais, uma escola que resiste às tecnologias e uma educação que não avança. Entendemos que podemos transformar esta realidade através de projetos e intervenções planejados coletivamente, que incentivem alunos, professores e gestores a serem sujeitos autores, protagonistas, que superem a cultura de reprodução.

Vivemos uma cultura paternalista de esperar do Estado soluções prontas para os problemas. É estratégico que a escola seja reprodutora, através da gestão, do salário, do horário do professor, para conter a transformação, a sua real missão. No entanto, é possível subverter o sistema educacional através de iniciativas e projetos pedagógicos críticos e criativos das redes sociais, que adotem novas formas de pensar, superem o modelo de escola centrado na transmissão de conhecimento, pois esta função está sendo dividida com a *web 2.0*.

Pensamento crítico e solução de problemas, colaboração, agilidade e adaptabilidade, comunicação, análise, curiosidade e imaginação, são competências e habilidades a serem desenvolvidas na cultura digital, através de projetos pedagógicos planejados pelo coletivo da escola.

CAPÍTULO V

A METODOLOGIA DA PESQUISA

Saber que ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua própria produção ou a sua construção. (FREIRE, 2007, p. 47).

A pesquisa visa investigar o potencial do Facebook para a promoção da **Autoria e Cooperação**, fatores importantes para formação crítica de sujeitos na cultura digital. O objetivo é identificar fatores e circunstâncias relevantes para a promoção de uma formação crítica nas redes sociais a partir da análise de uma intervenção pedagógica em contexto escolar. Para isto optou-se por uma análise qualitativa, baseada em estudo de caso, com aplicação de questionários, observação participante e análise das trocas comunicativas dadas em grupo fechado, criado no Facebook a partir de indicadores e métricas especialmente criados para este fim.

O presente capítulo apresenta o itinerário, o passo a passo da pesquisa. Vamos conhecer o contexto investigado, o diagnóstico de alunos e professores, bem como o projeto de intervenção executado e os instrumentos de análise.

5.1 O ESTUDO DE CASO

Foi utilizado o estudo de caso como método qualitativo, pois ele consiste em uma forma de aprofundar uma unidade individual, geralmente utilizado nas Ciências Humanas, como na área da educação. Apresentou-se como método interessante, pois é um estudo empírico que busca determinar ou testar uma teoria, investigar um fenômeno contemporâneo partindo do seu contexto real, e se utiliza de múltiplas fontes de evidências em relação ao mesmo fenômeno. Como estratégia de validação, é recomendada a construção de uma base de dados, através de notas, documentos, tabulações e narrativas (interpretações e descrições dos eventos observados, registrados etc.) e o estabelecimento de uma cadeia de evidências capazes de legitimar o estudo, desde as questões de pesquisa até as conclusões finais (YIN, 2001).

O processo de pesquisa se dividiu em 5 etapas:

- a) Coleta de dados da intervenção pedagógica: em questionários (abertos e fechados) e nas trocas discursivas do grupo do Facebook (comentários, vídeos e *posts*);
- b) Elaboração de um instrumento de investigação das categorias analíticas Autoria e Cooperação, com indicadores e métricas para a identificação das mesmas;
- c) Categorização e tabulação dos conteúdos dos dados das trocas discursivas, a partir do instrumento de investigação criado;
- d) Seleção e tabulação dos dados dos questionários;
- e) Identificação de fatores e circunstâncias capazes de promover a ocorrência das categorias analíticas Autoria e Cooperação.

Para a análise do conteúdo no grupo do Facebook, foram utilizados instrumentos de investigação com indicadores e métricas, elaboradas a partir do conceito de autoria e cooperação. E para análise dos depoimentos de professores e alunos participantes da intervenção pedagógica, utilizaram-se categorias a partir dos itens do questionário: autoria, cooperação, dificuldades, ganhos e desafios.

A pesquisa foi realizada na observação participante de uma intervenção pedagógica na escola de origem do pesquisador, onde assumiu a condição de participante, mas não interveio na condução da intervenção pedagógica. Ou seja, os professores da escola tiveram autonomia e liberdade de criar e executar estratégias para a realização das atividades dentro de um projeto de intervenção elaborado em coautoria com o pesquisador, que no momento da prática se afastou do papel de professor e assumiu apenas o papel de observador.

Antes da apresentação do caso ou da intervenção pedagógica que é o nosso objeto empírico, vamos conhecer os sujeitos e o local da pesquisa.

5.2 O CONTEXTO INVESTIGADO

5.2.1 O Município de Leoberto Leal

Imagem 1 -Vista parcial do centro de Leoberto Leal



Fonte: Sebastião Piehhardt

O município de Leoberto Leal, distante 137 quilômetros da capital do Estado, pertence aos municípios da Grande Florianópolis e faz parte da 13ª Regional de Ituporanga. Com população aproximada de 3.218 habitantes, sua economia é pautada na agricultura, com destaque para a cebola, milho, feijão e fumo. Mesmo com várias iniciativas de políticas públicas para conter a migração de nativos, o êxodo rural ainda é preocupante, principalmente entre os jovens. Antigo distrito de Nova Trento, Leoberto Leal, agora com 54 anos de emancipação, de colonização predominantemente alemã, possui uma área de 298,34 quilômetros quadrados, altamente acidentada, com montanhas, muitos rios e córregos, dotando a cidade de um forte potencial hídrico. Os atrativos são basicamente a natureza, através de belas cachoeiras e a Festa do Colono realizada em julho. A cidade é um ótimo local para praticantes de trilhas de motocross e jipe (CUNHA, 2012).

5.2.2 A Escola de Educação Básica Bertino Silva

Imagem 2 - Vista parcial da EEB Bertino Silva



Fonte: Acervo pessoal

Após 87 anos como escola pública no município, a Escola de Educação Básica Bertino Silva teve publicado um livro contando as suas memórias e contribuições para a educação de sua comunidade. Orgulhosa de sua história, a comunidade escolar, no ano de 2012, consegue o destaque estadual no Prêmio Gestão Escolar, participando de um projeto de intercâmbio com uma escola dos Estados Unidos.

Segundo a secretaria da escola (entrevista realizada em 10/09/2015), a Escola de Educação Básica Bertino Silva é uma escola pública estadual e possuía em 2015, ano da intervenção pedagógica e da pesquisa, 392 alunos, dos quais 176 alunos cursavam o ensino médio. Durante a pesquisa, havia duas turmas de formandos, público-alvo da pesquisa, totalizando o número de participantes em 37 alunos e 06 professores.

A unidade escolar possui 14 salas de aula distribuídas em dois blocos, um ambiente coberto com palco (utilizado como refeitório), banheiros masculinos e femininos e um banheiro adaptado para alunos com necessidades especiais, cozinha, depósito para merenda escolar, uma sala de professores, laboratório de informática, secretaria, gabinete da direção, um ambiente destinado ao arquivo de registros gerais e biblioteca (também utilizada pela Secretaria Municipal de Educação). A escola

dispõe ainda de uma área com pátio, um ginásio de esportes e um campo de futebol suíço, o qual precisa de melhorias estruturais. Quanto à infraestrutura para uso de tecnologias, destacamos que o laboratório de informática possui 37 computadores com acesso à internet de 10MG. Há 30 *tablets* para professores e alunos, sinal de internet no pátio e salas de aulas de velocidade 2MG, com acesso controlado para os alunos.

A média do rendimento familiar dos alunos está em torno de três salários mínimos. Isto se deve ao fato de que o setor industrial tem pouca expressividade e o setor comercial oferece poucas perspectivas de desenvolvimento, devido à baixa demanda. De modo que a ocupação profissional é, na maioria, constituída de agricultores, tendo em vista a baixa oferta do mercado de trabalho. O comércio oferece algumas oportunidades, porém limitadas ao âmbito familiar.

Tratando-se de formação acadêmica e profissional dos professores, é importante salientar que dos 30 profissionais, 12 são efetivos, e 18 são ACT (Admitido por Caráter Temporário). Todos os professores efetivos possuem graduação e especialização na área de atuação e, dos de contrato temporário, 10 possuem especialização e oito não possuem especialização na área. Um professor possui mestrado (UDELMAR/CHILE) e dois estão cursando. São quatro profissionais no corpo diretivo e todos possuem especialização.

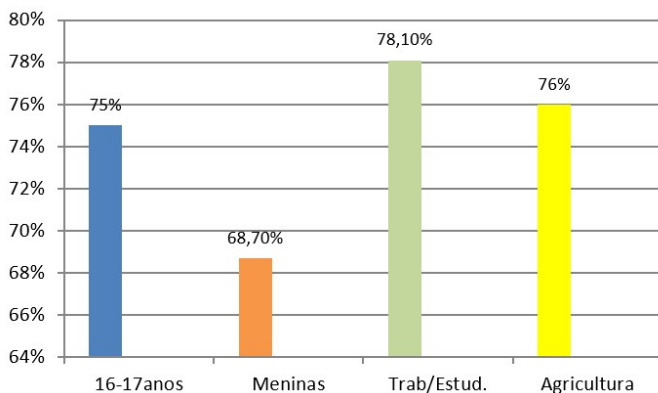
Com o propósito de conhecer o público-alvo, a pesquisa se dividiu em dois grupos: alunos e professores, que receberam e responderam questionários com perguntas abertas e fechadas, no momento que antecede a realização da intervenção pedagógica. As perguntas dos questionários buscaram levantar um diagnóstico do perfil como usuários das TIC e a opinião sobre o uso do Facebook como recurso pedagógico.

Nas próximas seções apresentaremos os resultados da pesquisa de diagnóstico do público pesquisado através dos questionários.

5.2.3 Diagnóstico dos Alunos

Com o objetivo de conhecer melhor os sujeitos da pesquisa, os alunos do último ano do ensino médio receberam um questionário de 11 questões descritivas e de múltipla escolha, sobre idade, trabalho, acesso à internet, utilização das tecnologias e sua opinião sobre as redes sociais (APÊNDICE I). O questionário foi aplicado no dia 11 de agosto de 2015, durante a aula. Dos 37 alunos, 32 responderam ao roteiro de questões. O gráfico abaixo representa o índice de ocupação, idade e sexo dos alunos.

Gráfico 1 - Características dos Alunos



Fonte: Elaborado pelo autor (2016)

Os dados apresentados no gráfico representam um cenário não muito diferente da realidade do ensino médio nacional. Ou seja, quase 80% trabalham e estudam e, por ser um município agrícola, os jovens dividem o seu tempo de estudos auxiliando seus pais na agricultura.

Questionados sobre o acesso às tecnologias e internet, os resultados mostram que: 93,7% têm celulares, 78,1% possuem computadores e 9,3% têm *tablets*. 96,8% acessam internet, 81,2% têm internet em casa. As campeãs de acessos são as redes sociais, depois, pesquisas para trabalhos escolares, sites de músicas, vídeos e jogos, que estão entre os mais acessados na internet. Sobre o tempo que ficam na rede, 40,6% alegam ficar entre 1 (uma) e 3 (três) horas, 28,1% mais de 3 (três) horas e 25% menos de uma hora por dia.

Os alunos apresentaram a sua opinião sobre as vantagens e desvantagens do Facebook para a aprendizagem. Como pontos positivos, destacaram um aprendizado mais divertido e interativo, com acesso a diferentes fontes e meios de informações que ampliam o conhecimento e o senso crítico. Declararam ser uma forma de reforço aos estudos, que é uma opção para aprender fora da escola, como uma fonte de pesquisa de conteúdos não apresentados no livro didático e com informações que podem ser compartilhadas com os outros. Afirmaram que ajuda a superar o medo de falar em público e de tirar dúvidas, o que é uma opção para expor as ideias e opiniões. Além disso, reconhecem ser importante para conectarem-se com pessoas de todo o mundo, outras culturas, e serve ainda como uma forma de entretenimento, que ajuda a fazer novas amizades e facilita a comunicação.

Como ponto negativo ou desvantagem apontados pelos alunos estão: a distração que tira o foco dos estudos, as informações superficiais e falsas, a pornografia, a pedofilia, os preconceitos, o vício e a dependência de estar sempre conectado.

O diagnóstico dos sujeitos de pesquisa não surpreendeu ao pesquisador. Temos jovens do ensino médio que, em sua maioria, trabalham e estudam, estão conectados, acessando as redes sociais pelo celular, mesmo que 19% ainda não tenha acesso à internet em casa. É importante destacar uma contradição revelada nos textos das respostas, ao afirmarem que a internet contribui para um aprendizado mais divertido e interativo, ao mesmo tempo em que provoca a distração, tirando o foco do estudo.

5.2.4 Diagnóstico dos Professores

Seis professores participaram da entrevista e responderam a 13 questões (abertas e fechadas) sobre o uso das TIC e do Facebook na escola (APÊNDICE II). Os professores contemplam todas as áreas do conhecimento (Ciências Humanas, Naturais, Matemática e Linguagens), possuem licenciatura na área em que lecionam e assumem uma carga horária semanal de trabalho entre 20h a 60h semanais. Declararam que utilizaram mídias como TV, vídeos e computador durante a sua formação e que têm um conhecimento intermediário em informática (básico, mais uso de *pendrive*, edição de fotos, planilhas etc.). Afirmaram utilizar o computador com internet em cada turma entre 5 a 10 aulas por mês, e também que utilizam as redes sociais como *Facebook* e *Whatsapp* informalmente, mas não como ferramenta pedagógica.

Quando questionados sobre a utilização de redes sociais na sala de aula, os professores assumiram que:

Prof.1 - “É um grande desafio, mas deve ser pensada sempre em função dos objetivos educacionais, de forma que professor e alunos possam conversar, discutir e compartilhar informações, conhecimentos”.

Prof.2 - “O aluno passa a ser o sujeito do processo de ensino, quebra a dicotomia entre teoria e prática, interdisciplinaridade, agenda virtual comum entre professores e alunos e traz o mundo do aluno para a sala”.

Prof.3 - “O interesse dos alunos aumenta com a utilização do Facebook, pois além de estarem

fazendo a atividade proposta, conseguem interagir com outros alunos”.

Prof.4 - “O uso deve ser cauteloso e coletivo, dentro de um momento específico autorizado pelo professor”.

Prof.5 - “Uma educação mais dinâmica e atraente está se desenhando na educação, mas precisamos nos preparar para que este mecanismo possa desenvolver uma aprendizagem significativa, seguida de uma formação crítica”.

Prof.6 - “Formação do professor – 1º lugar conceitual, 2º digital; internet e equipamentos de qualidade; trabalho em equipe e planejamento escolar com metas”.

Podemos observar que os docentes destacam a importância das redes sociais no ensino formal como incentivo e motivação para aprender através da interação, compartilhamento e socialização de conhecimentos, porém demonstram preocupação e alertam para o seu efeito dispersivo, para um uso cauteloso, responsável e planejado de forma que aconteça uma aprendizagem significativa.

Consideram que a escola está no meio de um processo social em transformação, as tecnologias estão ampliando as formas de comunicação e de relacionamento social, mas, “ainda pouco preparada para enfrentar e utilizar esse processo no cotidiano escolar, porque temos em nossa realidade uma estrutura desfavorável para o professor: a estrutura tradicional curricular, a indisciplina do aluno, e falta de formação adequada” (Prof.4). Fica claro que eles desejam uma escola que possa contribuir com a formação da cultura digital, ensinando a utilização de equipamentos eletrônicos de forma correta, aprendendo de forma mais interativa e dinâmica, compartilhando experiências com objetivo de participar da construção do conhecimento. Os professores estão cientes de que é função da escola se adequar à cultura digital, mas deixam implícito que esta cultura se refere somente ao uso instrumental dos artefatos tecnológicos. Um exemplo está na fala do Prof.3: “A escola sempre deve proporcionar aos educadores e alunos meios tecnológicos que vão ao encontro ao processo de ensino-aprendizagem”. Percebe-se, infelizmente, ainda a prevalência de uma perspectiva tecnófila e instrumentalista das tecnologias. Isto é, a expectativa da escola “pedagogizar” os artefatos digitais preservando ou conservando a lógica conteudista e reprodutivista do livro didático, desconsiderando outros contextos educacionais e formas de ensino e aprendizagem. Por outro

lado, podemos observar que existe simultaneamente uma outra perspectiva, como se constata na fala do Prof.5: “A escola deve sair da zona de conforto, pautada no livro didático, e ser protagonista do próprio processo de ensino e aprendizagem da cultura digital. A novidade deve estar na escola”. Neste argumento é possível identificar uma visão menos instrumentalista e mais crítica, apresentando algo a mais do que a simples utilização pedagógica das tecnologias, para uma mudança de postura do fazer pedagógico independente do uso das tecnologias.

5.3 A APRESENTAÇÃO DO CASO

Conforme apresentado no referencial teórico, a cultura digital, a partir da *web 2.0*, possibilita espaços para seus usuários mudarem sua situação de espectadores para autores e/ou coautores, através de *memes*, vídeos, interagindo e compartilhando para as suas redes, colaborando e cooperando entre si. O desafio é como desenvolver a autoria e a cooperação, presentes em ambientes como os das redes sociais, na sala presencial do ensino regular do ensino médio.

5.3.1 Intervenção Pedagógica: “O ENEM no Facebook”

A intervenção consistiu na organização de um grupo fechado no perfil de um professor no Facebook, onde 37 formandos do ensino médio e 06 professores de diferentes disciplinas (Matemática, Química, Biologia, Língua Portuguesa, Filosofia e História) foram cadastrados. Foi realizada durante três meses, com início no dia 10 de agosto e término no dia 10 de novembro de 2015, na Escola Estadual de Educação Básica Bertino Silva. Com a finalidade de estudar para as provas do ENEM – Exame Nacional do Ensino Médio, o grupo virtual de estudos teve a participação de 19 (dezenove) alunos e um professor de outra escola, EEB Prefeito Frederico Probst, do município de Petrolândia – SC, que juntamente com colegas e professores puderam interagir, pesquisar e compartilhar conhecimento, criando vídeos, textos, analisando charges, gráficos, notícias, utilizando diferentes gêneros discursivos e contextos educacionais, argumentando, criticando e debatendo. Realizada entre os meses de agosto e novembro de 2015, a intervenção tinha como objetivos: conhecer o que é avaliado no ENEM a partir das habilidades e competências (Matriz do ENEM); conscientizar alunos e professores sobre conceitos científicos que podem ser trabalhados de forma contextualizada e interdisciplinar; desenvolver diversas formas de leitura, releitura e análise para a organização de argumentos, através de recursos

multimídia; lançar desafios aos professores para produzirem atividades criativas para seus alunos com tecnologias.

A participação de alunos de outra escola aconteceu através do convite da professora integrante do projeto, que também leciona em Petrolândia. A iniciativa tinha o propósito de motivar e provocar a interação e a troca de informação e experiências.

O desenvolvimento das atividades na intervenção realizou-se em seis etapas:

- a) Pesquisar sobre o ENEM na internet;
- b) Conhecer as competências e habilidades nas áreas de conhecimento: matemática, ciências humanas, ciências naturais e linguagens;
- c) Formar os grupos de estudos;
- d) Pesquisar no banco de dados na página do ENEM duas questões que estivessem relacionadas a cada uma das competências e (ou) habilidades;
- e) Apresentar (cada grupo, para os colegas) como resolver as questões que pesquisaram de acordo com as competências e as habilidades;
- f) Publicar no grupo do Facebook o resultado obtido com o seu trabalho, comentar e interagir com os trabalhos dos colegas.

A proposta de estudar em um grupo fechado na rede social transcende a preparação para os exames em si, e também como objeto empírico para pesquisa de estudo de caso. Compreendemos ser este um espaço de formação, onde foi possível: propiciar aos envolvidos uma pesquisa-ação, uma formação e reflexão da própria prática; Desafiar e provocar conflitos no contexto escolar de modo a alavancar mudanças; Alterar rotinas, desterritorizar espaços e tempos escolares; Organizar agendas de planejamento, propondo alternativas para um currículo conteudista e reproduzidor. A composição com professores de diferentes disciplinas e três turmas de formandos de ensino, incluindo alunos de outra escola no projeto, constituía a pretensão de construir um contexto de autoria e cooperação, um verdadeiro projeto coletivo da escola.

Para otimização de tempo, foi proposto aos professores utilizarem as redes sociais para comunicação entre si e os alunos. Foi acordado com os participantes da pesquisa que as atividades realizadas na plataforma Facebook poderiam ser uma extensão, um complemento e um reforço das atividades presenciais em sala de aula.

5.3.2 Apresentando o Projeto à Comunidade Escolar

O projeto foi apresentado para a comunidade escolar em três momentos: para a direção escolar, para o corpo docente e para as duas turmas de formandos da EEB Bertino Silva, como uma proposta para a escola enquanto ensino médio, incentivando a participação e planejamento coletivo.

Com a direção escolar ficou definida uma agenda de apresentações, planejamento e avaliação coletiva durante os três meses de vigência do projeto, quando se utilizariam as reuniões pedagógicas previstas no calendário da escola.

O interesse e preocupação de professores em preparar estudantes desmotivados para as provas do ENEM se apresentou como circunstância favorável à boa aceitação do projeto, principalmente no momento de sua apresentação à comunidade escolar.

Imagem 3 - Apresentação do Projeto aos Professores da Escola



Fonte: Acervo pessoal

Os estudantes já estavam desenvolvendo atividades de preparação para as provas em um grupo já criado no Facebook para esta finalidade. O objetivo da realização da intervenção era direcionar iniciativas individuais e isoladas a uma metodologia que incentivasse a cooperação, a partir de maior integração e interação entre professores, alunos, alunos e professores, unidos para um propósito comum: a preparação para os exames do ensino médio.

A proposta, aparentemente, também foi bem recebida pelos formandos, sem restrições e questionamentos, mesmo sendo dada oportunidade de apresentar sugestões. Sem desvalorizar os estudos individuais, que foram incentivados a acontecer, a atividade propôs estudos e atividades em grupo, baseadas em ler e ouvir os colegas, que poderia representar uma contribuição importante a uma aprendizagem mais efetiva. Mais do que o treinamento para responder a questões de provas, o projeto tinha o objetivo de incentivar a autonomia e autoria no processo de estudo.

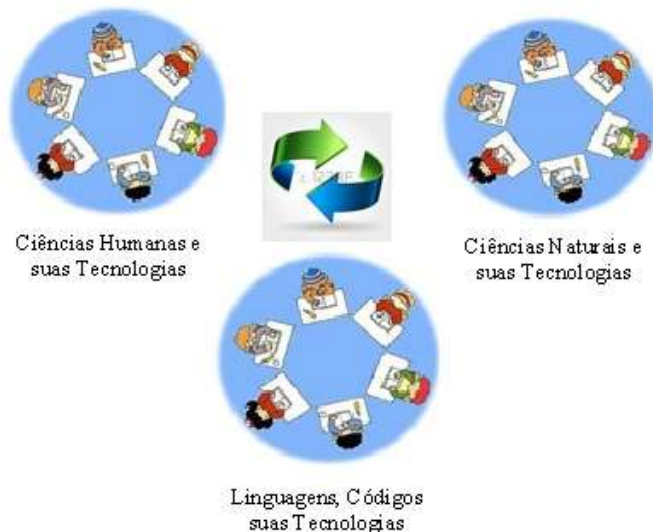
Nessas ocasiões, foi apresentada a importância de se fazer uma reunião por mês para avaliação do projeto (em reunião pedagógica prevista em calendário ou em horário extra); de se aplicar uma vez por mês um exame *on-line* para observar a evolução dos alunos; e da participação de todos os professores da turma.

5.3.3 A Metodologia do Projeto

Com o propósito de combinar o aprendizado *on-line* com o *off-line*, de modo que o aluno mesclasse o estudo, as atividades foram realizadas em grupo em sala de aula e no ambiente virtual. O projeto integrou atividades presenciais e no grupo virtual, que poderia ser acessado pelo celular ou tablet na sala durante a aula, no laboratório de informática ou extraclasse.

As atividades foram elaboradas e executadas por um coletivo de professores de áreas afins. Assim, por exemplo, nas áreas de Química, Física e Biologia se formaria o grupo de Ciências Naturais.

Figura 7 - Metodologia de trabalho



Fonte: adaptado de EAD BRASIL

O Professor de Matemática integrou o grupo de Ciências Naturais. Os professores de História, Geografia, Sociologia, Filosofia pertenceram ao grupo de Ciências Humanas. E para o grupo de Linguagens, as áreas de Língua Portuguesa e Inglesa, Artes e Educação Física.

A Figura 7 representa a distribuição dos docentes por área de conhecimento com o propósito de trabalhar em forma de projeto a partir de um tema problematizador comum, para promover o diálogo entre os professores das disciplinas afins. Ou seja, cada grupo de professores de sua área de conhecimento (Ciências Humanas, Ciências Naturais e Linguagens) poderia planejar e aplicar suas atividades coletivamente em torno de um tema gerador, de modo que, a partir de conhecimentos específicos, respondessem aos desafios propostos. O conteúdo pesquisado era de livre escolha dos alunos, mas que estivesse relacionado às habilidades e competências esperadas para aquela área.

Os estudantes deveriam aprender a trabalhar em grupo e pesquisar em fontes confiáveis na internet. Resolver as atividades elaboradas e planejadas pelos professores em aulas presenciais em sala, dando sequência no grupo de estudos no Facebook. Para além de guardar informações e conhecimentos prontos, a rede social seria o canal de comunicação e cocriação entre os integrantes do grupo, facilitando trocas

e diálogos não realizados pela falta de tempo e horário para reuniões presenciais.

Do total de dez, seis professores participaram efetivamente da intervenção pedagógica, cadastrando-se inicialmente como membros do grupo de estudos virtual juntamente com os estudantes. O aspecto positivo que se apresentou foi que todas as áreas de conhecimento estavam contempladas, embora nem todos os professores das turmas tenham participado, o que dificultou o trabalho interdisciplinar entre as disciplinas afins, conforme projeto inicial.

Como se tratava de um trabalho cooperativo, algumas definições de papéis e contribuições foram apresentadas para organizar esta primeira experiência.

Tabela 2 - Contribuições dos Professores e Alunos no Facebook

Contribuições dos Professores	Contribuições dos Alunos
Propor atividades de pesquisa, leituras e discussões de conteúdos.	Formar grupos de estudos nas redes sociais e colaborar com outros colegas na elaboração de tarefas em grupo.
Acompanhar a produção de conteúdos e avaliar as mensagens postadas.	Realizar pesquisas na internet e postar mensagens com as suas observações, construindo conteúdos.
Comunicar-se constantemente com os alunos e seus colegas professores.	Aprender os recursos de edição de figuras, fotos e arquivos multimídias.
Observar os prazos e investigar as participações individuais.	Ler, curtir, comentar e compartilhar os trabalhos dos colegas.

Fonte: Adaptado de Musacchio (2015)

O quadro apresenta uma arquitetura pedagógica de forma que a interface do grupo de estudos do Facebook fosse organizada e estimulante, para que estudantes e professores pudessem abrir canais de comunicação além da sala de aula, para que a aprendizagem com autoria e cooperação pudesse acontecer. Para isso, foi imprescindível um consenso para a definição de atribuições claras e objetivas entre professores e alunos, na busca de um entendimento acerca do objetivo comum. O objetivo principal da metodologia dos trabalhos era provocar mudanças na lógica de comunicação de emissão e recepção na sala de aula, na relação professor-aluno.

5.3.4 Atividades no grupo do Facebook

A proposta teve a intenção de provocar os estudantes a pesquisar, coletar e organizar as informações, trabalhar com diferentes tecnologias, utilizar gráficos e dados estatísticos, elaborar textos, utilizando diferentes gêneros discursivos e contextos educacionais, argumentar, criticar, analisar e debater.

O planejamento e a execução das atividades foram realizados com a participação dos professores, abertos a sugestões dos alunos, realizados em equipes, organizados em sala de aula e publicados no grupo de estudos do Facebook, no laboratório de informática e extraclasse de forma individual. Como forma de organização da resolução das atividades, foi elaborado um cronograma para que todos os professores e suas respectivas áreas fossem contempladas.

Tabela 3 - Cronograma de Atividades no Facebook

Área Conhecimento	Atividades	Período
Linguagens	Produção de vídeos, elaboração e análise de redação.	Até dia 02 de setembro
Ciências Naturais e Matemática	Produção de vídeos e análise de competências e habilidades.	Até 25 de setembro
Ciências Humanas	Pesquisa e debate sobre temas da atualidade.	Até 20 de outubro
Todas	Interação com turma de outra escola.	Até 23 de outubro
Todas	Fórum/Chat e simulados.	Até 23 de outubro

Fonte: Elaborado pelo autor (2015)

Além das atividades propostas na tabela, foram sugeridos: a construção coletiva de texto no *google docs*; a criação de charges, quadrinhos, pinturas; e *chat* com os professores. Segundo o cronograma, havia um intervalo de até 15 dias úteis para a resolução das atividades propostas para cada área do conhecimento.

Nas Ciências Naturais, especificamente em Física e Química, foi proposto aos alunos trabalharem a contextualização, utilizando conceitos científicos para serem aplicados em situações do cotidiano.

Figura 8 - Atividade Ciências Naturais



Fonte: Print *post* do grupo Facebook

Muitas pessoas ficam intrigadas ao verem um pássaro pousado em um fio de alta tensão sem ser eletrocutado. A Figura 8 apresenta a postagem de uma das atividades de Ciências Naturais, especificamente de Física, com o objetivo de utilizar o conceito de corrente elétrica para entender e resolver a situação-problema.

Os professores de Biologia e Matemática propuseram aos estudantes conhecer as competências e habilidades avaliadas nestas áreas de conhecimento, desafiando-os a produzirem vídeos apresentando resoluções de questões, através da pesquisa de situações-problema do cotidiano ou temas da atualidade, com o objetivo de buscar nos conceitos científicos e na relação entre as disciplinas uma resolução para o desafio proposto.

Na área de conhecimento de Linguagens, Códigos e suas Tecnologias, a Professora de Língua Portuguesa propôs desenvolver a atividade “Não sei como começar”, trabalhando a estrutura de uma dissertação ou artigo de opinião, incentivando os alunos a organizarem

suas ideias através de argumentações consistentes, estimulando um olhar crítico sobre a realidade. Para a mesma área de conhecimento, os grupos de alunos foram desafiados a elaborar vídeos e identificar, em algumas questões objetivas de provas anteriores do ENEM, quais as competências e habilidades avaliadas e como foram contempladas a interdisciplinaridade e a contextualização. Os formandos foram estimulados a publicar suas atividades para análise dos colegas no grupo de estudos no Facebook.

Nas Ciências Humanas, a proposta foi desafiar os alunos a debater temas da atualidade, organizando os argumentos a partir de contextos histórico, geográfico, filosófico e sociológico. Cada grupo de alunos elegeu um tema de sua preferência para pesquisar vários pontos de vista e convidar seus colegas a se posicionarem.

Figura 9 - Atividade Ciências Humanas



Fonte: Print *post* do grupo Facebook

As migrações constituem um tema compreendido pelos alunos como um fato recente que pode ser trabalhado pelas Ciências Humanas, buscando provocar reflexões e informações que possam contribuir na formação de argumentos. De modo que as disciplinas História, Geografia, Sociologia e Filosofia pudessem conversar entre si, contribuindo para um trabalho interdisciplinar.

5.3.5 O Envolvimento do Pesquisador com os Sujeitos da Pesquisa

O envolvimento do pesquisador foi como observador participante. Algumas atividades foram elaboradas pelo pesquisador e outras pelos professores. Ora na sala de aula aplicando atividades para equipes de

alunos, ora no grupo do ambiente virtual, incentivando a participação e interação. Como havia um cronograma de atividades a ser executado por área de conhecimento, estabelecemos a condição de observador ativo via rede social, nos comunicando com estudantes e professores, com o propósito de provocá-los e lembrá-los de interagirem com os pares, deixando certa liberdade ao professor para guiar todo o processo de intervenção. A falta de centralidade do pesquisador na condução do projeto tinha por finalidade oportunizar aos sujeitos da pesquisa iniciativas de autonomia, autoria e cooperação.

Percebemos, no entanto, alguns desafios e contradições. Como, por exemplo, conseguir convencer professores e alunos, em sua maioria usuários informais do Facebook, a utilizar este espaço como canal de comunicação e de cocriação de conteúdos para estudar para os exames. Motivado pela popularidade e a suposta familiaridade com a rede social e seus múltiplos aplicativos, supúnhamos encontrar a promoção de uma ambiência favorável ao desenvolvimento dos objetivos a que nos submetemos. As dificuldades e desafios já eram previstos, porém, o propósito era provocar mudanças e questionamentos sobre a prática pedagógica no contexto escolar.

A cooperação esperada já estava posta à prova na dificuldade de conciliar ou utilizar o projeto de mestrado apresentado como um projeto de escola, e na dicotomia entre ambientes *on-line* e *off-line* e a resistência aos espaços informais de aprendizagem. Ou seja, a proposta de intervenção foi apresentada como um projeto que transcendesse a uma pesquisa isolada, oportunizando uma experiência coletiva de como utilizar as novas tecnologias de comunicação no cotidiano da escola. A cooperação estaria em nome de um entendimento comum, buscar conjuntamente estratégias pedagógicas que fossem de encontro aos problemas recorrentes debatidos em conselhos de classe: a utilização dos celulares e acesso a internet e redes sociais no ambiente escolar como fator dispersivo nas aulas. Conciliar ambientes *on-line* e *off-line* significa disponibilizar e utilizar as diversas linguagens e espaços para a comunicação a partir da interação e interatividade, cocriando e coproduzindo de forma individual e em grupos. Uma cooperação que começa no face a face e que tem continuidade no *on-line*, como parte integrante do presencial. Significa sair da zona de conforto enquanto estudante e professor, criando novos vínculos com colegas de outras turmas e escolas, buscando em novas fontes e espaços além da récita do livro didático e espaço físico sala de aula, isto é, significa quebrar paradigmas.

Observamos que as tímidas participações de professores e alunos na rede social demonstraram esse esforço de quebrar paradigmas, mitos, medos e preconceitos, a sensação de estar “perdendo tempo” ou “matando aula”. Porém, foi apresentado como dificuldades o trabalho e planejamento em equipe e a superação da pedagogia das disciplinas com conteúdos segmentados. Pois a proposta inicial apresentada era de que as atividades realizadas no espaço virtual seriam um complemento ou uma extensão das estratégias realizadas em sala de aula.

As dificuldades de executar as tarefas conforme o cronograma de atividades nos leva a fazer alguns questionamentos e observações importantes. Seria necessário um maior envolvimento presencial do pesquisador na condução da intervenção? Os objetivos da intervenção foram compreendidos pelos sujeitos da pesquisa? Inferimos, a partir da análise realizada, que as melhores participações estavam ligadas ao incentivo e à mediação de professores; que havia uma dificuldade de relacionar ou adequar a rotina das aulas com o projeto de intervenção; que faltou tempo para o planejamento e a avaliação coletiva; que foi encontrada uma dificuldade de interagir com os pares no grupo, mesmo estando no Facebook. Ou seja, em nossas observações percebíamos que os alunos estavam *on-line* na rede social, porém não realizavam as atividades pedagógicas propostas.

5.4 INSTRUMENTO DE ANÁLISE DE AUTORIA E COOPERAÇÃO

A integração das redes sociais no ensino é um cenário potencial de transformação que, no entanto, ainda carece de investigação. Nosso estudo está alocado no desafio da complexidade da pesquisa nas redes sociais, ora pela grande quantidade de dados, ora pela busca de métodos e técnicas de investigação qualitativa, ora pela carência de casos de estudo.

Com o objetivo de contribuir para o campo da educação, especialmente quanto à pesquisa da internet na educação e quanto à formação de professores para a apropriação crítica de tecnologias digitais, apresentamos um desenho de pesquisa que foi elaborado para enfrentar os desafios de pesquisa citados. Trata-se de uma metodologia de pesquisa qualitativa das redes sociais para investigar o uso dado por alunos e professores no contexto escolar de ensino formal e presencial. Consiste em um método de investigação cuja finalidade é investigar a presença de Autoria e Cooperação na produção e publicação de conteúdos no ambiente virtual.

A partir do referencial teórico de Silva (2006) e Belloni e Gomes (2008) apresentados na primeira parte desta dissertação, tomamos os conceitos de autoria e cooperação e os assumimos como categorias analíticas. O instrumento seleciona e define indicadores de investigação para cada uma dessas categorias e cria métricas para a sua identificação nas trocas comunicativas entre alunos e professores.

Os indicadores se referem às características, referências e atitudes, enquanto que as métricas têm a finalidade de demonstrar como os indicadores podem ser encontrados na prática, observados nas expressões, frases dos comentários, conversações e falas dos vídeos elaborados pelos alunos. As métricas não têm a intenção de medir, mas elencar evidências da ocorrência de fatores e circunstâncias.

5.4.1 Categoria Analítica da Autoria

O espaço do grupo de estudos no Facebook tem a possibilidade de contribuir para o desenvolvimento da autoria que, segundo Silva (2006), é a possibilidade de modificar, de agir, participar, interferir e remixar conteúdos através da qualidade e quantidade de interações.

Tabela 4 - Categoria Analítica: Autoria

Categories	Indicadores	Métricas	
Autoria	Compreensão/ Apreensão	Questiona conteúdo para compreensão	Q
		Sintetiza, Identifica principais ideias	S
		Contextualiza, relaciona com o cotidiano	C
	Produção	Avalia com justificativas	AV
		Questiona/Problematiza (É mesmo?)	P
		Opina com argumentação	O
		Criação de algo Novo	N

Fonte: Elaborado pelo autor (2016)

Nesta perspectiva, para a análise de dados, partimos de pressupostos para uma formação de **Autoria**, que se inicia a partir de indicadores como: **Compreensão/Apreensão**, e **Produção de conteúdos**, conforme apresentado na Tabela 5. Isto é, entendemos Autoria como um processo que se inicia na compreensão e apreensão dos conteúdos, como no seu entendimento e assimilação, culminando na produção de conteúdos. No cenário digital da remixagem e bricolagem (copiar/colar), a autoria está na criação de algo diferente, do algo a mais a partir do que está posto.

A compreensão e apreensão são identificadas através de métricas que representam atitudes ou habilidades como Questionar: perguntar para compreender; Sintetizar: identificar as principais ideias; Contextualizar: aplicar o conteúdo ao próprio contexto; Avaliar: elogiar e sugerir. Passando para uma segunda etapa, que é a produção de conteúdos, quando se espera a atitude de Problematizar: provocar reflexão; Opinar com argumentação: expor pontos de vista com fundamentação, quando acrescenta criando sobre o conteúdo; Produzir algo novo: quando propõe algo diferente.

5.4.2 Categoria Analítica da Cooperação

Segundo Silva (2006), a autoria acontece também na colaboração, através da interação e da participação com cooperação, isto é, quando cada integrante do grupo contribui com uma tarefa ou função com a finalidade de alcançar o objetivo comum da equipe. A atitude de escolher, visualizar, curtir e comentar um *post* e não outro pode caracterizar uma ação de autoria, que se configura como participar, modificar e agir. Por outro lado, a mesma atitude pode se caracterizar como cooperação quando aluno e professor como membros da equipe de trabalho e do grupo de estudos no Facebook contribuem com a sua participação individual na execução da tarefa proposta. A tabela a seguir apresenta os indicadores e as métricas que irão qualificar a utilização da cooperação nas trocas discursivas.

Tabela 5 - Categoria Analítica: Cooperação

Categorias	Indicadores	Métricas	
Cooperação	Reciprocidade	Menção nominal, convida	M
		Saudações	AS
		Perguntas e respostas	PR
	Troca de Informações	Compartilhamento de recurso ou informações	CI
	Participação de professores e alunos	Iniciativa do aluno	I
		Acolhimento do professor à iniciativa do aluno	AP
Entendimento comum	Compreensão coletiva de sentido	CC	

Fonte: Elaborado pelo autor (2016)

O instrumento demonstrado na Tabela 5 tem o objetivo de apresentar indicadores e métricas capazes de analisar e categorizar nas conversações e publicações, atitudes de **Cooperação** que, segundo Belloni e Gomes (2008), consistem na presença de interação, colaboração, mas também objetivos comuns, atividades e ações conjuntas

e coordenadas. Para mapear estas características conceituais, selecionamos indicadores como a reciprocidade, troca de informações, a participação de professores e alunos e o entendimento comum.

A **Reciprocidade**, para Recuero (2014), é a persistência da conversação entre par de atores e suas inter-relações. É identificada na interação e no diálogo presentes no ambiente virtual. Para isso, verificamos nos registros das participações as métricas: menção nominal e convites, como marcar o nome dos colegas, provocando maior visibilidade nas publicações e participações nos debates; saudações, como dar boas vindas ou cumprimentos; perguntas e respostas, quando há uma resposta a um questionamento ou provocação.

Outro indicador é a **Troca de Informações**, que é identificado no compartilhamento de recurso ou informações. **A Participação entre Professores e Alunos**: está na iniciativa do estudante, de postar ou comentar algo de forma espontânea. E no acolhimento do professor a esta iniciativa, quando incentiva, adverte ou esclarece possíveis dúvidas. O **Entendimento Comum**: está na compreensão coletiva de sentidos, isto é, demonstrar mais do que troca de informações, um consenso numa possível disputa ou conflito de ideias. A cooperação requer mais do que a colaboração porque remete a um projeto comum, um objetivo compartilhado que demanda uma ação conjunta para a sua conquista. De modo que se faz necessário um entendimento a cerca dele, uma negociação das compreensões individuais em prol de uma que seja comum, compartilhada no grupo. O entendimento comum é definido, portanto, por esta compreensão coletiva de sentido, que é assumida por todos na busca da realização deste objetivo compartilhado.

CAPÍTULO VI

OS RESULTADOS DA PESQUISA

Apresentamos neste capítulo os resultados da pesquisa a partir da coleta e análise de dados, dividido em quatro etapas: 1. Coleta de dados da pesquisa; 2. Analisar as trocas discursivas onde ocorreu (ou não) a autoria e cooperação. 3. Identificar Fatores e Circunstâncias que favoreceram ou condicionaram a ocorrência de autoria e cooperação. 4. Possíveis apropriações dos Facebook para a prática pedagógica.

6.1 PESQUISA PRÉVIA À INTERVENÇÃO PEDAGÓGICA

Nesta seção apresentamos dados coletados da intervenção para a sua posterior análise a partir dos instrumentos de investigação apresentados anteriormente nas Tabelas 5 e 6. Os dados foram coletados nas seguintes fontes: a) comentários, conversações e falas de vídeos elaborados e publicados no grupo fechado do Facebook; b) questionários com questões abertas e fechadas aplicados a professores e alunos participantes da pesquisa.

No grupo virtual, 56 formandos de ensino médio e 06 professores de diferentes disciplinas curriculares publicaram e produziram conteúdos com a finalidade de estudar para o exame do ensino médio. Foi coletado para análise o total de 82 publicações, distribuídos entre vídeos, *links*, textos, simulados, entre outros, apresentados em maiores detalhes na Tabela 6 para demonstrar a dimensão das participações no grupo.

6.1.1 Publicações no Grupo do Facebook

Tabela 6 - Participações no grupo do Facebook.

Nº	Posts	Visualizações	Curtidas	Comentários
26	Vídeos	1.360	326	108
33	Links	1.347	382	94
04	Perguntas	163	50	15
08	Textos	351	81	11
04	Dicas Enem	205	55	09
03	Atividades Redação	139	67	52
02	Simulados	87	02	00
01	Charge	50	12	08
01	Convite	52	13	09
82	Total posts	3.754	988	306

Fonte: Elaborado pelo autor (2016)

Dentre as 306 participações, categorizamos 106 comentários de mais qualidade, conforme instrumento de investigação, a partir dos seus indicadores e métricas. Isto é, buscamos analisar as participações e interações através dos comentários registrados. Os *posts* mais comentados foram os vídeos e *links*. A qualidade das participações estava na força das argumentações e justificativas.

É importante destacar que 100% dos estudantes cadastrados participaram publicando ou comentando, dos quais 82% comentaram até 5 vezes, e um pequeno grupo de 18% dos alunos comentaram de 6 a 17 vezes, correspondendo a 40% do total de comentários.

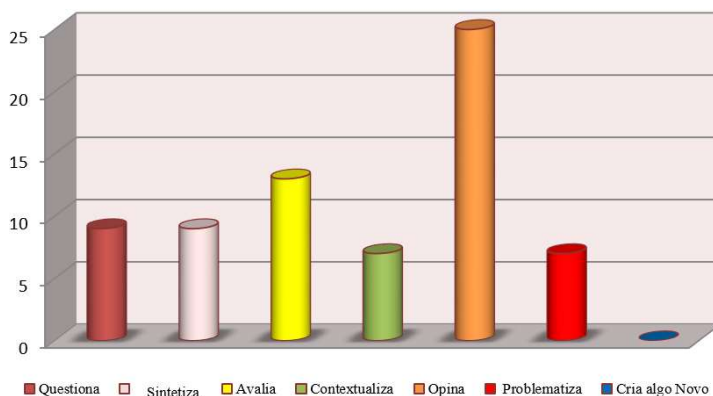
Os vídeos correspondem à produção de conteúdos elaborados por equipes de alunos. Neles foi possível identificar competências e habilidades avaliadas no ENEM a partir da resolução da questão apresentada nas áreas de Matemática, Biologia e Língua Portuguesa. Os *links* são postagens que se referem a crônicas, textos, reportagens e vídeos, cuja finalidade é apresentar informações sobre temas de redações, atualidades e fatos do cotidiano que se relacionam aos conceitos e conteúdos curriculares. Alguns temas como: o funcionamento do chuveiro elétrico, guerra civil da Síria, a radiação do micro-ondas, a transposição do rio São Francisco, o significado da felicidade, migrações forçadas, redução da maioria penal, pedofilia e o culto ao corpo, se referem aos conteúdos dos *links* postados na tentativa de incentivar os estudantes a debater, opinar, questionar e trocar informações. Os textos são elaborações dos alunos como atividade solicitada pela professora de

Filosofia. As atividades de redação são uma resposta à solicitação do professor de Língua Portuguesa para analisar e avaliar a estrutura e organização textual da escrita da redação do colega. Perguntas e Convites referem-se à atitude de estudantes de questionar e convidar o colega a publicar ou comentar o *post*, provocando um diálogo.

O número de visualizações representa a quantidade de pessoas, com visita única, que acessaram, leram ou assistiram às postagens, mesmo que de forma superficial. Isto é, o número de vezes que uma pessoa acessa uma postagem não é somada como no *Youtube*. Concluímos que, nas curtidas, os participantes leram com atenção para decidir gostar, concordar ou não com o *post*. Comentários são as trocas, as aprendizagens entre sujeitos.

Para a identificação da autoria e cooperação no Facebook, organizamos uma tabulação, fazendo uma seleção ou recorte dos comentários identificados através das métricas definidas pelo instrumento de investigação. Quantificamos os comentários de acordo com cada métrica e elaboramos gráficos com o objetivo de diagnosticar, nos fornecer um perfil geral da ocorrência da autoria e cooperação no grupo de estudos.

Gráfico 2 - A Identificação da Autoria



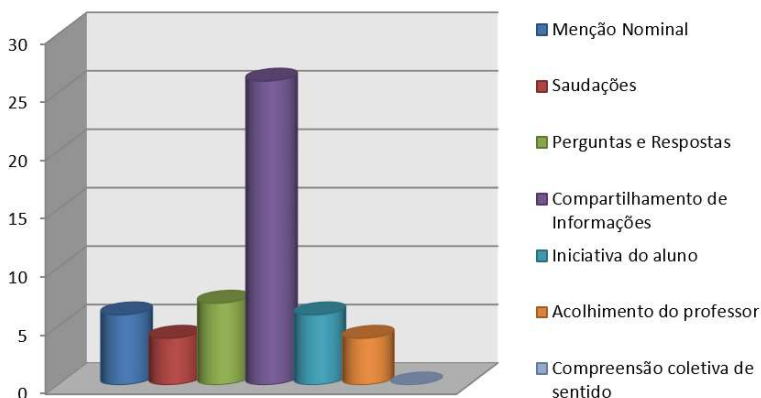
Fonte: Elaborado pelo autor (2016)

O Gráfico 2 apresenta o número de comentários tabulados e selecionados a partir do instrumento de análise apresentado na Tabela 5. As métricas **Problematiza** e **Contextualiza** foram encontrados em 7 comentários, enquanto que **Questiona** e **Sintetiza** apareceram em 9 comentários. O destaque está em **Opina**, identificada em 25

participações, e a métrica **Avalia** aparece em 13 comentários, enquanto que **Cria algo Novo** não é encontrado em nenhum comentário ou postagem.

Em algumas participações, em um mesmo comentário é possível identificar mais de uma métrica. Por exemplo: “Legal, pra mim o melhor conteúdo é genética, (AV) e quem não gosta de aprender de um jeito diferente, não é? (P) A ideia do vídeo é uma boa forma de compartilhar conhecimentos sobre o conteúdo, pois cada um tem um jeito diferente de explicar e pode facilitar muito no aprendizado (O)”.(A3). Neste exemplo podemos identificar três métricas: Avalia (AV), Problematisa (P) e Opina (O), mas que aparecem em poucos casos. Assim, conforme demonstrado nos gráficos nº 2 e 3, escolhemos quantificar um comentário por métrica.

Gráfico 3 - A Identificação da Cooperação



Fonte: Elaborado pelo autor (2016)

O Gráfico 3, de forma semelhante ao anterior, apresenta o número de comentários onde foram encontradas as métricas dos indicadores, como critérios para a formação da **Cooperação**, que supera o trabalho em equipe para incluir o compartilhamento de um projeto comum. Entre eles estão os indicadores: a Reciprocidade, Troca de Informações, Participação de Professores e Alunos e Entendimento Comum. O instrumento apresentado na Tabela 6 pretende identificar na seleção de comentários, indícios de interações, colaboração, trocas e diálogos que se configurem ou se aproximem de cooperação.

Observamos que a Reciprocidade, caracterizada pelas métricas **Menção Nominal, Saudações e Perguntas e Respostas**, critério fundamental para a cooperação, demonstra a presença de poucas

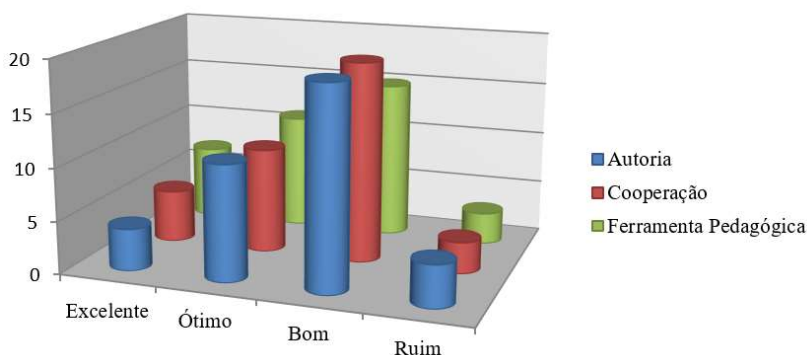
interações e diálogos entre os pares: entre 5 a 7 participações. Enquanto que o **compartilhamento de recursos ou informações** é identificado em 26 comentários, o que se refere às contribuições relevantes de professores e alunos que acrescentam conteúdos para o debate e contribuem para uma aprendizagem cooperativa referente ao tema estudado.

A partir da consulta ao nosso instrumento de análise e a leitura do Gráfico 3, constatamos que outros indicadores importantes de **Cooperação** são: a) Troca de informações (cuja métrica é o **Compartilhamento de recursos ou informações**); b) Participação de Professores e Alunos (com as métricas **Iniciativa do aluno** - identificada em 6 comentários; e **Acolhimento do professor à iniciativa do aluno**, em 4 comentários); e c) Entendimento Comum, (que tem a única métrica na **Compreensão coletiva de sentido** - que não foi encontrada nas participações).

6.1.2 A Avaliação dos Alunos

Os alunos foram solicitados a responderem a um questionário de 11 questões (APÊNDICE IV) fechadas e abertas com o objetivo de avaliar a intervenção no Facebook. Um total de 38 alunos responderam às questões.

Gráfico 4 - Avaliação dos Alunos



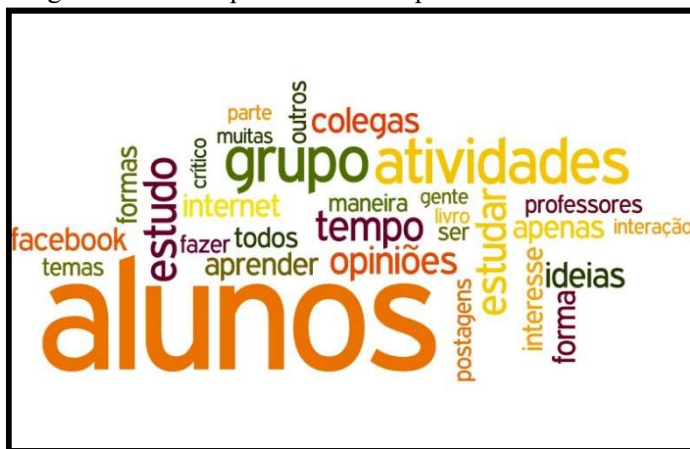
Fonte: Elaborado pelo autor (2016)

O Gráfico 3 apresenta o resultado de três questões (nº 4,5 e 9 do questionário): 4. Avalie o desenvolvimento da autoria. Como as atividades desafiaram a pensar, questionar, ser criativo, participar e expor suas ideias? 5. Avalie o desenvolvimento da cooperação. Como as

atividades desafiaram os alunos a aprender com os outros, trabalhar em equipe, ouvir a opinião dos colegas, colaborar e participar? 9. Qual a sua opinião de utilizar redes sociais como ferramenta pedagógica?

Os números correspondem às questões fechadas a cerca da quantidade de alunos que responderam determinada alternativa, conforme demonstrado na base do gráfico. 50% dos estudantes avaliaram que o desenvolvimento da **Autoria** e **Cooperação** nas atividades foi bom, e foi ótimo para 28% na **Autoria** e 26% na **Cooperação**. Entre as alternativas: excelente e bom, o Facebook como instrumento de estudo e aprendizagem, foi aprovado por 90% dos participantes da pesquisa.

Imagem 4 - Nuvem palavras citadas pelos alunos



A Imagem 4 apresenta, em forma de nuvem, 30 palavras mais citadas nas respostas dos alunos no questionário de avaliação, que se refere ao julgamento e pareceres dos estudantes sobre a realização e a sua participação na intervenção. O objetivo deste recurso é identificar representações dos respondentes sobre a utilização da rede social na escola. As palavras em destaque **alunos**, **atividades**, **grupo** e **estudo** descrevem elementos de uma ambiência de ensino e aprendizagem onde o foco principal é o aluno. As palavras **tempo**, **opiniões** e **colegas** representam o reconhecimento do Facebook como possibilidade de externar pontos de vistas entre os pares, mas com o fator tempo como elemento principal para a execução das atividades. Na opinião dos estudantes, houve pouco tempo para a resolução de muitas atividades. Apesar de considerar que a utilização da *web 2.0* favorece uma

aprendizagem mais interessante e dinâmica, aprendendo com colegas, eles afirmaram não ter havido muita participação e interação no ambiente virtual.

6.1.3 A Avaliação dos Professores

Imagem 5 - Nuvem de palavras citadas pelos Professores



Da mesma forma que a anterior, a Imagem 5 representa as palavras mais citadas nas respostas dos professores a quatro questões abertas sobre a avaliação da realização de atividades. Os questionamentos se referem à ocorrência de autoria e cooperação, as dificuldades, desafios, ganhos e benefícios identificados na execução do projeto. Novamente a palavra **Alunos** foi a mais citada, demonstrando como ser o centro do processo. Mas também **escola**, **ENEM**, **sala**, **internet** e **aula** apresentam o cenário de pesquisa: alunos formandos do ensino médio de escola pública preparando-se para o as provas, na expectativa de ingressar ao ensino superior público e gratuito, com o uso da internet como aliada. Apesar de várias dificuldades e desafios elencados, que vão desde problemas de acesso à internet até a falta de participação de alunos, os respondentes destacaram ganhos e provocações para a prática pedagógica e o planejamento escolar: a quebra de paradigmas, desmitificação da prova do ENEM, desenvolvimento de autonomia dos escolares, a busca por novas formas de ensinar e aprender, atendendo à demanda das novas tecnologias, entre outros.

Na análise dos dados das trocas discursivas, que será a próxima etapa de nossa pesquisa, cruzaremos os dados coletados nos depoimentos de alunos e professores com as publicações e conversações no grupo de estudos *on-line* representados nos gráficos, com objetivo de identificar as convergências, contradições e evidências da ocorrência da autoria e cooperação.

6.2 PESQUISA DA INTERVENÇÃO PEDAGÓGICA

Apresentados os dados coletados no período de planejamento da intervenção, passamos para o próximo passo que é analisar as trocas discursivas ocorridas durante a intervenção, para identificar onde existiu (ou não) a **Autoria** e **Cooperação**. Mas inicialmente vamos confrontar dados entre os gráficos na intencionalidade de verificar possíveis contradições, observando a participação e audiência no grupo. Pois partimos do pressuposto de que para a ocorrência de **Autoria** e **Cooperação** são necessárias a interação e a participação em registros das postagens, visualizações, curtidas e comentários. Pelo fato de o grupo de estudos ser fechado para os sujeitos cadastrados, não mensuramos os compartilhamentos.

6.2.1 A Participação no Facebook

A partir do cenário apresentado na Tabela 6, podemos estabelecer alguns indicadores de participação no Facebook. Para o conjunto de 62 integrantes do grupo e pela média de visualizações podemos chegar ao índice de 75% de audiência, ou seja, a estimativa de sujeitos que acessaram, leram ou assistiram publicações. Porém, em relação à quantidade de curtidas, este índice cai para 19% e os comentários para 6% das participações.

Figura 10 - O Desafio



Fonte: *Print* Facebook. Adaptado pelo autor (2016)

Uma das dificuldades e preocupações recorrentes nos depoimentos de professores é motivar os estudantes a participar e interagir no lugar onde amam estar, estudando juntos para o ENEM. O professor que frequenta o Facebook se depara algumas vezes com seus alunos realizando desafios, editando fotos, vídeos, mensagens e figuras para os seus amigos, conquistando popularidade, *likes* e muitos convites de “amizades”. Quem nunca ficou intrigado com estas manifestações de criatividade e participação, que não são utilizadas com a mesma intensidade na apresentação de um trabalho na disciplina, mesmo quando há incentivo do professor?

A Figura 10 foi editada no *Paint* e postada no grupo para incentivar a participação. Recebeu 9 curtidas, 55 visualizações e nenhum comentário. Foi elaborada pelo professor pesquisador para avaliar as reações e respostas dos integrantes do grupo. A maioria visitou e acessou o grupo de estudos, houve uma razoável “alimentação” no ambiente com um número considerável de publicações no decorrer de três meses, mas com pouca interação, troca e participação, confirmada por números e depoimentos, mas não demonstrados nas avaliações realizadas pelos estudantes. Conforme resultados levantados, 67% dos alunos avaliaram como boa a sua participação no grupo. Em relação à participação dos professores, 45% responderam ser boa e 30% ótima.

É interessante observar que pela média de visualizações, de algum modo os estudantes acompanharam as publicações dos colegas, mas perceberam dificuldades em escrever comentários nos *posts*, conforme A2: “Poucos alunos interagiram no grupo. Até que eu lia todos os dias,

ver os conteúdos, mas não costumava comentar minhas opiniões”. Para os professores, esta dificuldade está relacionada à falta de hábito de escrever comentários no Facebook ou emitir opiniões. Conforme a Figura 10, havia um incentivo, pedidos, solicitações de professores para que postassem as atividades previamente pesquisadas e trabalhadas em equipes, e registrassem algo sobre os conteúdos publicados. Alguns alunos alegaram estar pressionados e obrigados a responder às atividades. Outros, um pequeno grupo, representando 18% dos participantes, comentaram de 6 a 17 vezes, o que é confirmado pelo depoimento do A17: “Eram sempre os mesmos alunos que comentavam as publicações”. Em alguns *posts*, por exemplo, houve 8 comentários com a participação de 3 alunos.

Para os professores, as maiores dificuldades estão exatamente na utilização do Facebook como ferramenta de aprendizagem e promover que os alunos interagissem após a publicação dos seus trabalhos. O PROF.4, em tom de desabafo, afirma: “O problema é que eles mais querem matar tempo do que comentar os trabalhos. Você sai do lado e vão para outras páginas. Olha, é bem mais difícil que pensei”. Este depoimento refere-se ao momento em que uma turma estava no laboratório de informática da escola com o professor para estudar para o Enem no grupo de estudos.

Utilizar um ambiente como as redes sociais, com caráter informal, de entretenimento para o cunho pedagógico, sério, catedrático, causou uma certa estranheza tanto para professores quanto para alunos. Mas, apesar das futilidades e exibicionismos, é possível ler e ver debates e manifestações produtivas nas redes, de maneira informal, demonstrando certo nível de criticidade, algo que em algumas vezes não se vê no cotidiano das escolas.

O desabafo do professor sobre a dificuldade enfrentada demonstra que os artefatos tecnológicos, os espaços virtuais onde gostamos de estar, parecem ser incompatíveis com o conhecimento histórico e culturalmente construído, mesmo sendo resultado deste. Expõe uma escola que quer abrir seus muros às novas linguagens e modos de ser e agir, mas que não sabe como. Então problematizamos: qual é a finalidade de liberar a rede social, o celular, o sinal do *wifi* na escola? O “matar tempo” parece demonstrar um conflito de compreensão sobre a validade de se estudar no ambiente amplamente frequentado pelos jovens na vida cotidiana, ou mesmo do que significa aprender e como fazê-lo no contexto da cultura digital.

Na avaliação dos estudantes, utilizar a rede social como ferramenta pedagógica, conforme Gráfico 4, foi excelente para 20%, ótimo na

opinião de 30%, bom para 40% e ruim para 10% dos participantes da pesquisa. Ou seja, foi aprovado por 90% dos participantes da pesquisa. Mas, na opinião do A8: “O Facebook é uma ferramenta de lazer na qual a gente vai para se descontraír e relaxar. Com o trabalho, ele perdeu esse aspecto de descontração”. E retornamos à reflexão anterior sobre o que significa aprender na cultura digital, pelo senso comum de que a aprendizagem dada na escola é a legítima (e chata), enquanto o divertido que acontece nas redes não significa aprender, mesmo que inclua alguma espécie de estudo, aprofundamento em conceitos, relações, conteúdos.

Neste cruzamento de dados, portanto, verificamos incoerências e contradições entre as boas avaliações dos estudantes a respeito de suas participações, atividades e o fato de se utilizar a rede social como instrumento de estudo e aprendizagem, numa ambiência com pouca participação, demonstrada através dos Gráficos 2 e 3 apresentando métricas de autoria e cooperação abaixo de 10% dos comentários. E esta dificuldade de encontrar participações de qualidade é confirmada na avaliação do PROF.1, quando afirma que: “[...] uma pequena parcela dos alunos realmente comentou e acrescentou conhecimento no trabalho dos colegas. Em sua maioria, os alunos comentaram com elogios como “legal” ou “parabéns”, não demonstrando que realmente leram os *posts* ou assistiram aos vídeos” É relevante analisarmos as participações no grupo de estudos *on-line* porque, para Silva (2006), a autoria na *Web 2.0* está na atitude de participar, modificar, interferir e agir. Nesta perspectiva, pesquisar, escolher um *link*, publicar, compartilhar, curtir ou comentar pode significar emitir uma opinião ou opção política, mesmo de forma implícita. Nesta dimensão, concordamos com o autor que defende que a cultura digital modifica ou amplifica o entendimento de autoria que vai além da lógica linear da produção textual. Ou seja, através dos textos multimodais, por exemplo, surgem outras possibilidades de ser autor, que passa pela produção, criação de algo novo. Mas a razoável produção e publicação de 82 *posts* no grupo de estudos não são relevantes para a identificação de autoria e cooperação? Na perspectiva de que quantidade não é sinônimo de qualidade, observaremos se as postagens e trocas discursivas superam a lógica reprodutivista e conteudista.

6.2.2 Análise da Autoria nas Trocas Discursivas

Figura 11 - A Formação da Autoria



Fonte: Elaborado pelo Autor (2016)

A Figura 11 resume a nossa compreensão sobre o conceito de autoria, que parte da compreensão e apreensão de conteúdos e vai além quando cria algo novo e diferente.

Conforme apresentamos na Tabela 6, sobre as participações no grupo do Facebook, os conteúdos mais publicados foram *links* e vídeos elaborados pelos alunos. Os *links* são documentos prontos copiados da internet e colados no espaço on-line para socialização com os sujeitos cadastrados no grupo, de modo que pudessem reagir ou responder aos *posts* com comentários e interações. Os vídeos são filmagens elaboradas em equipes por estudantes via celular, com o propósito de colaborar ou de contribuir para o estudo do Exame Nacional do Ensino Médio. Correspondem às atividades solicitadas por professores de diferentes disciplinas como parte integrante do cronograma de trabalhos elaborados na intervenção durante os dias que antecederam os exames.

Selecionamos do grupo de estudos para a análise o excerto nº 1, que responde ao *link* “Crônica sobre Pedofilia e Maioridade Penal” (ANEXO II. *link* 11), pesquisado no site Mundo Jovem, de Matheus Pichonelli, jornalista na Carta Capital. O Aluno A13, ao postar o texto, comenta: “Atualidades! Crônica sobre um tema que já há alguns anos se cogita para tema de redação”. O texto apresenta dois homens expondo a sua indignação com um comentário de um amigo, por ter declarado que não pode prender um indivíduo menor de idade. Defendem a redução da maioridade penal como forma de o Estado proteger os seus filhos. Em seguida, passam a comentar sobre compartilhar vídeos sexuais envolvendo meninas menores de idade.

A42: “Vale a pena ler!! De que adianta os "tiozões" defenderem a redução da maioria penal que protegerá seus queridos filhos, **(P)** enquanto discutem despididamente sobre vídeos de violência sexual e quebra de privacidade dos filhos dos outros?”

A13: “Hipocrisia que insiste em nos rodear”.

A13: “A49, A45, A39 o que vocês acham?” **(Q)**

A42: Prof.3

PROF.3: “Legal A42, gostei da "provocação". Gostei muito da crônica porque apresenta dois temas polêmicos de forma sintetizada, utilizando a mídia social Facebook. Eu entendo que muitas questões apresentadas na crônica são culturais[...]”.

A45: “Muito boa a crônica, recomendo, vale a pena tirar alguns minutinhos para ler **(AV)**. Me chamou a atenção em um ponto **(S)**: que muitas vítimas têm menos de 18 anos de idade e que os vídeos muitas vezes são compartilhados quando é o filho do pobre que apronta. Agora me diz como os “tiozões” defenderam a redução da maioria penal sendo que eles estavam popularizando os vídeos das menores tirando sua privacidade e expondo para pessoas que provavelmente da família irão ver.**(O)** Casos como esse são chamados de pura hipocrisia e não de bom senso moral”.

A13: “Um dos problemas do homem é que é mais fácil enxergar o erro alheio do que o próprio! Pornografia da “novinha” na concepção esdrúxula não seria crime e errado, mas a maioria penal deveria ser instituída visando os “jovens estupradores. Cultura de preconceito se mostrou muito nítida na crônica também”. **(O)**

A45: “Sim, hoje é muito fácil de achar esses tipos de pessoas que praticam esses absurdos, que acham que estão tirando onda. Por isso providências deveriam ser tomadas para que isso não vire uma verdadeira bagunça para as demais gerações de crianças e jovens adolescentes. Os pais que deveriam dar a educação adequada para seus filhos estão deixando que isso se espalhe. No caso do tiozões infelizmente não vejo concepção própria”. **(O)**

O Aluno A45 **Avalia (AV)** quando elogia a crônica e sugere recomendando, convidando seus colegas para a leitura: “[...] vale a pena tirar alguns minutinhos para ler”. No mesmo comentário, podemos identificar ainda o indicador **Sintetiza (S)**, quando o estudante chama a atenção para um aspecto específico: “[...] que muitas vítimas têm menos de 18 anos de idade” e apresenta o seu entendimento quando conclui “[...] que os vídeos são compartilhados quando é o filho do pobre que apronta”. Na participação do A42, identificamos o indicador **Problematiza (P)**, quando contribui provocando reflexão sobre a contradição de defender a maioria penal e compartilhar vídeos pornográficos com participação de meninas menores de idade. E o A13 **Opina (O)** quando defende a ideia de que “a cultura de preconceito se mostrou muito nítida na crônica e a hipocrisia insiste em nos rodear”, utilizando como argumento a atitude de criminalizar jovens estupradores ao mesmo tempo que consome pornografia infantil.

A postagem analisada teve 8 comentários com a participação de 3 estudantes e um professor. A maioria das métricas foram identificadas, apresentando compreensão e apreensão sobre o tema abordado. O *link* foi bem escolhido por iniciativa do aluno, por ser atual, polêmico e urgente para ser levado ao âmbito escolar. Os escolares mostraram serem capazes de avaliar e acrescentar novas conclusões à moral da história apresentada pelo autor do texto. Por exemplo: “Casos como esse são chamados de pura hipocrisia e não de bom senso moral”, pois a “Cultura de preconceito se mostrou muito nítida na crônica também”. Então “[...] providências deveriam ser tomadas para que isso não vire uma verdadeira bagunça para as demais gerações de crianças e jovens adolescentes. [...]”. Ou seja, palavras chaves como hipocrisia, cultura do preconceito e tomar providências, demonstram haver um bom nível de entendimento dos estudantes em relação ao texto apresentado, confirmando que houve uma leitura atenta do *post*.

Chamamos a atenção do leitor ainda para duas questões que avaliamos relevantes: observar as marcações, os convites para a participação no debate, quando a A42 marca o nome do PROF.3 e este a atende, elogiando a sua atitude: “Legal A42, gostei da provocação”. O mesmo ocorre com o estudante A13 quando **Questiona (Q)** seus colegas “o que vocês acham”? E o A45 responde prontamente ao seu questionamento sintetizando e opinando sobre a crônica. Isso quer dizer que há indicadores de **Cooperação**, na reciprocidade e interação, através da qual também pode ocorrer autoria cooperativa ou compartilhada. Pois, embora em pequeno número de participantes, é importante destacar a

iniciativa de construir um diálogo com reflexão que transcende a simples reprodução de conteúdos.

Observando o Gráfico 2, sobre a identificação de **Autoria**, encontramos métricas de seus indicadores numa média de 8% dos comentários, com destaque para um número maior de comentários de opinião e avaliação. Porém não encontramos nas participações a produção de algo novo. O que isto significa? De início, apesar de haverem dado passos importantes para o protagonismo na cultura digital, a maioria dos estudantes ainda não atingiu o grau de plena autoria ao produzirem e compartilharem algo novo. Isto é, há reflexão crítica sobre os conteúdos postados, mas não a criação inovadora de conteúdos. Este é um passo reconhecidamente difícil, mas que deveria permanecer no horizonte de todos, de modo que não se deixe de promover as ações que venham criar as condições favoráveis para o desenvolvimento da plenitude da autoria.

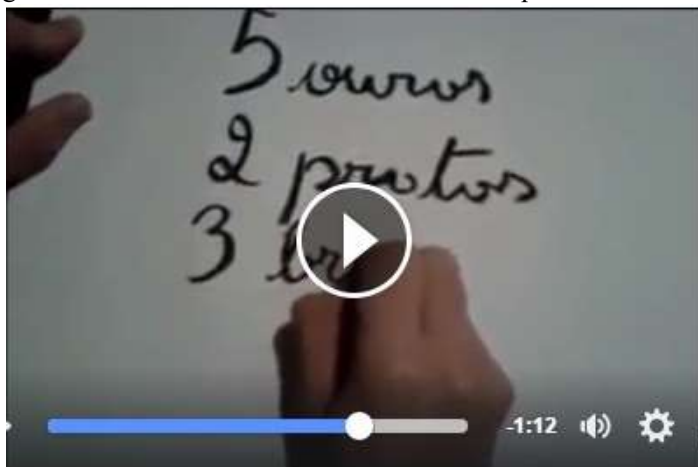
É relevante mencionar os temas postados no grupo, que despertaram alguns debates: O que é Felicidade? Redução da Maioridade Penal, O Limite entre o Culto à Beleza. A mediação do professor, as abordagens e metodologias das atividades propostas também contribuíram para maiores participações. Na atividade realizada na área de Linguagens, por exemplo: analisar introduções de redações escritas pelos colegas sobre o tema “Aborto”, houve um contexto favorável para os alunos utilizarem as informações compreendidas e apreendidas para avaliar e opinar sobre a estrutura de formação de um texto e do tema abordado. Opinar é um indicador importante para a construção de autoria, pois demonstra um nível de compreensão e apreensão, porém não significa necessariamente a criação de algo novo. Então qual é a relação entre opinar e produzir algo diferente? Embora não seja o objetivo final, a formulação de opinião é um passo importante e imprescindível, pois é preciso reconhecer criticamente as determinações postas, analisá-las em suas condições, para pensar alternativas para elas.

De modo que podemos ter uma compreensão favorável à autoria, não pelo que falta (a inovação), mas por aquilo que já conquistou, desde que se tenha em mente que a aprendizagem é um processo ininterrupto, que se faz ao caminhar. Isto é, a opinião não é o objetivo final, já alcançado, mas o ponto de partida para a criação de algo novo, e que pode e deve ser valorizada pelo professor desde que reconhecida por todos como uma etapa de um processo mais longo, a ser continuado, até a inovação de fato.

6.2.3 Análise de Vídeos

O instrumento de identificação de **Autoria** foi utilizado também na análise de comunicação de vídeos (ANEXO I), cuja finalidade era apresentar questões ou conteúdos utilizando habilidades e competências avaliadas no ENEM. Organizados em equipes, os alunos foram solicitados pelos professores de Matemática, Biologia e Língua Portuguesa a realizarem pesquisas na internet e elaborarem uma apresentação criativa de suas pesquisas. Todos os grupos optaram pela criação de vídeos, totalizando 26 trabalhos, nos surpreendendo pela quantidade e falta de diversidade na forma de apresentação. Possíveis fatores podem ter contribuído para isso: a forma de abordagem e estratégia das atividades na perspectiva de exposição, explicação de conteúdos em formato de teleaula; a solicitação do professor; o entendimento que capturar e editar imagens corresponde à atitude de ser autor; a compreensão de que é a forma mais adequada de utilizar os celulares no espaço escolar.

Figura 12 - Print Vídeo nº 9: Aluno resolvendo questão de Matemática



Fonte: Grupo de estudos Facebook

Uma das habilidades que o vídeo Matemática trabalha é construir significados e representações para os números naturais, inteiros e racionais no contexto social. O enunciado da questão é apresentado pela edição com gravação de áudio de voz. Uma situação-problema onde o Brasil foi o décimo sexto colocado nas Olimpíadas de 2004, na fala de A2

a 1,13s do vídeo: “[...] Se o Brasil tivesse obtido mais 4 medalhas de ouro, 4 de prata e 10 de bronze, qual teria sido a classificação brasileira no quadro de medalhas”? O Estudante faz a resolução do problema utilizando uma cartolina branca, conforme Figura 13, e demonstra qual é a resposta correta. Os estudantes apresentam uma boa comunicação e performance na sua apresentação, demonstrando entendimento da questão e a quantidade de informação é suficiente. Porém, não é identificada nenhuma métrica de **Autoria**, pois o trabalho foi elaborado na lógica de explicar e demonstrar como resolver uma questão de matemática utilizando certas habilidades e competências.

O vídeo nº 12, porém, aborda o tema “Sexismo”, um trabalho *selfie*, desenvolvido nas aulas de Língua Portuguesa. A A13 publica o trabalho no grupo juntamente com uma síntese de sua pesquisa: “O sexismo é toda forma de poder que coloca um gênero sobre o outro, em poder sobre o outro [...]. é a causa do feminismo, do machismo e da violência contra a mulher [...]. A melhor forma de combatê-lo é o conhecimento. [...]”.

Na apresentação do vídeo, uma aluna faz perguntas e outra responde sobre questões relacionadas ao tema. Aquela que responde se destaca por apresentar compreensão e assimilação sobre o assunto abordado. No excerto nº 2, registramos o diálogo a 0,13s do vídeo onde encontramos as métricas **Questiona (Q)** e **Contextualiza (C)**:

A1: “O que significa sexismo?” (Q).

A2: “Sexismo é toda forma de poder que coloca o sexo privilegiado sobre o outro. O exemplo clássico é o homem e a mulher. (C) O sexismo é a causa de todos esses preconceitos: violência contra a mulher, altos índices de homicídio, causa dessas leis todas que foram criadas para defender a mulher”.

A 1min:43s da execução do vídeo foi possível identificar a métrica **Opina (O)**, e em 2min:43s identificamos **Sintetiza (S)** ou conclusão no Excertos nº 3 seguinte:

A2: “[...] (O) se a gente parar pra pensar são leis recentes, porque a Lei do Feminicídio foi no mandato da Dilma e a Lei da Maria da Penha foi em 2006. Além de punir, deve haver conscientização que as mulheres também têm os

seus direitos. É com certeza a maior forma de combater.

A1: “[...] (S) é importante lembrar que em casa não se deve ensinar que a cor rosa é de menina e azul é de menino, que menina só pode brincar de boneca e menino de carrinho”.

A2: (S) “O sexismo é ensinado para as nossas crianças e sem querer isso vai passando de geração em geração”.

Os excertos selecionados pertencem ao vídeo elaborado em Língua Portuguesa, com a finalidade de apresentar informações a partir da pesquisa acerca do tema “Sexismo”. O diferencial dos demais trabalhos não está na forma performática de apresentação, mas na forma de abordar e tratar o conteúdo que vai além de sua simples reprodução. Nas falas, observamos inicialmente a métrica **Questiona (Q)** utilizada na estratégia de entrevista, pergunta e responde. A Aluna A2 **Contextualiza (C)** quando consegue situar no cotidiano, exemplificar a sua interpretação do conceito trabalhado: “[...] O sexismo é a causa de todos esses preconceitos: violência contra a mulher, altos índices de homicídio, causa dessas leis todas que foram criadas para defender a mulher”. Demonstra a habilidade de **Sintetizar (S)** e de conclusão quando afirmam: “[...] É importante lembrar que em casa não se deve ensinar que a cor rosa é de menina e azul é de menino [...]”. “O sexismo é ensinado para as nossas crianças e sem querer isso vai passando de geração em geração”. E emite **Opinião (O)** identificada na frase: “[...] Além de punir, deve haver conscientização de que as mulheres também têm os seus direitos. [...].” A2 opina quando acrescenta criando sobre o conteúdo, porém não cria algo novo, não propõe como fazer uma conscientização, como criar uma campanha contra o preconceito, por exemplo.

Segundo Silva (2006), a autoria estaria em mudar, interferir e remixar conteúdos, mas na perspectiva de produzir algo novo e não mais do mesmo, ou quando se reproduz de forma estetizada ou mais performática. É importante considerar, na intervenção realizada, os objetivos do professor na solicitação da atividade: na perspectiva de conscientização, provocar reflexão, ou com a finalidade de informar, trabalhar habilidades e competências na resolução de questões como foi demonstrado no vídeo nº 9. Para os estudantes, trabalhar com vídeos significa compartilhar entendimentos sobre o assunto e aprender com o outro no ato de ouvir e ser ouvido, explicar e assistir.

As apresentações, porém, em sua maioria, enfatizaram a exposição, a leitura de enunciados de questões para o exame nas áreas de conhecimento e a sua resolução-explicação no quadro de giz, reproduzindo a lógica de sala de aula. Interessante observar ainda que os enunciados das questões apresentados nos vídeos trabalham a contextualização, porém as suas apresentações não. Alguns vídeos apresentaram edições com legendas, música de fundo, sobreposição de figuras às imagens capturadas, porém também não acrescentaram algo novo, preservando a reprodução de conteúdos.

Na avaliação de professores, muitos alunos não demonstraram que leram os *posts* e/ou assistiram os vídeos, pela falta de qualidade em suas participações, comentários generalizados sem aprofundamentos das questões e sem questionamentos sobre o assunto. “Vejo que encontram e procuram por coisas prontas, acham legal e postam, sem mesmo se questionarem sobre o assunto, e os comentários são generalizados, sem aprofundamentos das questões” (PROF.4).

É importante considerar que o formato do Facebook é assim: rápido, visual, oral, imagético, superficial nos comentários. Aprofundamentos são feitos as vezes nas indicações de link.

O entrave para desenvolver a autoria está na recorrente dificuldade do aluno expor as suas concepções com autonomia, pois espera as respostas prontas e mastigadas do professor. O bom docente nesta perspectiva é aquele que explica bem e consegue esgotar os conteúdos previstos no livro didático. Na opinião do PROF.3, esta dificuldade é agravada com a internet, pois “[...]a era digital acabou desenvolvendo a lei do menor esforço.[...] no tradicional *control C* e *control V*, porque “entre ler e esboçar uma ideia num parágrafo, há um abismo”. Mas os professores também trabalham assim: exigem pouco, são superficiais, priorizam a forma ao conteúdo.

É mais uma evidência, segundo Figueiredo (2016), que a escola ainda conserva a pedagogia da explicação, onde o professor explica, mas o aluno não aprende, porque não tem autonomia. Na pedagogia da autonomia, o aluno é estimulado aprender por si próprio, e só quando precisa, e sabe que precisa, é que recorre à explicação do professor. Essas dificuldades que se apresentam demandam uma formação que transcende o uso instrumental das tecnologias. Mais do que a explicação, deve-se valorizar também a iniciativa, a autonomia e a enculturação ativa. Pois o bom professor da era digital assumirá a nobre função de se transformar num agente-chave de transformação cultural (FIGUEIREDO, 2016).

Segundo depoimentos de estudantes, as atividades incentivaram os alunos a pensar e aprender com os colegas, porém alguns sentiram-se

pressionados para a sua resolução e estudar para o ENEM se tornou cansativo. A formação para a autoria foi dificultada pelo excesso de atividades, o escasso tempo no desenvolvimento da intervenção, baixa participação e interação no grupo e o fator distração, que provocou a falta de atenção nas postagens, justificando as rápidas bricolagens das atividades para ganhar tempo para estar no Facebook, mas fora do grupo de estudos. Na opinião do Aluno A5: “Pouco ocorreu autoria, pois a maioria era meras cópias com o intuito de cumprir a atividade”.

A grande questão não seria como fazer intervenções que escapem desse formato? Será que o que foi solicitado não foi o reforço daquele modelo explicativo utilizado geralmente em sala de aula?

É possível inferir que a pedagogização das tecnologias com foco no conteúdo, na explicação, repetição e na resolução de atividades não logra êxito, pois não desperta interesse e maior participação para os estudantes, não favorecendo o desenvolvimento da **Autoria**. Na perspectiva instrumentalista, alguns professores não compreendem porque utilizando tecnologias como recursos pedagógicos ainda há alunos desmotivados. Será que “pedagogizar” um espaço virtual, como o Facebook, planejado para o entretenimento, significa descaracterizá-lo enquanto tal? As tecnologias, portanto, não devem ser o carro-chefe, mas devem vir a reboque de um projeto pedagógico coletivo da escola.

Nos depoimentos coletados, está implícita a perspectiva instrumentalista dos artefatos tecnológicos que promovem uma aprendizagem significativa, promovida pela motivação atribuída às TIC, desde que o seu efeito de dispersão seja anulado. E para isso acontecer, na opinião dos professores, deve ser pensada sempre em função dos objetivos educacionais, mas objetivos que não sejam ainda os mesmos da velha pedagogia, isto é, que se resumam a um professor dando aulas, onde este expõe, explica e interroga, e os estudantes devem escutar, compreender e responder.

Nesta perspectiva, a pesquisa demonstrou que utilizar redes sociais conservando a lógica conteudista e reprodutivista do livro didático, reduzindo o aluno a olhar, ouvir, copiar e prestar contas, não dará conta de formar sujeitos críticos imersos na cultura digital. É o que sintetiza o Aluno A6 em sua avaliação: “Muito conteúdo. Muitas atividades consecutivas; pressão dos professores, pouco tempo para postar as atividades”. Com aprovação de 90% dos alunos, estudar com o Facebook na escola, pode ser mais dinâmico e interessante sem descaracterizá-lo na tentativa de transformá-lo em sala de aula formal.

Em depoimentos de alunos encontramos críticas ao projeto, como o do Aluno A8: “O projeto não alcançou o objetivo proposto, atraso de

conteúdos, atividades só copiar e colar e muita matação de tempo”. Comentários que nos desafiaram a identificar e caracterizar alguma atitude de **Autoria** no desenvolvimento das atividades. Mas demonstra ser relevante destacar esta perspectiva de escola e de aprendizagem, também pelos estudantes, focada na transmissão linear de conteúdo pautada pelo livro didático. Partindo do princípio de que toda e qualquer iniciativa que não esteja dentro desta lógica é caracterizada como uma matação de tempo e atraso de conteúdos.

Entendemos que o “copiar/colar” da era digital não é muito diferente do “copiar” da época da enciclopédia Barsa. Isto é, reproduzir e repetir informações dadas sem questionar ou refletir tem sido a prática constante de nossas escolas, exceto algumas iniciativas de subverter o currículo. A contribuição da *Web* para o nascimento do leitor como sujeito engajado, como coautor, com mais possibilidades de leituras, debates e produções, que pode promover o seu protagonismo, ou facilitar uma bricolagem de ideias, conceitos, trabalhos escolares, textos, músicas, imagens, ao tomá-las como suas, numa sucessão do que é chamado por muitos como plágios e piratarias. A remixagem e a bricolagem em tempos de cibercultura podem ser iniciativas de autoria quando superam a noção de ‘estetizar’ a aula, mas representam a produção de algo novo, de algo a mais. A iniciativa, por exemplo, de criar uma charge, uma paródia, música, teatro ou filme deve representar algo diferente e não uma reprodução de forma mais performática. Estamos cientes que nenhuma invenção extraordinária brotou do nada, da mais pura originalidade. Os mais importantes inventores da história utilizaram como base informações e erros de outros inventos. Ser autor, portanto, significa ressignificar, reinventar, apresentar uma nova versão, um novo olhar. Em tempos de *Web*, de cultura digital, aquilo que é original se torna híbrido, e corre-se o risco de produzir mais do mesmo. Autor é aquele usuário que decide não copiar, não reproduzir, não plagiar.

Segundo resultados apresentados no Gráfico 2, alguns indicadores foram identificados em até 09 comentários, com destaque em **Avalia** em 13 comentários e **Opina** em 25 comentários, não havendo a **criação de algo novo**. Isto significa que, embora com poucas participações, houve atitudes que demonstraram iniciativas mais atuantes e críticas de compreensão e apreensão, ficando a desejar intervenções mais relevantes que indicassem autoria.

Mas como criar algo novo produzindo vídeoaulas com o objetivo de estudar para o cenário competitivo dos vestibulares? Parece contraditório construir uma escola que oportunize uma formação política, crítica e ética, ao mesmo tempo em que prepara estudantes para o acesso

ao ensino superior em um cenário de competição tão acirrada. Acreditamos ser possível quando a nossa abordagem for a problematização de conteúdos para serem reconstruídos. A estrutura das provas do ENEM, por exemplo, incentiva a autoria quando vai além de desenvolver capacidade de ler e escrever ou repetir e reproduzir o conteúdo, buscando desenvolver habilidades e competências de contextualizar, problematizar a partir de situações-problema, para resolver desafios para uma tomada de decisão. Mas, infelizmente a sua abordagem tem sido um treinamento para responder a perguntas e apresentar indicadores.

Embora criar algo novo não se refira somente ao inédito e original, as publicações no grupo de estudos do Facebook, em sua maioria, não representaram ressignificações de conteúdos ou criação de algo diferente. Foram elaborados vídeos por equipes de alunos, na tentativa de apresentar a utilização pedagógica dos artefatos tecnológicos, reproduzindo enunciados e resoluções de questões de provas sem a devida reflexão, contextualização, demonstrando pouca compreensão e apreensão dos conteúdos, com raras exceções, cumprindo apenas uma tarefa obrigatória exigida pelos professores. A postagem de uma grande quantidade de vídeos demonstrou a dificuldade de como trabalhar conteúdos curriculares de forma diferenciada, faltando outras opções de atividades e necessitando de planejamento coletivo. Outras postagens, em sua maioria, se resumiram a *links* de reportagens e crônicas, pequenos textos, apenas uma charge, como resposta às atividades solicitadas pelos professores. Alguns alunos, por iniciativa própria, postavam algumas dicas de redação e de simulados.

Talvez outras atividades pudessem ter sido desenvolvidas sem perder o foco dos estudos, e possibilitado melhores condições para a ocorrência de autoria. Como, por exemplo, a produção de vídeo sobre um evento histórico na cidade, a criação de uma página no Facebook de uma campanha contra a corrupção, o desenvolvimento de um museu virtual na *Web*, a criação de *memes*, charges e clipes, a construção coletiva de textos na ferramenta *wiki*, entre outras.

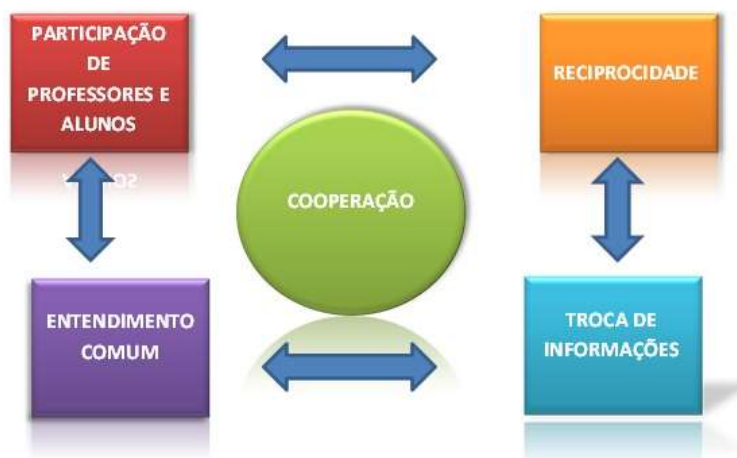
Outro contexto que prejudicou a formação da autoria e também da cooperação foram as insatisfações: na perspectiva dos alunos, estavam a pressão dos professores para resolver as atividades conforme cronograma estabelecido e o excesso de atividades, concentradas nos dias que antecediam as provas. As atividades na rede social intensificaram os trabalhos que já estavam em andamento durante o ano, o que tornou o estudo algo cansativo e desagradável. Entrar no grupo do Facebook para interagir nesta atmosfera se tornava muito difícil, mesmo estando na rede

social. A insatisfação dos professores estava na falta de compromisso e de interesse dos estudantes, pois havia tempo suficiente para realizar as atividades e participações, disponibilizado em aulas agendadas no laboratório de informática para esta finalidade, mas que mesmo nestas condições subvertiam as solicitações. Fica ainda a pergunta, se estariam os alunos atuando como autores, subvertendo a ordem.

Defendemos em nossa pesquisa a ideia de que é possível uma formação para a autoria com cooperação, isto é, uma autoria compartilhada e coletiva, através da interação, na troca de informação e na construção coletiva de sentido. Apresentamos as dificuldades de construir autoria no universo competitivo do ENEM, mesmo com a arquitetura favorável da *Web*. E a **Cooperação** não foi diferente. Na próxima seção apresentamos mais especificamente quais foram os entraves.

6.2.4 Análise da Cooperação nas Trocas Discursivas

Figura 13 - A Formação da Cooperação



Fonte: Elaborado pelo autor (2016)

A Figura 13 representa os indicadores elaborados para a identificação e ocorrência da Cooperação nas trocas discursivas. A partir do conceito de Belloni & Gomes (2008), para existir Cooperação deve haver interação, colaboração, mas também objetivos e projetos comuns, atividades e ações conjuntas e coordenadas. A interação teria como primeiro indicador a **Reciprocidade**, identificada através de métricas

como: **Menção nominal, convida (M), Saudações (SA) e Perguntas e respostas (PR)**. O segundo indicador seria a **Troca de informações**, que mediria a colaboração através da métrica **Compartilhamento de recurso ou informações (CI)**, onde cada integrante do grupo participa com a sua contribuição. E estas atividades conjuntas e coordenadas só teriam um propósito se realizadas com objetivos e projetos comuns, demonstradas através do terceiro indicador **Participação de professores e alunos**, identificadas através das métricas **Iniciativa do aluno (I) e Acolhimento do professor a esta iniciativa (AP)**. Por fim, o quarto e último indicador seria o **Entendimento comum**, demonstrado pela métrica de **Compreensão coletiva de sentido (CC)**, que é assumida por todos na busca da realização deste objetivo compartilhado.

Para além de desvalorizar ou descaracterizar a importância do estudo individual, trabalhar em equipe e utilizar a rede social como espaço de troca e interação poderia potencializar a motivação e influenciar alunos mais apáticos a formarem uma perspectiva de futuro mais ousada e ambiciosa em relação ao seu lugar no mundo, aprendendo e construindo conhecimentos com o outro. Reunir ou agrupar individualidades, turmas de diferentes turnos e escolas com professores de diferentes disciplinas em um espaço virtual no Facebook, representou grandes desafios, mas também uma ambiência favorável para a formação da **Cooperação e Autoria**.

O excerto nº 4 apresenta um diálogo entre estudantes de diferentes escolas. Uma turma de formandos da escola EEB Prefeito Frederico Probst, do município de Atalanta – SC, foi convidada a participar no grupo juntamente com os estudantes da escola EEB Bertino Silva, do município de Leoberto Leal – SC, local da pesquisa.

A13: “Sejam bem-vindos (SA) pessoal do EEB Prefeito Frederico Probst! (M.) Como vocês têm estudado pro ENEM? Pretendem usar a nota para programas como Prouni ou Sisu?” (PR).

A41: Estamos esperando para compartilhar o aprendizado com vocês pessoal da EEB Prefeito Frederico Probst

A42: “Bem-Vindos pessoal”.

A3: “Temos nos preparado bastante para o Enem, (PR) principalmente nas disciplinas de biologia, matemática[...]Alguns alunos até estão fazendo simulados. Eu pretendo usar minha nota para o Prouni, pois o curso que pretendo fazer [...]”.

A13: “Qual curso você pretende cursar? Onde”?

A5: (PR) “Eu e a **A21** pretendemos cursar arquitetura. Fizemos a inscrição para o vestibular da UFSC.

A36: (PR) “Obrigada por nos receberem e pela troca de conhecimentos! Adorei a ideia de fazer parte de um grupo de estudos para o ENEM. Parabéns pela iniciativa”!!!

A6: “Obrigada a todos vcs. Pretendo sim usar minha nota do ENEM para o PROUNI...”

A métrica **Saudações** (SA) é encontrada na expressão “Sejam bem-vindos”, e a **Menção Nominal** (M) na frase “[...] pessoal do EEB Prefeito Frederico Probst!”; e **perguntas e respostas** (PR), quando os Alunos A3 e A5 de outra escola participante respondem aos questionamentos do Aluno A13: “Como vocês têm estudado pro ENEM? Qual curso você pretende cursar? Onde”? Percebemos, portanto, a ocorrência de reciprocidade, pois há uma interação entre os atores, curiosidade, expectativa e um interesse em responder e o reconhecimento da receptividade no grupo, no comentário do Aluna A36: “Obrigada por nos receberem e pela troca de conhecimentos! Adorei a ideia de fazer parte de um grupo de estudos para o ENEM. Parabéns pela iniciativa!!!

O ponto alto e mais esperado da intervenção pedagógica seria a interação de alunos entre escolas. A estratégia foi desenvolvida na expectativa de proporcionar uma novidade, uma motivação para a audiência, participação e construção de conhecimentos. Porém, o número de interações entre os estudantes não aconteceu como esperávamos. Conforme apresentado pelo Gráfico 2, sobre identificação da Cooperação, a reciprocidade aparece numa média de apenas 8 comentários. Os alunos da escola convidada, EEB Prefeito Frederico Probst, participaram com publicações de 13 *links* e registraram comentários nos *posts* dos colegas. Mas houve a falta de interações, debates e trocas mais significativas e relevantes no grupo que demonstrassem, por exemplo, a identificação de **Cooperação**.

Recortamos o excerto sobre o *Link* 8 “Experimentos no Micro-ondas” (ANEXO II). O *post* corresponde à atividade de Ciências Naturais e suas Tecnologias na competência II - Identificar características de ondas sonoras ou de ondas eletromagnéticas, relacionando-as a seus usos nos mais diferentes contextos (BRASIL/M.ENEM,2002). Com o objetivo de explicar como funcionam as ondas eletromagnéticas e as suas radiações, o *link* apresenta experimentos em colocar um notebook e uma maçã no micro-ondas para descobrir se está tendo vazamento no aparelho. A

postagem do Aluno A19 foi visualizada por 49 integrantes do grupo, curtido por 29, e comentado por 10 sujeitos: 2 professores e 8 estudantes, dos quais 6 eram da escola convidada.

A63: “[...] Com a evolução da tecnologia ao passar dos anos muitas novas formas para tornar nosso cotidiano mais prático tem surgido, mas na busca dessa praticidade deixamos de lado a maior importância que é a nossa saúde”. (CI)

A13: “Muito útil! Estudo da radiação sempre muito interessante. Quais as consequências mais graves de exposições a quantidades maiores de radiação”? (PR)

A19: (PR) “As consequências dos contatos com maiores quantidades de radiação são muito prejudiciais à saúde. (CI) Em primeiro lugar a radiação emite muito calor, que pode deixar a pele do indivíduo totalmente queimada, e matar boa parte de suas células”.

A3: (CI) “Muito bom, já fiz também esse experimento com um celular em vários micro-ondas diferentes, quando estudamos sobre a Gaiola de Faraday que nada mais é do que uma blindagem eletrostática. Ao colocar o celular dentro de um micro-ondas realmente percebemos que alguns deles conseguem blindar a passagem dessas ondas, já outros não. Porém não sabia que a radiação do micro-ondas trazia danos a nossa saúde, muito interessante”!!

PROF.2: (AP) “Parabéns pela dica de experimento. Vale ainda lembrar que este tipo de onda não é absorvida por objetos metálicos, ocasionando reflexão das ondas causando um superaquecimento no aparelho, desta forma não devemos colocar alimentos no aparelho com embalagens metálicas (alumínio), ou recipientes metálicos” .

O Compartilhamento de Informações (CI) é identificado principalmente nas participações de dois alunos e um professor de Física sobre a radiação emitida no micro-ondas. O Aluno A19 contribui apresentando os efeitos negativos da radiação para a saúde, em resposta ao questionamento do Aluno A13, demonstrando a ocorrência de outra métrica (PR) **Perguntas e Respostas**. O Aluno A3 destaca o seu

desconhecimento em relação aos malefícios das ondas eletromagnéticas e acrescenta o seu experimento com um celular em várias micro-ondas, informando sobre a blindagem eletrostática. E o PROF.2 contribui inicialmente **acolhendo a iniciativa do aluno** (AP) ao publicar o *post* e contribui contextualizando o conceito blindagem eletrostática com a prudência ao utilizar embalagens ou recipientes metálicos no aparelho.

O Gráfico 3, que retrata a identificação da Cooperação nas trocas discursivas, destaca a ocorrência de Compartilhamentos de Informações (CI) em 26 participações, num universo de 106 comentários, enquanto que as outras métricas foram encontradas em até 07 participações e a compreensão coletiva de sentidos (CC) em nenhum comentário. Isto quer dizer que, mesmo abaixo das expectativas, houve alguma troca de informações relevantes, como exposto no excerto nº 5, que contribuíram de alguma maneira para a compreensão de conceitos como ondas eletromagnéticas e blindagem eletrostática. O compartilhamento de informações foi encontrado principalmente em dicas de temas de redações e publicações na área de Ciências Naturais, onde os *posts* foram bem selecionados porque contextualizavam conceitos científicos complexos da Física, Biologia e Química com situações do cotidiano: funcionamento do chuveiro elétrico e transposição do Rio São Francisco, por exemplo. Porém essas trocas não foram suficientes, necessitando mais fundamentações, contextualizações e interações.

A partir do entendimento de que estudar para o ENEM foi o objetivo e o projeto comum da escola, dos professores e dos alunos, não identificamos em nenhum momento o indicador **Entendimento Comum**. Ele seria o consenso necessário para superar diversidades, diferenças individuais, neste contexto competitivo para, em nome deste projeto comum, unir forças e colaborar para construir coletivamente sentidos para uma união, harmonia e parceria. Algumas dificuldades são identificadas nos depoimentos de avaliação, como a do PROF.2: “[...]o momento fazia parte de um cronograma onde instantaneamente ocorria o processo eleitoral para diretor de escola, que acredito ter sido fundamental na dispersão e cooperação de todos os envolvidos”. E na resposta do Aluno A4: “Algumas atividades realmente eram interessantes de serem feitas em grupo, como as produções de vídeos explicativos, mas boa parte deles voltou a ideia de apenas uma pessoa fazer e postar tudo, enquanto o resto não se esforça”.

Os estudantes destacam em seus depoimentos a importância dos trabalhos em grupo e o compartilhamento de informações na rede como estratégias pedagógicas positivas: ajudando-se mutuamente, a ouvir e aprender com o outro, trabalhar em equipe, dividir tarefas e facilitar aos

colegas entender melhor. Selecionamos “pérolas” de algumas respostas que se aproximam a um entendimento do conceito de cooperação. No entanto, alguns depoimentos mais críticos são mais coerentes com a amostragem representada no Gráfico 3. Na opinião do PROF.2, esta compreensão coletiva de sentido ou entendimento comum foi dificultada pelo processo eleitoral para diretor de escola, contribuindo para a divisão de grupos de interesses, disputa de autoridade e poder. E para o Aluno A4, a maioria das atividades ficava para um membro da equipe, enquanto que a maioria não se esforçava. Temos aqui, então, o conflito de interesses e a falta de comprometimento com a equipe, principais entraves para a compreensão coletiva de sentido no grupo e, portanto, para a **Cooperação**.

É relevante destacar as intervenções e participações de seis professores de diferentes disciplinas no grupo, com caráter informal, informativo e descontraído, no intuito de motivar, informar e atrair a atenção e participação dos estudantes.

Observado pelos estudantes, alguns docentes mais tradicionais tiveram que definitivamente sair da zona de conforto e pesquisar conteúdo utilizando a rede social. Na opinião do PROF.5: “A Escola deve sair da zona de conforto, pautado no livro didático e ser protagonista do próprio processo de ensino e aprendizagem da cultura digital. A novidade deve estar na escola.” É possível, portanto, identificar no depoimento uma visão menos instrumentalista e mais crítica, apresentando algo mais do que a simples utilização pedagógica das tecnologias, uma mudança de postura do fazer pedagógico independente do uso das TIC.

Questionados sobre provocações, desafios e questionamentos que o projeto trouxe para a rotina escolar, os professores responderam:

- a) Sair da rotina e de aulas tradicionais é o maior desafio encontrado;
- b) O professor deixa de ser o detentor do conhecimento, aquele que traz as informações e as verdades absolutas, tornando o aluno um produtor de seu autoconhecimento;
- c) A escola não é um ecossistema isolado da sociedade, por isso não é possível se esconder das tecnologias;
- d) Aprender com os alunos para combater de fato os malefícios do mau e excessivo uso da tecnologia;
- e) Entender que as TIC devem ser utilizadas para complementar, enriquecer, elucidar e melhorar o processo de ensino aprendizagem;

- f) Uma nova possibilidade de ensinar e aprender, possibilitando uma maior interação com a informação e a construção de novos conhecimentos;
- g) O desafio de transformar a prática docente, repensar e reconstruir novos conceitos com relação ao uso das tecnologias.

É possível compreender que houve cooperação entre os professores já pela participação na intervenção pedagógica. Isto é, compreendemos que os professores iniciaram um processo de **Autoria e Cooperação** quando subverteram o currículo e o seu planejamento anual, para participar (Cooperar) de um projeto de mestrado, elaborando atividades em equipes para publicar no Facebook. Docentes mais resistentes ao uso da rede social aceitaram o desafio de interagir além do espaço clássico de sala de aula. Ousaram descer do “púlpito” e se colocar na condição de aprendentes, cooperando com seus alunos.

Escolhemos **Cooperação** por entender que agir de acordo com um projeto comum vai além de apenas trabalhar juntos, (colabor) que se refere à colaboração. Sabíamos do desafio de identificar atitudes cooperativas para a formação de sujeitos críticos e comprometidos. Mas organizar um grupo de estudos virtual com três turmas de formandos de ensino médio, incluindo alunos de outra escola, com a participação de professores de diferentes disciplinas, para a finalidade de estudar para as provas do Enem, constituía a pretensão de construir um contexto de **Autoria e Cooperação**, dentro de um projeto coletivo de escola.

Os trabalhos em equipe organizados entre os alunos e as reuniões de planejamento e avaliação coletiva entre os professores seriam essenciais para a formação de um trabalho cooperativo. Dentre as dificuldades já citadas, está a falta de entendimento dos objetivos da proposta de intervenção. Os trabalhos de equipes realmente aconteceram, principalmente na confecção dos vídeos, pesquisas e suas respectivas postagens. As funções individuais de cada membro foram divididas: enquanto um era responsável pela pesquisa, outro pela postagem e outros pelos comentários. Seria, aí sim, o colabor, o trabalho fragmentado em partes de realização individual. A tarefa estipulada para cada equipe era executar a sua atividade e interagir com colegas de outras equipes, de modo a socializar e trocar informações com a finalidade de construir um novo conhecimento de forma coletiva que culminaria na autoria cooperativa.

Apesar da ação de intervenção realizada não pressupor a formação da **Autoria e Cooperação** durante três meses de aplicação, buscou-se, sim, identificar os espaços de possibilidade. Porém, a experiência demonstrou ser possível promover esta formação quando a escola elabora

projetos pedagógicos nesta perspectiva, potencializada pela *Web e* redes sociais. Os entraves diagnosticados que se atravessam no desenvolvimento desta perspectiva não são poucos, não se pode subestimá-los. Entre eles estão: a dificuldade de conciliar ou utilizar o projeto de mestrado como um projeto de escola; a ênfase na cultura da explicação consumista de livro didático com reprodução de conteúdos; o tempo e a desterritorialização do espaço escolar; o deslocamento do professor da nossa zona de conforto para quebrar paradigmas; a mudança na função da escola de transmissora do saber para criadora de conhecimentos; o trabalho e o planejamento em equipe; a superação da pedagogia das disciplinas com conteúdos segmentados; a dicotomia entre ambientes *on-line* e *off-line* e a resistência aos espaços informais de aprendizagem; a utilização das TIC para uma apropriação crítica que promova a criação de significados, que possibilite a formação de cidadãos críticos com potencial para a transformação.

A dificuldade de maior interação e participação no ambiente virtual durante a intervenção pedagógica, na avaliação dos professores, deve-se a 10 principais fatores:

- a) a difícil transformação do Facebook em ferramenta pedagógica e de socialização de pesquisas;
- b) a influência do contexto da escola, como o processo eleitoral para diretor de escola;
- c) a dificuldade de sair da rotina e superar as aulas tradicionais;
- d) a falta de infraestrutura, como o limite de acesso e velocidade da internet, em um laboratório de informática defasado;
- e) a falta de interesse dos alunos no compromisso com as datas de entrega e postagem das atividades;
- f) a restrição de tempo dos professores para planejamento individual e coletivo;
- g) o excesso de atividades dos alunos, para postar e comentar;
- h) o foco excessivo de alguns professores nos conteúdos curriculares;
- i) a dificuldade de seguir o cronograma de atividades planejadas;
- j) a falta de interesse da direção da escola e do monitor da sala de informática.

A intervenção revelou vários contextos que possibilitaram a formação da **Cooperação**, como trabalhos em grupos, a interação entre alunos de escolas e turnos diferentes e relevantes participações de professores. Porém, houve mais elementos que dificultaram do que contribuíram para a sua ocorrência.

6.3 FATORES E CIRCUNSTÂNCIAS DE COOPERAÇÃO E AUTORIA

Retomando os objetivos e a metodologia da pesquisa, na primeira etapa elaboramos um instrumento de análise por meio do qual tabulamos e categorizamos os dados extraídos do grupo do Facebook, na tentativa como segunda etapa, identificar atitudes de autoria e cooperação implícitas nas interações, comentários e postagens registrados no ambiente virtual. Isto é, buscou-se identificar se ocorreu, como e por quê. Na terceira e última etapa, reconheceremos alguns elementos que potencializaram ou dificultaram a ocorrência destas categorias analisadas.

6.3.1 Elementos que Condicionam a Autoria

1. A Lógica da explicação e reprodução

Inicialmente, a nossa formação enquanto professores nos condiciona a nos tornar transmissores e não intelectuais pensadores, com a finalidade de adaptação e adequação a um currículo segmentado e conteudista. A explicação não é ruim em si. O desafio não é abrir mão deste papel de autoridade de ser professor, mas colocá-lo em questão enquanto autoria. Com excesso de aulas e escasso tempo para estudo, compreensão, assimilação, reflexão e elaboração, não somos preparados para pensar e sermos autores. Na opinião de Figueiredo (2016), por inércia e falta de visão dos responsáveis, o modelo de escola criado para a sociedade industrial mantém-se quase intocado neste século XXI. Quando muito, foi adornado com uma superficial camada de tecnologia que lhe empresta uma aparência de modernidade, sem, no entanto, lhe mudar nada de essencial.

Em depoimento de avaliação ao uso do Facebook para o estudo do ENEM, o Aluno A5 afirma: “Muitas atividades consecutivas, pressão dos professores, pouco tempo para postar as atividades”. Outras críticas foram mencionadas como, por exemplo: o projeto não ter alcançado o objetivo proposto, porque provocou atraso de conteúdos e muita matação de tempo. Comentários que nos deixam intrigados, decepcionados, minguando e tolhendo qualquer iniciativa de formação da autoria, agravada pelo pouco tempo hábil no desenvolvimento das atividades, demonstrada também na elaboração de vídeos que destacam a reprodução de conteúdos mesmo que de forma mais performática.

Os resultados da pesquisa demonstram esta perspectiva de escola e de aprendizagem, focada na transmissão linear de conteúdo pautada

pelo livro didático, onde para você “ensinar” precisa “explicar”, e para aprender é preciso “ouvir” e responder atividades. Entendemos, portanto, que toda e qualquer iniciativa que não esteja dentro desta lógica é caracterizada como uma matação de tempo e atraso de conteúdos.

2. A Pedagogização do Facebook

A necessidade de migrar a lógica de reprodução no ambiente virtual é efetuada na preocupação e dificuldade de formatar a mesma aula da classe no espaço informal da rede social, o que denominamos de pedagogização ou instrumentalização das tecnologias digitais de informação e comunicação. Mencionados pelos professores como uma das principais dificuldades de como adaptar determinados conteúdos neste espaço, e como deve ser pensada sempre em função dos objetivos educacionais, revela o entendimento dos docentes de que tecnologia na escola só faz sentido como instrumento auxiliar do processo ensino-aprendizagem. Uma perspectiva que defendemos também é a Mídia-Educação. O problema é quando o objetivo pedagógico é só explicar, transmitir, ou ao fazer uso de TIC se ignora que há uma determinada linguagem dos meios que pode e deve ser considerada para realizar a comunicação, que é a base da educação.

Um exemplo é utilizar o espaço da rede para responder atividades ignorando as possibilidades de que os alunos possam estar aprendendo de forma diferenciada daquela utilizada quando os professores eram alunos. São visíveis, portanto, as dificuldades de perceber que as mudanças na educação não estão em pedagogizar um artefato tecnológico, mas na forma de abordagem dos conteúdos e na comunicação na sala de aula.

Observa-se também um preconceito em relação ao uso das redes sociais em sala de aula. “[...]Particularmente, dentro da sala de aula não gosto de utilizar o Facebook, pois alunos que não estão envolvidos com o projeto podem pensar que simplesmente não estou cumprindo com minhas obrigações profissionais[...]” (PROF.1).

O excerto acima demonstra uma insegurança quanto à compreensão de quais seriam as obrigações profissionais do professor. Está demonstrada no depoimento a preocupação do professor em ser mal interpretado por utilizar o ambiente virtual em sala de aula. Em seu cuidado para não quebrar esta rotina unidirecional e linear de trabalhar os conteúdos disciplinares transparece a compreensão social de seu papel, isto é, de que só seria um bom professor se fosse um bom explicador de conteúdos. Ou seja, há uma dificuldade de reconhecer as redes sociais da *Web* como um espaço educador que transcenda o seu uso instrumental.

Uma visão oposta apostaria na informalidade característica da *Web*, que traz interações e postagens como objeto de aprendizagem, como material de pesquisa, contextualizando com conceitos científicos trabalhados em sala. O depoimento do professor demonstra a dificuldade dos participantes da pesquisa em utilizar o grupo de estudos na rede como parte integrante das aulas e não como um projeto externo e acessório.

A tecnologia não está integrada ao currículo, é um penduricalho. Reproduz o mesmo modelo de escola vigente. O que essa prática tem diferente das práticas tradicionais, além do Facebook? A intervenção demonstrou o modelo de o professor ensinar o que os alunos devem reproduzir. Mudar os meios não muda a concepção de ensino e aprendizagem, precisamos repensar as práticas pedagógicas, isto inclui repensar a escola. Enquanto não conseguirmos dar um significado para a tecnologia ela não integrará as nossas práticas.

3. Comentários Generalizados e sem Fundamento

Na avaliação de professores, os estudantes encontram e procuram por coisas prontas, acham legal e postam, sem mesmo se questionarem sobre o assunto. Os comentários são generalizados e sem aprofundamento das questões, como avalia o professor: “Uma pequena parcela dos alunos realmente comentou e acrescentou conhecimento no trabalho dos colegas. Em sua maioria, os alunos comentaram com elogios como “legal” ou “parabéns”, não demonstrando que realmente leram ou assistiram aos vídeos” (PROF.1).

Observamos que alguns jovens naturalmente falantes se “calaram” no grupo de estudos e nos perguntamos o porquê. Os professores alegam que esta dificuldade esteve atrelada à falta de hábito de registrar sua opinião na rede, sendo mais comuns as conversas em chat fechado, o ato de curtir e compartilhar aquilo que parece ser interessante. Qual seria a ambiência favorável para maiores participações? Comentar algo em grupo onde há professores pode causar possíveis constrangimentos em se posicionar, em opinar, além do medo de errar, escrever errado, entre outros. Ou seja, talvez a participação fosse mais relevante se o contexto dos diálogos fosse diferente de um ambiente desenhado para estudar. E qual seria a importância do registro de comentários para a identificação de autoria?

Alunos que defendem as suas próprias ideias com argumentação constitui uma característica fundamental de autoria e uma das principais dificuldades apresentadas. Entendemos que na habilidade da

argumentação são necessárias outras habilidades complementares como: contextualizar, fazer analogias, fundamentar suas ideias e a capacidade de sintetizar. Habilidades que são ou deveriam ser adquiridas desde a mais tenra idade, nas primeiras etapas do ensino básico. Possibilitar a emancipação do aluno está em criar estratégias que subvertam a lógica da explicação e reprodução, que está em desenvolver contextos para dar voz aos estudantes, espaço para desenvolverem a autonomia, a iniciativa e a criatividade, que podem, sim, ser potencializadas pelas redes sociais.

4. Atividade de Copiar e Colar

Vimos que estes condicionamentos de copiar, explicar, repetir, memorizar e reproduzir acontecem desde as pesquisas e trabalhos copiados das enciclopédias, quando os estudantes não podiam tirar cópias, mas redigir a próprio punho para entregar ao professor. O copiar e colar, a pirataria e o plágio são práticas facilitadas no meio digital, tensionando as legislações de direitos autorais para adequações nas produções de música e filmes e a redefinição no conceito de autoria. A presença dos textos multimodais, videogames, *Wikipedia*, AVA (Ambientes Virtuais de Aprendizagens), blogs e redes sociais tornaram-se possibilidades de ser autor, porque a estrutura da Web 2.0 supera a lógica de arquivo como repositório e o consumo de informações para investir na produção e compartilhamento de conteúdo. Mas não é consenso para alguns professores, quando criticam a internet por ser responsável pela facilidade do copiar/colar. “[...] É melhor eu encontrar um texto, um parágrafo que descreve as minhas concepções do que eu mesmo as redigir, o tradicional “*control C* e *control V*”. Não que o (a) aluno(a) não tenha lido, mas entre ler e esboçar uma ideia num parágrafo há um abismo[...]” (PROF..2).

A mediação docente torna-se indispensável e necessária diante do abismo apresentado no depoimento, entre a atitude de ler e esboçar ou criar uma ideia. O professor poderia dar pistas do que e a partir do que fazer, na elaboração de uma atividade intencional com viés crítico.

Vimos que somente as potencialidades da *Web 2.0* não são suficientes, mas a ênfase dada no trabalho da escola até então também não foi suficiente para superar ou diminuir este abismo. Basta consultarmos estatísticas e verificarmos a colocação do Brasil no ranking internacional em matemática e leitura. A nossa formação enquanto professor foi um copiar/colar, como também, com exceções, o nosso processo de ensinar é um copiar/colar. Mas seria diferente em relação ao papel desempenhado pela internet? “Acredito que a autoria dos alunos em suas postagens foi

menor do que a idealizada, pois a maioria das postagens eram apenas cópias da internet, sendo fora da proposta inicial” (PROF.1).

As atividades propostas na intervenção, em sua maioria, eram pesquisas na internet sobre temáticas condizentes com as áreas de conhecimentos, na tentativa de abordar o conteúdo pesquisado de maneira contextualizada, problematizadora, interdisciplinar e com resolução de problemas. A maioria das postagens eram *links* prontos com endereços dos sites, mas sem a criação de algo novo. As solicitações eram criar e produzir conteúdos a partir das pesquisas e o fato da maioria dos alunos restringirem suas ações a publicar ou colar um *link* encontrado demonstra uma certa estratégia de liberação de tempo das atividades compulsórias para outro estudo ou mesmo o entretenimento.

5. O Efeito Dispersivo do Facebook

Em alguns depoimentos de professores e alunos foi mencionado que uma das dificuldades na formação de autoria é o fator dispersivo. Segundo depoimentos, a rede social não é um espaço para aprender. A intervenção não logrou êxito quando quis fazer da rede social uma extensão da sala de aula. Questionamos então: o que provoca a dispersão? A neurociência nos ensina que algumas das contribuições para a aprendizagem é a atenção, foco, memória e motivação. Utilizar o espaço popular e apaixonante das redes sociais para estudar não é suficiente para motivar a garotada a aprender. A dificuldade que nos é apresentada é entender e aceitar que a aprendizagem possa estar também no espaço informal e desprezioso do Facebook sem o caráter pedagógico de sala de aula, na desterritorialização do espaço escolar, na superação da dicotomia do *on-line* e *off-line*. Portanto, o efeito dispersivo não está nas tecnologias, mas pode estar na forma desinteressante de abordagem dos conteúdos e na forma tradicional de se comunicar.

6.3.2 Elementos que Condicionam a Cooperação

1. A Falta de Engajamento no Alcance do Objetivo

A interatividade presente nas redes sociais permite a você ser lembrado, cutucado, marcado, mesmo quando não está *on-line*, motivando-o para uma resposta ou reação. “Utilizem alguns exemplos dos textos ou dos vídeos para me convencer!” (PROF.4). Este foi o comentário feito pelo professor em uma atividade, provocando e incentivando a participação dos estudantes. Participações realizadas para

além da autoridade do professor ou medo das notas, mas motivadas por um objetivo comum.

Por isso, a motivação dos professores se torna determinante para que haja participação no grupo de estudos, como também iniciativas de provocar, convidar o colega mencionando o seu nome para observar um *post*. Algumas participações relevantes de professores foram realizadas no grupo virtual de estudos, que se resumiram a deixar comentários parabenizando os estudantes pelos trabalhos realizados, prestar alguns esclarecimentos sobre as postagens e convites à participação dos alunos. Porém, a interação dentro e fora do ambiente on-line é caracterizada por queixas mútuas de excesso de cobranças e atividades, e por falta de compromisso e interesse. Esperava-se que a tradicional comunicação entre “mestre” e “discípulo” fosse superada ou melhorada via espaço popular das redes sociais, mas um relacionamento verdadeiramente horizontal ainda é um desafio.

Interessante observar quando informalmente esta interação se torna naturalmente mais frutífera, onde a autoridade de cátedra não se torna tão acentuada. A expectativa era de que com a arquitetura elaborada na intervenção com professores de diferentes disciplinas e alunos de diferentes escolas e turnos fosse criado um ambiente que incentivasse interesses comuns dentro do grupo, com compartilhamento de informações. Porém, “não havia muita interação entre as turmas, apenas alunos da mesma turma comentavam as publicações” (A6). A estrutura foi desenhada para tamanho desafio, mas não aconteceu. O que nos leva a inferir que as interações naturais e informais das redes sociais por si só não conseguem provocar mudanças na comunicação e interação.

2. O Conflito de Interesses

Defendemos até aqui que cooperação é o entendimento do coletivo em nome de um projeto comum, onde os componentes do grupo buscam num consenso, superando suas diferenças individuais na intenção da execução de um objetivo que é de interesse de todos ou de uma maioria.

O esperado entendimento comum foi condicionado pelo conflito de interesses *on-line* e *off-line*. “Houve pouca cooperação, pois alguns criticavam sem ter a ver com o assunto, criticava por criticar” (A5). Este depoimento se refere a comentários de colegas sobre a postagem de um vídeo elaborado pela equipe que gerou uma reação de debate em torno da validação da crítica. Referimo-nos às dificuldades de aceitar críticas e respeitar opiniões contrárias. O medo ou constrangimento de se expor,

temendo algumas reações ou represálias, podem ter contribuído para a pouca interação.

Outro exemplo de conflito de interesse está no preconceito e na rivalidade em relação aos estudantes de outra escola. Percebemos isto na falta de comentários e curtidas nas postagens realizadas por alunos da escola convidada e pela fala do Aluno A4: “[...] Ainda o preconceito e rivalidade com alunos de outras escolas e também falta interesse por parte dos alunos”.

Na opinião do PROF.5, o conflito de interesses teve sua causa no processo eleitoral para diretor de escola: “[...] Encontrou-se algumas dificuldades na questão da condução da pesquisa em virtude, acredito, de o momento fazer parte de um cronograma onde concomitantemente ocorre o processo eleitoral para diretor de escola, que acredito ter sido fundamental na dispersão e cooperação de todos os envolvidos [...]”. Ou seja, os interesses em disputa entre a permanência e mudança da direção escolar acabaram influenciando diretamente na relação entre os integrantes da pesquisa, professores e alunos, gerando divisões de interesses, prejudicando o desenvolvimento das atividades e a ocorrência de cooperação entre os professores. A falta de diálogo e planejamento coletivo foram agravados pelo pleito eleitoral para o cargo de diretor na comunidade escolar, acirrando intrigas, divisões e conflito de interesses.

3. Falta de Comprometimento com a Equipe

Construir um projeto comum no contexto do ENEM se refere, como já vimos, a elaborar objetivos comuns e participação dos membros das equipes. O trabalho em equipe pressupõe a interação entre as pessoas envolvidas, que se posicionam de acordo para coordenar seus planos de ação. Para isso é importante que haja definição clara de tarefas, tempo suficiente para realização da tarefa, responsabilidade individual, objetivo bem definido e comprometimento com a equipe.

Explicar para o colega, compartilhar dicas de temas de redações foi possibilitado no ambiente virtual, embora não seja uma prática comum devido à concorrência. Talvez isso tenha contribuído para que fosse identificada a falta de interesse, comprometimento e colaboração dos estudantes em seguir uma programação ou metodologia de trabalho, resultando na baixa participação e integração entre os membros e as equipes. “A maioria das atividades ficava para um membro da equipe. Uma pessoa postava e o resto não se esforçava” (A7). Segundo avaliação dos estudantes, a falta de comprometimento estava na falta de colaboração no grupo, alguns iam nas costas de outros, pois nem todos

participavam e realizavam as atividades propostas, como ficou demonstrado pelo registro de poucos comentários nos trabalhos de outros grupos.

4. Planejamento Coletivo

O projeto de intervenção pedagógica já elaborado foi apresentado na escola como uma proposta em três etapas: primeiramente para a direção da escola, corpo docente e formandos do ensino médio, oportunizando momentos para questionamentos, mudanças ou sugestões. O projeto apresentou um cronograma de atividades, divisão de tarefas com um tempo previsto para a sua execução e o anúncio de um calendário para planejamento e avaliação a ser definido com a direção da escola. Houve, portanto, um consenso na escolha da temática da intervenção, devido às circunstâncias de preparação para o ENEM pela qual a escola passava. As reuniões de planejamento e avaliação foram agendadas nas paradas pedagógicas previstas no calendário da escola. Mas não aconteceram a contento, porque já estavam previstos estudos da Proposta Curricular de Santa Catarina. Acreditamos que os professores entenderam o projeto conforme demonstrado nos excertos nº 6:

PROF.5: “[...] seguindo um determinado cronograma desenvolveu na sua respectiva disciplina de forma autônoma as atividades de pesquisa [...]. Os trabalhos de investigação se deram de forma que as turmas foram divididas em equipes e cada uma desenvolveu a pesquisa conforme o tema escolhido e assim associando ao conteúdo da disciplina”.

PROF.3: “[...] cada grupo, tinha como tarefa publicar no Facebook, o resultado obtido com o seu trabalho e comentar e interagir com os trabalhos de seus colegas”.

Os excertos destacam algumas estratégias metodológicas da intervenção: trabalhos em grupo, a autonomia do professor em conduzir as atividades integrando-as ao seu planejamento de aula, o compartilhamento dos resultados dos trabalhos pelo Facebook, mas principalmente nas interações entre professor – professor, alunos – alunos e professor – alunos. Interações dificultadas pela falta de tempo ou horários incompatíveis, viabilizadas pela rede social, onde todos ou a maioria conseguem estar.

Porém, conforme alguns depoimentos de estudantes, o estudo do ENEM foi considerado cansativo, agravado pela pressão dos professores e não como um auxílio complementar, alegando que os estudantes precisam de descanso nas vésperas das provas. Outras dificuldades são diagnosticadas como pelo PROF.1: “O principal problema diagnosticado foi a internet limitada da escola; o segundo foi a falta de interesse dos alunos pelo ENEM e pelo seu futuro acadêmico; o terceiro problema foi a falta de compromisso com as datas de entrega dos alunos, gerando transtorno na hora de avaliar”. Além do excelente diagnóstico apresentado, outros desafios se fizeram presentes, como por exemplo: “seguir o cronograma de atividades planejadas e criar uma nova imagem para o Facebook” (PROF.2), “fazer com que os alunos interagissem após a publicação dos seus trabalhos na página do Facebook” (PROF.3).

As dificuldades e desafios apresentados podem caracterizar a falta de comprometimento com a equipe, com o projeto comum e com o que foi acordado em reunião. Mas acrescentamos ainda a falta de um planejamento coletivo, ou seja, um “*pit stop*”, uma parada, para rever ou mudar estratégias, avaliar avanços e dificuldades. Um planejamento coletivo que envolvesse todos os segmentos da escola em um único objetivo: estudar para o Enem com a rede social. Não aconteceu talvez pelo conflito de interesses, a falta de comunicação, diálogo, planejamento e falta de tempo. Estamos condicionados, enquanto professores, a cumprir a nossa tarefa individual, talvez egoísta, de “passar” o nosso conteúdo, porque é para isso que fomos formados e para isso que somos pagos. E nos esquecemos muitas vezes que somos uma equipe, um time composto de habilidades individuais que podem somar e contribuir para logarmos êxito.

Uma das vias que se abre para a superação destas dificuldades, e as tecnologias oferecem preciosa colaboração, é transformar as pedagogias, de um modelo que sobrevaloriza a explicação e a passividade para um modelo que valoriza a iniciativa e a autonomia. Como, por exemplo: a aprendizagem baseada em projetos, a aprendizagem mista, as aulas invertidas, a coavaliação (FIGUEIREDO, 2016).

6.3.3 Apropriações do Facebook para a Prática Pedagógica

Identificados os fatores e circunstâncias que dificultaram e condicionaram a ocorrência de autoria e cooperação, queremos destacar que houve alguns ganhos e benefícios identificados nas repostas e depoimentos de alunos e professores. O objetivo é demonstrar, mesmo quando não alcançamos totalmente as nossas expectativas, uma avaliação

mais otimista em relação ao desenvolvimento das atividades e problematizar quais as aprendizagens e desafios provocados pela experiência.

1. Sair da Zona de Conforto

A saída da zona de conforto acontece quando professores e alunos subverteram o currículo, os planos de aula e a lógica do falar ditar pautada na récita do livro didático, utilizando outros espaços informais como aprendizagem.

Na avaliação de professores e alunos, a intervenção possibilitou sair da zona de conforto que, segundo a sua perspectiva, significa sair da rotina do livro didático, quebrar paradigmas, repensar e reconstruir novos conceitos com relação ao uso das tecnologias, no desafio de inovar aulas tradicionais pautadas na explicação, exposição e no falar ditar. “[...] Sair da rotina e de aulas tradicionalistas são os maiores desafios encontrados em sala de aula, o professor deixa de ser o detentor do conhecimento, aquele que traz as informações e as verdades absolutas, tornando o aluno um produtor de seu autoconhecimento” (PROF.1). Isto é, houve uma percepção de que é necessário utilizar diferentes olhares com outras lentes sobre as redes sociais, consideradas inúteis e dispersivas, que devem ficar do lado de fora da escola. Apresenta-se a possibilidade de dissolver a dicotomia entre ambientes *on-line* e *off-line* e a resistência aos espaços informais de aprendizagem. Apesar das dificuldades diagnosticadas, a intervenção mostrou ganhos positivos quando desestabilizou a rotina escolar, trazendo elementos para questionamentos e avaliações.

2. A Interação com Alunos de outra Escola

Fator demonstrado no depoimento do PROF.3, contribuindo principalmente na cooperação através da reciprocidade e projeto em comum: “[...] Os alunos que estavam interessados gostaram muito de interagir com outra escola, compartilhando notícias, temas de possíveis redações, vídeos e comentários, anseios e dúvidas”(PROF.3). O ponto alto da intervenção pedagógica foi a interação entre alunos de turnos e escolas diferentes, mesmo que abaixo de nossas expectativas.

3. Temas Polêmicos e da Atualidade

Os poucos comentários relevantes foram despertados por temas atuais e polêmicos, levando os alunos a questionar, emitir opiniões de

forma criativa, expondo diferentes pontos de vista. Isto foi demonstrado na intervenção, em postagens e temas trabalhados, como “A Felicidade”, “A Transposição do Rio São Francisco” e “Redução da Maioridade Penal”, quando houve maior participação com comentários de opinião. Porém, um tema de interesse e do cotidiano do aluno ainda não é suficiente para atrair a sua atenção e despertar o seu interesse para pesquisa, compreensão, apreensão e produção de algo novo, critérios fundamentais para a formação da autoria. E, para isso, a necessidade de desenvolver habilidades de problematizar, questionar, contextualizar informações com a mediação crítica do professor utilizando as diversas linguagens disponíveis.

4. Trabalhos em Equipe

Aluno **A6**: “Foram feitos muitos trabalhos em grupo para serem postados no grupo, e depois da publicação eram comentados pelos outros, dividindo opiniões e fazendo com que um aprenda com o outro. Com o grupo, vi o quanto um tema pode ser visto de várias formas diferentes”. Em seu depoimento, o estudante se refere a dois momentos na intervenção pedagógica: ao trabalho em equipe presencial em sala de aula, na elaboração de vídeos, resolução de questões do ENEM, e no grupo de estudos do Facebook, através dos comentários, interações e trocas com colegas de outros grupos.

Houve, portanto, o reconhecimento e uma avaliação positiva da atividade pedagógica na perspectiva do aluno, favorecendo a aprendizagem cooperativa, que está, segundo Barros (1994), no trabalho em grupo. Este potencializa aprendizados individuais através da comunicação e da busca para alcançar um objetivo comum. Porém evidenciou dificuldades e a necessidade de aprender a trabalhar em equipe.

5. Convite à Participação Marcando os Colegas

A interatividade presente na plataforma do Facebook permite você ser lembrado, cutucado, marcado, mesmo quando não está *on-line*, motivando-o para uma resposta ou reação. Uma atividade que é naturalmente utilizada de forma informal entre os usuários da rede social, e que também foi identificada, mesmo que de forma tímida, no grupo de estudos. Estudantes foram questionados e desafiados a participar dos debates e conversações, a partir de uma construção coletiva de sentidos e não pela obrigatoriedade ou coação. Apesar da baixa participação, a

atividade demonstrou ser possível aperfeiçoar ou mudar as abordagens na solicitação da resolução de atividades e na relação entre professor e aluno. Isto é, como motivar o estudante a participar e contribuir com a aula? Percebemos que o incentivo aos alunos para estudar não está em utilizar o Facebook, mas nas estratégias de abordagens que façam sentido.

6. Motivação e Participação do Professor

Na atividade pedagógica, embora de forma tímida, a participação dos professores foi determinante para que houvesse ‘audiência’ no grupo de estudos, a partir de iniciativas de provocar, convidar o colega professor e os estudantes, mencionando o seu nome para observar um *post*, a fim de demonstrar que os sujeitos podem superar a condição de expectador para a de protagonista. O que se coloca em questão é: obrigação ou motivação? Quem é a autoridade no grupo? Qual é a abordagem? Seleccionamos algumas participações de professores no grupo:

Prof.4: “Calma pessoal, é só uma crítica construtiva! Estava ótimo o trabalho, parabéns!!!” Prof.5: “AÍ TURMA! Só dois minutinhos do seu tempo para assistir este vídeo. E convido vocês a comentarem. Concordam ou discordam? e por aí vai.kkkkkkkk.” Prof.6: “BOA TARDE MINHAS CRIANÇAS!!!!!!!!!!!!!! Eu estou feliz com nossa parceria novamente turma!!!!!!!!”.

Percebemos abordagens de incentivo à participação de forma não autoritária, de modo que os estudantes não se sentissem obrigados, mas motivados a realizarem as atividades solicitadas. É importante desenvolver uma ambiência de cooperação onde a “presença” do professor no grupo *on-line* não se tornasse um entrave à autonomia dos alunos.

7. Formas Diferenciadas de Aprender

Embora a nossa proposta de pesquisa não fosse identificar se houve aprendizagem no grupo de estudos, é relevante apresentar que esta foi uma das temáticas de destaque nas respostas de estudante e alunos. “Aprendemos de uma forma dinâmica e diferenciada” (A3). Esta frase sintetiza várias respostas similares sobre a avaliação positiva das atividades realizadas na rede social. Apesar de poucas participações no contexto de várias dificuldades, os estudantes parecem considerar possíveis ganhos e benefícios como:

- a) As atividades tornaram o estudo mais rápido e prático, mudando as formas habituais de estudo;

- b) A aprendizagem ficou mais fácil, divertida e interessante;
- c) levou a aprender a trabalhar em equipe e com os colegas;
- d) Permitiu ouvir, tirar dúvidas e expor suas ideias com criatividade;
- e) Incentivou para colaborar, interagir e pesquisar contribuindo para a aquisição de conhecimentos para o ENEM, enriquecido com trocas de informações e de ideias.

Na avaliação do Prof.2, o projeto possibilitou “quebra de paradigmas na administração das redes sociais [...], desmistificação da prova do ENEM, desenvolvimento de autonomia dos escolares diante da resolução das questões”. E para o Aluno A5, as atividades possibilitaram “outras formas de interação entre professores e alunos, saindo do ambiente de sala de aula e possibilitando novas formas de materiais: vídeos e fotos são ótimas alternativas”.

8. Aprender a Pensar

Segundo avaliação de estudantes, os trabalhos desenvolvidos incentivaram a aprender a pensar. “Ajudaram a gente a pensar, questionar, colocar o seu ponto de vista, mesmo se estivesse errado” (A6). Na opinião dos alunos, mesmo com poucas oportunidades de debates, foram desafiados a pensar e formar opiniões contribuindo para sua formação crítica, a partir dos diversos olhares sobre os temas estudados, proporcionado pelas diferentes postagens e comentários. “Nas vezes em que houve debates sobre os assuntos abordados, os alunos se viram desafiados a pensar e formar opiniões sobre temas que muitas vezes não conheciam” (A2).

Segundo depoimentos, a partir de estratégias de atividades, os estudantes foram incentivados a refletir e apresentar suas opiniões, construir suas próprias ideias e reformularem-nas a partir das ideias dos outros.

9. Tecnologias e Aprendizagens

A pesquisa traz o entendimento dos professores e alunos sobre as tecnologias digitais de informação e comunicação e a sua relação com as aprendizagens. Para o PROF.2 “[...] Muitos profissionais da educação precisam aceitar efetivar e difundir o uso das mais diversas tecnologias na sala de aula, mas para isso precisa admitir que “Só sei que nada sei” e aprender com os alunos”. Ou seja, o professor reconhece que a cultura digital está na escola, perdendo o sentido de proibir acesso livre de *wifi*,

redes sociais e uso de celulares. E neste contexto, o PROF.3 alerta que é um grande desafio, mas deve ser pensada sempre em função dos objetivos educacionais, no plano de aula e não ao contrário. “O principal desafio é fazer com que alunos e professores entendam que as TIC devem ser utilizadas para complementar, enriquecer, elucidar e melhorar o processo de ensino aprendizagem [...]”.

Mais do que auxiliares no processo de ensinar e aprender, a inserção das tecnologias na escola, na opinião do PROF.5, possibilita uma nova perspectiva e abordagem educacional: “[...] o projeto trouxe para nós, professores uma profunda reflexão de nossas práticas, abrindo assim, uma nova possibilidade de ensinar, possibilitando uma maior interação com a informação e a construção de novos conhecimentos”. O professor afirma ainda que “fomos desafiados a repensar e reconstruir novos conceitos com relação ao uso das tecnologias rumo a uma produção coletiva e colaborativa de forma crítica, contextualizada e questionadora”. Isto é, nos arriscamos a concluir que, a partir deste último depoimento, a execução do projeto possa ter influenciado positivamente, acrescentando novos olhares às tecnologias na escola.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A dissertação enfatiza limites e potencialidades de uma perspectiva possível de uso do Facebook no espaço escolar, mais especificamente em uma proposta interdisciplinar no ensino médio. A partir da criação de um grupo fechado de estudantes e professores com a meta comum da preparação para o ENEM a pesquisa teve o objetivo de identificar o potencial de tal prática pedagógica na formação crítica de sujeitos. A partir da criação de um instrumento de análise de dados, com indicadores e métricas para identificar espaços de existência da autoria e da cooperação na proposta desenvolvida, a investigação pode se debruçar sobre os aspectos que condicionaram o seu desenvolvimento, chamados fatores e circunstâncias.

O modelo de investigação se mostrou capaz de contribuir para o campo da educação, especialmente quanto à pesquisa da internet e a formação de professores para a apropriação crítica de tecnologias digitais. Foi elaborado no contexto de uma pesquisa-ação e visa oferecer subsídios à comunidade escolar, através de um mapeamento das participações dos alunos e professores na rede, com a finalidade de impactar os sujeitos, influenciar e provocar brechas de possibilidades de mudanças no “chão” da escola.

Os estudantes demonstraram ter dado passos importantes para o protagonismo na cultura digital, houve reflexão crítica sobre os conteúdos postados, porém a maioria dos estudantes ainda não atingiu o grau de plena autoria ao produzirem e compartilharem algo novo ou a criação inovadora de conteúdos. Este é um passo reconhecidamente difícil, mas que deveria permanecer no horizonte de todos, de modo a que não se deixe de promover as ações que venham criar as condições favoráveis para o desenvolvimento da plenitude da autoria.

Ser autor significa ressignificar, reinventar, apresentar uma nova versão, um novo olhar. Em tempos de *Web*, de cultura digital, aquilo que é original se torna híbrido, e corre-se o risco de produzir mais do mesmo. Autor é aquele usuário que decide não copiar, não reproduzir, não plagiar.

Talvez estudar para o ENEM tenha engessado oportunidades mais criativas que desenvolvessem autoria. Mas acreditamos que a estrutura destas provas, ao contrário do que se pensa, tem focado principalmente a prática da contextualização e nas múltiplas linguagens, elementos importantes para a autoria e para superação da lógica conteudista e reprodutivista de outros vestibulares, que ainda resiste em nossas escolas. Inferimos que a dificuldade de identificar autoria na

intervenção pedagógica pode estar em condicionamentos sintetizados na Tabela 7.

Tabela 7 - Fatores e Circunstâncias de Autoria

Fatores e Circunstâncias	Onde
A lógica da explicação e reprodução	- Elaboração de vídeos que destacam a reprodução de conteúdos.
A pedagogização do Facebook	- Excesso de atividades, pouco tempo e pressão dos professores.
Comentários generalizados e sem fundamento	- Poucos alunos comentaram e acrescentaram conhecimento.
Atividade de copiar e colar	- A postagem de <i>links</i> prontos sem questionamentos.
O efeito dispersivo do Facebook	- A forma desinteressante de abordagem dos conteúdos e na forma tradicional de se comunicar.

Fonte: Elaborado pelo Autor (2016)

A pesquisa demonstrou que utilizar as redes sociais conservando a lógica conteudista e reprodutivista do livro didático, reduzindo o aluno a olhar, ouvir, copiar e prestar contas, não dará conta de formar sujeitos críticos imersos na cultura digital. Porém é possível professores e alunos se tornarem protagonistas não somente em relação à assimilação de conteúdos curriculares, para preparação de vestibulares, mas principalmente na formação crítica para cidadania, reflexão, ação e transformação de seu contexto, mesmo com os riscos de alienação, causados por uma grande quantidade de compartilhamentos de informações, muitas vezes superficiais e sem preocupação com a apuração dos fatos.

Nossa investigação evidencia que a autoria e a cooperação são processos de formação constante e permanente potencializados pela *Web 2.0*, mas que não dependem unicamente desta. Seria ingênuo acreditar que em três meses estudantes e professores pudessem se tornar autores cooperando com seus pares. É preciso, portanto, aprender a desenvolver a autoria e cooperação, porque somos condicionados pela pedagogia da transmissão a sermos reprodutores e individualistas. Entendemos que mudanças neste contexto passam pela transformação cultural que acontece de forma lenta e gradual.

Para isso, essa formação inicia-se na compreensão e apreensão de informações recebidas a partir das múltiplas leituras e linguagens para elaborarmos texto próprio e produzirmos algo novo com o outro, de forma coletiva. Pois o conhecimento é dinâmico e pode ser construído e reconstruído, a partir do espírito curioso de investigador, problematizando, questionando, buscando respostas através do método científico e utilizando meios abertos e livres de disseminação.

Alunos e docentes investigados destacam a importância das redes sociais no ensino formal como incentivo e motivação para aprender através da interação, compartilhamento e socialização de conhecimentos, porém, demonstram preocupação e alertam para o seu efeito dispersivo, para um uso cauteloso, responsável e planejado de forma que aconteça uma aprendizagem significativa.

A intervenção mostrou ganhos positivos quando desestabilizou a rotina escolar, trazendo elementos para questionamentos e avaliações, como: o deslocamento do professor da zona de conforto; a necessidade de novas estratégias de atividades e abordagens (de conteúdos disciplinares e de comunicação); superar a condição de expectador para protagonista; novas perspectivas em relação ao uso das TIC em sala de aula; reflexão da prática docente; o tempo e a desterritorialização do espaço escolar; o trabalho e o planejamento em equipe; a relação motivação / dispersão/ obrigação.

A utilização da *web*, através do grupo fechado de estudos do Facebook, revelou muito mais do que a troca de informações sobre conteúdos para o ENEM. Propiciou aos integrantes do grupo olharem para as mídias, as redes sociais e os conteúdos veiculados, por uma perspectiva cibercriticista e da mídia-educação. Foi possível, portanto, identificar uma visão menos instrumentalista e mais crítica, apresentando algo a mais do que a simples utilização pedagógica das tecnologias, uma mudança de postura do fazer pedagógico independente do uso das TIC. As redes sociais por si só não podem fazer refletir, mas abriram um importante caminho para a ampliação do universo da sala de aula, estimulando alunos e professores a tornarem-se produtores e não apenas reprodutores de conteúdo.

Na triangulação dos dados coletados nos depoimentos dos questionários, os professores se mostraram mais críticos em relação aos estudantes, porque apresentaram mais dificuldades, desafios e poucas referências em relação à autoria e cooperação. Apesar de revelarem vários aspectos negativos, os alunos caracterizaram situações de autoria em demonstrações de criatividade, reflexão e manifestação de opiniões. A cooperação apareceu na participação, trabalhos em grupo, troca de

informações e aprender com o colega. Inferimos que os estudantes querem participar, mas não como os professores esperam. Eles sabem o que querem, mas esta participação não é considerada como “adequada” pela escola.

Tínhamos um objetivo comum, que era estudar para o ENEM, que necessitava de colaboração e cooperação. Porém, fatores e circunstâncias identificados na análise dos dados condicionaram e dificultaram a sua ocorrência.

Tabela 8 - Fatores e Circunstâncias de Cooperação

Fatores e Circunstâncias	Onde
Falta de engajamento no alcance dos objetivos	- Pouca participação e interação agravados pela falta de compromisso e interesse.
O conflito de interesses	- Dificuldade de aceitar críticas e opiniões contrárias; rivalidade entre turmas e escolas; o contexto competitivo do ENEM; eleições para diretor de escola.
Falta de comprometimento com a equipe	- A maioria das atividades ficava para um integrante da equipe.
Planejamento coletivo	- Falta de reuniões de avaliação e planejamento.

Fonte: Elaborado pelo Autor (2016)

A expectativa era de que a intervenção pudesse demonstrar maiores participações, culminando em atitudes de cooperação através na compreensão coletiva de sentido. Como, por exemplo, maior engajamento e interação entre os envolvidos, que culminasse na negociação das compreensões individuais em prol de uma que seja comum, compartilhada no grupo. Foi possível identificar alguma colaboração no Facebook quando alunos e professores contribuíram publicando e comentando um *post*, trocando informações e opiniões. Porém, a cooperação vai além de colaborar, se manifesta em ações conjuntas e coordenadas, motivadas por um consenso em nome de um projeto coletivo.

As dificuldades e os limites da pesquisa estão na tentativa além de identificar, mas propor critérios para a formação crítica de sujeitos imersos no cenário de distrações concentradas, grande número de informações segmentadas e discursos polarizados. Uma formação que supere o copiar/colar de conteúdos sem a devida reflexão. Ser autor e cooperar parece ser urgente na conjuntura da contemporaneidade. É preciso, entretanto, ir mais além. Como as conversações *on-line* nas redes sociais podem impactar o diálogo e o processo ensino e aprendizagem em sala de aula? Novos estudos poderão partir daqui para compreender questões importantes na sociedade digital e em rede.

Sugestões para novas intervenções e pesquisas podem ser apresentadas. Direcionar as atividades com viés crítico de apropriação, com a mediação do professor que poderia dar pistas e critérios (fatores e circunstâncias) para o desenvolvimento de autoria e cooperação. Por exemplo: produções de vídeos que superem a reprodução e transmissão de conteúdos existentes, mas que produzam novos a partir de pesquisas, como a produção de vídeo sobre um evento histórico na cidade. A criação de *memes* e charges, como novas narrativas da realidade contemporânea; a elaboração de paródias, poesias, clipes e músicas como forma de manifestar interpretações do cotidiano e denunciar injustiças; a criação de uma página no Facebook para campanha contra a corrupção; a organização de uma *web* rádio para divulgação de eventos do grêmio estudantil; o desenvolvimento de um museu virtual na *Web*; a construção coletiva de textos na ferramenta *wiki*; uma olimpíada do conhecimento, entre outros.

Segundo os estudantes, os próximos projetos podem ser iniciados mais cedo, a partir do primeiro semestre; sem acúmulo de atividades para a semana que antecedente o ENEM, mas com tempo hábil para serem realizadas; sem pressão dos professores, de modo que não se torne cansativo; estender a todas as turmas do ensino médio; a diversificação de temas atualizados de interesse e do cotidiano dos alunos; organizar um grupo aberto no Facebook e/ou *whatsapp*, ampliando a possibilidade de maior participação e interação entre professores e alunos. E acrescentamos ainda o planejamento coletivo da escola, que consiste no momento de avaliação, partilha, consenso e elaboração de metas.

Enquanto experiência pessoal, o processo de pesquisa deixou algumas contribuições e dificuldades. Para além de um aperfeiçoamento pessoal, o mestrado significou um repensar da prática pedagógica, no propósito de sair do discurso e ir para a prática; proporcionou a pesquisa-ação e a pesquisa-formação, culminando na formação enquanto professor e pesquisador; possibilitou uma relação mais estreita entre academia e

escola. Entre as principais dificuldades estão o distanciamento do pesquisador para fazer a crítica; o discernimento em perceber as diferenças entre relato de experiência e análise a partir de dados; elaborar a escrita, sistematizar ideias, ser autor.

Este processo de aprender como autor, segundo Demo (2015), se fez presente em nossos estudos de mestrado. Fomos desafiados a ultrapassar a condição única de transmissor e mediador de conteúdos estanques para a condição de professor reflexivo, pesquisador e produtor de conteúdo. Aprendemos a realizar leitura crítica, fichamentos e resenhas, a fundamentar nossas opiniões relacionando e contextualizando teorias e teóricos e por fim dissertar, construir ideias e argumento através da escrita. Com a dificuldade de defender e estruturar uma tese, ideia ou proposta, fomos tentados a encontrar algum trabalho similar pronto na internet, livros, ou que a professora orientadora nos fornecesse as respostas, e o máximo de coordenadas possíveis para a conclusão do trabalho. Tivemos medo de errar, insegurança e uma necessidade de perguntar se estávamos no caminho certo ou conseguir um modelo de como fazer. Mas fomos incentivados a sermos autores através da autonomia, a partir de orientações e abordagens teóricas, fomos escolhendo e traçando o nosso próprio caminho de investigação e processo de aprendizagem. Aprendemos que este modelo de formação característico da pós-graduação pode acontecer na prática escolar, na educação básica e na capacitação inicial e continuada dos professores, adequando-se aos seus contextos.

REFERÊNCIAS

ALARCÃO, Isabel. **Professores reflexivos em uma escola reflexiva**. São Paulo: Cortez, 2005.

ALMEIDA, M. E. B. de. Tecnologia na Escola: criação de redes de conhecimentos. In: ALMEIDA, M. E. B. de; MORAN, J. M. (Org.). **Integração das Tecnologias na Educação**. Secretaria de Educação a Distância. Brasília: Ministério da Educação, Seed, 2005. p.70-73. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/seed/arquivos/pdf/2sf.pdf>>. Acesso em: 20 set. 2015.

ALMEIDA, M. E. B. de; SILVA, Maria G.M.da. **Currículo, tecnologia e cultura digital**: espaços e tempos de web currículo. Revista e-curriculum, São Paulo, v.7 n.1 abr. 2011 Disponível em: <<http://revistas.pucsp.br/index.php/curriculum/article/view/5676>>. Acesso em: 28 set. 2015.

AMANTE, Lúcia. Facebook e Novas Sociabilidades. In: PORTO, Cristiane; SANTOS, Edmea (Orgs). **Facebook e Educação** – publicar, curtir, compartilhar. Campina Grande: Eduepb, 2014.p.27-46.

BARROS, Ligia A. **Suporte a ambientes distribuídos para aprendizagem cooperativa**. Tese - Universidade Federal do Rio de Janeiro, COPPE, 1994.

BELLONI, Maria Luzia. **O que é mídia** – educação. Polêmicas de nosso tempo. Editora autores associados, 2001.

BELLONI, Maria Luzia. **Educação a distância e mídia-educação na formação profissional**. 2011. Disponível em: <http://www.senado.leg.br/comissoes/ce/ap/AP20111109_Maria_Belloni.pdf>. Acesso em: 25 jul. 2015.

BELLONI, Maria Luzia; GOMES, Nilza Godoy. Infância, mídias e aprendizagem: Autodidaxia e Colaboração. **Educ. Soc.**, Campinas, v. 29, n. 104 - Especial, p. 717-746, out. 2008. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/es/v29n104/a0529104.pdf>>. Acesso em: 15 ago. 2015.

BERGAMIN, F. M; MONTERO, M.F. Balanço de Pesquisas sobre o ENEM: Considerações sobre a Constituição Políticas das Avaliações Externas. **Roteiro**, Joaçaba, v. 39, n. 2, p. 391-416, jul./dez. 2014. Disponível em: <http://editora.unoesc.edu.br/index.php/roteiro/article/view/4015/pdf_46>. Acesso em: 13 ago. 2015.

BÉVORT, Evelyne; BELLONI, Maria Luzia. Mídia-Educação: Conceitos, História e Perspectivas. **Educação & Sociedade**, v.30,n.109,2009,pp.1081-1101. Campinas. Disponível em:<<http://www.scielo.br/pdf/es/v30n109/v30n109a08.pdf>>. Acesso em: 23 ago. 2015.

BONAMINO, Aécia; FRANCO, Creso. O ENEM no Contexto das Políticas para o Ensino Médio. **Química Nova na Escola, O ENEM e o Ensino Médio**, n. 10, Novembro, 1999. Disponível em: <<http://qnesc.sbq.org.br/online/qnesc10/espaco.pdf>>. Acesso em: 5 set. 2015.

BORGES, K. Martha. Educação e Cibercultura: perspectiva de emergência para novos paradigmas educacionais In: VALLEJO, A.P; ZWIREWICZ, M (Orgs). **Sociedade da Informação, Educação Digital e Inclusão**. Florianópolis: Ed. Insular, 2007. (p.53-85).

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Básica – LDB**, 1996. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/arquivos/pdf/ldb.pdf>>. Acesso em: 15 set. 2015.

_____. **Parâmetros Curriculares Nacionais Ensino Médio, 2000**. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/blegais.pdf>>. Acesso em: 15 set. 2015.

_____. **Exame Nacional do Ensino Médio – Documento Básico**, Brasília, 2002, Disponível em: <<http://www.publicacoes.inep.gov.br/portal/download/265>>. Acesso em: 12 ago. 2015.

_____. **Matriz referência do ENEM, 2002**. Disponível em: <http://download.inep.gov.br/educacao_basica/enem/downloads/2012/matriz_referencia_enem.pdf>. Acesso em: 25 set. 2015.

_____. **Projeto de Lei do Plano Nacional de Educação (PNE – 2011/2020)**. Comissão de Educação e Cultura. 1. ed. Câmara, Brasília, 2011. Disponível em: <<http://www2.camara.leg.br/documentos-e-pesquisa/publicacoes/edicoes/paginas-individuais-dos-livros/projeto-de-lei-do-plano-nacional-de-educacao-pne-2013-2001-2020>>. Acesso em: 10 set. 2015.

_____. Formação de Professores do Ensino Médio. Etapa II – Caderno I. **Pacto Nacional pelo Fortalecimento do Ensino Médio**. UFPR, Curitiba, 2014. (PDF). Disponível em http://pactoensinomedio.mec.gov.br/images/pdf/cadernos/web_caderno_2_1.pdf. Acesso em: 23 jul. 2015.

_____. **Pesquisa brasileira de mídia 2015: hábitos de consumo de mídia pela população brasileira**. Brasília: Secom, 2014. Disponível em: <<http://observatoriodaimprensa.com.br/download/PesquisaBrasileiradeMidia2014.pdf>>. Acesso em: 20 ago. 2015.

BRISOLARA, Valéria S. Autoria e atribuição em redes sociais. **Anais do SILEL**. v. 3, n. 1. Uberlândia: EDUFU, 2013. Disponível http://www.ileel.ufu.br/anaisdosilel/wp-content/uploads/2014/04/silel2013_2681.pdf. Acesso em? 15 jun. 2016.

BUCKINGHAM, David, **Crescer na era das mídias eletrônicas**. São Paulo: Ed. Loyola, 2007.

BUCKINGHAM, David, Cultura Digital, Educação Midiática e o lugar da escolarização. **Educ.Real**, Porto Alegre, v. 35, n. 3, p.37-58, 2010. Disponível em: <<http://seer.ufrgs.br/educacaoe realidade/article/view/13077>>. Acesso em: 15 ago. 2015.

CAMPOS, Fernanda C.A; SANTORO, F.M;BORGES,M.R.S & SANTOS,N. **Cooperação e aprendizagem on-line**. Rio de Janeiro:Editora DP & A,2003.

CASTELLS, Manuel. **A galáxia da internet – reflexões sobre a internet, os negócios e a sociedade**. Rio de Janeiro: Zahar,2003.

_____. Manuel; CARDOSO, Gustavo (Orgs). A Sociedade em Rede do conhecimento à ação política. **Imprensa Nacional Casa da Moeda**, 2005, Belém. Disponível em: <http://www.egov.ufsc.br/portal/sites/default/files/anexos/a_sociedade_em_rede_-_do_conhecimento_a_acao_politica.pdf>. Acesso em: 25 ago. 2015.

_____. Manuel. Creativity, innovation, and Digital Culture: a map of interactions. **Telos: cuadernos de comunicación e innovación**, v. 7, n. 1, p. 50–52, 2008. Disponível em: <<http://telos.fundaciontelefonica.com/telos/articulocaderno.asp@idarticulo=3.htm>>. Acesso em: 28 jun. 2015.

_____. Manuel. **Manuel Castells analisa as manifestações civis brasileiras**. Fronteiras do Pensamento, 2013. Disponível em <http://www.fronteiras.com/artigos/manuel-castells-analisa-as-manifestacoes-civis-brasileiras>. Acesso dia 20 julho, 2016.

CERNY, R. Z.; RAMOS, E.M.F.; BÚRIGO, C.C.D. Curso de Especialização em Educação na Cultura Digital: constituição e desenvolvimento de uma proposta pedagógica. ESUD 2014 – XI CONGRESSO BRASILEIRO DE ENSINO SUPERIOR A DISTÂNCIA **Anais...** Florianópolis/SC, 5-8 de agosto de 2014 – UNIREDE. Disponível em: <<http://esud2014.nute.ufsc.br/anais-esud2014/files/pdf/128074.pdf>>. Acesso em: 28 jun. 2015.

CUNHA, Arisnaldo A.da. **História da Escola de Educação Básica Bertino Silva** – Há 83 anos Educando para a Cidadania. Rio do Sul: Nova Era, 2012.

DALRI, Emanuelle S.; JUNCKES, Rosane S. **Comunidade de aprendizagem investigativa**. Florianópolis: Editora Sophos, 2003.

DEMO, Pedro. **Educação hoje: “Novas” Tecnologias, Pressões e Oportunidades**. São Paulo: Editora Atlas, 2009.

_____. Pedro. Educação Científica. **B. Téc. Senac: a R. Educ. Prof.**, Rio de Janeiro, v. 36, n.1, jan./abr. 2010. Disponível em: <<http://www.senac.br/bts/361/artigo2.pdf>>. Acesso em: 20 ago. 2015.

_____. Pedro. **Aprender como autor**. São Paulo: Atlas S.A, 2015.
 ELIAS, Marisa Del Cioppo. Célestin Freinet. **Uma pedagogia de atividade e cooperação**. 6. ed. Petrópolis: Editora Vozes, 2002.
 Disponível <http://www.cos.ufjf.br/uploadfile/1339608927.pdf>. Acesso em? 15 jun. 2016.

FANTIN, Mônica. **Mídia - Educação no Ensino e o Currículo como Prática Cultural**. *Currículo sem Fronteiras*, v. 12, n. 2, p. 437-452, maio/ago. 2012. Disponível em:
 <<http://www.curriculosemfronteiras.org/vol12iss2articles/fantin.pdf>>.
 Acesso em: 20 ago. 2015.

_____. RIVOLTELLA P. C. Crianças na Era Digital: Desafios da Comunicação e da Educação. *REU*, Sorocaba, v. 36, n. 1, p.89-104, jun. 2010. Disponível em: <<https://scholar.google.com.br/scholar?hl=pt-BR&q=CRIAN%C3%87AS+NA+ERA+DIGITAL%3A+DESAFIOS+DA+COMUNICA%C3%87%C3%83O+E+DA+EDUCA%C3%87%C3%83O&btnG=&lr=>>>. Acesso em: 15 out. 2015.

_____. TISSERON, Serge. 3-6-9-12 **Diventare grande all'epoca degli schermi digitali**. *Brescia: La Scuola*, 2016 (153p.) Resenha. *Revista entreideias*, Salvador, v.5,n.1p.00-00,jan./jun.2016. Disponível em
<http://www.portalseer.ufba.br/index.php/entreideias/article/view/16754/11380>. Acesso em 12/09/2016.

FEENBERG, Andrew, **O que é filosofia da tecnologia?** Conferência realizada para os estudantes universitários de Komaba em junho de 2003. Trad. Agustín Apaza, com revisão de Newton Ramos-de-Oliveira. Disponível em:
 <https://www.sfu.ca/~andrewf/Feenberg_OQueEFilosofiaDaTecnologia.pdf>. Acesso em: 30 ago. 2015.

FIGUEIREDO, António D. **A educação na era digital: Análise de Boas Práticas**. Conference Paper · July 2016 (PDF). Disponível em
 <https://www.researchgate.net/publication/305556040_A_Educacao_na_Era_Digital>. Acesso em 31 jul. 2016.

FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade**. 11. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980. 150p.

_____. Paulo. **Pedagogia da esperança**. São Paulo: Paz e Terra, 1993.

_____. Paulo. **Extensão ou comunicação?** (PDF). 8. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985. Disponível: http://forumeja.org.br/files/Extensao_ou_Comunicacao1.pdf. Acessado dia 16/06/2016

_____. Paulo. **Pedagogia da autonomia**. 35. ed. Paz e Terra, 2007.

FUNDAÇÃO TELEFÔNICA. **Juventude conectada**. São Paulo, 2014. Disponível em: <http://fundacaotelefonica.org.br/wp-content/uploads/pdfs/juventude_conectada-online.pdf>. Acesso em: 20 ago. 2015.

GIARDELLI, Gil. **Você é o que você compartilha**. São Paulo: Gente, 2012.

GIROUX, H.A. **Os professores como intelectuais: rumo a uma pedagogia crítica da aprendizagem**. Porto Alegre: Ed Artmed, 1997.

HALL, Stuart. A centralidade da cultura: notas sobre as revoluções culturais do nosso tempo. In: **Educação e Realidade** n. 22 jul/dez., 1997. (p.15-46).

JENKINS, Henry; GREEN, Joshua; FORD, Sam. **Cultura da conexão** – criando valor e significado por meio da mídia propagável. São Paulo: Editora Aleph, 2014.

JENKINS, Henry. **A cultura da convergência**. 2. ed. São Paulo: Aleph, 2009.

JUNIOR, Walcler de Lima Mendes, **O sujeito** – arquiautor: conflitos do discurso urbano e midiático. Rio de Janeiro: Lamparina Editora, 2010.

KNIHS, Everton. **Cooperação e colaboração em ambientes virtuais e aprendizagem matemática**. CF ARAÚJO - Educação Matemática. Anais do 16o COLE, 2007 - moodle. ufba.br. Disponível http://www.moodle.ufba.br/file.php/10312/Textos/Educa_o_a_dist_ncia/Coopera_o_e_Colabora_o_em_Ambientes_Virtuais.pdf. Acesso em: 15 jun. 2016.

LAPA, Andrea B. Reflexões sobre a Formação Crítica em Redes Sociais. In: BERGMANN, Juliana & GRANÉ, Mariona (ORGS). **La universidad en la nube. A Universidade na Nuvem**. COL-LECCIÓ Transmedia XXI, 2013. (p. 23-38).

LAPA, Andrea B.; COELHO, Isabel C.; SCHWERTL, Simone, L. As redes sociais como um espaço público educador. 37ª REUNIÃO NACIONAL DA ANPED. **Anais...** 4 a 8 de outubro de 2015, UFSC – Florianópolis. Disponível em:
<http://www.anped.org.br/sites/default/files/trabalho-gt16-4529.pdf>.
 Acesso em: 23 out. 2015.

LEMOS, André. **Cibercultura** – tecnologia e vida social na cultura contemporânea. 5. ed. Ed. Sulina, 2002.

LEMOS, André. Cibercultura e mobilidade. A Era da Conexão. Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação. XXVIII CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO – UERJ. **Anais...** 5 a 9 de setembro de 2005. Disponível em:
 <<http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2005/resumos/r1465-1.pdf>>. Acesso em: 28 ago. 2015.

LEMKE, Jay, L. Letramento Metamidiático: transformando significados e mídias. **Trab. linguist.apl.** v. 49 n. 2 Campinas, July/dec. 2010.

LÉVY, P. **Cibercultura**. Tradução de Carlos Irineu da Costa. São Paulo: Ed. 34, 1999.

LIMA, Clóvis Montenegro de.; SANTINI, Rose Marie. **Produção colaborativa na sociedade da informação**. Rio de Janeiro: E-papers, 2008.

LORENZO M. E. **A utilização das redes sociais na educação**. Rio de Janeiro: Ebook. 3. ed Clube de Autores. 2003. Disponível em:
 <<https://ederlorenzo.wordpress.com/2013/12/30/livro-a-utilizacao-das-redes-sociais-na-educacao/>>. Acesso em: 30 set. 2015.

MAÇADA, Debora L.& TIJIBOY, Ana V. Aprendizagem cooperativa em ambientes telemáticos. IV CONGRESSO RIBIE, **Anais...** Brasília 1998. Disponível http://mathematikos.mat.ufrgs.br/textos/aprendizagem_cooperativa.pdf. Acesso em: 17 jun. 2016.

MACHADO, Arlindo. Arte e Mídia: Aproximações e Distinções. Publicado na edição 1, em dezembro de 2004, **Revista Eletrônica E-Compós**: Disponível em: <<http://www.compos.org.br/seer/index.php/e-compos/article/viewFile/15/16>>. Acesso em: 10 out. 2015.

MALUSÁ,S.; ORDONES,L.L.M;RIBEIRO,E. Enem: pontos positivos para a educação brasileira. **Revista Educação e Políticas em Debate**. v. 3, n.2 – ago./dez. 2014. Disponível em: <<http://www.seer.ufu.br/index.php/revistaeducaopoliticas/article/view/30284/16539>>. Acesso em: 20 set. 2015.

MARTIN BARBERO, Jesus, **Ofícios de cartógrafo**: travessias Latino-Americanas da comunicação na cultura. Edição Loyola, 2004a.

_____. Jesus. **A comunicação na educação**. São Paulo: Editora Contexto, 2014b.

MATTAR, João. **Web 2.0 e redes sociais na educação**, artesanato educacional. São Paulo, 2013.

MORIN, Edgar, **A cabeça bem-feita** – repensar a reforma, reformar o pensamento. Bertrand Rio de Janeiro: Brasil, 2004.

MORAN, José M. **A Educação que desejamos**: novos desafios e como chegar lá. São Paulo: Papyrus, 2007.

MONEREO, Carles & GISBERT, David D. **Tramas – Procedimentos para a aprendizagem cooperativa**. São Paulo: Artmed, 2005.

MUSACCHIO, Cláudio de. **Redes sociais na educação**, 2015. Disponível em: <<http://www.portaleadbrasil.com.br/facebook.htm>>. Acesso em: 21 set. 2015.

NÓVOA, António. Nada será como antes. **Revista Pátio- Ensino Fundamental: O futuro da sala de aula**. n. 72. Porto Alegre: Ed. Artmed, nov. 2014. (Entrevista). Disponível em: <<http://www.grupoa.com.br/revista-patio/artigo/10938/nada-sera-como-antes.aspx>>. Acesso em: 21 ago. 2015.

OLIVEIRA, Rodrigo T.T. ENEM: **Limites e possibilidades do exame nacional do ensino médio enquanto indicador de qualidade escolar**. (Tese) São Paulo, 2013. Disponível em: <<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/48/48134/tde-28062013-162014/pt-br.php>>. Acesso em: 28 set. 2015.

PIAGET, J. **Estudos sociológicos**. Rio de Janeiro: Forense, 1973.

PRETTO, Nelson L. **Reflexões, redes sociais, ativismo e educação**. Salvador: EDUFBA, 2013. Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/ri/bitstream/ri/14628/1/Reflexoes_ativismo,%20redes%20sociais%20e%20educacao.pdf>. Acesso em: 25/07/2015.

_____. Nelson L. ASSIS, Alexandra. Cultura digital e educação: rede já! In: PRETTO, Nelson De Luca & SILVEIRA, Sérgio Amadeu (org.). **Além das redes de colaboração: internet, diversidade cultural e tecnologias do poder**. Salvador: Editora EDUFBA, 2008. Disponível em: <<https://repositorio.ufba.br/ri/bitstream/ufba/211/1/Alem%20das%20redes%20de%20colaboracao.pdf>>. Acesso em: 20 jul. 2015.

_____. Nelson. L. **O professor como ativista... e hacker**. 2010. Disponível em: <<http://softwarelivre.org/fiscolab/blog/o-professor-como-ativista...-e-hacker>>. Acesso em: 17 jul. 2016.

QUARTIERO, E. M. Políticas Públicas para a utilização das tecnologias de informação e de comunicação na educação. In: VIEITEZ, Candido Giraldez; BARONE, Rosa Elisa Mirra. (Org.). **Educação e Políticas Públicas**. Tópicos para o debate. Araraquara, São Paulo: Junqueira&Marin, 2007, p. 53-120.

RANCIÈRE, Jacques. **O mestre ignorante: Cinco lições sobre a emancipação intelectual** (PDF). Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2002. Disponível em: <<https://drive.google.com/file/d/0B6eHj5egjfFvTDJBVmMzT2laZ1E/vi>>. Acesso em: 11 jul. 2016.

RAMOS, E.M.F. [et al.]. **Curso de especialização em educação na cultura digital: Núcleo de Base 1 - Aprender na Cultura Digital**. 1.ed. Brasília: Ministério da Educação, 2013. Disponível em: <<http://catalogo.educacaonaculturadigital.mec.gov.br/site/hypermedias/4#>> Acesso em: 28 ago. 2015.

RECUERO, Raquel. **Redes sociais na internet**. Porto Alegre: Sulina, 2009 (Coleção Cibercultura. Disponível em: <<file:///C:/Users/W7/Downloads/redessociaisnainternetrecuero.pdf>>. Acesso em: 20 ago. 2015.

_____. Raquel. **Comunidades virtuais em redes sociais na internet: uma proposta de estudo**. E-Compós, Internet, v. 4, n. Dez 2005. Disponível: <http://www6.ufrgs.br/limc/PDFs/com_virtuais.pdf>. Acesso: 20. jun.2008.

_____. Raquel. **A conversação em rede: comunicação mediada pelo computador e redes sociais na internet**. Porto Alegre: Editora Sulina, 2014.

RIBEIRO, J. C.; AYRES, M. Breves comentários sobre a análise de conversações em sites de redes sociais. In: PORTO, C.; SANTOS, E. **Facebook e educação** – publicar, curtir, compartilhar. Campina Grande: Eduepb, 2014. p.199-219.

ROJO, Roxane. **Letramentos múltiplos, escola e inclusão social**. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

_____. Roxane; MOURA, Eduardo. **Multiletramentos na escola**. São Paulo: Parábola Editorial, 2012.

_____. Roxane. **Escola conectada: os multiletramentos e as TICS**. São Paulo: Parábola, 2013.

RÜDIGER, Francisco. A escola de Frankfurt. In: V.V.FRANÇA; A.HOHFELDT; L.C.MARTINO (Orgs). **Teorias da Comunicação: conceitos, escolas e tendências**. Petrópolis: Vozes, 2001a p. 131-150. Disponível

RÜDIGER, Francisco. **As teorias da cibercultura, perspectivas, questões e autores**. Porto Alegre: Editora Sulina, 2011b.

SANTA CATARINA. **Proposta Curricular de Santa Catarina**. Formação Integral na Educação Básica. Secretaria de Estado da Educação, 2014. Disponível em: <http://nela.cce.ufsc.br/files/2014/12/Proposta_Curricular-de-Santa-Catarina.pdf>. Acesso em: 11 set. 2015.

SANTAELLA, Lúcia. **Cultura das mídias**. 3. ed. São Paulo: Experimento, 1996.

SANTOS, E. & AMARAL, M.M. Autorias em redes: uma experiência de pesquisa-formação na cibercultura. In: LEONEL, A.A; MARCON, K. & ALVES, D.R.M. **Reflexões e Práticas na EaD**. 2016. Rio de Janeiro: Letra Capital. Disponível em: <<https://play.google.com/books>>. Acesso em: 10 jun. 2016. (p.116-232).

_____. PONTE, F.S & ROSSINI, T.S. Autoria em rede: uma prática pedagógica emergente. **Rev. Diálogo Educ.**, Curitiba, v. 15, n. 45, p. 515-536, maio/ago. 2015. Disponível em: <<http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=189141165008>>. Acesso em: 10 jun. 2016.

_____. & SILVA M. **A pedagogia da transmissão e a sala de aula interativa**. Coleção Agrinho, 2014. Disponível em: <http://www.agrinho.com.br/site/wp-content/uploads/2014/09/2_02_A-pedagogia-da-transmissao.pdf>. Acesso em: 15 jun. 2016.

SERRES, Michel. **Polegarzinha**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2013.

SETTON, Maria da Graça. **Mídia e educação**. São Paulo: Editora Contexto, 2011.

SCHÖN, Donald A. **Educando o profissional reflexivo: um novo design para o ensino e a aprendizagem.** Trad. Roberto Cataldo Costa. Porto Alegre: Artmed, 2000.

SIBILIA, Paula. **Redes ou paredes: a escola em tempos de dispersão.** Rio de Janeiro: Contraponto, 2012.

SILVA, Marco. **Sala de aula interativa.** 4. ed. Rio de Janeiro: Quartet, 2006.

SILVA, Claudene S. Estudo qualitativo sobre as mudanças que o ENEM- Exame Nacional do Ensino Médio provocou nos trabalhos pedagógicos e Metodológicos dos professores do Ensino Médio. **Revista Cocar.** Belém, v. 7, n.13, p.91-97/ jan-jul 2013. Disponível em: <<http://paginas.uepa.br/seer/index.php/cocar/article/view/245/212>>. Acesso em: 12 set. 2015.

SILVEIRA, Sérgio A. Convergência Digital, diversidade cultural e esfera pública (p.31-49). In: PRETTO, Nelson & SILVEIRA, Sérgio A (Orgs) **Além das Redes de Colaboração,** Salvador: Edufba, 2008. Disponível em: <<https://repositorio.ufba.br/ri/bitstream/ufba/2111/1/Alem%20das%20redes%20de%20colaboracao.pdf>>.

TORRES, Patrícia L; ALCANTARA, Paulo R.; IRALA, Esrom A. F. Grupos de consenso: uma proposta de aprendizagem colaborativa para o processo de ensino-aprendizagem. **Revista Diálogo Educacional,** Curitiba, v. 4, n.13, p.129-145, set./dez. 2004. Disponível em: <https://scholar.google.com.br/scholar?q=grupos+de+consenso&btnG=&hl=pt-BR&as_sdt=0%2C5>. Acesso em: 20 set. 2015.

TORRES, Patrícia L. & IRALA, Esrom A. **Aprendizagem colaborativa: Teoria e Prática.** Coleção Agrinho. 2014. Disponível em: <http://www.agrinho.com.br/site/wp-content/uploads/2014/09/2_03_Aprendizagem-colaborativa.pdf>. Acesso em: 16 jun. 2016.

TEITELBAUM, Ilton; PUHL, Paula R. **Projeto 18/34 - Perfil do Jovem Brasileiro**, Núcleo de Tendências e Pesquisa do Espaço Experiência da Faculdade de Comunicação Social da PUCRS, RG, 2013. Disponível em: <<http://estaticog1.globo.com/2015/10/30/Apresentacao-Pesquisa-Familia-EE-2015.pdf>>. Acesso em: 2 nov. 2015.

UNICEF. **10 desafios do ensino médio no Brasil**: Para garantir o direito de aprender de adolescentes de 15 a 17 anos. Brasília, 2014. Disponível em: <http://www.unicef.org/brazil/pt/10desafios_ensino_medio.pdf>. Acesso em: 13 set. 2015.

VELOSO, Maristela S.A; BONILLA, M.S & PRETTO, Nelson. A Cultura da Liberdade de Criação e o Cerceamento Tecnológico e Normativo: Potencialidades para a Autoria na Educação. **ETD – Educ. Temat. Digit.** Campinas, v.18 n.1 p. 43-59 jan./abr. 2016. Disponível em: <<http://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/etd/article/view/8639486>>. Acesso em: 10 maio 2016.

WILLIAMS, Raymond. **A cultura é de todos**. 1958. Trad. Maria Elisa Cevasco. Departamento de Letras – USP. Disponível em: <<https://pt.scribd.com/doc/132617671/WILLIAMS-Raymond-A-Cultura-e-de-todos>>. Acesso em: 20 set. 2015.

WONSOVICZ, Silvio. **Crianças, adolescentes e jovens filosofam**. 2. v. Florianópolis: Editora Sophos, 2005.

YIN, Roberto K. **Estudo de caso**: planejamento e métodos. 2. ed. Porto Alegre: Editora Bookmam, 2001.

ZUIN, Antônio A.S. Copiar, colar e deletar: a Internet e a atualidade da semiformação. **Pro-Posições**, v. 24, n. 3 (72), p. 139-159, set./dez. 2013. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/pp/v24n3/09.pdf>>. Acesso em: 10 maio 2016.

ZUIN, Vânia G. & ZUIN, A.A.S. Professores, Tecnologias Digitais e a Distração Concentrada. **Educar em Revista**, Curitiba, Brasil, n. 42, p.213-228, out./dez. 2011. Editora UFPR. Disponível em: <<http://revistas.ufpr.br/educar/article/view/21226/17230>>. Acesso em: 10 jun. 2016.

APÊNDICE I: Questionário para Diagnóstico de Alunos

Prezado (a) Aluno (a),

Este questionário pretende, num primeiro momento, conhecer quem é o estudante da EEB BERTINO SILVA e descobrir como você utiliza as tecnologias de informação e comunicação (TIC) no seu dia a dia.

O questionário servirá para ajudar os professores a desenvolverem atividades de ensino e aprendizagem envolvendo as TIC com suas ferramentas e recursos.

Você não precisa se identificar, contudo, desejamos que responda as questões de forma que represente a sua realidade.

MUITO OBRIGADO!

Prof. Arisnaldo Adriano da Cunha

Idade: _____

Sexo: _____

Sua principal ocupação:

Somente estuda

Trabalha e estuda → Explique

em que atividade ou função: _____

1- Quais as tecnologias de informação e comunicação que você possui consigo ou em sua casa? Marque as que você possui.

<input type="checkbox"/>	Computador
<input type="checkbox"/>	Celular
<input type="checkbox"/>	Tablet
<input type="checkbox"/>	Outras (descreva)

2- Você tem acesso à Internet?

SIM

NÃO

3- Se você respondeu **SIM**, onde você tem acesso à Internet?

Na sua casa

Pelo celular em qualquer local

Casa de amigos ou de outros

Somente na escola

4- Se você acessa a Internet, o que você costuma acessar?

(marque a resposta e complete quando solicitado)

<input type="checkbox"/>	Redes sociais Descreva a seguir quais: Facebook; Twitter, YouTube, blog ou outra (qual?)-
<input type="checkbox"/>	E-mail
<input type="checkbox"/>	Jogos online

<input type="checkbox"/>	Sites de informação e ou de diversão Qual(is)
<input type="checkbox"/>	Outros acessos: Diga quais.

5- Quando você utilizou a Internet **pela primeira vez**:

Nunca utilizei

Há menos de 6 meses

Entre 6 meses e 1 ano

Entre 1 e 2 anos

Há mais de 2 anos

6- Descreva o que você costuma fazer quando está navegando na Internet: *(pode utilizar o verso da folha para responder)*

7- Com que frequência você utiliza a Internet?

O tempo todo (estou sempre conectado).

Menos de uma hora por dia.

Entre 1 hora e 3 horas por dia.

Mais de 3 horas por dia

8- Complete:

Para você a Internet é legal porque

9- Complete:

Para você a Internet é ruim porque

10- Você já realizou algum curso para usar o computador ou a Internet?

SIM

NÃO

Se você respondeu **SIM**, diga qual (is) e com que finalidade:

11- Em sua opinião, o acesso à Internet e/ou às redes sociais pode ajudar de que forma o seu estudo? Descreva:

APÊNDICE II – Questionário para Professores: Investigação sobre o uso de Tecnologias de Informação e Comunicação (TICs)

1. *Há quanto tempo você terminou sua licenciatura?*

- 6 a 10 anos 1 a 5 anos não licenciado mais de 10 anos

2. *Que disciplina(s) você leciona?*

- linguagem,
- ciências da natureza.....
- ciências humanas
- Matemática

3. *Você leciona a disciplina que é Licenciado?*

- Sim
- Não

4. *Quais mídias foram utilizadas pelos seus professores durante a sua licenciatura?*

- jornal e revistas TV e/ou vídeo rádio computador
- Nenhuma

5. *No total, qual é sua carga horária (horas/aula) semanal?*

- mais de 40h/a entre 21 e 40h/a entre 1 e 20h/a

6. *Qual o seu conhecimento em informática/ computador/internet?*

- básico (lê e envia emails, navega na internet e digita textos, provas)
- intermediário (básico + uso de pendrive, edição de fotos, planilhas)
- intermediário plus (intermediário + edição de vídeos e música, configuração e instalação)
- avançado

7. *Para o uso da internet, qual das tarefas você sente dificuldades e/ou não sabe?*

- gravação de arquivos no pendrive
- localizar vídeos (youtube, por exemplo)
- baixar vídeos da internet (já sabe onde está, porém não sabe baixar para o seu computador)
- conversão de vídeos para o formato da TV Pendrive
- conversão de apresentações (PowerPoint, por exemplo) para uso na TV Pendrive
- manuseio do computador

8. *Quantas vezes por mês você utiliza a computador, internet, Pendrive em cada turma?*

todas 11 a 20 6 a 10 1 a 5 nunca todas as aulas

9. *Quais redes sociais você utiliza informalmente?*

Nenhuma Facebook Whatsapp Twitter Blog Youtube Outras

10. *Já utilizou redes sociais como ferramenta pedagógica?*

Sim Não

11. *Quais as contribuições que o uso das redes sociais, como o FACEBOOK pode fornecer à sua aula?*

12. *Quais as suas sugestões para a utilização crítica e criativa das tecnologias na Escola em favor de uma aprendizagem significativa e para a formação de sujeitos críticos?*

13. Na sua opinião qual deve ser a função da Escola no contexto da Cultura Digital?

APÊNDICE III: Questionário de Avaliação do Projeto para Professores

1. Na sua avaliação como os estudantes e professores demonstraram atitudes de autoria e cooperação na realização das atividades de estudo para o ENEM no Facebook?

Prof.1 Acredito que a autoria dos alunos em suas postagens foi menor do que a idealizada, a maioria das postagens foi apenas cópias da internet, sendo fora da proposta inicial. Os alunos foram incentivados a lerem e contarem com suas próprias palavras e pontos de vistas os temas abordados. Sobre os comentários das postagens, uma pequena parcela dos alunos realmente comentou e acrescentou conhecimento no trabalho dos colegas. Em sua maioria os alunos comentaram com elogios como “legal” ou “parabéns”, não demonstrando que realmente leram ou assistiram os vídeos. Da minha parte como professora, incentivei os alunos a pesquisar, a serem autores, foi dado tempo para a interação dos grupos de alunos em sala, foi dado tempo para a navegação na internet em sala e também para tirar dúvidas sobre os conteúdos trabalhados. Os conteúdos trabalhados estavam dentro do plano de ensino de biologia, então não fugimos da proposta curricular de origem. Acredito que deixei a desejar em muitos aspectos, talvez por falta de tempo ou internet ou computador disponível, também porque por parte de mim e dos alunos, ainda exista preconceito com o professor em sala de aula utilizando o facebook. Particularmente dentro da sala de aula não gosto de utilizar o facebook, pois alunos que não estão envolvidos com o projeto podem pensar que simplesmente não estou cumprindo com minhas obrigações profissionais. Fora de sala de aula o tempo é escasso, normalmente me dedico à família.

Prof. 2 - A autoria dos escolares foi o objetivo mais difícil de ser atingido, pois esta expansão da era digital acabou desenvolvendo a lei do menor esforço. É melhor eu encontrar um texto, um parágrafo que descreve as minhas concepções do que eu mesmo as redigir, o tradicional “control C e control V”. Não que o(a) aluno(a) não tenha lido, mas entre ler e esboçar uma ideia num parágrafo, há um abismo. Porém a cooperação se desenvolveu vastamente entre os próprios escolares e entre os mesmos e os professores. Alguns profissionais da educação mais tradicionais tiveram que definitivamente sair da zona de conforto e pesquisar sobre possibilidades de desenvolver determinado conteúdo, contemplado no

ENEM, conteúdo utilizando a rede social. Este fato foi inclusive observado pelos estudantes.

Prof.3 - O trabalho sobre o ENEM, foi desenvolvido durante todo o terceiro bimestre como acontece todos os anos na disciplina de matemática. Inicialmente pesquisamos sobre o ENEM na internet para termos mais informações sobre ele; próxima etapa foi conhecer as competências e habilidades na área de matemática e também formar os grupos de estudos que este ano foram sete; outra etapa, foi cada grupo pesquisar no banco de dados na página do ENEM duas questões que esteja relacionada a cada uma das competências e (ou) habilidades; outra atividade foi a da apresentação, onde cada grupo tinha que apresentar para os colegas como resolveram as questões que pesquisaram de acordo com as competências e habilidades; finalmente, cada grupo, tinha como tarefa publicar no facebook, o resultado obtido com o seu trabalho e comentar e interagir com os trabalhos de seus colegas. Penso que, em cada etapa realizada os alunos e professor desenvolveram alguma cooperação e também alguma autoria.

Prof.4 Usam esta a ferramenta de aprendizagem de forma responsável, as atividades na maior parte do tempo estão sempre em dia, fazem belos trabalhos de forma cooperada e criativa, assim esta ferramenta traz mais conhecimentos e interatividade a quem participa.

Prof.5. O Professor Mestrando Arisnaldo, quando propôs o referido projeto obteve a adesão e cooperação por parte da grande maioria dos professores, porém a Direção da Escola não apoiou completamente o projeto por motivos ignorados. Porém, todos os professores do ensino médio comprometidos com a formação dos alunos, quanto ainda à inclusão das novas tecnologias prontamente aderiram ao referido projeto. Cada professor(a) na sua respectiva disciplina em conformidade com os objetivos e metas do projeto e seguindo um determinado cronograma desenvolveu na sua respectiva disciplina de forma autônoma as atividades de pesquisa com as respectivas turmas dos terceiros anos do ensino médio. Os trabalhos de investigação se deram de forma que as turmas foram divididas em Equipes e cada uma desenvolveu a pesquisa conforme o tema escolhido e assim associando ao conteúdo da disciplina. Encontrou-se algumas dificuldades na questão da condução da pesquisa em virtude acredito de o momento fazer parte de um cronograma onde instantaneamente ocorrer o processo eleitoral para diretor de escola, que acredito ter sido fundamental na dispersão e cooperação de todos os

envolvidos. Pretende-se aplicar o projeto novamente no ano de 2016, agora com maior tranquilidade pedagógica e administrativa na referida escola.

2. Quais as principais dificuldades e problemas identificados durante a execução do projeto “Enem no Facebook”?

Prof.1 -O principal problema diagnosticado foi à internet limitada da escola, a internet sem fio não funciona em todos os espaços da escola, na sala de biologia particularmente não funciona. Para fazer qualquer tipo de pesquisa ou navegação no Facebook por exemplo, os alunos tinham que ir até o corredor do colégio ou sala de informática. A sala de informática além de poucos computadores, entorno de 10 unidades, geralmente apenas 3 unidades funcionavam a internet, demorando cerca de 1 aula para entrar no facebook. Para realizarem postagens os alunos fizeram em suas residências, porém muitos não têm acesso a internet em casa, somente na escola. O segundo problema diagnosticado, foi à falta de interesse dos alunos pelo ENEM e pelo seu futuro acadêmico. O terceiro problema foi à falta de compromisso com as datas de entrega dos alunos, gerando transtorno na hora de avaliar.

Prof.2 - O maior desafio foi seguir o cronograma de atividades planejadas, e o maior problema foi criar uma nova imagem para o Facebook. A imagem de ferramenta pedagógica e não apenas um *emagazine* de fofoca e entretenimento. Além desses dois, pode-se identificar problemas/dificuldades em relação a adaptação de determinados conteúdos, o foco excessivo de alguns professores nos conteúdos em si e não na prova em sua complexidade geral, excesso de atividades para postar e comentar, lembrando que a realidade dos participantes eram bem variadas, como por exemplo: acesso à internet, trabalho, interesse, foco, velocidade da internet da escola, o laboratório de informática é obsoleto, somado ao desinteresse do seu monitor e da direção da escola.

Prof.3 - Uma das dificuldades foi para alguns alunos entenderem a utilização do Facebook como ferramenta de aprendizagem em matemática; outra dificuldade foi em fazer com que os alunos interagissem após a publicação dos seus trabalhos na página do Facebook.

Prof.4 Vejo poucas dificuldades, porém uma delas que podemos citar é a interação de mais escolas juntas na realização do estudo do Enem no facebook, pois é bem pouco comentado pelo pessoal que não se conhece pessoalmente.

Prof.5 Percebe-se que o fator cultural que os jovens e sociedade em geral tem para com as redes sociais está voltado para as trocas e divulgação de atividades e acontecimentos meramente do cotidiano social. O Facebook como pesquisa e ferramenta de aprendizagem para o Enem, causa estranheza tanto para professores quanto para alunos, o que acredito ter sido a maior dificuldade encontrada, a de fazer tanto o professor quanto o aluno a transformar a referida rede em pesquisa e a socialização da mesma. Estamos acostumados ao ato de curtir e compartilhar publicações e o projeto de certa forma exigia uma troca de informações e intervenções de cunho pedagógico. Tal dificuldade esteve atrelada a falta hábito na exposição das opiniões o que poderá ser revertido e trabalhado nas próximas edições.

3. Quais os ganhos do projeto? Possíveis benefícios?

Prof.1 - Os alunos que estavam interessados gostaram muito de interagir com outra escola, compartilhando notícias, temas de possíveis redações, vídeos e comentários, anseios e dúvidas. Através do trabalho pude perceber nos alunos, certo “alívio” por saber que outros alunos estão passando pela mesma etapa de vida (preocupações) com o futuro e também com o ENEM. Após a prova do ENEM eu (professora de biologia) e a diretora da escola, conversamos uma aula com os alunos do 3º ano sobre a prova, o que acharam e como se saíram. Bom a na minha disciplina biologia, os alunos elogiaram pois trabalhamos muito introdução a genética, hereditariedade e 1º Lei Mendel, que foram questões deste ENEM 2015. Sobre outras disciplinas, elogiaram os professores de história e matemática. Também relataram que suas maiores dificuldades se encontravam em português (redação), estrutura textual e na disciplina de artes.

Prof.2 - Os principais ganhos estão pautados na quebra de paradigmas, tanto do corpo docente quanto no corpo discente, na administração das redes sociais, tidas como inúteis e que devem ficar do lado de fora da escola, o desenvolvimento da autoria no mundo virtual, colaboração e cooperação entre os participantes da pesquisa, desmitificação da prova do ENEM, desenvolvimento de autonomia dos escolares diante da resolução das questões.

Prof.3- um dos ganhos foi relacionar e envolver o Facebook como ferramenta de aprendizagem; outro fator importante, além do conhecimento adquirido foi também a forma que cada grupo explorou e

apresentou o resultado do seu trabalho, utilizando a sua criatividade e metodologia.

Prof.4- A qualidade e ampliação do vocabulário para o possível tema de redação.

Prof.5 - Transformar a cultura no processo ensino e aprendizagem na busca por novas formas de ensinar e aprender, atendendo a demanda das novas tecnologias, inserindo os alunos e professores num processo pedagógico voltado para uma educação contextualizada ao contexto atual e as novas tecnologias, transformando as práticas pedagógicas reconhecidas como práticas anacrônicas e ineficientes diante da atual conjuntura educacional.

4. Quais as provocações, desafios e questionamentos que o projeto traz para a rotina escolar?

Prof.1. Através deste trabalho pude perceber que tentar sair da rotina e de aulas tradicionalistas, são os maiores desafios encontrados e sala de aula, tanto para mim como professora como para meus alunos. Com a utilização das redes sociais o professor deixa de ser o detentor do conhecimento, aquele que traz as informações e as verdades absolutas, tornando o aluno um produtor de seu autoconhecimento.

Prof.2 A escola não é um ecossistema isolado da sociedade, a sala de aula não é um espaço isolado das nossas casas, os escolares não têm uma personalidade/hábitos em casa e na sala de aula outro. Está tudo conectado. Não podemos nos esconder mais das tecnologias, como por exemplo da lei que proíbe o uso do celular durante a aula. Muitos profissionais da educação precisam aceitar efetivar e difundir o uso das mais diversas tecnologias na sala de aula, mas para isso precisa admitir que “Só sei que nada sei” e aprender com os alunos, que em muitos casos passa o dia os manuseando. Só assim, conseguiremos combater de fato os malefícios do mau uso ou excesso de uso da tecnologia.

Prof.3 - creio que o principal desafio é fazer com que alunos e professores entendam que as TICs devem ser utilizadas para complementar, enriquecer, elucidar e melhorar o processo de ensino aprendizagem e uma dessas ferramentas é o Facebook, onde para a maioria das pessoas ainda é visto como momento de descontrair e diversão.

Prof.4 - Se preocupar com prazos, entregas das atividades tornando-os cada vez mais responsáveis, um maior raciocínio diante de tais ideias

citadas e trazendo assim consigo um maior desempenho em futuros obstáculos.

Prof.5 - Pensamos numa escola interdisciplinar, numa escola interativa e mais democrática, uma escola que tenha competência de ensinar, que desperte o interesse do educando em aprender, que seja um processo natural e compartilhado com a demanda tecnológica, um aprender voltado para a autonomia e o exercício da cidadania, uma escola em que a pesquisa seja uma rotina do cotidiano e uma constante no processo ensino e aprendizagem, desta forma a inserção das tecnologias através do referido projeto possibilita uma nova perspectiva e abordagem educacional em acordo com os atuais pressupostos da educação. Também podemos afirmar que o projeto trouxe para nós professores uma profunda reflexão de nossas práticas, abrindo assim, uma nova possibilidade de ensinar, possibilitando uma maior interação com a informação e a construção de novos conhecimentos. Sendo assim, o projeto permitiu que nós professores fossemos desafiados a transformar nossas práticas, repensar e reconstruir nossos conceitos com relação ao uso das tecnologias rumo à uma produção coletiva e colaborativa de forma crítica, contextualizada e questionadora.

APÊNDICE IV: Questionário de Avaliação do Projeto para Estudantes

1. Quais os pontos positivos das atividades realizadas no grupo de estudos do Facebook em preparação para o ENEM?

- Auxilia no estudo; (A1)
- Facilita o estudo em grupo, com a facilidade de conectar-se via internet; (A2)
- Torna o estudante crítico, e o melhor, um crítico que está por dentro do assunto; (A3)
- É uma nova forma de estudar, saindo do livro, o que aumenta o interesse do aluno; (A4)
- Pode-se estudar de qualquer lugar e a qualquer hora, estando conectado à internet; (A5)
- A internet amplia horizontes. Quando se está estudando nela, e se tem dúvida, é só pesquisar a respeito. E pode estudar em qualquer lugar. (A6)
- Ajudou a preparação para o Enem porque foi estudado vários temas de redação. (A7)
- Bastante troca de informações e de ideias (A8).
- Poder trocar ideias com os outros alunos (A9).
- Que todos podem tirar suas dúvidas, trocar ideias com os colegas (A9)
- Interação dos alunos e professores (A10)
- Mudou as formas habituais de estudo. (A11)
- Uso das tecnologias a nosso favor, participação em geram de todos com a ajuda dos professores (A12)
- Outras formas de interação entre professores e alunos, saindo do ambiente de sala de aula e possibilitando novas formas de materiais: vídeos e fotos são ótimas alternativas. (A13)
- A colaboração entre os alunos, o diálogo e as pesquisas colaboram para adquirir conhecimentos para o Enem. (A14)
- Socializamos com os alunos de nossa escola e de outras. (A15)
- Aprendemos de uma forma dinâmica e diferenciada. (A16)
- A interação dos alunos, a maneira com que os nossos colegas explicam que muitas vezes quebrava o clima de aula e fazia com que aprendêssemos melhor. (A17)

04. Avalie as atividades em relação ao desenvolvimento da Autoria. Na sua opinião, como as atividades desafiaram os alunos a: pensar, questionar, ser criativo, participar, expor suas ideias?

- a) Excelente b) Ótimo c) Bom d) Ruim
e) Péssimo

Foram muitas as formas de expor o conteúdo em forma de postagem. Tivemos vídeos, textos, imagens, charges, opiniões, comentários, debates, entre outros.(A1)

Essas postagens, na maioria das vezes de autoria total dos alunos, apenas com pesquisa. As atividades tornaram meu estudo mais rápido e prático conteúdo a ser trabalhado, motivaram ainda mais os alunos a mostrarem suas ideias de uma forma criativa. Assim, as postagem e comentários fizeram com que o aluno se tornasse crítico em relação ao tema, fazendo com que reflita sobre ele. (A2).

- Ruim porque não tinha muita participação, apenas postavam por serem obrigados.(A3)
- Foi feito muitos vídeos que é uma maneira mais legal de aprender. (A4)
- Sai da rotina da escola e pensam mais e é mais criativo.(A5)
- As atividades foram bastante desafiadoras. (A6)
- Ajudaram a saber como fazer, a pensar um jeito de ser mais fácil de resolver.(A7)
- Saiu do meio tradicional que é o caderno e livro e ia pro meio virtual que estão mais acostumados. (A8)
- Ajudaram a gente a pensar, questionar, colocar o seu ponto de vista, mesmo se estivesse errado.(A9)
- Fez os alunos a pensar um pouco mais sobre assunto pouco conhecidos.(A10)
- Ajudaram os alunos a expor as suas ideias e ajudaram na criatividade. (A11)
- Nas vezes em que houve debates sobre os assuntos abordados, os alunos se viram desafiados a pensar e formar opiniões sobre temas que muitas vezes não conheciam. (A12)
- Pouco, pois a maioria eram meras cópias com o intuito de cumprir a atividade de não aprender, ou apenas um do grupo as realizava. (A13)
- Os temas realmente fazem os alunos pensarem e interagirem, porém pouco tempo atrapalhou os estudos, as atividades poderiam ter iniciado antes, dando mais tempo para aprofundar os temas.(A14)

- Eram propostos assuntos a debater, porém poucos alunos participavam. (A15)
- A atividade ajudou a desenvolver a criatividade na hora de expor os conteúdos, melhorou a oratória e outras habilidades. (A16)
- Eram sempre os mesmos alunos que comentavam as publicações. (A17)

05. Avalie as atividades em relação ao desenvolvimento da Cooperação. Na sua opinião as atividades desafiaram os alunos a: aprender com os outros, trabalhar em equipe, ouvir a opinião dos colegas, colaborar e participar?

- a) Excelente b) Ótimo c) Bom d) Ruim
e) Péssimo

Foram feitos muitos trabalhos em grupo para serem postados no grupo, e depois da publicação eram comentados pelos outros, dividindo opiniões e fazendo com que um aprenda com o outro. Com o grupo, vi o quanto um tema pode ser visto de várias formas diferentes. (A1)

- Ruim porque alguns faziam críticas sem fundamento (A2).
- Vendo o vídeo ou lendo as postagens, as opiniões dos outros colegas, já ajuda na nossa aprendizagem e faz a gente questionar, colocar nossas opiniões (A3).
- Houve bastante comentários, trabalhos em equipes (A4).
- Tirou os alunos da zona de conforto e deu novas informações (A5).
- Cada um ajudava como podia, dando opinião, ideias (A6).
- Aprender a trabalhar em grupo e dividir tarefas (A7).
- Algumas atividades realmente eram interessantes de serem feitas em grupo como as produções de vídeos explicativos, mas boa parte deles voltou a ideia de apenas uma pessoa fazer e postar tudo, enquanto o resto não se esforça (A8).
- A maioria das atividades ficava para um membro da equipe (A9).
- Ainda há o preconceito e rivalidade com alunos de outras escolas, também falta interesse por parte dos alunos. (A10)
- A atividade fez com que pudéssemos ouvir nossos colegas e aprender com ele. (A11)

06. Avalie a participação e a interação dos alunos no grupo de estudos no Facebook.

- a) Excelente b) Ótimo c) Bom d) Ruim
e) Péssimo

Nem todos os alunos interagiram no grupo. Alguns são menos preocupados com seu futuro, e não dedicam-se muito a estudar. (A1)

- Não havia interesse dos alunos. (A2)
- Porque poucos alunos interagiam no grupo. Até eu lia todos os dias ver os conteúdos mas não costumava comentar minhas opiniões.(A2)
- Surgiram novas informações para os alunos trocarem ideias. (A3)
- Mesmo que alguns não interagiam, mais da metade dos alunos participaram (A4)
- Interagir com novos alunos é uma ótima maneira de aprender, mas há preconceito. (A5)
- Havia poucos comentários nos trabalhos dos colegas (A6)

07. Avalie a sua participação e interação no grupo de estudos no Facebook.

- a) Excelente b) Ótimo c) Bom d) Ruim
e) Péssimo

08. Avalie participação e interação dos Professores no grupo de estudos no Facebook.

- a) Excelente b) Ótimo c) Bom d) Ruim e)
Péssimo

09) Qual a sua opinião de utilizar redes sociais como o Facebook como ferramenta pedagógica?

- a) Excelente b) Ótimo c) Bom d) Ruim
e) Péssimo

10) O desenvolvimento de projetos como este pode provocar mudanças na forma de ensinar e aprender na escola?

- a) Sim b) Não

É muito importante que o livro não seja a única forma de estudar, os alunos querem e precisam de inovação e animo. As tecnologia estão em toda parte, a escola deve aderir a esse novo método, que além de muito interessante vem trazendo também resultados muito positivos.(A1)

- Mas não com o Enem, pois é uma prova com que exige muito estudo e não estudar pressionados como fomos. (A2)
- Abre novas janelas e possibilidades dos alunos para aprender de uma maneira melhor e mais divertida, tirar dúvidas com os outros colegas. (A3)
- Estamos na era virtual e tem que mudar o modo de ensinar, não que o de hoje não seja bom, mas tem que se atualizar.(A4)
- Novos ambientes são explorados, abrindo um leque de opções de novos meios de comunicação e troca de informações. (A5)
- Pode, mas com a condição da não obrigatoriedade, um suporte para os alunos interessados extraclasse. (A6)

11) **Deixe aqui suas sugestões e críticas**

- É necessário, para melhorar o estudo, que seja trabalhado desde o início do ano, e que não se deixe acumular atividades para a semana antecedente da prova; (A1)
- Muita pressão com as postagens, pouco tempo, pouca participação dos alunos, o Enem chegando e as postagens para fazer. (A2)
- Falta alguma coisa para o aluno esquecer que está no Facebook e ficar com o foco todo nas atividades do grupo.(A3)
- Teve alguns momentos que teve muitas atividades para fazer e foi cansativo. (A4)
- Diversificação de temas mais atualizados de interesse e do cotidiano dos alunos (A5)
- Infelizmente, não acredito que o projeto tenha atingido o esperado. Iniciar desde o início do ano e de maneira alguma nas semanas que antecedem o Enem, pois os alunos precisam de descanso e não de pressão. (A6)
- Simulados (A7)
- Menos atividades de uma vez. (A8)

OBRIGADO.

APÊNDICE V: TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Apresentação do Termo

Os Termos de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) têm por finalidade possibilitar, aos sujeitos da pesquisa, o mais amplo esclarecimento sobre a investigação a ser realizada, seus riscos e benefícios, para que a sua manifestação de vontade no sentido de participar (ou não), seja efetivamente livre e consciente. A pesquisa está submetida a Resolução nº 466/12 e suas complementares visto que a Resolução nº 196/96 foi revogada.

Dados de identificação

Título do Projeto: “AUTORIA E COOPERAÇÃO NA FORMAÇÃO DE SUJEITOS NAS REDES SOCIAIS: CASO DO ENEM NO FACEBOOK”

Instituição a que pertence o Pesquisador Responsável:
UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA

Pesquisador Responsável: Andrea Brandão Lapa - decalapa@gmail.com

Pesquisador Auxiliar: Arisnaldo Adriano da Cunha –
profarisnaldofilos@gmail.com

Telefones para contato: (48) 88531087 - (48) 91401997 - (48) 3268-1178

Nome do voluntário:

Idade: _____ anos R.G. _____

Responsável legal (quando for o caso):

R.G. Responsável legal: _____

1. Natureza da pesquisa: *o sra (sr.) está sendo convidada (o) a participar desta pesquisa que tem como finalidade conhecer elementos relevantes para a formação crítica nas redes sociais, isto é, identificar fatores e circunstâncias para o desenvolvimento de autoria e cooperação em atividade pedagógica no Facebook. Identificar a ocorrência de *Autoria* e *Cooperação* em prática pedagógica com o uso de Facebook; Analisar as trocas discursivas onde ocorreu autoria e cooperação; Conhecer fatores e circunstâncias que promoveram ou condicionaram a ocorrência de autoria*

e cooperação. Partimos da hipótese que a inserção de intervenções pedagógicas adequadas, aliadas ao potencial educativo de rede social Facebook, poderão contribuir significativamente para a formação crítica dos sujeitos e por consequência melhores resultados nas provas do ENEM. Adolescentes, estudantes do Ensino Médio são os principais atores no uso das redes sociais, e nesse sentido pode ser estratégico estudar a inserção de tal ferramenta no contexto estudantil como plataforma de ensino e aprendizagem. Além de possibilitar aos alunos o acesso a um curso superior, o exame do ENEM prioriza uma forma de ensino que favoreça o aluno a aprender a aprender e não acumular informações; que leve o aluno a refletir e não memorizar na busca da autonomia, habilidades exigidas pelas transformações do mundo globalizado e tecnológico contemporâneo.

2. Participantes da pesquisa: são duas turmas de formandos do Ensino Médio, no total de 38 formandos do ensino médio e 06 professores, da Escola de Educação Básica Bertino Silva, do município de Leoberto Leal –SC.

3. Metodologia da pesquisa: Será organizado um grupo fechado no perfil de um professor no Facebook, onde alunos e professores serão cadastrados. As duas turmas de formandos serão divididos em 4 grupos conforme áreas de conhecimento: Ciências Naturais, Ciências Humanas, Linguagens e Matemática e suas tecnologias. Os estudantes deverão aprender a trabalhar em grupo e pesquisar em fontes confiáveis na internet. Professores das diversas disciplinas serão convidados para compor os grupos, que conforme sua especialidade, vão postando e avaliando conteúdos com os alunos no Facebook, juntamente com produção de comentários, vídeos, fotos, imagens, textos, análise de gráficos, charges, livros, entre outros. Cada grupo estudará os conteúdos das disciplinas focando as habilidades e competências de sua área de conhecimento através de atividades de aprendizagem de forma interdisciplinar e contextualizada. Os resultados da pesquisa serão analisados a partir dos indicadores e métricas. Realizaremos a análise dos dados coletados, através da tabulação dos dados.

4. Sobre as entrevistas: Serão realizadas duas entrevistas com cada grupo do público alvo sem a necessidade de identificação: No primeiro momento, um questionário diagnóstico para conhecer o perfil dos professores e alunos e descobrir como eles utilizam as tecnologias de informação e comunicação (TIC) no seu dia a dia. No segundo momento,

um questionário para colher suas impressões, seus depoimentos e análises dos resultados, ganhos e perdas da intervenção.

5. Envolvimento na pesquisa: ao participar deste estudo a sra (sr) permitirá que o (a) pesquisador auxiliar **Arisnaldo Adriano da Cunha** solicite a sua participação em todas as atividades propostas, realizando pesquisas na internet em grupos e individual, publicando, curtindo, comentando e compartilhando em grupo fechado no Facebook. A sra (sr.) tem liberdade de se recusar a participar e ainda se recusar a continuar participando em qualquer fase da pesquisa, sem qualquer prejuízo para a sra (sr.). Sempre que quiser poderá pedir mais informações sobre a pesquisa através do telefone do (a) pesquisador (a) do projeto e, se necessário através do telefone do Comitê de Ética em Pesquisa. Terá direito de assistência e acompanhamento do pesquisador durante a aplicação da pesquisa e após o seu encerramento; Receberá uma via do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido; A garantia de ressarcimento e como serão cobertas as despesas tidas pelos participantes da pesquisa e dela decorrentes; e a garantia de indenização diante de eventuais danos decorrentes da pesquisa.

6. Riscos e desconfortos: a participação nesta pesquisa não traz complicações legais, mas poderá ter possíveis riscos e desconfortos gerados durante a pesquisa, como: *cyberbullying, postagens de mensagens, imagens, fotos e vídeos de caráter racista, homofóbico, pornográfico, ofensivo, calunioso, preconceituoso e violento*. Os procedimentos adotados nesta pesquisa obedecem aos Critérios da Ética em Pesquisa com Seres Humanos conforme Resolução nº 196/96 do Conselho Nacional de Saúde. Serão tomadas providências e cautelas a serem empregadas para evitar e/ou reduzir efeitos e condições adversas que possam causar dano.

7. Confidencialidade: todas as informações coletadas neste estudo são estritamente confidenciais. Somente o pesquisador e o (a) orientador (a) terão conhecimento dos dados.

8. Benefícios: ao participar desta pesquisa a sra (sr.) não terá nenhum benefício direto. Entretanto, esperamos que este estudo traga informações importantes sobre a utilização criativa e crítica das Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação no contexto escolar, de forma que o conhecimento que será construído a partir desta pesquisa possa contribuir para formação continuada de professores e na Educação Integral dos

estudantes previsto na Proposta Curricular de Santa Catarina, elevando os níveis de aprendizagem e os índices das avaliações do ENEM , onde o pesquisador se compromete a divulgar os resultados obtidos.

9. Pagamento: a sra (sr.) não terá nenhum tipo de despesa para participar desta pesquisa, bem como nada será pago por sua participação.

Após estes esclarecimentos, solicitamos o seu consentimento de forma livre para participar desta pesquisa. Portanto preencha, por favor, os itens que se seguem.

Obs: Não assine esse termo se ainda tiver dúvida a respeito.

Consentimento Livre e Esclarecido

Tendo em vista os itens acima apresentados, eu, de forma livre e esclarecida, manifesto meu consentimento em participar da pesquisa. Declaro que recebi cópia deste termo de consentimento, e autorizo a realização da pesquisa e a divulgação dos dados obtidos neste estudo.

Leoberto Leal/...../.....

Assinatura do Participante da Pesquisa

-

Assinatura dos Pais do Participante

Assinatura do Tutor ou Responsável Legal

ANDREA BRANDÃO LAPA
Pesquisadora Responsável

ARISNALDO ADRIANO DA CUNHA
Pesquisador Auxiliar

Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos

Prédio Reitoria II R: Desembargador Vitor Lima, nº 222, sala 401, Trindade, Florianópolis/SC CEP 88.040-400 Contato: (48) 3721-6094 cep.propesq@contato.ufsc.br

ANEXO I: VÍDEOS PUBLICADOS NO FACEBOOK

1. Vídeo: Ciências da Natureza e suas Tecnologias. Sinopse: O vídeo apresenta edição, três alunos apresentam uma dramatização de uma aula de Biologia. A representação de um professor explicando uma questão de Genética no quadro, justificando a escolha da alternativa correta. A atividade proposta era elaborar um vídeo respondendo a questão escolhida pela professora.

Comentários:

Prof.1 Parabéns!!!

A1 bom o tema era bem legal e educativo algo diferente para nós estarmos aprendendo. E vendo como é algo declarado de nossa vida

A2 O vídeo estava muito interessante e foi muito bem elaborado, com ele consegui entender melhor a questão, parabéns ao grupo.

A3 Legal, pra mim o melhor conteúdo é genética, e quem não gosta de aprender de um jeito diferente não é? A ideia do vídeo é uma boa forma de compartilhar conhecimentos sobre o conteúdo, pois cada um tem um jeito diferente de explicar e pode facilitar muito no aprendizado.

A4 Legal gostei bastante pelo fato de ser a parte mais legal da genética... Assim facilitando bastante o conhecimento. Parabéns equipe!

A5 Parabéns pelo trabalho, muitas vezes uma forma diferente de explicação pode ser compreendido melhor por outras pessoas.

A6 Mt legal, a criatividade de vcs é surpreendente, uma maneira diferente de aprender genética... Adorei

A7 Mt legal..

A8 Ótimo

A4 Muito legal... Dessa forma consegui me aprofundar mais sobre o tema e facilitou o aprendizado pela genética pelo fato de ser algo difícil de entender!!Parabéns a todos!

2. Vídeo – Matemática. Sinopse: Atividade de matemática com A49 ! Professor: Prof.2 Competência de área 6 : Interpretar informações de natureza científica e social obtidas da leitura de gráficos e tabelas, realizando previsão de tendência, extrapolação, interpolação e interpretação. A aluna faz uma leitura do enunciado da questão do Enem no caderno, e justifica a alternativa correta utilizando o gráfico desenhado no quadro.

Comentários:

Prof.3 Parabéns pelo trabalho! Como foi desenvolver a competência de interpretar gráficos?

Prof.2 Parabéns ao grupo.

Prof.7 Parabéns pelo trabalho...Uma competência essencial nos dias atuais.

A41 Claro que tentamos fazer o melhor, mas como havia vento ficou difícil de gravar, as coisas não são perfeitas. Como o seu corretor que não funcionou!

Obrigada pela opinião A8.

A45 Parabéns meninas pelo trabalho ...Antes de criticar o trabalho dos outros **A8** tente pensar um pouco antes de escrever qualquer coisa sem haver com o assunto, ou melhor se tá achando ruim faz melhor ..

Prof.3 Calma pessoal é só uma crítica construtiva! Estava ótimo o trabalho parabéns!!!

A45 Claro por isso tenho direito de bota minha opinião tmb ..

A7 Bem explicado, e relembrei o assunto que já tinha esquecido...

A64 Muito bem explicado.

3.Vídeo Biologia. Sinopse: Trabalho realizado nas aulas da Professora **Prof.1.** A aluna explica muito bem as informações sobre o Controle Hormonal, apresentando o enunciado da questão do ENEM e sua resolução escritos no quadro com suas alternativas.

Comentário:

Prof.1 Muito bom meninas, parabéns!

A17 Legal

A31 Legal.

A28 Parabéns meninas!

A52 Parabéns.

A51 Legal, muito bom.

A63 muito legal...

A31 Muito legal

A35 Legal!!

A45 Me expliquem o legal de vocês. É bom argumentar também gente.

A8 Muito bem explicado

A4 Legal o trabalho, mas falta vcs argumentarem mais..Pelo fato de ser um tema bem interessante, mas valeu a iniciativa de vcs.. Parabéns..

A7 Bom, consegui entender algumas coisas, parabéns.

4. Vídeo Biologia. Sinopse: O vídeo apresenta edição, um pequeno diálogo entre duas alunas é realizado sobre o calor que estava fazendo e o suor proporcionado por ele. Uma encenação é realizada em referência e contextualização com o tema sistema nervoso. O enunciado da questão é apresentado através de áudio gravado, e as alternativas são apresentadas justificando a resposta correta.

Comentários:

Prof.1 Parabéns meninas!

A3 Ótimo trabalho, assistindo o vídeo consegui captar bastante informações sobre o sistema nervoso que podem até me ajudar se cair algo sobre ele no Enem, parabéns!

A7 Parabéns, pode me ajudar no Enem.

A30 Parabéns, ótimo vídeo.

A62 Muito bom, são informações muito interessante sobre o sistema nervoso.

A27 Parabéns , isso é muito interessante!

A28 Muito bom, alias informação nunca é demais. Captei bastante coisa sobre o sistema nervoso. **A26** **A44** **A64** **A24** **A25** **A7**

A8 Ótimo trabalho consegui captar bastante informação e a apresenta são estava muito boa

A4 Legalll, que impressionante cada informação interessante sobre o nosso sistema nervoso.. Parabéns!!

5.Vídeo Biologia. Sinopse: Vídeo editado. Áudio de voz lendo o enunciado com a imagem da questão e suas alternativas, apresentando a resposta correta sobre Genética.

Comentários:

A14 Porque se os dois alelos que codificarem a flor vermelha (VV), a flor expressará tal cor. E para saber se ela é (Vv) ou (VV) basta cruzar essas flores com uma que seja completamente recessiva (vv) caso da flor branca. Entoa se o cruzamento de uma flor vermelha com uma branca surgir só descendentes vermelhas a flor vermelha será completamente predominante (VV) e se cruzar vermelha com branca e surgir descendente branco significa que a flor vermelha não será pura (Vv) (CI).

A50 Muito legal, faltou explicar o que é um alelo?

A9 O vídeo foi muito bem elaborado, consegui entender a questão com facilidade. E sobre os Alelos **A50**, eles são segmentos homólogos de DNA, formas alternativas de um mesmo gene e afetam a mesma característica de modo diferente. Temos dois tipos de alelos: o recessivo e o dominante. Parabéns ao grupo!

A52 Muito legal.

A51 Muito legal e interessante.

6. Vídeo de Matemática. Sinopse: Competência de área 3, Habilidade 11: utilizar a noção de escalas na leitura de representação de situação do cotidiano. Nessa questão encontramos medidas de áreas. A aluna faz a leitura da questão, e explica a sua resolução utilizando os dados que já estão escritos no quadro de giz.

Comentários:

Prof.1- Parabéns pelo trabalho! Como é aprender matemática a partir de questões do cotidiano?

A10 Na verdade foi um pouco difícil para explicar, mas com bastante estudo e pesquisa conseguimos realizar o vídeo com sucesso.

Prof.2 Obs: são dez mil e oitocentos metros ao quadrado. Blz

A10 Verdade foi esquecido de comentar sobre esse pequeno erro.

7. Vídeo de Matemática. Sinopse: O trabalho é sobre as competências do ENEM. A apresentação de uma questão com a competência 7. Estatística. A aluna faz a leitura do enunciado do seu caderno. A resolução é feita a partir de dados escritos no quadro de giz.

Comentários:

Prof.3 - Parabéns pelo trabalho! Como foi a experiência de aprender matemática com competências e apresentar a resolução do problema em vídeo gravado?

Prof.2 - Muito bom. Boa exposição do trabalho. Parabéns ao grupo.

A14 - Foi um pouco complicado para relacionar a competência com a questão... Mas com uma boa interpretação se consegue entender que são situações do cotidiano. A questão do vídeo foi uma forma de expor o nosso entendimento sobre o assunto!

8. Vídeo Matemática. Sinopse: Análise de tabelas e gráficos. Os alunos leem as informações da questão escrita no quadro de giz e explicam a sua resolução até chegar no resultado, justificando a alternativa correta.

Comentários escritos:

Prof.3. - Parabéns pelo trabalho. O que significa alunos assistindo alunos explicar matemática?

A15 - Significa que estamos ajudando uns aos outros, dividindo cada competência facilita aos nossos colegas de sala a entender melhor, onde nós aprendemos explicando e eles nos assistindo.

A16 Parabéns

Prof.2 Muito bom. Parabéns ao grupo.

9. Vídeo de Matemática. Sinopse: Números Naturais, inteiros e racionais. O vídeo é editado com gravação de áudio de voz na apresentação do enunciado da questão. O estudante faz a resolução do problema utilizando uma cartolina branca.

Comentários:

Prof.3 - Parabéns pelo trabalho! Como foi a experiência de aprender matemática com competências e apresentar a resolução do problema em vídeo gravado?

A15 - Muito bom! Adorei a simplicidade na explicação... e que voz foi essa **A14** Emoticon kiss.

Prof.2 Muito bom, gostei da forma que apresentaram e exploraram a atividade. Parabéns.

10. Vídeo de Matemática. Sinopse: Um aluno faz a leitura do enunciado e a explicação de sua resolução escrita no quadro branco.

Comentários:

Prof.3 Parabéns! Qual é a experiência de explicar um problema de matemática através de um vídeo?

A18 Ajuda a ter uma nova visão sobre as tecnologias, um meio de passar para as pessoas o que e gente entendeu sobre o assunto, e ajuda a mudar a rotina na sala de aula tendo aulas que os alunos possam interagir de maneiras diferente sobre o assunto e aprender a usar a internet e as redes sociais a favor do aluno.

Prof.3 muito bem A18.

Prof.2 Valeu garotos, muito bom.

11. Vídeo Língua Portuguesa. Sinopse: Violência contra a mulher. As mulheres são alvo de diversos tipos de violência, desde agressão física e verbal até morte. Os casos de violência contra mulheres nos últimos 30 anos aumentaram 270%. O vídeo apresenta edição com legendas de questões sobre o tema: O que é? O que chamou a atenção? O que aprendi? Como combater? Para que serviu? A partir da imagem de cada questão os dois alunos vão respondendo de forma espontânea com boa comunicação provocando reflexão e problematizando, como apresentado na fala da Aluna A2 - 1,05s:

“Outro fato importante e engraçado é 91% dos homens dizer que de forma nenhuma deve se agredir uma mulher. Mas então como assim 70% deles já agrediram uma mulher? Um tanto contraditório, não”?

A postagem não teve comentários.

12. Vídeo Língua Portuguesa. Sinopse: trata sobre o tema do Sexismo. Duas alunas fazem um trabalho *selfie*. Uma aluna faz perguntas e outra responde sobre questões relacionadas ao tema. A apresentação da aluna que responde se destaca por apresentar compreensão e assimilação sobre o assunto abordado, demonstrando opinião, contextualização, conforme suas falas selecionadas. Aluna 2 contextualiza o conceito a 0,13s do vídeo:

”O que significa sexismo? Sexismo é toda forma de poder que coloca o sexo privilegiado sobre o outro. O exemplo clássico é o homem e a mulher. O sexismo é a causa de todos esses preconceitos: violência contra a mulher, altos índices de homicídio, causa dessas leis todas que foram criadas para defender a mulher”.

A Aluna 2 Opina a 1:43s:

“[...] se a gente parar pra pensar são leis recentes porque a Lei do Femicídio foi no mandato da Dilma e a Lei da Maria da Penha foi em 2006. Então esses casos pra combater isso contra a mulher tem sido recente. Mas só as formas de punir, também com certeza saber que a conscientização que o sexo não tem nada sobre o outro, saber mesmo que as mulheres também têm os seus direitos, é com certeza a maior forma de combater.

A postagem não teve comentários.

13. Vídeo Língua Portuguesa. Sinopse: Estudo de Gênero e Feminismo: Duas alunas fazem a apresentação, onde uma delas faz a leitura de um resumo, enquanto outra consegue se expressar melhor apresentando as sua interpretação e opinião sobre o tema, demonstrando assimilação e compreensão do tema. O Vídeo demonstra opinião na fala da Aluna. 2,02s:

“E agora a gente vai dar a nossa opinião: hoje muito se fala em direito de mulher, mas pouco se é feito. A mulher hoje em dia não representada muito bem na política. Algumas ainda são mandadas pelos seus maridos. E muito é falado em igualdade, mas quem dera que essa igualdade existisse”.

A postagem não teve comentários.

14. Vídeo Biologia. Sinopse: O vídeo apresenta edição, apresentada pelo áudio da gravação de voz do aluno lendo o enunciado com a imagem da questão, que trata sobre a genética de uma planta. Dois alunos justificam a resposta correta explicando no quadro a partir das alternativas.

Comentários:

Prof.1 Ótimo, parabéns!

A3 Parabéns pelo vídeo gente, assim com a explicação das alternativas fica bem mais fácil de entender pois pra muita gente esse é um conteúdo um pouco quanto difícil.

A52 Parabéns, muito interessante.

A5 Parabéns, muito boa a explicação. Se não me engano essa pergunta caiu no Enem do ano passado.

A30 Parabéns, ótima explicação.

A1 Muito bom ,um trabalho bem apresentando ,e explicado por alunos que já fizeram o Enem ajuda muito.

A8 Muito bom o trabalho parabéns muito bem explicado

A4 Parabéns equipe.. Achei assim bem interessante a explicação em forma de alternativas pelo fato de ser algo difícil de entender, mas com essa clareza que vcs deram ficou mais fácil de entender.

15. Vídeo Biologia. Sinopse: Tema Genética. Alunos fazem uma leitura do enunciado da questão do ENEM e explicam utilizando o desenho no quadro de giz, apresentando a alternativa correta.

Nenhum comentário.

16. Vídeo Matemática. Sinopse: Um Aluno faz a leitura da folha e outro estudante resolve a questão no quadro de giz até chegar ao resultado da alternativa correta.

Comentários:

A21 Vlw

A22 Muito bom meninos!!!

Prof.2 Muito bom, parabéns ao grupo.

Prof.2 Obs: não se utiliza a vírgula para o milhar. Podemos utilizar o ponto final ou não usar nada. Blz

A21 Blz

17. **Vídeo de Matemática.** Sinopse: O enunciado do vídeo é realizado por áudio de voz gravado e a sua resolução é realizado no quadro.

Comentários:

Prof.2 - Muito bem, parabéns. Obs. $7 \times 6 = 42$.

18. **Vídeo de Biologia.** Sinopse: Doenças causadas por protozoários. O vídeo é realizado na rua. A aluna lê as informações do caderno, faz a demonstração de como evitar a dengue com um vaso de flor.

Comentários:

Prof. 3 - Demonstrações simples e práticas como esta podem ajudar somente para o estudo do ENEM?

19. **Vídeo de Matemática.** Sinopse: O vídeo é editado com áudio de voz da leitura do enunciado da questão e de sua resolução. O tema é sobre medida de grandeza de uma figura.

Comentários:

Prof.2 - Muito bem, parabéns ao grupo.

20. **Vídeo de Matemática.** Sinopse: Geometria. O enunciado da questão é lido no caderno da aluna. Quatro imagens geométricas correspondentes às alternativas são projetadas no quadro. A estudante apresenta e justifica a escolha da alternativa correta.

Comentários:

Prof.3 Parabéns pelo trabalho! A atividade desenvolve a autoria e criatividade dos alunos, ou é apenas uma reprodução e transmissão de conhecimentos?

Prof.2 Muito bom. Parabéns ao grupo.

21. **Vídeo de Matemática.** Sinopse: Habilidade de interpretar gráficos. Os alunos fazem a leitura da questão nos seus cadernos e apresentam a sua resolução demonstrando o gráfico desenhado no quadro de giz.

Comentários:

Prof.3 - Parabéns! Que competência foi desenvolvida nesta atividade?

Prof.2 - Parabéns ao grupo.

22. **Vídeo de Matemática.** Sinopse: A Geometria no cotidiano. A leitura do enunciado é realizada no quadro branco. A estudante explica a resolução da questão para encontrar o resultado da alternativa correta

Comentários:

Prof.3 Parabéns! Qual a competência foi desenvolvida neste problema?

Prof.2 Parabéns ao grupo.

23. **Vídeo Língua Portuguesa.** Sinopse: Primeira onda do Feminismo. É caracterizada pelas lutas das mulheres no século XIX e início do século XX, onde as mulheres reivindicavam a cidadania política, e o direito ao voto. Duas alunas fazem uma leitura sobre as informações do tema.

Comentários:

Prof.6 Parabéns!

24. **Vídeo Língua Portuguesa.** Sinopse: Segunda onda Feminista. Três alunos apresentam o seu entendimento sobre informações sobre o feminismo, trazendo um histórico e a suas opiniões sobre os preconceitos atuais. Os estudantes demonstram compreensão e assimilação sobre o tema.

Nenhum comentário.

25. **Vídeo de Biologia.** Sinopse: A aluna faz uma leitura do enunciado da pergunta sobre Vírus e apresenta no quadro da sala de aula as alternativas, justificando a escolha da resposta correta.

Comentários:

A52 Muito legal

A25 Muito bom.

A7 Ótimo, bom conteúdo

26. **Vídeo Biologia.** Sinopse: Genética. Alunos fazem uma leitura do enunciado da questão do ENEM e explicam utilizando o desenho no quadro de giz, apresentando a alternativa correta.

Nenhum comentário.

ANEXO II: LINKS PUBLICADOS NO FACEBOOK

1. Ciências da Natureza. Sinopse: Competência 5: Entender métodos e procedimentos próprios das ciências naturais e aplicá-los em diferentes contextos. **Link: Lago na África calcifica animais e os transforma em estátuas.** Tudo isso parece ter saído de uma obra de ficção, mas não foi. O Lago Natrão, localizado ao norte da Tanzânia, tem a capacidade mortal de transformar animais vivos em estátuas calcificadas. As práticas assassinas do rio ocorrem devido ao alto grau de natrão presente na água, um sal à base de carbonato de sódio e bicarbonato de sódio.

Comentários:

A9 - É incrível como a natureza reage a esses ácidos, ao mesmo tempo que parece algo extremamente estranho, não cabe na nossa imaginação que a natureza consegue fazer isso. (O)

Prof.1 - Certamente este fato merece maiores esclarecimentos quanto as reações químicas, nos faz lembrar conceitos de Ph da água, sendo considerado um ph entre 0 e 6,9 um caráter ácido, com ph 7 um ph neutro e acima de 7, considerado entre 7,1 e 14 um ph de caráter básico. Portanto o ph citado é considerado básico característico dos sais lá encontrados, tornando a água muito adstringente o que também ajuda a aprisionar os animais e aves que lá circulam. Por ser uma região onde existe a presença de um vulcão, a produção de gases tóxicos provocam várias possibilidades como asfixia e desmaios dos animais que acabam se petrificando com os sedimentos ali encontrados. Então, vejo muitas possibilidades na exploração científica deste fato, parabéns ao grupo.

Prof.2 - Qual é o contexto apresentado na publicação que pode ser analisado pelas ciências naturais? **A12,A10 E QUEM MAIS?**

A2 - O nosso grupo **A10**, **A9**, **A11** e **A12**. Trabalhamos com a competência 5: Entender métodos e procedimentos próprios das ciências naturais e aplicá-los em diferentes contextos. H17 – Relacionar informações apresentadas em diferentes formas de linguagem e representação usadas nas ciências físicas, químicas ou biológicas, como texto discursivo, gráficos, tabelas, relações matemáticas ou linguagem simbólica.

H18 – Relacionar propriedades físicas, químicas ou biológicas de produtos, sistemas ou procedimentos tecnológicos às finalidades a que se destinam.

H19 – Avaliar métodos, processos ou procedimentos das ciências naturais que contribuam para diagnosticar ou solucionar problemas de ordem social, econômica ou ambiental. Então relacionamos com a notícia de um

Lago na África calcifica animais e os transforma em estátuas, esse fato nos chamou a atenção pois usa essa competência podemos analisar que o lago Natron que vem de natrão, um composto que ocorre naturalmente e é feito principalmente de carbonato de sódio com um pouco de bicarbonato de sódio. No lago, ele surge das cinzas vulcânicas acumuladas a partir do Grande Vale do Rift, cheio de vulcões em erupção. Os animais que ficam imersos na água do Natron morrem calcificados pois os animais acabam desmaiando por conta dos gases liberados e ficam boiando na água juntamente com as cinzas vulcânicas e como não conseguem sair ficam calcificados. Nesse fato esta visível a competência 5 pois é um fenômeno da natureza que é utilizado compostos químicos que contem na agua do lago. esse fenômeno só ocorre na África.

A13 - Tema interessante! Esse fenômeno é recorrente em mais alguma parte do mundo?

A2 - Esse fenômeno só ocorre na África.

A1 - Bom tema para todos ficarem ligados a ver outros experimentos das águas, que um fenômeno em nosso planeta.

A4 - Nossa que bem lembrado e importante para todos nós da sociedade

2. Link – Chuveiro elétrico. Sinopse: Hoje vamos entender como funciona o chuveiro elétrico! A aventura da física - Muita gente gosta de tomar banho quente. Para dizer a verdade, quando está frio é duro mesmo entrar na água gelada! Para esquentar água, esses chuveiros usam uma resistência elétrica – um fio de metal bem enrolado sobre si mesmo, como numa trança muito pequena. O metal do fio é constituído de átomos que estão arrumados em posições fixas, a uma certa distância uns dos outros – como as carteiras dos alunos numa sala de aula.

Comentários:

Prof.2 - Todos os dispositivos elétricos utilizados para aquecimento se baseiam no efeito Joule. Um ebullidor, um chuveiro, um ferro elétrico, um forno elétrico, etc. Consistem basicamente em uma resistência que é aquecida ao ser percorrida por uma corrente elétrica.

A50 - Eu fiz um desenho explicando, mas não deu de escanear por que era uma folha A3, mas vou postar logo.

A27 - A resistência do chuveiro funciona com duas opções a inverno e a verão, na posição inverno só a pequena parte da resistência entra em ação com menos espaços para percorrer, os elétrons trombam mais no metal, deixando a resistência muito mais quente assim elevando a temperatura que sai do chuveiro; e já na posição verão ocorre o contrário.

A6 - Gostei mt, inclusive estamos aprendendo sobre resistência e corrente elétrica na matéria de física...

A8 - Muito bom parabéns

A4 - Parabéns, eu penso que é algo bem relativo a nossa sociedade... E o legal é que estamos aprendendo sobre a corrente elétrica em física, interessante!!

A7 - Algo a mais, e estamos aprendendo sobre resistência.

3. Energia solar. Sinopse: Ciências da Natureza e suas tecnologias-Competência III. Os sistemas fotovoltaicos são capazes de gerar energia elétrica através das chamadas células fotovoltaicas. As células fotovoltaicas são feitas de materiais capazes de transformar a radiação solar diretamente em energia elétrica através do chamado “efeito fotovoltaico”. Hoje, o material mais difundido para este uso é o silício.

Comentários:

A13 - Muito interessante! O ENEM tem "um fraco" por questões que envolvam fontes de energia, sobretudo as energias renováveis!

A29- Identificar etapas em processos de obtenção, transformação, utilização ou reciclagem de recursos naturais energéticos ou matérias-primas considerando processos biológicos, químicos ou físicos neles envolvidos.

A26 - Muito interessante

A52 - Muito interessante...

A7 - Legal.

A30 - Ótimo trabalho

A31 - Muito legal

A32 - parabéns

A1 - muito eficiente, ótimo trabalho.

A8 - Muito bom o trabalho

4. Link – Guerra Civil. Sinopse: Entenda a guerra civil da Síria. Governo de Assad encara rebelião armada que já dura quase três anos. Conflito tem mais de 130 mil mortos, caos humanitário e crise de refugiados.

Comentários:

A34 - Tema que poderá cair de alguma forma no ENEM. Por isso é importante estar por dentro das atualidades. Pois a guerra civil na Síria já dura quase 3 anos.

Prof.3 - Vc sabe me dizer em poucas palavras que guerra é esta A34 De Souza?

A34 - Uma parte do povo sírio quer a saída de Bashar Al-Assad, um ditador que comanda o país desde 2000, ou seja, há mais de 13 anos. Ele recebeu o cargo de seu pai, que ficou no poder por mais de 30 anos.(S)

A30 - Sim, realmente, bem importante.

5. Link – Ligação Metálica. Sinopse: Ligação metálica é a ligação entre metais e metais. Formam as chamadas ligas metálicas que são cada vez mais importantes para o nosso dia-a-dia. Algumas ligas: Bronze (cobre + estanho) – usado em estátuas, sinos.

Comentários:

A32 - parabéns ótimo trabalho

A14 - Parabéns ótimo trabalho

Prof.5 - vc sabe me explicar o que ligação metálica? Não te nada a ver com fio de aço não né? Kkk.

A14 - É a ligação entre duas amostras de metais. E uma amostra de metal pode ser constituída por um grande número de células formadas por cátions e nêutrons. um exemplo disso é o aço inoxidável, pois contém liga de carbono, ferro, cromo e níquel, através da ligação entre estes metais é possível fabricar utensílios de cozinha como talheres e ainda peças de carro. Esse material possui uma vantagem especial: não se enferruja. Mais ou menos acho que pode ser isso. Hahaha

6. Link: Ciências da Natureza e suas tecnologias-Competência 8
Sinopse:

A corrente elétrica é o movimento de partículas carregadas em um condutor de forma ordenada. Porém para “existir” corrente elétrica entre dois pontos deve-se haver uma diferença de potencial elétrico entre os mesmos dois pontos. Então, os pássaros não tomam choque simplesmente porque a distância entre os pés dos animais não é suficiente para gerar uma diferença de potencial (DDP) capaz de eletrocutá-los.

Comentários:

Prof.2 - Muitas pessoas ficam intrigadas ao verem um pássaro pousado em um fio de alta tensão, sem ser eletrocutado. Esse fato é possível porque ele toca apenas um fio. Os técnicos de companhias de eletricidade não sofrem danos se tocarem em apenas num dos cabos de alta voltagem, é claro que eles trabalham com equipamento de proteção individual. Mas se o pássaro da figura colocar as patas em fios de alta tensão diferentes, ficará eletrocutado.

A32 - muito legal

A34 - Bastante interessante, nessa hora todo conhecimento é bem vindo, e se ainda não caíram podem vir a cair questões sobre esse tipo de curiosidade envolvendo um tema específico, nesse caso física.

A1- Bem apresentado um trabalho que ajuda no nosso dia -a - dia a tirar as duvidas do nosso ambiente da sociedade. A explicação de um fio condutor que não apenas pode passar enormes condutores da eletricidade em alto potencial.

7. Link: As consequências do desenvolvimento da agricultura para o meio ambiente.

Sinopse:

Modificado pela industrialização, o planeta vem sofrendo com grandes transformações ambientais há algum tempo. As atividades agrícolas não conservacionistas, junto com a revolução industrial são as principais responsáveis por tantos impactos causados na natureza. O desmatamento, o aumento das emissões de gases-estufa, a contaminação das águas e do solo são problemas que impactam a atualidade.

Comentários:

A13 Boa postagem! Quais seriam, para vocês, as alternativas mais sustentáveis para agricultura? Tendo em vista que a produção de alimentos é primordial é insubstituível.

Prof.2= Existe uma enorme preocupação com as queimadas dos canaviais, o que causa um impacto ambiental que não pode ser ignorado. As práticas desenvolvidas no cenário da agricultura em geral necessitam de medidas urgentes que respeitem e considere a questão da sustentabilidade.

8. Link: Experimento no Micro-ondas. Sinopse: Coloque uma maçã em cima da porta do micro-ondas antes de utilizá-lo. Deixe por um dia todo e utilize o micro-ondas normalmente. A noite corte a maçã ao meio. Aperte com os dedos e verifique se a maçã está fofa ou mole parecendo cozida. Se estiver parecendo cozida o micro-ondas está com vazamento. O aquecimento ocorre em razão de uma radiação eletromagnética de 2.450 MHz, radiação essa que aumenta a agitação das moléculas de água dos alimentos, aquecendo-os de forma quase uniforme e de fora para dentro, já que as ondas eletromagnéticas se localizam na parte externa dos alimentos.

Comentários:

A63 - muito interessante este experimento, uma forma rápida e prática de podermos analisar se nosso aparelho de micro-ondas pode estar sendo prejudicial a nós. Com a evolução da tecnologia ao passar dos anos muitas novas formas para tornar nosso cotidiano mais prático tem surgido, mas na busca dessa praticidade deixamos de lado a maior importância que é a nossa saúde.

A5 - Muito boa essa experiência, ótimas informações..

A13- Muito útil! Estudo da radiação sempre muito interessante. Quais as consequências mais graves de exposições a quantidades maiores de radiação?

A19 - As consequências dos contatos com maiores quantidades de radiação são muito prejudiciais à saúde. Em primeiro lugar a radiação emite muito calor, que pode deixar a pele do indivíduo totalmente queimada, e matar boa parte de suas células. Outra consequência é a mutação genética durante a gestação de fetos que nasceram prematuros, ou quando dentro do prazo com má formação. E por fim, causa câncer, pois a radioatividade faz com que as células cresçam desordenadamente.

A33 - Parabéns, os trabalhos estão ótimos!

A3 - Muito bom, já fiz também esse experimento com um celular em vários micro-ondas diferentes, quando estudamos sobre a Gaiola de Faraday que nada mais é do que uma blindagem eletrostática. Ao colocar o celular dentro de um micro-ondas realmente percebemos que alguns deles conseguem blindar a passagem dessas ondas, já outros não. Porém não sabia que a radiação do micro-ondas trazia danos a nossa saúde, muito interessante!!

A6 - Ótima experiência, parabéns.

A48 - É realmente um experimento muito interessante, que pode ajudar também na prevenção de muitas doenças que muitas vezes nem imaginamos que podemos ter graças a certos eletrodomésticos. Muito bom!

Prof.2 - Parabéns pela dica de experimento. Vale ainda lembrar que este tipo de onda não é absorvida por objetos metálicos, ocasionando reflexão das ondas causando um super aquecimento no aparelho, desta forma não devemos colocar alimentos no aparelho com embalagens metálicas (alumínio), ou recipientes metálicos.

A27 - ótima dica, não sabia disso!

9. A13 - A questão da transposição do rio São Francisco é uma questão polêmica que esse ano ganhou novos capítulos. Questões de Ciências da natureza podem ser abordadas em vários aspectos. Os problemas biológicos da transposição, reação da fauna e flora, processos químicos que envolveram a construção.

Comentários:

Prof.3 - **A13**, qual é o objetivo da transposição do Rio São Francisco e qual é a sua opinião?

A13 - O objetivo da transposição é garantir segurança hídrica a uma região que constantemente passa por secas, será explicado no vídeo do grupo que a **A14** postará em breve. Mesmo que seja ofertado essa segurança, mudar o curso de um rio afeta a fauna e a flora gravemente, e poderia se buscar outras alternativas.

A27 - Prof.2

Prof.2 - Esse processo envolve uma grande quantidade de conhecimentos da física, precisamos contextualizar os processos envolvidos como a produção de energia, o processo envolvendo a lei da gravidade, e o deslocamento bem como a pressão hidrostática envolvida em todo o processo.

A27 - interessante, como o Prof.2 comentou envolve os conhecimentos de física.

10. Link: Migrações Forçadas: no refúgio da solidariedade. Sinopse: As migrações forçadas são um fenômeno muito frequente em nossos dias. Elas se constituem em dramas humanos em trânsito. De diferentes lugares do mundo e pelos mais diversos motivos, muitas pessoas, famílias e grupos deslocam-se para outras regiões e países em busca de sobrevivência, paz, melhores condições de trabalho e de vida, dignidade, enfim, se vão ao encalço de alguma esperança que possa lhes valer.

Comentários:

A13 - Atualidades! Crise de refugiados, não é só na Europa. Brasil também recebe grande quantidade de refugiados e imigrantes ilegais. Qual a opinião de vocês? Brasil tem estrutura para receber ou não podemos ter esse sentimento de solidariedade e compaixão com ninguém, exceto os próprios brasileiros?

A13 - **A46, A47, A20, Prof.3, Prof.6** qual a opinião de vocês?

A19 - Por muitos anos o Brasil criticou os países Europeus por não receberem bem os imigrantes estrangeiros. Agora é nossa vez, cada vez mais recebemos refugiados, porém falta infraestrutura para recebê-los. O governo deve garantir aos refugiados qualidade de vida e um emprego digno, e a população deve recebê-los com solidariedade e procurar ajudá-los.(O)

Prof.3 - É interessante lembrar que a mídia através de filmes e novelas sempre mostraram os EUA como destino de migrantes, a procura do sonho americano. Suponho que com a globalização a partir do melhor acesso dos meios de comunicação e transportes, outros país...

A19 - Bem lembrado Professor. O Brasil é uma das 10 maiores economias do mundo, e vem se tornando um grande atrativo aos imigrantes.

Prof.1- Cidade atrativa? já temos um exemplo bem próximo, Fpolis, destino de muitos Africanos.

11. Link: Crônica Redução da Maioridade Penal e Pedofilia

Sinopse: pesquisado no site Mundo Jovem, de Matheus Pichonelli, jornalista na Carta Capital. O texto apresenta dois homens expondo a sua indignação com um comentário de um amigo no *Facebook* por ter

declarado que não pode prender um indivíduo menor de idade. Defendem a redução da maioridade penal como forma do Estado proteger os seus filhos. Em seguida passam a comentar sobre compartilhar vídeos sexuais envolvendo meninas menores de idade.

Comentários:

A13 - Atualidades! Crônica sobre um tema que já há alguns anos se cogita para tema de redação.

A42 - Vale a pena ler!! De que adianta os "tiozões" defenderem a redução da maioridade penal que protegerá seus queridos filhos, enquanto discutem despudoradamente sobre vídeos de violência?

A13 - Hipocrisia, que insiste em nos rodear!

A13 - [A49](#), [A41](#), [A45](#), [A39](#) o que vocês acham?

A42 Prof.3

Prof.3 - Legal Manu, goste da "provocação". Gostei muito da crônica porque apresenta dois temas polêmicos de forma sintetizada utilizando a mídia social Facebook. Eu entendo que muitas questões apresentadas na crônica são culturais. Segundo Nelson Mandela, nós...

A45 - Muito bom a crônica, recomendo vale a pena tirar uns minutinhos para ler. Me chamou a atenção em um ponto: Que muitas das vítimas tem menos de 18 anos de idade e que os vídeos muitas vezes são compartilhados quando é o filho do pobre que apronta. Agora me diz como os "tiozões" defenderam a redução da maioridade penal sendo que eles estavam popularizando os vídeos das menores tirando sua privacidade e expondo para pessoas que provavelmente da família irão ver. Casos como esse são chamados de pura Hipocrisia e não de bom senso moral.

A13 - Um dos problemas do homem é que é mais fácil enxergar o erro alheio do que o próprio! Pornografia da "novinha" na concepção esdrúxula não seria crime e errado, mas a maioridade penal deveria ser instituída visando os "jovens estupradores". Cultura de preconceito se mostrou muito nítida na crônica também.

A45 - Sim, hoje é muito fácil de achar esses tipos de pessoas que praticam esse absurdos que acham que estão tirando onda. Por isso providências deveriam ser tomadas para que isso não vire uma verdadeira bagunça para as demais gerações de crianças e jovens adolescentes. Os pais que deveriam de dar a educação adequada para seus filhos estão deixando que isso se espalhar. No caso dos tiozões infelizmente não vejo concepção própria.

12. Análise de Charge: Corrupção da Petrobrás

Sinopse: Apresenta dois quadrinhos: o 1º quadro retrata a fala da Presidente: “Caramba! Nem aplicando um filtro do Instagram a imagem da Petrobras dá uma melhorada”!!! O 2º segundo quadro ilustra uma sala de aula com a professora falando: “Podemos extrair várias substâncias do petróleo! Alguém sabe me dizer algumas delas”? Três alunos respondem: “gasolina”, “naftalina”, “propina”.

Comentários:

A13 - Você acha que o tema cairia, tendo em vista que diversos estudantes estão revoltados com o cenário corrupto que temos atualmente e poderiam revoltar-se com redações duramente críticas? Ainda mais considerando a charge, que alega a "má imagem" da petrolífera.

A22 - Que a Petrobras está desgastando sua imagem, se afundando em dívidas e com tudo isso prejudicando o Brasil por inteiro.

Prof.3 - O que vc acha desta charge Prof.6?

A20 - Dona K.K ajude também!

A19 - Na minha opinião, não seria um tema possível, pois o governo não ia querer expor um dos seus maiores escândalos à debate na redação.

Prof.6 A intenção da aluna sobre a charge é de grande importância pois, no Enem varias charges caem com a finalidade de interpretação! Mas afinal será que no Enem cairia uma critica diretamente a Petrobras? Dificilmente não!!! Pois se o Enem é um programa do governo ele criticaria ele mesmo? Rsrrsrsr.

13. Link: O Culto ao corpo que vira risco de vida.

Sinopse: A internação da apresentadora e modelo Andressa Urach, de 27 anos, que teve grave infecção após fazer a aplicação de 400 mililitros de hidrogel em cada coxa, reacendeu o debate sobre os limites entre cuidar da beleza e colocar a saúde em risco. Cirurgiões recomendam cautela na escolha dos procedimentos.

Comentários:

A42 - O limite entre o culto à beleza e a saúde é o bem senso. A sociedade tem grande parcela de culpa em distúrbios de imagem e processos cirúrgicos sem precauções, já que cada vez mais impõe padrões que oprimem e pressionam, principalmente as mulheres, a deixarem de ser aquilo que são e passar a ser aquilo que o mundo quer. É necessário que, o mais rápido possível, as pessoas entendam que estão bem do jeito que estão, que não precisam ser apenas mais uma "boneca fabricada em série", que podem ser autênticas e se sentirem bem consigo mesmas assim.

A48 - Muito bom esse tema, além de ser atual é um problema que esta por toda parte do mundo!

Prof.3 - Também acho que este tema merece ser pesquisado e debatido. Que questionamentos este tema pode despertar A48?

Prof.3 A42 , vc pode destacar alguns exageros praticados segundo os cirurgiões?

A42 - os exageros são inúmeros! Uso indiscriminado de silicone, hidrogel, etc; Cirurgias sem bom senso algum, que deformam as pessoas; dietas malucas que levam a graves problemas como a anorexia e a bulimia; Tratamentos estéticos com componentes prejudiciais à saúde humana, como a amônia nas colorações para cabelo, entre tantos outros.

A13 - Esse tema é bem atual, nesse ano aconteceram alguns escândalos visados na mídia, como o caso da modelo Andressa Urach e outras modelos que tiveram complicações após procedimentos estéticos. O questionamento dos limites da beleza é importante e pode ser tema do ENEM!

A19 - Com os padrões de beleza que a sociedade impõe, as pessoas nunca estão satisfeitas com seu corpo. Cabe a cada um, em primeiro lugar se aceitar do jeito que é. Os procedimentos cirúrgicos podem ser uma alternativa para a insatisfação, mas com consciência e segurança. É necessário consciência para que a preocupação com o corpo não acabe se tornando um distúrbio e segurança para que o procedimento não coloque em risco a vida da pessoa.

Prof.6 - Com os padrões de beleza do mundo em que vivemos "exige", é inevitável que algumas pessoas não se sintam descontentes com sua beleza, e por este e outros motivos que algumas procuram se satisfazer com procedimentos prejudiciais ao seu corpo e a sua saúde em geral. Talvez é preciso que alguém se prejudique para que outras "acordem", e veem que não é só a beleza exterior que importa!

14. Link: Notícias para quem acompanha o acidente em Mariana.

Sinopse: Cientistas criam grupo para análises independentes da tragédia em Mariana. As conversas começaram entre amigos --eram dez pesquisadores que acreditaram que precisavam fazer mais do que só comentar sobre a tragédia. Mas logo a iniciativa tomou enormes proporções. Hoje, o projeto conta com uma página no Facebook com mais de 3.500 inscritos e um *crowdfunding*, financiamento coletivo, que já arrecadou mais de R\$ 27 mil.

(Post da outra escola – sem comentários, 4 curtidas,).

15. Link: Plástico biodegradável criado pela Embrapa se decompõe em 30 dias.

Sinopse: Sabe aquela história de que o plástico leva no mínimo 100 anos para se decompor na natureza? Com um material produzido à base de açúcares e desenvolvido pela Embrapa Instrumentação localizada em São Carlos, a 238 km de São Paulo, esse tempo cai para no máximo 30 dias.

A23 - Realmente de 100 anos para 30 dias muda muita coisa, vejam.

(Post da outra escola – sem comentários).

16. Link: Cura do diabetes tipo 1? Pesquisadores americanos dizem que nova droga poderia ser a resposta.

(Post da outra escola, sem comentários).

17. Link: Sobre a falta da Água, e uma explicação sobre ela. Confira os aspectos gerais da escassez de água no Brasil, quais são as suas principais causas e os...

(sem comentários).

18 Link. Biotecnologia ... (Post da outra escola – sem comentários)

19. Link. Comunidade, Ecossistema. (Post da outra escola – sem comentários)

20. Link. Mesmo sem ser tóxica, lama de barragem em Mariana deve prejudicar ecossistema por anos. Especialistas afirmam que danos ambientais de acidente em Minas Gerais incluem solo infértil e impactos nos rios e na fauna local de cidade.

(Post da outra escola – sem comentários).

21. Uso de anti-inflamatórios - Brasil Escola. Compreenda o que são e os riscos que a má administração de anti-inflamatórios pode causar.

(Post da outra escola – sem comentários).

22. Link. ensinomediodigital.fgv.br. Acesse os cursos e conheça os tópicos temáticos abordados nas aulas. Estando logado, você poderá emitir sua declaração de participação. (Post da outra escola – sem comentários).

23. **Link. Guia do Estudante - profissões, Enem, vestibular, orientação vocacional, universidades, simulados.** Descubra sua profissão, escolha sua faculdade.

(Post da outra escola – sem comentários).

24. **Link. Economia: aumento da dívida pública e baixo crescimento são entraves para 2015.** Acompanhe tudo sobre os vestibulares 2014 no UOL Vestibular: inscrições, provas, gabaritos.

(Post da outra escola – sem comentários).

25. **Link. Atenção.** Segundo estudos a carne vermelha pode provocar câncer.

(Post da outra escola – sem comentários).

26. **Link. O que estudar na revisão de Física para o Enem?** G1 explica.

(Sem Comentários).

27. **Link: Movimentos sociais pressionam contra redução da maioria penal.** Centenas de estudantes e representantes de movimentos sociais participaram, na quarta-feira (27), da Marcha Nacional Contra a Redução da Maioridade Penal, em Brasília. O grupo se dirigiu à Câmara dos Deputados e pediu a derrubada da Proposta de Emenda à Constituição (PEC) de número 171, em debate no Congresso Nacional.

Comentários:

Prof.3 Parabéns pela postagem. A61, desafie seus colegas a debaterem sobre o tema. Apresente argumentos contra ou a favor do tema proposto. A15,A37, A38 e quem mais?

28. **Link: Essa reportagem fala sobre a transposição do rio São Francisco**, alguns problemas, fala sobre a hidrelétrica.

(nenhum comentário).

29. **Link: Lembrete para o Enem!** Figuras de cartazes com dicas de temas nas diversas áreas do conhecimento.

Comentários:

A6 Ótimas dicas

A4 Super dicas interessantes!!

A5 Muito bom estas dicas!

A28 A44 A25 A26

A26 Muito bom

A7 Ótimo...dicas para o Enem

A31 Legal

A30 Boas dicas

A56 boas dicas

30. **Link: Atenção, participantes do #Enem2015:** As provas que estão circulando são FALSAS!

Comentários:

A13 Falta de respeito com os estudantes, infelizmente acontece quase todos os anos!

A24 Sacanagem, falta de consideração *🙄*

31. **Link: Como o feminismo pode cair nas competências do Enem.**

Conheça como esse movimento que ganha cada vez mais espaço na sociedade pode cair nas provas do Enem 2015.

Comentários:

Prof.3 Olhem que interessante como o feminismo pode ser trabalhado de maneira interdisciplinar e contextualizada nas diversas áreas do conhecimento.

32. **Link.** Baixei um aplicativo G1 Enem que achei interessante compartilhar com vocês. Você estuda para o Enem em qualquer lugar e ainda desafia seus amigos.

33. **Link:** Alguns temas que podem cair no Enem. Os temas da atualidade que podem cair na prova. (nenhum comentário).

ANEXO III – ATIVIDADES, TEXTOS E DIÁLOGOS NO FACEBOOK

1. Atividade: Prof.6 - “Não sei começar!” Essa é uma das frases que mais ouço. Iniciar um texto dissertativo argumentativo não é tão complicado assim. Primeiramente, existem muitas técnicas para escrever. Você irá escolher aquela que o fizer sentir-se mais seguro. Não há problema algum em criar um modelo para o início do seu texto. O mais importante é você cumprir com os objetivos de um parágrafo de introdução.

Comentários:

A1 - Os temas do Enem são bem essenciais e precisam de uma exigência, pois devem ser bem comentados. O tema aborto é bem crítico, levantando questões bem importantes. Quem faz isso acontecer? Ou melhor, quem pratica onde estão respeito pelo próximo? Estamos falando sobre uma vida que não tem como se defender.

A1 - Os textos escritos têm a ver com o tema - O aborto no Brasil. Precisam um pouco de atenção na palavra escrita e em sua opinião. Todos os temas acima apresentam o tema mas, onde está a ordem das frases? No parágrafo '4' o autor apresenta o tema e representa sua opinião manuscrita para o leitor, apresentando também fatos sobre o aborto, como onde ocorre e os porquês. Todo texto deve ter o começo, meio e fim. O parágrafo '10' fala do tema, mas não expressa a sua opinião, se é contra ou a favor. Todos os textos manuscritos devem de ter a sua tese principal. Assim é resumido o tema pedido. E estes parágrafos são os mais complexos e mais próximos do que pede o Enem.

A15 - As introduções que foram escritas acima trazem o tema, que seria o aborto, mas na grande maioria há apenas fatos, a falta de tese, da ideia a ser seguida durante o texto, como também de argumentação, que primeiramente seria duas. No segundo parágrafo/introdução, o tema é apresentado e existe dois fatos, o aborto clandestino, falta de higiene e risco de vida como também o de mulheres com uma renda melhor, mas falta a opinião e a argumentação que seria os próximos parágrafos. O oitavo parágrafo/introdução já começa com a opinião em primeira pessoa, ele menciona dois fatos praticamente iguais como o estupro e a violência sexual, fala do tema mas não tem tese nenhuma, não traz os argumentos para serem seguidos no desenvolvimento.

A37 - Dentre todas as introduções as que mais estão falando do que se pede de maneira mais certa seria a 9º e a 13º pois abordam o tema, trazem tese e esclarecem sua opinião com dois exemplos, de forma não muito

extensa. Podemos reparar que a forma como foi escrita pelo 9º defende o aborto, apesar de estar escrito em primeira pessoa pois traz a frase [...] Eu sou a favor do aborto porque... [...]. E pelo 13º que é contra o aborto, boa justificativa como ir contra os direitos humanos... Os dois deixam claro o que o tema aborto quer dizer... trazem um pouco de fatos mas mesmo assim estão mais próximos do que se pede sem fugir do assunto.

A12 - Nas introduções acima todas apresentam o tema, mas quase nenhuma apresentam as teses, o que é muito importante para o leitor saber qual o seu ponto de vista e ter uma base de que sua redação irá apresentar, mas lembrando que não devemos usar o Eu, Sou ou Nós (AV). Também nas introduções acima foi citado muitos fatos, o que devemos usar para argumentar a nosso favor no decorrer da redação e não colocar tudo na introdução e depois repetir tudo outra vez.

A10 - Nas introduções podemos perceber que todas tem o tema que é o aborto, entre as introduções o que mais se aparece são fatos e percebermos muitas poucas teses, muito pouco se ver opiniões sobre o assunto que é bem necessário nesses tipos de textos .Exemplo: Falar que vc é a favor ou contra o aborto. É uma opinião que não pode ser dita na 1 pessoa e sim na terceira pessoa.

A38 - As introduções postadas acima apresentam na maioria delas apenas fatos, deixando de lado o mais importante que é a tese, a opinião pessoal sobre assunto ...

O tema é visível em todas elas, como o aborto clandestino, a morte de mulhere , falta de higiene , gravidez na adolescência, emfim .. Mas precisa de algo a mais que é a nossa opinião, algo que é muito cobrado no ENEM. No 4º parágrafo a introdução começa de uma forma desnecessária com o uso de várias palavras e poucos significados, mas apresenta o conteúdo, a tese e no final apresentamos dois argumentos. Poderia ser reescrito da seguinte maneira: O aborto é legalizado quando a mãe e o feto correm risco de vida O último parágrafo traz o tema Aborto, apresenta dois argumentos com o mesmo sentido, a tese esta meia enrolada, deixando fugir o tema. Os fatos são reais, mas está escrito em primeira pessoa.

A27 - Em todas as introduções acima, mostra que todas apresentam fatos, o que não é essencial para um texto dissertativo, deixando de apresentar a tese o mais importante da introdução num texto dissertativo, em todas as introduções apresenta o "Eu" e esse eu perde muito ponto.

A65 - Todas as introduções acima falam sobre o aborto, mas todas elas só tem fatos e poucas opiniões. E o autor que saber, mas sobre as suas opiniões. A tese é uma ideia central que deverá ser sustentada ao longo do texto sobre o tema que está sendo pedido.

A11 - As introduções acima apresentam todas, tema aborto. Mas a maioria só aparece fatos, faltando a tese o que é muito importante para que o leitor entenda o pensamento do autor. Apresenta também a 1ª pessoa na primeira introdução: “Sou contra a proposta de legalização do aborto se este não se adequar necessárias exceções” deveria usar a 3ª pessoa”. A proposta de legalização não deveria ser legalizada, pois se refere aos direitos humanos.

Como na segunda introdução apresenta muitos fatos, o que poderia ser usado no desenvolvimento.

A2 - As introduções só têm fatos sobre o aborto, nessas introduções falta opinião e tese, está faltando. Nas introduções foi muito colocado "eu, sou, nós" e não deve ser usado, primeiramente deve ser colocado a tese essencial para se der bem na redação no Enem.

A16 - Devemos ser bem concretos apresenta dados, tese, opinião e apresenta uma solução. Nunca fugir do tema que é referência. Isso é o básico que devemos impor em nossa redação do ENEM.

A53 - Todas as introduções apresentam o tema, mas a maioria apresenta só os fatos deixando a tese de lado, esta é mais importante que dar a opinião. Numa redação nunca deve-se fugir do tema, deve-se esclarecer uma tese para os leitores apresentando sua opinião.

A29 - A maioria das introduções apresentam e contextualizam o tema, mas podemos notar a falta da tese. Outro fator importante que podemos verificar é a presença de algumas introduções escritas em 1ª pessoa, como é o caso da primeira introdução: "Sou..."

A54 - Basicamente em todas as introduções apresentam fatos sobre o tema do aborto, faltando mais a tese que é a opinião do escritor, também se traz muito o "EU e NÓS" por exemplo, "eu acho o aborto um tema preocupante no Brasil" tirando o eu ac...

A23 - Para escrever uma boa introdução é necessário que contenha a apresentação do tema e a formulação de uma tese. As introduções escritas por nós, apresentam o tema - O Aborto - e expressam fatos a respeito. Algumas das introduções são compostas de informa...

Prof.7 - Utilizem alguns exemplos dos textos ou dos vídeos para me convencer!

A50 - Das introduções feitas por nós, uma grande parte apresenta apenas um dos dois procedimentos necessários, ou apresentam apenas o tema, como o caso da seguinte introdução: "Com o passar dos anos podemos perceber que cada vez mais vem se discutindo sobre o aborto. Um assunto polêmico que querendo ou não está bem em nosso dia a dia, envolvendo pessoas de várias religiões, cores, e acima de tudo uma vida.". Este trecho apresenta apenas informações sobre o tema, mas nenhuma tese sobre ele.

Outras, como esta: "Sou a favor do aborto por que a criança que irá nascer, a sua mãe só irá abortar se for uma gravidez indesejada, por causa de estupro, violência sexual, ou se a mãe não teria condições financeiras para criar a criança", apresentam apenas uma tese, mas não explicamos o assunto tratado. Apenas duas das iniciações apresentam o tema e a tese, uma delas o faz em dois parágrafos. A intenção da introdução é apresentar a tese inicial e o tema num único parágrafo, sendo assim apenas uma delas encaixa-se como certa. O último texto apresenta o tema: "No Brasil, o aborto é ilegal, só é permitido em duas hipóteses..." e a Tese: "Sou contra o aborto, porque você está tratando da vida de outra pessoa". Ainda assim, este não consegue trazer o assunto nos padrões de um texto dissertativo-argumentativo, fazendo o uso inadequado da primeira pessoa: "Eu sou contra o aborto" e de linguagem coloquial "[...] 'você' está tratando da vida de outra pessoa", deixando o tópico frasal inadequado. Os textos devem ser revistos e reescritos de forma que adequem-se as especificações necessárias. Em sua grande maioria deve-se cuidar mais quanto ao sentido das frases, que em vários casos, apresentam ser amontoados de informações desconectadas.

A9 - A principal parte de uma redação é a introdução, é nela onde irá se concentrar as suas ideias, os fatos e as teses, em que você argumentara durante todo o seu texto. A 9ª introdução foi em minha opinião a que mais apresentou a ideia certa de uma boa introdução. No primeiro parágrafo apresenta a tese e a argumentação, "o aborto desperta posições opostas, dependendo dos aspectos que sustentam a opinião de cada um sendo questão política, moral, ou pessoal. A gravidez deixa de ser sinônimo de maternidade passando cada vez mais uma opção," nesse momento inicial, o aluno mostra que ele seria a favor do aborto. No segundo parágrafo, o aluno ressalta com clareza a opinião a favor do aborto, e seguido com dois argumentos que sustentam sua opinião. Na oitava introdução, o aluno diz que ele é a favor do aborto, e diz "a mulher só irá abortar se for uma gravidez indesejada, por causa do estupro ou violência sexual", onde os dois casos são iguais.

A13 - Em grande parte as introduções têm ou um ou o outro. Ou apresentam corretamente a apresentação do tema, ou formulam a tese corretamente. Mas, utilizando uma "forma", com certeza ficará mais fácil escrever as próximas introduções. Necessário também citar os erros no uso da primeira pessoa, imperdoáveis. O autor deve também preocupar-se com a certeza da veracidade das informações, pois um dos autores esqueceu-se, por exemplo, de citar as 3 hipóteses para um aborto legal no Brasil.

A14 - As introduções mostradas acima, apresentam em grande maioria apenas o tema, e os fatos... Porém precisa-se apresentar uma tese, ou seja, a opinião do autor. Deve-se lembrar também, que toda redação de ENEM terá de ser escrita em 3ª pessoa.

A55 - todas as introdução falam sobre o aborto, mas muitas pessoas se esquecem de fazer uma tese, que realmente deixe quem vai corrigir a redação sem palavras.

A56- Na minhas opinião introdução as pessoas esquecem de palavras.

A40 -Todas as introduções abordam de maneira geral o assunto, falando de seus pontos positivos e negativos, uns mais outros menos, mas alguns perderam seu foco no que estavam escrevendo em relação as suas opiniões.

A22 - As introduções falam o tema, o local, mas faltam argumentos e a tese. Muitos alunos escrevem a introdução certa só que na ordem errada, sem saber que o professor(a) que vai corrigir as provas do Enem não irá ter tempo de parar e tentar compreender o que você escreveu ou quis dizer.

A18 - As introduções acima abrange o assunto de uma maneira geral, mais falta discutir mais a tese do assunto, estão escrevendo muito e acabando fugindo do seu assunto.

A42 - Um grande problema nas introduções acima é a falta de tese. A grande maioria delas fala sobre o tema, mas deixa a desejar quando se trata da sua opinião. A 13º introdução talvez seja a mais bem elaborada. Ela apresenta o tema: "A cada ano milhares de m...

A19 - A maioria das introduções não seguem os dois procedimentos indicados no texto. Algumas apresentam e discutem o tema aborto, porém a proposta de redação era a necessidade da legalização do aborto no Brasil. Ser a favor ou contra o Aborto é diferente de ...

A49 - Algumas introduções faltam o local de onde está falando, falam sobre o aborto mas o assunto principal é a legalização do aborto, e falta a tese em algumas delas que é a opinião uma das coisas mais importantes .

A48 - A grande maioria das introduções que li, apresentam fatos, mais a maioria coloca a sua opinião na primeira pessoa: Eu sou a favor... Eu sou contra... Isso é completamente contrario aos critérios do Enem, pois não se pode fazer a redação na prim...s

A21 - algumas introduções faltam dados como local, não seguem a tese do assunto, estão fugindo muito do assunto que o tema pede.

A57 - A maior parte das introduções apresentam o tema e o local. Mas nem todas que seguem uma tese e fogem do principal assunto que é a legalização do aborto.

A58 - Em todas as introduções acima o assunto é completo, só falta discutir melhor a tese do assunto, acabam escrevendo muito e fugindo fora do assunto, que acaba deixando o texto sem sentido...

A59 - Algumas introduções faltam o tema e local de onde está falando outras introduções apontam o tema correto. e a opinião.

A60 - As introduções citadas, contem em grande parte, tema e fatos, deixando de pôr uma tese, e argumentos que á defendam. Também na maioria das introduções á opinião em primeira pessoa, "ter bastante atenção nessa parte".

A39 - A grande maioria das introduções acima apresenta o tema, fatos, e local, mas deixam de desejar na hora de formular a tese, ou seja, a opinião do autor. Deve se lembrar também que não pode usar o "eu" nem o "nós", por exemplo " Eu sou contra" ou " Sou a favor ".... Também vale lembrar q o tema central da redação era legalização do aborto não o aborto em si...

A32 - As introduções acima trazem as opiniões, mais não a tese. O que é muito importante em texto de vestibular. Por exemplo, "O aborto é a retirada de um embrião do útero", isso é a opinião, e não a tese. Deveria se falar sobre a lei, ou a partir de que o fato ele é liberado.

2. Diálogo:

Comentários:

A13 - Olá pessoal, o que acharam do tema da redação do ENEM 2015?

A33 -Achei um tema fácil, porém havia várias formas de argumentar o tema.

A17 - Em minha opinião a redação poderia passar para o primeiro dia de prova, pois é muito cansativa!

A36 - Devido a possibilidade de poder argumentar sobre vários leques dentro desta situação, o tema se tornou fácil. Fiquei em dúvida na questão do título, precisa ou não colocar? Pode deixar uma linha em branco depois do título? Vocês colocaram e deixaram uma linha em branco?

A33 - Concordo, pois as disciplinas de matemática e português exigem bastante raciocínio.

A35 - O tema achei fácil, porém fiquei em dúvida se botar ou não botar título!!

A5 - Eu também fiquei em duvida quanto ao título, mas era um tema fácil de escrever.

Olá gente, como foram no Enem? Acharam fácil? Difícil? Em minha opinião o conteúdo mais cansativo foi língua portuguesa, que precisava de muita leitura e interpretação. Qual o conteúdo mais cansativo na opinião de vcs?

3. Tema de Redação Enem - REDUÇÃO DA MAIORIDADE PENAL.

Comentários:

A13 - Tem fortes chances de cair. Veja!

A3 Legal, além de ser um tema com bastante chance de cair na redação, é bem interessante. Buscamos estudar bastante sobre isso, além de ser um tema muito polêmico.

A17 - Tema bem polêmico A5.

A3 - Tenho lido bastante sobre o tema e tirei a conclusão de que se o menor infrator comete um crime ele deve sim ser punido e responder pelo seu ato, pois todos eles têm consciência e capacidade de entender o que é certo ou errado, porém para isso seria necessário uma mudança no setor de penitenciárias onde seria preciso construção de novos espaços pois a falta dele já é comum nos dias atuais e hoje muitos "bandidos" acabam sendo não detidos justamente por esse fator.

A41 - minha opinião é que é um tema polêmico mais já falado há muito tempo, tem temas mais fortes que esse.

A39 - É um tema bem polêmico, mas acredito que não caia no ENEM. No meu ponto de vista o jovem deve ser punido pelos seus atos, porque ele já tem ideia do que está fazendo. Mas vale lembrar que no Brasil não temos presídios suficientes nem para os "bandidos" adultos, imagina se todos os jovens que cometem crimes forem presos também? .

Prof.3 - Este seu questionamento leva a mais um tema polêmico e atual, crise política em nosso país.

4. Atividade: Prática de Redação

A49 - Alguns temas da atualidade que podem ajudar a estudar para a redação do Enem. Este trabalho foi desenvolvido nas aulas de filosofia.

A48 - São temas muito atuais, que poderão com certeza cair em alguma questão do Enem ou até mesmo na redação.

A45 - Trabalho desenvolvido com alguns temas atuais que são o foco do Enem nesse período de observações das provas.

A49 - Não tem como estudar para a redação do Enem a não ser que você pratique a escrita dela, pois mínimos detalhes são cobrados como uma simples vírgula poderá pesar na sua nota . (CI)

A40 - "Saúde feminina na gravidez", um tema possível para o Enem, um tema bem complexo e que pode surpreender com algumas informações.

A41 - Aí estão alguns temas da atualidade, redações feitas de acordo com os padrões ENEM. É difícil dizer ao certo o tema da redação pois estão

havendo muitos temas fortes. Também é necessário a prática da escrita e da pontuação e saber argumentar e se dar bem na redação. O Brasil é um dos países com maior desigualdade do mundo e entre muitos tipos de desigualdade, a étnica e o de gênero, costumam ser as mais discutidas, assim como os preconceitos gerados por essa situação, respectivamente, racismo e machismo. Os direitos conquistados, as lutas e reivindicações e as políticas públicas são alguns pontos que merecem ser estudados para entender a causa e argumentar com clareza.

A13 - A via para ir bem na redação, que constitui 20% da nota, é escrita e leitura. Ler estimula a criatividade, aumenta nosso repertório de palavras, melhora nossa decisão de posicionamento sobre os mais variados temas. Escrever põe tudo isso em prática, nos torna protagonistas. Conhecer a estrutura do texto dissertativo-argumentativo, acrescido de ler e treinar é infalível.

5. Convite: Temas de Redação

A13 - Comentem aqui o tema que vocês escreveram as redações de filosofia, pois todos podem cair por serem atuais. O meu foi "As dificuldades da formação acadêmica". Foi bem amplo e trouxe uma reflexão sobre a realidade educacional brasileira, e é uma mostra do que passaremos em breve.

A20 - Meu tema sobre a redação foi a sustentabilidade em empresas, onde teve muitas perguntas de quantas empresas são sustentáveis no Brasil ou até mesmo em nosso Estado.

A36 - Esse tema é muito legal!! Eu e a **A3** apresentamos um trabalho na feira, orientado pela **Prof.1**, onde o tema abordado era sustentabilidade. Focamos bastante na falta de incentivo das indústrias, comércios e governo em relação aos materiais de sustentabilidade.

A48 - O meu tema foi "As grandes cidades e o trânsito", é um tema muito amplo, que divide opiniões sobre a construção de ciclovias, a poluição sonora e ambiental, enfim, um tema muito polêmico.

A22- Meu tema é "Novos Modelos de Educação", é um tema que pode ter amplas visões pois fala de educação.

A39 - Meu tema foi sobre os Resíduos Urbanos, é um tema que não deixa de ser atual, pois vivenciamos isso todos os dias. Pensamos que não, mas em todos os momentos estamos produzindo lixo, ao chupar uma bala, tomar um café... enfim, produzimos lixo direto!

A13 - Com certeza, e o destino desse lixo é, geralmente, incorreto.

A41 - A sustentabilidade do país, as crises estouraram, como o país vai mudar essa realidade.

A13 - A sustentabilidade também é um tema atual, pois o crescimento entra em conflito com as questões da natureza constantemente.

A49 - O meu tema é "Aborto", um tema polêmico e atual, mas pouco comentado e que pode ser o tema da redação .

A45 - Meu tema foi Saúde Pública no Brasil, é um tema atual que envolve muitas responsabilidades do governo com tantos problemas quem vem enfrentando de uns anos pra cá. Assunto polêmico que tem muito a ser resolvido e que é pouco comentado pela sociedade de hoje.

A42 - O meu era "Voluntariado e Transformações Sociais"

A19 - O meu tema é "O Limite do Humor", muito comentado principalmente nas redes sociais, com o caso de alguns humoristas famosos que não conhecem o limite do que é engraçado e o que é preconceito.

Atualidades! Crônica sobre um tema que já há alguns anos se cogita para tema de redação.

6. Texto: O que é a felicidade para mim?

A felicidade para mim é poder desfrutar dos bons momentos ao lado de quem eu amo (família, amigos), é acordar com um "Bom Dia" de quem a gente gosta, ter saúde, realizar sonhos. Enfim, para mim a felicidade está nos simples fatos da vida, cada um tem o seu ponto de vista sobre isso, alguns têm o dinheiro como fonte de felicidade, tenho que dizer que o dinheiro, sim, em alguns momentos traz a felicidade, pois muitas vezes a felicidade está em um bem material (roupa, calçado, comida....). Enfim, a felicidade para mim é construída por momentos.

Comentários:

A19 - Adorei! Disse tudo, Gabi.

A45 - Muito bom. Felicidade mesmo cada um tem seu ponto de vista, mais me chamo a atenção pelo fato que muitas vezes é esquecido por nós mesmos, um simples ato de um Bom dia é capaz de deixarmos alguém feliz. *Emoticon smile.*

A39 - Exatamente

Prof.4 - Ou em um BOA TARDE MINHAS CRIANÇAS!!!!!!!!!!!!!! Eu estou feliz com nossa parceria novamente turma!!!!!!!!!!

A39 - Exato, a turma trabalhou junto!

Prof.5 - Vamos "provocar" um pouquinho o tema felicidades nas redes sociais, **Prof.3**? O que é felicidade para as redes sociais? Por que queremos ser vistos? Por que nos dá prazer nos expor/ou não? Vamos participar **A27**, A14, A19, A45, A32, A35, A13, entre outros.

Prof.3 - Busco mostrar para os estudantes que a busca pela felicidade não é assunto apenas da modernidade. Este estado de espírito, ou não, trata-se de uma busca da humanidade desde tempos remotos. Grécia Antiga, Igreja e agora novas gerações na era da informática. As redes sociais praticamente nos obrigam a demonstrar uma felicidade que muitas vezes não nos pertence.

A27 - Muito bom, Felicidade é desfrutar de momentos divertidos com amigos, a família, e com todos!

7. Texto: O que é Felicidade para mim?

Bom, parece ser uma pergunta simples, mas se pararmos para pensar a felicidade está nem em tudo aquilo que queremos mais sim naquilo que batalhamos para conseguir. Portanto, pra mim felicidade está naquilo que é mais simples como uma família, amigos, saúde, ter o prazer de acordar mais um dia, um sonho realizado, um desejo atendido e etc. Muitos falam que dinheiro traz felicidade, bom, por uma parte concordo que sim, pois as vezes no auxílio de comprar algo que precise o dinheiro é bem-vindo, mas quanto mais queremos consumir o dinheiro deixamos de pensar no bem dos outros e queremos adquirir mais para nós. Ser simples é algo que é muito raro de se ver hoje, pois as pessoas dão valores para nós quando se precisa de algo. Felicidade tem muitas justificativas mais muitas não sabemos usar ela ao nosso favor.

Comentários:

Prof.3. Este assunto: Felicidade nas redes sociais está sendo debatido nas aulas de filosofia. E veio a calhar com o projeto do Professor Arisnaldo, parabéns terceiro e sucesso no ENEM !!!!!!!!!!!

8. Texto: O significado de Felicidade no Wikipédia, e a minha opinião.

A Felicidade é relativa de pessoas para pessoas. Felicidades para uns são momentos atuais de prazeres, felicidade para outros não significa usufruir de prazeres momentâneos, mas sim, de estarem caminhando para o sucesso. A felicidade é um estado durável de plenitude, satisfação e equilíbrio físico e psíquico, em que o sofrimento e a inquietude são transformados em emoções ou sentimentos que vão desde o contentamento até a alegria intensa ou júbilo. A felicidade tem, ainda, o significado de bem-estar espiritual ou paz interior. Em minha opinião felicidade é eu estar com saúde, alcançando os meus objetivos e num futuro próximo ter uma família.

Comentários:

A19 - É isso aí A25, a felicidade é um estado de espírito. Gostei da sua opinião, bem simples e prática.

9. Texto: O que é Felicidade para mim?

O que me faz feliz não é o mesmo que vai fazer as pessoas ao meu redor feliz pelo mesmo motivo. As vezes ficamos felizes por conseguir o que queremos, por exemplo, um bem material, dinheiro, uma nova amizade, namorado, passar no Enem , qualquer coisa que vai fazer bem para mim vai estimular a felicidade.

10. Texto: O que é felicidade?

A24 - Hoje tivemos uma aula atrativa e de muita participação na disciplina de filosofia. O tema foi "Felicidade". É um tema muito variável, com definição difícil, pois para cada ser a concepção é diferente. O estabelecimento de metas e a conclusão delas é uma das traduções flexíveis de felicidade. Metas e conclusões com êxito tornam o indivíduo feliz, mesmo que temporariamente.

Comentários:

A40 - O que é felicidade para você?

A13 - Para mim, é exatamente o estabelecimento de metas e conclusão das mesmas. Além de dar felicidade quando alcançado o êxito, é motivador, dá ânimo para as atividades diárias saber que estamos em prol de um objetivo maior.

A40 - Felicidade. Uma palavra com muitos significados; sonhos que alguém tem desde criança e um dia pode realizar, ter dinheiro, ter saúde, ter a família por perto, viver com quem ama, ter a carro do ano. Muitas concepções que podem ser momentâneas, mas que para alguns é o que se considera felicidade.

11. Texto: O que é felicidade?

A15 - Não sei bem ao certo o que é felicidade mas quando faço um plano e traço uma meta ela dá certo me sinto realizada mais não sei dizer se é felicidade cada um tem sua opinião sobre a felicidade mais a maior dificuldade e distingui-la. Não sei bem ao certo o que é felicidade mas quando faço um plano e traço uma meta ela dá certo me sinto realizada mais não sei dizer se é felicidade cada um tem sua opinião sobre a felicidade mais a maior dificuldade e distingui-la.

12. Texto: O que é felicidade?

Provavelmente, cada pessoa que resolver responder a esta pergunta apresentará uma resposta própria, pois a felicidade, num certo sentido, é algo individual, pessoal e intransferível. Por outro lado, há uma ideia de felicidade que pertence ao senso comum e é compartilhada pela esmagadora maioria das pessoas: felicidade é ter saúde, amor, dinheiro suficiente, etc. Além disso, a ideia de felicidade não é uma coisa recente. Com certeza, ela acompanha o ser humano há muito tempo e faz parte de sua história.

13. Significado da palavra Felicidade de acordo com o dicionário

Aurélio:

Concurso de circunstâncias que causam ventura. Estado da pessoa feliz.

Sorte. Ventura, dita. Bom êxito. A felicidade eterna: a bem-aventurança.

Comentários:

A19 - Duda você concorda?

A20 - Em alguns pontos sim e outros não, pois quem tem felicidade eterna, no meu ponto de vista felicidade eterna acho impossível.

A19 - A felicidade é muito singular, cada um tem sua definição. Gostei da tua!

14. Diálogo:

Comentários:

A13 - Sejam bem-vindos pessoal do EEB Prefeito Frederico Probst! Como vocês tem estudado pro ENEM? Pretendem usar a nota para programas como Prouni ou Sisu?

A41 - Estamos esperando para compartilhar o aprendizado com vocês, pessoal do EEB Frederico Probst.

A42 - Bem-vindos, pessoal!

A19 - Bem-vindos!

A43 sejam bem-vindos

A13 [A36](#), [A33](#), [A3](#), [A44](#), [A30](#), [A6](#), [A63](#), [A35](#), [A26](#), [A5](#), [A31](#), [A51](#), [A64](#), [A25](#), [A17](#), [A62](#), [A24](#), [A4](#)

A3 - Temos nos preparado bastante para o Enem, principalmente nas disciplinas de biologia, matemática, física, química e língua portuguesa, alguns alunos até estão fazendo simulados. Eu pretendo usar minha nota para o Prouni pois o curso que pretendo fazer ...

A13 - Qual curso você pretende cursar? Onde?

A5 - Eu e a A14 pretendemos cursar arquitetura. Fizemos a inscrição para o vestibular da UFSC.

A3 - Se for fazer em Rio do Sul, por exemplo, na Unidavi o custo é de 1.300 R\$

A36 - Obrigada por nos receberem e pela troca de conhecimentos! Adorei a ideia de fazer um grupo de estudos para o ENEM... Parabéns pela iniciativa!!!

A45 - Bem-vindos !!!

A6 - Obrigada a todos vcs. Pretendo sim usar minha nota do Enem para o prouni...